

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História



Dissertação

As atuações políticas das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé através de suas redes sociais, espaços de sociabilidade e trajetórias políticas (1910-1924)

Bethânia Luisa Lessa Werner

Pelotas, 2025

Bethânia Luisa Lessa Werner

As atuações políticas das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé a partir de suas redes sociais, espaços de sociabilidade e trajetórias políticas (1910-1924)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Márcia Janete Espig

Coorientador: Prof^o Dr. Jonas Moreira Vargas

Pelotas, 2025

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

W492a Werner, Bethânia Luisa Lessa

As atuações políticas das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé a partir de suas redes sociais, espaços de sociabilidade e trajetórias políticas (1910-1924) [recurso eletrônico] / Bethânia Luisa Lessa Werner ; Márcia Janete Espig, orientadora ; Jonas Moreira Vargas, coorientador. — Pelotas, 2025.
185 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2025.

1. Orsina da Fonseca. 2. Nair de Teffé. 3. Primeiras-damas. 4. Trajetórias. 5. Primeira República. I. Espig, Márcia Janete, orient. II. Vargas, Jonas Moreira, coorient. III. Título.

CDD 981.05

Bethânia Luisa Lessa Werner

As atuações políticas das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé a partir de suas redes sociais, espaços de sociabilidade e trajetórias políticas (1910-1924)

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em História, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 04/04/2025

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Márcia Janete Espig (Orientadora)

Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas (Co-orientador)

Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. (UFRJ)

Prof^a. Dra. Letícia Sabina Wermeier Krilow

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Prof^o. Dr. Luiz Alberto Grijó

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof^a. Dra. Ivana Guilherme Simili

Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

Agradecimentos

À quem me deu coragem para continuar

À quem vivenciou os inúmeros desafios da pós-graduação ao meu lado

À quem me incentivou e apoiou, emocional e financeiramente

À quem possibilitou e fez com que Pelotas fosse minha casa por alguns anos

À quem eu conheci nessa cidade e que, hoje, guardo com carinho e afeto na memória

À quem me fez rir, me deu a mão e me lembrou que eu não estava sozinha

À quem compartilhou memórias comigo

À quem cruzou a minha trajetória ao longo dessa pesquisa

À quem dividiu inúmeros cafés, passeios de bicicleta e salas de aula comigo

À quem me ouviu falar incansáveis vezes sobre as angústias da pesquisa e da vida

À quem me ensinou a ser pesquisadora e historiadora

À quem me deu suporte, atenção e escuta

À quem acompanhou esse processo de escrita e as dúvidas que dele surgiam

À quem colaborou com comentários, indicações, fontes e sugestões à pesquisa

À quem eu admiro, dentro e fora do universo acadêmico

À quem me lembrou que a pós-graduação não era toda a minha vida, mas sim, parte dela

À quem me mostrou que também era preciso descansar

À quem não mediu esforços para que eu fosse em busca desse sonho

À quem sempre acreditou em mim e me ensinou a fazer o mesmo

À quem, mesmo sem saber ao certo o que isso tudo significava, permaneceu ao meu lado

À quem soube compreender as minhas ausências

À quem permaneceu comigo do início ao fim dessas linhas

À quem acompanhou e acompanha o meu caminhar e o meu escrever

Muito obrigada!

Resumo

WERNER, Bethânia Luisa Lessa. **As atuações políticas das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé através de suas redes sociais, espaços de sociabilidade e trajetórias políticas (1910-1924)**. Orientadora: Márcia Janete Espig. 2025. 185p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025.

As investigações sobre as diferentes formas de participação política de mulheres permitem a ampliação de olhares sobre os contextos sociais, econômicos, intelectuais e políticos que caracterizam cada período e sociedade. Ao final do século XIX e início do século XX, a partir da implementação da República no Brasil, uma nova função foi criada: a função de primeira-dama. Nesse sentido, esta dissertação tem como objetivo problematizar as atuações políticas das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé a partir de suas redes de relações, espaços de sociabilidade e trajetórias ao longo da Primeira República (1910-1924). Considerando o reduzido número de produções sobre a história das primeiras-damas neste período da história do Brasil, esta pesquisa também busca evidenciar a centralidade destas personagens e, a partir do estudo de suas trajetórias, promover novas compreensões e leituras sobre a Primeira República. Para a realização da análise foram utilizados enquanto referenciais teóricos os conceitos de redes, espaços de sociabilidade, trajetória, representação e gênero. A partir da articulação destes referenciais e da metodologia de análise de conteúdo de Bardin, o corpus documental foi formado por jornais do Rio de Janeiro (1910-1924), disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira a partir da ferramenta de busca nominal da plataforma, pelos livros dos Anais do Senado Federal que compreendiam as sessões entre os anos de 1910 e 1914 e as memórias escritas por Nair de Teffé na obra *A Verdade sobre a Revolução de 22*. A partir do cruzamento de informações entre as fontes e de uma análise microscópica de seus conteúdos, foi possível apontar para distintas atuações políticas destas duas personagens, associando-as à assistência social, à religião católica, às artes, à maternidade, à educação e à política nacional no período. De modo a renovar as narrativas sobre o período e sobre o cenário político da época, esta pesquisa demonstra as agências de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé para além das figuras masculinas, compreendendo-as enquanto mulheres de seus tempos e enquanto protagonistas de suas trajetórias.

Palavras-chave: Orsina da Fonseca; Nair de Teffé; primeiras-damas; trajetórias; Primeira República.

Abstract

WERNER, Bethânia Luisa Lessa. **The political actions of first ladies Orsina da Fonseca and Nair de Teffé through their social networks, spaces of sociability and political trajectories (1910-1924)**. Advisor: Márcia Janete Espig. 2025. 185p. Dissertation (Master's in History) – Human Sciences Institute, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2025.

Investigations into the different forms of women's political participation allow for a broader perspective on the social, economic, intellectual, and political contexts that characterize each period and society. At the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, following the establishment of the Republic in Brazil, a new role was created: the role of the First Lady. In this context, this dissertation aims to analyze the political actions of First Ladies Orsina da Fonseca and Nair de Teffé through their networks of relationships, spaces of sociability, and trajectories throughout the First Republic (1910–1924). Considering the limited number of studies on the history of First Ladies during this period of Brazilian history, this research also seeks to highlight the centrality of these figures and, through the study of their trajectories, promote new understandings and interpretations of the First Republic. For the analysis, the study employs theoretical frameworks based on the concepts of networks, spaces of sociability, trajectory, representation, and gender. Based on the articulation of these theoretical frameworks and the content analysis methodology by Bardin, the documentary corpus was composed of newspapers from Rio de Janeiro (1910–1924), available in the Brazilian Digital Newspaper Library through the platform's name search tool, as well as the books of the *Annals of the Federal Senate*, which covered the sessions from 1910 to 1914, and the memoirs written by Nair de Teffé in the work *The Truth About the Revolution of 1922*. By cross-referencing information from these sources and conducting a microscopic analysis (Revel, 1998) of their content, it was possible to identify distinct political actions of these two figures, linking them to social assistance, Catholicism, the arts, motherhood, education, and national politics of the period. In an effort to renew the narratives about the period and the political scenario of the time, this research highlights Orsina da Fonseca and Nair de Teffé beyond male figures, recognizing them as women of their time and as protagonists of their own trajectories.

Keywords: Orsina da Fonseca; Nair de Teffé; first ladies; trajectories; First Republic.

Lista de imagens

Imagem 1 - Famílias Presidenciaes	39
Imagem 2 - Cortejo fúnebre de Orsina da Fonseca	51
Imagem 3 - Banquete oferecido no Palace Hotel	70
Imagem 4 - Novo retrato da noiva do sr. presidente da Republica	103
Imagem 5 - Capa da revista Fon-Fon de 22 de janeiro de 1921	106
Imagem 6 - Na villa Marechal Hermes: a visita do ex-presidente da Republica	110
Imagem 7 - Exposição promovida por Rian no salão do Jornal do Commercio	131
Imagem 8 - Madame Hermes da Fonseca: o seu enterro.....	141
Imagem 9 - Em homenagem.....	144
Imagem 10 - Festa infantil no Campo de Sant'Anna	145
Imagem 11 - Ruy Barbosa, por Rian	154

Lista de tabelas

Tabela 1 – Síntese das fontes utilizadas	25
------------------------------------------------	----

Lista de abreviaturas e siglas

CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
FBPF	Federação Brasileira pelo Progresso Feminino
Mme.	Madame
Mlle.	<i>Mademoiselle</i>
PRR	Partido Republicano Rio-Grandense
PRF	Partido Republicano Feminino
PRC	Partido Republicano Conservador

Sumário

Considerações iniciais	12
Capítulo 1 – “Em política, nessas coisas, a gente não tem muito o que escolher, se uns não são amigos dos outros, uns têm necessidade dos outros e as coisas vão passando”: As redes sociais e os espaços de sociabilidade de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé	32
1.1 Antes de primeiras-damas, mulheres	33
1.2 Da família ao círculo social, um modelo: Orsina Francioni da Fonseca	35
1.3 Sobre ela, a partir dela: Nair de Teffé von Hoonholtz da Fonseca	53
1.4 Olhar sobre as redes e as perspectivas sobre os contextos	72
Capítulo 2 – “[...] nos bastidores, por intermédio das mulheres dos políticos”: as trajetórias das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé	76
2.1 Entre o público e o privado, através do gênero	77
2.2 Caridade, religião, maternidade e direitos femininos: a trajetória de Orsina Francioni da Fonseca	84
2.3 Arte, educação, religião e política: a trajetória de Nair de Teffé von Hoonholtz da Fonseca	97
Capítulo 3 – “Não sei como você, filha de senador e mulher de deputado, pode ter idéias tão estrambóticas”: as representações sobre as atuações políticas de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé	116
3.1 Atuando politicamente: os protagonismos de duas primeiras-damas	120
3.2 Imprensa, representação e gênero: o poder estampado na primeira página	130
3.3 Contrastes e semelhanças: elas nos Anais do Senado Federal	147
Considerações finais	157
Fontes	165
Referências	175
Anexos	184

Considerações iniciais

- *Diga-me uma coisa, Lucrécio: isso que se diz aí da mulher de Lussigny é verdade?*
 - *Que é, minha senhora?*
 - *Que ela pode muito em Bentes.*
 - *Ah! É uma de Paris?*
 - *É essa mesma.*
 - *Dizem que sim, Dona Anita. Dizem que ela é quem faz tudo, que o general só faz o que ela quer. Ela já está aí.*
 - *Eu sei. Vou falar com ela. Meu marido há de ser ministro.*
 (Numa e a Ninfa, 1956, p. 249)

O diálogo anterior, retirado do romance escrito por Lima Barreto e publicado pela primeira vez a partir de folhetins no jornal *A Noite* (RJ) em 1915, permite identificar algumas das relações que essa pesquisa se propõe a investigar. Ambientada na Capital Federal à época, a obra *Numa e a Ninfa* expõe aspectos da vida social, econômica e política ao longo dos primeiros anos da República. Lima Barreto apresenta aos leitores paralelos muito próximos à contextos daquele período, seja através de seus personagens ou através de situações, como a do diálogo supracitado, em que podem ser identificados alguns comportamentos do mundo político que caracterizaram a Primeira República.

O diálogo entre o personagem Lucrécio e Mme. Forfaible expõe alguns desses aspectos. Desde o envolvimento das mulheres com a posição política de seus maridos até a influência das mesmas na ocupação desses cargos pelos homens, o romance – que tem seu enredo principal associado ao protagonismo de uma mulher, a qual é responsável pela elaboração dos discursos políticos de seu marido e, por isso, sua promoção social – descreve possíveis inferências femininas em âmbitos nos quais, tradicionalmente, em primeiro plano, elas não aparecem. Dessa forma, ao preocupar-se com a situação política de seu marido e buscar meios para que esse fosse promovido politicamente, através do estabelecimento de redes sociais e contatos interpessoais, especialmente com outras mulheres, Mme. Forfaible apresenta caminhos possíveis às atuações e influências femininas no cenário político.

A literatura ficcional, neste caso, “por mais que seja muitas vezes de forma condescendente e idealizante, pode trazer algumas pistas no sentido de humanizar aqueles que os dominantes normalmente desprezam, animalizam e calam” (Grijó, 2020, p. 20). Da mesma forma, refletindo sobre o papel dos intelectuais escritores na formação da jovem república, dentre os quais encontram-se Lima Barreto, a literatura pode ser interpretada enquanto “um instrumento de transformação social e política” (Pécaut, 1990, p. 23) por estes grupos sociais, fazendo emergir outras nuances e olhares sobre a sociedade em que estavam inseridos.

Com base nisso, nas páginas seguintes buscamos evidenciar que, apesar de relacionadas às figuras masculinas, tais atuações também puderam ser percebidas não apenas associadas aos homens e suas articulações sociais, mas também às próprias mulheres, marcando seus protagonismos por meio de suas redes sociais, espaços de sociabilidade e trajetórias políticas. Nesse cenário, os ambientes social e econômico da Primeira República refletem as movimentações do ambiente político, como destaca Love (1975, p. 121) quando aponta que “a preeminência econômica de São Paulo, Minas e Rio Grande caminhou nitidamente paralela à vida política, no período de 1910-30”. Todas essas esferas, portanto, agindo conjuntamente, faziam parte dos primeiros passos, marcados por tropeços e quedas, mas também por avanços, progressos e, principalmente, transformações, da República.

Assim, com o objetivo de ampliar as perspectivas e leituras sobre o cenário da Primeira República no Brasil, essa pesquisa se organiza a partir da investigação de fronteiras sociais e as movimentações dos agentes envolvidos nelas, de modo especial a partir das atuações políticas e trajetórias de duas primeiras-damas: Orsina da Fonseca e Nair de Teffé. A escolha de ambas as personagens enquanto objeto de estudo para a construção desta pesquisa baseia-se em distintos aspectos. Enquanto uma pesquisa advinda dos desdobramentos da monografia realizada na graduação (Werner, 2022), esta buscou dar continuidade às inquietações daquela.

Nesse sentido, a partir da pesquisa realizada sobre a trajetória política da primeira-dama artista, Nair de Teffé, descobriu-se que a mesma não havia sido a única primeira-dama durante o mandato presidencial do Marechal Hermes da Fonseca, fazendo emergir a figura de Orsina da Fonseca junto de curiosidades sobre a mesma. Após alguns levantamentos bibliográficos, notou-se que a figura de Orsina da Fonseca, assim como sua trajetória e atuações políticas, eram ainda pouco exploradas pela historiografia, fazendo com que uma perspectiva comparativa fosse sendo criada enquanto base para investigação.

Aliado a isso, os incentivos da banca ao final da graduação colaboraram para que a presente pesquisa fosse sendo delineada, unindo interesses já existentes relacionados aos estudos sobre o político e as mulheres. Além destes aspectos, também colaborou na escolha a excepcionalidade do casamento de um presidente da República ao longo do seu mandato e a ocupação da função de primeira-dama por duas mulheres bastante distintas entre si num curto período de tempo, fatores que aguçaram inquietações e influenciaram a elaboração desta pesquisa, a qual, portanto, volta-se à análise das atuações políticas destas mulheres a partir de seus espaços de sociabilidade, trajetórias e redes sociais.

Nesse sentido, utilizamos a concepção de espaços de sociabilidade proposta por Muller (2010), compreendendo a sociabilidade enquanto “mais que uma categoria de interação, pois oferece um ponto de partida para se examinar a dinâmica da experiência vivida e seus modos sociais de organização” (Muller, 2010, p. 40). Além disso, o estudo destes espaços permite a ampliação da compreensão sobre determinada sociedade, considerando as interações ali constituídas pelos agentes enquanto “eixo básico para a construção de identidades políticas e sociais através dos vínculos que implicam uma série de valores compartilhados” (Muller, 2010, p. 40). Paralelo a isso, considerando a influência das redes concebidas por essas personagens, as compreendemos de maneiras

[...] nem ‘locais’, nem ‘regionais’, nem ‘globais’, mas sim enquanto indivíduos que ‘cruzam formações disciplinares territoriais ‘clássicas’, aproveitando possibilidades e restrições, constroem espaços adaptados à sua própria atividade, cultivam soluções de continuidade e funcionam através de redes. (Raj, 2015, p. 173)

Ou seja, consideramos o “conjunto de disposições interiorizadas que organizam as relações do indivíduo com o mundo”, de modo a refletir sobre o modo com que estas, “estruturadas a partir do mundo social, são estruturantes da prática, isto é organizam as práticas sociais” (Pinçon, Pinçon-Charlot, 1999, p. 12), observando-as em nível individual e coletivo. Desse modo, buscamos apresentar aos leitores uma investigação baseada na perspectiva de histórias conectadas, abordagem que permite compreender a fluidez tanto entre as diferentes escalas de observação, quanto das “ideas y los constructos mentales [que] también lo hacen, atravesando las fronteras políticas de aquel mundo y dejándonos ver que aquello com lo que estamos tratando no son historias separadas y comparables, sino conectadas” (Pons, 2013, p. 166),¹ as quais podem evidenciar conexões e movimentações entre os atores sociais e possíveis relações entre os mesmos. Em diálogo com essa perspectiva, ainda, tratando-se da análise de indivíduos pertencentes às elites de determinado período, importa compreender que são os próprios indivíduos que “definem os limites de seu meio, praticando constantemente o método da cooptação” (Pinçon, Pinçon-Charlot, 2007, p. 31), favorecendo a observação de relações entre os mesmos de maneira horizontal.

Assim, outras abordagens e conceitos também emergem dessa proposta, visto a não convencionalidade das personagens aqui analisadas. A partir da literatura e da obra de Lima Barreto, por exemplo, percebemos o quanto, “nas palavras de Roberto Schwarz, a literatura

¹ Tradução livre: “[...] ideias e dos construtos mentais [que] também o fazem, atravessando as fronteiras políticas daquele mundo e deixando-nos ver que aquilo com que estamos tratando não são histórias separadas e comparáveis, mas sim conectadas” (Pons, 2013, p. 166, tradução nossa).

contempla de maneira crítica o movimento da sociedade; ‘decanta a experiência nacional’” (Barreto, Schwarcz, 2010, p. 22). Ao dar espaço em suas páginas, a partir de “outros nomes, mas facilmente reconhecíveis” (Barreto, Schwarcz, 2010, p. 20-21) a agentes da política brasileira na Primeira República, Lima Barreto permite que sejam percebidos reflexos e trajetórias nem sempre observados sobre a experiência social naquele período. O autor, dessa forma, reflete em sua produção o “horror desses intelectuais diante de um regime que, sob o pretexto de uma ‘política de governadores’, se entregara aos acordos entre oligarquias regionais, como também diante de uma ostentação insolente de fortunas” (Pécaut, 1990, p. 23), evidenciando as intersecções entre a atuação dos intelectuais e a política.

Em relação ao cenário político em que o romance foi escrito, por exemplo, as sucessões presidenciais costumam ser remetidas ao movimento de alternância entre as figuras de políticos já bastante conhecidos historicamente. Nesse âmbito, a ocupação da presidência do país alternadamente entre os estados de Minas Gerais e São Paulo caracterizou parte desse período e reflete a importância das alianças políticas. Dessa maneira, “[...] à medida que a República evoluiu, tornou-se cada vez mais claro que a escolha de um Presidente era de importância decisiva para o controle do sistema político” (Love, 1975, p. 121). Esse controle, por sua vez, baseava-se nas alianças estabelecidas entre esses agentes, como “a propensão dos militares para íntimas conexões com o PRR”, a qual refletiu “sob a forma de aliança à medida que os gaúchos começaram a disputar o poder nacional” (Love, 1975, p. 123-124). Assim, tanto o Exército quanto o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), a partir de alianças com grupos das elites de Minas Gerais, foram responsáveis pela sustentação e pelo lançamento da candidatura militar do gaúcho Hermes da Fonseca para a presidência nas eleições de 1910.

Essa candidatura partiu de articulações que consideravam “o desempenho político dos gaúchos, que souberam usufruir das dissidências internas mineiras em proveito próprio”, mas também “[...] às regras tacitamente aceitas pelos atores políticos da Primeira República” (Viscardi, 2012, p. 160). Anteriormente já inserido no cenário político, Hermes da Fonseca havia sido Ministro da Guerra no governo de Afonso Pena e, nessa função, mobilizou-se no fortalecimento do Exército. A partir disso, a instituição do Exército, agora “fortalecido pela gestão de Hermes à frente do Ministério da Guerra, voltava a ter aspirações hegemônicas sobre a República” (Viscardi, 2012, p. 177), consolidando o apoio à candidatura militar. No entanto, não apenas esse apoio foi importante para a ascensão do Rio Grande do Sul no cenário nacional.

As alianças firmadas entre os atores políticos do período também refletiram em importantes articulações, tanto em âmbito regional quanto nacional.²

Essas alianças permitem que sejam analisadas as articulações desses agentes, marcadas por crises e instabilidades ao longo do quadriênio presidencial de Hermes da Fonseca. Ao longo de seu mandato, inúmeras foram as críticas direcionadas a sua administração, envolvendo as mais distintas esferas, fossem econômicas, sociais, políticas e até mesmo familiares e matrimoniais. Nesse âmbito, destaca-se como um dos fatores de declínio do apoio ao governo “a deterioração das relações entre Hermes e seu filho Mário, o líder salvacionista da Câmara, desavença iniciada quando o Marechal se casou de novo, logo em seguida à morte de sua primeira esposa” (Love, 1975, p. 170).

Antes de seguirmos, cabe destacar que, até aqui, trouxemos quatro parágrafos narrativos sobre o contexto político da Primeira República e, como o leitor e a leitora devem ter percebido, majoritariamente foram evocadas as movimentações protagonizadas por homens. Esse aspecto remete à movimentos historiográficos que privilegiaram o estudo sobre “indivíduos considerados especialmente significativos, em virtude de suas realizações para um determinado Estado, ou para qualquer outro agrupamento humano”, os quais tratavam-se em geral de pessoas “em uma posição social de grande poder” (Elias, 2001, p. 40) e, não por acaso, majoritariamente homens. A partir disso, percebe-se que tanto o cenário político nacional quanto o regional são comumente analisados através do estabelecimento e da manutenção de laços entre as figuras masculinas do período, sendo suas atuações mais conhecidas e, em alguns casos, concebidas enquanto únicas em um contexto múltiplo.

No entanto, ainda que predominantes, essas lideranças não foram os únicos atores naquela sociedade, aspectos evidenciados pelo trecho apresentado no início dessa introdução e, nos parágrafos anteriores, pela possível influência de um matrimônio na política nacional. Nessa perspectiva, nas páginas seguintes buscaremos apresentar outros agentes possíveis para esse cenário a partir da análise da trajetória, das redes sociais e dos espaços de sociabilidade de duas personagens já mencionadas anteriormente, as primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé.

² Nesse cenário, destaca-se a figura do senador Pinheiro Machado. Buscando “ampliar o peso político do Rio Grande do Sul na Federação” (Viscardi, 2012, p. 177), o senador foi descrito enquanto uma espécie de “‘mandachuva’ da política presidencial” (Viscardi, 2012, p. 32). Enquanto um ator importante no cenário político da Primeira República, Pinheiro Machado também mantinha relações próximas ao presidente do estado do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, o qual, segundo Joseph Love, fundamentava a preeminência do Senador na política nacional (Love, 1975, p. 162).

Orsina Francioni da Fonseca, a primeira esposa de Hermes da Fonseca, ocupou a função de primeira dama ao longo da metade inicial do mandato presidencial do marido, de 1910 a 1912. Ambos já eram casados antes da eleição de Hermes como presidente e o matrimônio estabelecido em 17 de dezembro de 1877, no dia em que Orsina havia completado 19 anos (Guedes, Melo, 2019, p. 56), também foi marcado pela parentalidade sanguínea de ambos enquanto primos. Além disso, eram sobrinhos do Marechal Deodoro da Fonseca, militar responsável pelo golpe que instaurou a República no Brasil. Ou seja, no âmbito familiar desde cedo existiram aproximações tanto com a política quanto com as questões militares envolvendo o país na trajetória de ambos os personagens. No entanto, a trajetória e as movimentações políticas de Orsina da Fonseca ainda são pouco conhecidas ou analisadas e são concebidas, em alguns casos, até mesmo como inexistentes, como quando da declaração do senador Ruy Barbosa referindo-se a ela enquanto um “exemplo de marechala, cuja discricção não assumiu jamais a menor parte na vida oficial do presidente” (*Anais do Senado Federal*, 1917c, p. 110).³

A personagem, contudo, não foi alheia à política e, a partir de suas redes de relações sociais e espaços de sociabilidade, é possível evidenciar algumas de suas atuações. Orsina foi amiga da professora Leolinda Daltro, fundadora do Partido Republicano Feminino (PRF)⁴ em 1910 e apoiadora da “campanha presidencial do militar Hermes da Fonseca” (Santos, 2014, p. 128). Esse apoio também foi descrito por Lima Barreto em *Numa e a Ninfa* quando o autor narra que “[...] ao surgir a candidatura Bentes, Dona Florinda aderiu a ela com os seus caboclos hirsutos”, fazendo referência à atuação de Leolinda com grupos indígenas, assim como quando o escritor menciona “Bentes tinha um tio, já falecido, mais ou menos notável; e Dona Florinda muito naturalmente juntou a sua mania indígena à admiração que sempre professou pela memória do tio de Bentes” (Barreto, 1975, p. 219). Nessa relação, além de envolver-se com a causa indígena⁵, Leolinda contava com o apoio de Orsina da Fonseca enquanto primeira-dama para a elaboração e implantação de seu programa de emancipação social feminina (Santos,

³ Optou-se, no presente trabalho, pela manutenção da redação de época quando citados trechos das fontes utilizadas.

⁴ A história do Partido Republicano Feminino confunde-se com a história das movimentações políticas da professora Leolinda de Figueiredo Daltro que não teve, na fundação do mesmo, sua primeira atuação em vias políticas. Em 1909, Daltro organizou a “congregação de algumas mulheres em apoio à candidatura de Hermes da Fonseca à presidência [...] tal agremiação recebeu o nome de Junta Feminil pró Hermes-Wenceslau” (Karawejczyk, 2020, p. 158). Além disso, a fundação do PRF também esteve relacionada à amizade de Leolinda com o senador gaúcho Pinheiro Machado, demonstrando a estratégia da personagem em uma “plena utilização de seus contatos pessoais junto aos poderosos da época para atingir os seus objetivos” (Karawejczyk, 2020, p. 161), assim como a aproximação com a primeira-dama Orsina da Fonseca.

⁵ A trajetória de Leolinda Daltro foi analisada por Paulete Maria Cunha dos Santos na tese intitulada *Leolinda Daltro, a caminhante do futuro: uma análise de sua trajetória de catequista a feminista (Rio de Janeiro/Goiás – 1896-1920)*, evidenciando as relações da personagem com a causa indígena e às questões feministas no início do século XX.

2014, p. 128), aspecto que delinea a formação de uma rede de alianças envolvidas com a política do período e a reivindicação dos direitos das mulheres enquanto pautas centrais.

Além disso, ao longo de seu período como primeira-dama, é possível observar momentos em que Orsina participou de reuniões diplomáticas na presença de oficiais nacionais e internacionais ao lado do Marechal (*O Seculo*, 08/07/1911, p. 2; *O Seculo*, 10/07/1911, p. 1). Da mesma forma, em diferentes situações a primeira-dama foi mencionada na imprensa, destacando a organização de festivais de caridade e ações de assistência social, esferas intrinsecamente ligadas às figuras femininas. Esses aspectos, por sua vez, demonstram algumas aproximações com outras mulheres, principalmente da elite política do período (*Fon-Fon*, 08/06/1912, p. 25; *Fon-Fon*, 31/08/1912, p. 25; *Fon-Fon*, 19/10/1912, p. 33), inclusive com a família daquela que viria a ser a segunda esposa do Marechal Hermes da Fonseca, Nair de Teffé.

As aproximações entre as duas famílias também podem ser observadas antes do segundo casamento, dada a presença de Orsina e Hermes em exposições de arte realizadas por Nair e o trabalho de seu irmão, Álvaro de Teffé, enquanto secretário da presidência no governo do Marechal (Fonseca, 1974). Essas relações, por sua vez, permitem a análise de possíveis contatos entre as personagens ao longo de suas trajetórias, colaborando para uma investigação comparativa de suas atuações políticas.

Aos 53 anos, em 25 de novembro de 1912, “acometida inesperadamente por uma uremia – elevação de ureia no sangue, que provoca insuficiência renal – seguida de um derrame cerebral” (Guedes, Melo, 2019, p. 59), Orsina faleceu nas dependências do Palácio da Guanabara, no Rio de Janeiro. Seu falecimento gerou comoção nacional e internacional, sendo amplamente noticiado pela imprensa, a qual a descrevia enquanto uma mulher exemplar, destacando os 30 anos “vividos ao lado do primo e marido Hermes” (Guedes, Melo, 2019, p. 59). Entretanto, o luto do então presidente não foi tão extenso quanto esperavam alguns grupos, especialmente seus filhos, pois, cerca de um ano após a morte de Orsina, Hermes da Fonseca pedia em casamento a filha do Barão de Teffé, Nair de Teffé.

Enquanto uma mulher inserida em meio às elites da época, Nair de Teffé também possuiu aproximações com o cenário político desde cedo em sua trajetória. Durante a infância e a juventude frequentou escolas francesas e formou-se intelectualmente a partir das influências da *Belle Époque* europeia, dando início a sua carreira artística, sendo uma das primeiras caricaturistas mulheres a publicar na imprensa brasileira. Sua carreira artística, como veremos nos capítulos dessa dissertação, foi importante vetor de suas atuações políticas, destacando suas

amizadas com figuras como o senador Pinheiro Machado e o Barão do Rio Branco (Fonseca, 1974).

No entanto, seu casamento – que, num primeiro momento foi recusado com veemência por ambas as famílias – com o então presidente da República, permitiu que ela se movimentasse e atuasse de maneira mais próxima ao cenário político. Não por mera coincidência, a concretização do matrimônio pode ter sido influenciada pelos espaços de sociabilidade que ambas as famílias compartilhavam, evidenciando que a “socialização precisa e completa tem a vantagem de proporcionar aos jovens um encontro amoroso como se fosse uma escolha resultante do acaso”, além de colaborar ao mesmo tempo para que se estabeleça “a conformidade social destes que cooptarão mais tarde como marido e mulher” (Pinçon, Pinçon-Charlot, 1999, p. 16). Assim, ao assumir a posição de primeira-dama, Nair acabou tornando-se uma “mulher representante dos valores da elite, mas também capaz de uma visão crítica e satírica desta mesma elite elegante e rica” (Campos, 2016, p. 15), interseccionando arte e política em sua trajetória.

Da mesma forma que Orsina da Fonseca, enquanto primeira-dama, Nair de Teffé foi mencionada em discursos no âmbito do Senado Federal. Ruy Barbosa, por exemplo, referiu-se a ela enquanto “uma figura de relevo no protocollo, na corte presidencial”, atribuindo, por isso, algumas das decisões administrativas da presidência “à vontade imperativa da mulher do presidente” (*Anais do Senado Federal*, 1917c, p. 110). Nesse sentido, é possível perceber alguns contrastes entre as condutas e descrições sobre estas duas mulheres e, paralelo a isso, conceber uma nova postura diante da ocupação da posição de primeira-dama por Nair de Teffé, a qual se colocou – inclusive através do cenário artístico – frente a frente com a política e em defesa do marido.

A partir das reflexões sobre as trajetórias de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé, suas atuações políticas e redes sociais, buscamos evidenciar e investigar as lacunas presentes em relação ao estudo dessas primeiras-damas e os lugares ocupados por elas no período da Primeira República. Nessa perspectiva, objetivamos refletir sobre a construção dos espaços políticos e de seus agentes, não restringindo o olhar às movimentações das figuras masculinas, mas reforçando a importância de que se incluam os estudos sobre as trajetórias femininas nesses espaços, considerando suas limitações e possibilidades de atuação em cada contexto.

Dentre as experiências que formam esses espaços encontram-se as trajetórias políticas das primeiras-damas. As pesquisas sobre essa temática atualmente são um campo em expansão na historiografia, o qual incorpora, pouco a pouco, diferentes abordagens e perspectivas de

análise. O papel das primeiras-damas já foi objeto de estudos em diferentes países. Internacionalmente destacam-se os trabalhos de Valencia e Araya (2019), Yalom (2002), Gasparini (2002), Goodwin (2001), Martinez (2000), Ortiz (1997), entre tantos outros, os quais discutem desde o papel das mulheres enquanto esposas e membros das elites políticas em diferentes países e culturas, até o estudo de personagens específicas como Eleanor Roosevelt e Eva Perón e suas atuações políticas.

Ainda em relação às produções internacionais, Valencia e Araya apontam para um aspecto que chama atenção quando observado esse cenário de produções sobre a temática, ressaltando que “La ausencia de estudios comparados resulta particularmente llamativa en América Latina, que es donde más primeras damas participan en política antes, durante y después de estar en el cargo” (Valencia, Araya, 2019, p. 36). Tal perspectiva vai ao encontro de alguns dados sobre o contexto internacional, destacando que

Nunca houve uma mulher chefe de governo na Rússia moderna, na China, na França, no Japão, no Egito, na Nigéria, na África do Sul ou no México. Nos casos do Brasil, da Alemanha, do Reino Unido, da Índia, da Indonésia e da Austrália, houve apenas uma em cada um desses países, ao longo de toda a sua história. (Connel, Pearse, 2015, p. 31)

Sobre tal aspecto, destaca-se ainda o *impeachment* da presidenta Dilma Roussef no Brasil a partir de um golpe, em 2016, retirando-a do cargo e delineando um cenário ainda mais violento em relação às mulheres na política brasileira. Da mesma forma, a ausência de representantes brasileiras nas *Conferências de Primeiras damas, esposas e representantes do Estado e governo das Américas*⁶ (Valencia, Araya, 2019, p. 41) chama a atenção para essa lacuna, além da predominância masculina em cargos ministeriais, apontando para um fenômeno onde “As poucas mulheres que efetivamente chegam a esses postos são comumente encarregadas de áreas como a assistência social ou educação” (Connel, Pearse, 2015, p. 31). Tais questões, portanto, sugerem a relevância da investigação sobre o caso brasileiro.

Em âmbito nacional, a história das primeiras-damas já foi abordada em pesquisas como àquelas realizadas por Torres (2002), que discutiu o papel dessas mulheres e as suas aproximações com a assistência social através da análise das relações de gênero e poder. Também Simili (2008) voltou sua atenção para o estudo da temática, dedicando-se à análise da

⁶ A partir do levantamento realizado por Valencia e Araya (2019) foram tabuladas as conferências realizadas entre os anos de 1991 a 2003, de maneira ininterrupta, além dos anos de 2005 e 2007, todas elas realizadas em diferentes países das Américas. Cada uma dessas conferências trouxe uma temática diferente para a discussão entre as integrantes, dentre os quais destacam-se as temáticas da infância, juventude, saúde da mulher, família e direitos da mulher.

trajetória política de Darcy Vargas, primeira-dama de Getúlio Vargas, apresentando a personagem para além da figura de esposa do presidente, evidenciando a construção de uma trajetória política própria e de atuações não restritas ao âmbito doméstico e privado. Em produções posteriores, a historiadora também analisou a atuação de primeiras-damas de períodos mais recentes, como Maria Thereza Goulart, em relação à moda e ao âmbito público (Simili, 2014), evidenciando outras abordagens possíveis à área. Já as pesquisas de Rodrigues (2017, 2019, 2021) discutem desde a atuação de Lúcia Braga na política estadual da Paraíba até a concepção do conceito de primeiro-damismo⁷ no Brasil e sua relação com a cultura política nacional.

Nesse cenário, é possível perceber o quanto produções sobre o estudo de trajetórias femininas em âmbito nacional demandam mais análises e a percepção de outras personagens na cena política em diferentes períodos da história nacional. Com base nisso, essa pesquisa busca analisar e problematizar as atuações políticas das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé a partir de suas trajetórias, redes sociais e espaços de sociabilidade na Primeira República, com recorte temporal entre os anos de 1910 e 1924 – datas que indicam, respectivamente, o início da ocupação da função de primeira-dama por Orsina da Fonseca e a entrevista concedida por Nair de Teffé à imprensa sobre direitos políticos femininos,⁸ a partir da qual evidenciam-se suas relações com o cenário político mesmo após a ocupação da função de primeira-dama. Assim, ambos os recortes foram balizados em momentos nos quais os protagonismos de ambas as mulheres foram exercidos em relação à política nacional, centralizando-as, a partir destes, também nesta narrativa.

Ao investigar os agentes sociais, suas alianças e relações entre os grupos políticos e das elites da Primeira República, buscamos observar suas “origens e trajetórias sociais, grupos e vínculos familiares e profissionais, interesses e atividades econômicas, laços e lealdade pessoais, etc” (Dal Forno, 2020, p. 13), compreendendo, aliado a essa perspectiva, que “as estruturas familiares, as relações sociais cotidianas, as relações de favor e compadrio, os costumes mostram muito melhor o processo de criação dos laços sociais nas profundezas das

⁷ Discutido por diferentes autores e autoras no campo historiográfico, no âmbito dessa pesquisa o conceito de primeiro-damismo é compreendido enquanto “um fenômeno de longa duração, caracterizado por um conjunto de práticas exercida pelas esposas de governantes em exercício no poder executivo, que podem ser apontadas enquanto estratégia, ao buscar legitimar a ideologia ou o projeto político do esposo, mas também enquanto tática, ao burlar a sua organização racional e funcional, podendo ser apropriado de diferentes maneiras, corroborando com o processo de constituição de possíveis capitais políticos próprios e a demarcação de espaços de atuação na ‘esfera pública’.” (Rodrigues, 2019, p. 182-183)

⁸ A entrevista intitulada “Reivindicações políticas” foi realizada pelo *Jornal de Petrópolis* em dezembro de 1924. Santos (1999, p. 69) destaca que “pela primeira vez, após o falecimento de seu esposo, Nair vinha a público para analisar um assunto tão palpitante: a participação da mulher na vida política brasileira”. Ver: Santos (1999).

mentalidades e das trocas sociais” (Pécaut, 1990, p. 47). Desse modo, considerando o conceito de redes, segundo Mitchell, enquanto “um conjunto específico de conexões entre um grupo definido de pessoas, sendo que as características de tais conexões podem ser usadas para interpretar o comportamento social dos indivíduos implicados” ou ainda, segundo J. A. Barnes, enquanto um “campo social específico definido por relações pessoais e que serve para descrever uma ordem social que supere os limites de um grupo, corporação ou categoria socioprofissional” (*apud* Vargas, 2017, p. 148), foram observadas a construção e a manutenção das redes de relações sociais articuladas por essas mulheres.

Além disso, objetivando compreender o papel das primeiras-damas que são objeto de estudo dessa pesquisa, consideramos que

O que fica patente na história do casal Hermes da Fonseca, bem como na dos Vargas, é que o presidente da República necessita de esposa, que sua figura e sua presença nas cercanias do poder são ingredientes importantes no campo das representações políticas para o homem público e político. (Simili, 2008, p. 58)

Por sua vez, as relações estabelecidas por Orsina da Fonseca e Nair de Teffé com o ambiente e com os atores políticos do período possibilitam identificar a maneira com que seus protagonismos foram consolidados e através de quais meios isso lhes foi possível. A comparação entre ambas as trajetórias também demonstra que mesmo a partir de diferentes redes e relações com outras personalidades da época, seus protagonismos foram elaborados, exercidos, percebidos e, inclusive por isso, criticados. A partir de uma abordagem metodológica qualitativa, portanto, buscamos observar a presença ou a ausência de menções a estas mulheres no conteúdo das fontes que foram utilizadas, observando, quando da presença, também a frequência e as condições em que estas ocorrem (Bardin, 1977).

Considerando as condutas esperadas de uma primeira-dama, podem ser estabelecidos paralelos com a atuação e o papel desempenhado por essas mulheres na Nova República, destacando a recente participação da primeira-dama Rosângela Lula da Silva e sua busca por uma “ressignificação” da função⁹, demonstrando o quanto “essas estratégias e táticas demonstram a linha tênue que separam atuações protagonistas e coadjuvantes no campo político” (Rodrigues, 2019, p. 185). Ou seja, evidencia-se a não inserção dessas mulheres enquanto agentes que atuam e participam das elites políticas em que estão inseridas (Valencia,

⁹ Primeira-dama, história e papel no Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2022/12/19/o-assunto-859-primeira-dama-historia-e-papel-no-brasil.ghtml> Acesso realizado em 04/08/2023.

Araya, 2019, p. 36). Novamente, a análise sobre o contexto político da Primeira República, privilegiado nessa pesquisa, busca incluir essas trajetórias e não restringir as narrativas às atuações de políticos como Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, José Gomes Pinheiro Machado, entre tantos outros que, segundo Dal Forno, fizeram parte do grupo que “monopolizou o poder estadual e teve destacada participação na política nacional durante a Primeira República” (Dal Forno, 2022, p. 275), sendo, em alguns casos, até confundidos com o centro político ou com o sistema político em si, como também aponta o historiador.

Além das distintas redes de relações sociais das personagens, a relação com o cenário artístico é outro aspecto importante de ser considerado quando da realização de uma análise comparativa. Sobre esse tema, enquanto caricaturista, a carreira artística de Nair de Teffé foi objeto de outros estudos. Campos (2016) apresentou uma análise da cena artística, da formação e de algumas das produções da caricaturista, compreendendo-a enquanto agente do mesmo. Nesse sentido, ao refletir sobre as caricaturas e as exposições de Nair, a autora colabora com a percepção de que algumas dessas produções geraram impactos e desconfortos sociais nas elites da época, grupos privilegiados pelo traço da personagem.

Paralelo a isso, outras abordagens sugerem que a trajetória dessas mulheres seja investigada a partir da análise do cotidiano, sendo esse apresentado enquanto “o espaço do indivíduo, do exercício mais direto e imediato da individualidade, da percepção do mundo pela ótica do singular” (Schmidt, 1996, p. 188). Nessa perspectiva, a pesquisa realizada por Rodrigues (2002) apresenta uma abordagem biográfica da trajetória de Nair de Teffé, reunindo aspectos relacionados à infância, à formação, à educação, à família, ao casamento e à vida da personagem enquanto artista. Considerando sua formação educacional e familiar, aspectos da vida privada e individual foram priorizados, não a caracterizando apenas enquanto a artista *Rian*, seu pseudônimo. No entanto, nesse trabalho percebemos que a arte ainda ocupa a centralidade das análises sobre a trajetória da personagem.

Da mesma forma, ainda enquanto objeto de estudo, a trajetória de Nair de Teffé foi analisada por Santos (1999) que, assim como Rodrigues (2002), elaborou sua narrativa a partir de uma abordagem biográfica, aspecto também desenvolvido por Silva e Simili (2011) quando as autoras utilizam a história de vida da personagem enquanto fio condutor “para uma compreensão das regras e funcionamentos de uma sociedade num determinado tempo e espaço” (Silva, Simili, 2011, p. 121). Nota-se, portanto, a partir desse breve levantamento, um foco maior de pesquisas na historiografia voltadas à segunda primeira-dama de Hermes da Fonseca.

Já em relação à trajetória de Orsina da Fonseca são poucas as produções e referências¹⁰ encontradas na historiografia que discutam suas atuações políticas e movimentações. Sua figura aparece, quando analisada, relacionada a pesquisas que possuem enquanto objeto de estudo o Instituto Profissional Orsina da Fonseca, fundado pelo Partido Republicano Feminino (PRF), que dedicou à então primeira-dama a homenagem. Dentre esses trabalhos, destacam-se as produções de Alves (2021, 2016), Sepulveda e Alves (2021) e Gaspar e Vilela (2014), onde foram investigadas desde as trajetórias de alunas e docentes da instituição quanto a história e a manutenção da própria escola até os dias atuais.

Fundada em 1911 a partir de iniciativas do PRF, a Escola Orsina da Fonseca possuía como objetivo “instruir a mulher, afim de que ella se exalce, se dignifique, se liberte e possa, também, dar a Patria cidadãos perfeitos” (*A Imprensa*, 23/09/1911, p. 4), no entanto, a trajetória da mulher que deu nome à essa instituição permanece em segundo plano. Ou seja, sua análise individual e comparada ainda é um campo a ser explorado na historiografia. Desse modo, compreendendo a importância dos estudos sobre trajetórias femininas aliadas à esfera política, buscamos evidenciar as presenças, protagonismos e atuações de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé ao longo da Primeira República a partir da investigação sobre como se construíram suas trajetórias e quais foram as redes de relações sociais elaboradas por essas mulheres.

Enquanto mulheres e primeiras-damas, os papéis e atuações sociais que lhes eram previstos, o lugar que a imprensa e os políticos homens esperavam que elas ocupassem e os comportamentos desempenhados pelas mesmas são importantes objetos de análise quando visamos compreender o cenário da política nacional, não restringindo-o às narrativas voltadas para aqueles que eram considerados “‘homens de princípios’, guiados por uma constelação de ideias definidas e coerentes ao longo de sua trajetória de vida” (Dal Forno, 2022, p. 289). Dessa forma, a partir da compreensão dessas mulheres em seus contextos sociais, assim como o exercício dos diferentes papéis que lhes eram postos, bem como àqueles em que transgrediram, evidenciamos “o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado [...] ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis” (Bourdieu, 1989, p. 190). Nesse sentido, refletir sobre as redes em que ambas estavam inseridas – sendo essas compreendidas enquanto portadoras de “uma série de normas

¹⁰ Tal aspecto foi uma das dificuldades na análise da trajetória da personagem. Visto que não foram encontrados registros autobiográficos, diários ou produções feitas pela própria Orsina ao longo dessa pesquisa, uma das estratégias utilizadas para seu rastreamento foi a de buscar encontra-la através de suas redes familiares. Nesse sentido foram encontrados materiais produzidos por seu pai, Pedro Paulino da Fonseca, no Instituto Histórico de Alagoas, dos quais foram solicitadas cópias digitalizadas. Contudo, a partir de sua leitura, não foram encontradas menções à Orsina da Fonseca.

e consensos internos e que a sua variação depende do tipo de bens materiais e simbólicos que são trocados em seu interior” (Vargas, 2017, p. 150) – bem como os laços e alianças com outros agentes e as suas ações enquanto representantes femininas, permite que as análises sobre o contexto político da Primeira República privilegiem outras narrativas.

Dentre os obstáculos eminentes para a realização deste tipo de análise, no entanto, apresenta-se a descrição das elites enquanto grupo social que comumente “não gosta muito que falem dela fora das ocasiões que controla, como as festas de caridade ou os grandes prêmios hípicas” (Pinçon, Pinçon-Charlot, 2007, p. 23), sendo as notas sobre tais acontecimentos uma das principais fontes para o rastreamento das personagens da presente pesquisa. Dessa maneira, mobilizando diferentes abordagens, fontes e métodos para análise destas, objetivamos nos aproximar da “complexidade do social nas suas manifestações” (Pinçon, Pinçon-Charlot, 1999, p. 20), cruzando informações e teorias. Na mesma perspectiva, a construção do *corpus documental* utilizado nesta pesquisa levou em consideração as regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência¹¹ dos materiais selecionados, como proposto por Bardin (1977).

Assim, nesta análise foram utilizados diferentes conjuntos documentais (Tabela 1) a fim de perceber as personagens em diferentes contextos e, assim como apresenta Bourdieu, observar suas trajetórias enquanto “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (Bourdieu, 1998, p. 189). Aliada a essa concepção teórica, no âmbito metodológico também foram considerados os cuidados com a lógica da regularidade no estudo de trajetórias, considerando que “o acontecimento, o acidente e a raridade possuem, por vezes, um sentido muito forte que não deve ser abafado” (Bardin, 1977, p. 116).

Tabela 1 – Síntese das fontes utilizadas

Conjunto documental	Período
Jornais da imprensa	1910 a 1924

¹¹ Segundo Bardin (1977), o corpus documental constitui-se enquanto os documentos que serão submetidos aos processos de análise ao longo da investigação. A formação deste, por sua vez, pode ser orientada a partir das regras de exaustividade – “não deixando de fora qualquer um dos elementos por esta ou aquela razão (dificuldade de acesso, impressão de não-interesse) que não possa ser justificável no plano do rigor [...]” – de representatividade – “a análise pode efetuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste” – de homogeneidade – “os documentos retidos devem ser homogêneos, quer dizer, deve obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora destes critérios de escolha – e de pertinência – “os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (Bardin, 1977, p. 97-98).

Entrevista <i>Reivindicações políticas</i> de Nair de Teffé ao Jornal de Petrópolis	1924
Livro de memórias de Nair de Teffé (<i>A Verdade sobre a Revolução de 22</i>)	1974
Anais do Senado Federal	1910 a 1914

Paralelo a isso, o conceito de gênero emerge quando da realização da análise das fontes. Segundo Scott, o gênero pode ser descrito enquanto “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, mas também enquanto “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 2017, p. 86). No entanto, compreendemos que uma divisão dicotômica de gênero não dá conta das análises que buscamos elaborar, dado que “Uma definição baseada em dicotomia exclui as diferenças entre mulheres e entre homens do conceito de gênero” (Connel, Pearse, 2015, p. 46), relações as quais buscamos evidenciar e discutir nessa pesquisa.

Nesse sentido, partindo de uma conceituação de gênero que coloca o foco nas relações e não apenas nas diferenças entre os indivíduos, entendemos que “o gênero é uma questão de relações sociais dentro das quais os indivíduos e grupos atuam” (Connel, Pearse, 2015, p. 47). Esse conceito colabora, portanto, para a leitura dos materiais como, por exemplo, o livro de memórias escrito por Nair de Teffé, intitulado *A Verdade sobre a Revolução de 22* (1974). A metodologia para o estudo deste conjunto foi baseada no modelo qualitativo e nos procedimentos de análise de significados e de significantes inseridos no âmbito da análise de conteúdo (Bardin, 1977), observando os temas que surgem na narrativa da personagem e as formas descritivas pelas quais ela os apresenta, assim como a análise dos elementos formais atípicos, dentre os quais encontram-se “as omissões, os ilogismos, os silêncios, etc.” (Bardin, 1977, p. 171).

Nessa obra, a personagem narrou acontecimentos que perpassaram toda a sua vida, desde a infância e a sua formação educacional no contexto europeu, a formação artística, sua juventude e vida adulta. No entanto, assim como o próprio título da obra sugere aos leitores, sua narrativa se deteve aos acontecimentos relacionados ao seu casamento com o Marechal Hermes da Fonseca e com o cenário político da Primeira República, contexto sobre o qual Nair de Teffé avançou na narrativa até a década de 1920. Ao descrever momentos relacionados à vida do casal, portanto, a personagem permite que sejam observadas algumas dinâmicas que caracterizavam suas possíveis atuações políticas, desde as limitações impostas até aos espaços

que, enquanto uma mulher da elite, caricaturista e primeira-dama, ela pôde movimentar-se. Nessa perspectiva, a compreensão do gênero enquanto multidimensional, ou seja, não relacionado “apenas à identidade, nem apenas ao trabalho, nem apenas ao poder, nem apenas à sexualidade, mas a tudo isso ao mesmo tempo” (Connel, Pearse, 2015, p. 49), permite que sejam investigadas as mais distintas esferas referentes à trajetória da personagem.

Caracterizado enquanto um conjunto de memórias, a obra escrita por Nair pode ser lida a partir da concepção de uma “reconstrução continuamente atualizada do passado” (Candau, 2021, p. 9), onde a personagem seleciona momentos para que sejam narrados a partir de seu ponto de vista. Ou seja, em meio a interpretações sobre o passado e os agentes que o envolvem, sua narrativa é marcada pela subjetividade da memória. Vale destacar, enquanto obstáculo metodológico neste caso, a possível manipulação e os desvios de uma narrativa – considerada pela personagem enquanto única – e um possível risco de apropriação desta pela pesquisadora, considerando que o personagem pode o transformar “em transmissor de seus argumentos” (Pinçon, Pinçon-Charlot, 2007, p. 28). Da mesma forma, buscou-se observar as “preocupações em silenciar ou não, em narrar sob este ou aquele ponto de vista” bem como questionar a “discutível afirmação de que é só com o tempo que se pode operar uma verdadeira perspectiva histórica” (Grijó, 2020, p. 13), aspectos presentes no título e no decorrer dos capítulos das memórias de Nair de Teffé. Por conta disso, metodologicamente foram consideradas as chamadas variáveis inferidas (Bardin, 1977, p. 40), as quais dizem respeito às relações entre o que foi produzido e os contextos e condições de produção do material.

A obra, por sua vez, é composta também por uma reunião de suas produções mais famosas, caricaturas que apresentam personalidades políticas (majoritariamente masculinas) de diferentes períodos da história brasileira. Essas aproximações com as expressões artísticas, por sua vez, dialogam com as concepções de que “cada sociedade e cultura desenvolvem mecanismos sócio-políticos em esposas ‘ideais’, as quais são desenhadas e fabricadas nas e por meio das relações de gênero” (Galetti, Simili, 2013, p. 130). A educação feminina das mulheres das elites, portanto, voltava-se à formação daquela que seria uma boa mãe, uma boa esposa e uma boa dona de casa, possibilitando a percepção de conflitos e tensões entre os supostos “modelos ideais” sobre o que é – ou deveria – significar ser mulher em cada período histórico.

Contudo, não apenas em relação à educação esse aspecto pode ser observado. Na imprensa essas mulheres também tiveram suas representações veiculadas a partir de olhares e julgamentos masculinos. Buscando rastreá-las em situações ou acontecimentos relacionados à política do período, foram realizadas buscas nominais no acervo da Biblioteca Nacional a partir

da Hemeroteca Digital Brasileira e sua base de dados virtual. Tais buscas nominiais foram realizadas não somente a partir do nome das personagens, mas também de outros termos que a elas pudessem se referir. Dentre os termos utilizados para a pesquisa estiveram: *Orsina da Fonseca*, *Nair de Teffé*, *Mme. Hermes da Fonseca*, *Mme. Nair da Fonseca*, *Mme. Teffé*, *Sra. Hermes*, *viúva Hermes e Nair da Fonseca*. Assim, tais denominações foram utilizadas a fim de ampliar o espectro para o encontro das personagens nas páginas da imprensa¹² carioca à época. O recorte espacial utilizado foi o da capital federal à época, o Rio de Janeiro, entre os anos de 1910 e 1924, sendo encontradas menções às personagens em mais de 20 periódicos, entre revistas, almanaques e jornais do período (Anexo 1).

A metodologia utilizada para análise da imprensa também foi qualitativa e, no âmbito da análise de conteúdo, buscou “compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também e principalmente desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira” (Bardin, 1977, p. 41), ou seja, uma leitura com base não apenas no explícito nas notas dos jornais. Em relação a essa documentação foram importantes os registros de “informações detalhadas sobre cada periódico estudado, o acervo, o volume de digitalizações, o período de publicações, seus donos, redatores, editores, jornalistas, suas imagens, gravuras, colunas, preço, circulação [...]” (Brasil, Nascimento, 2020, p. 212-213) visando compreender as maneiras de construção das representações das atuações políticas e das próprias primeiras-damas. Tais representações foram diferentemente apresentadas quando lidas em jornais que eram considerados da oposição, como o *Correio da Manhã*, apoiadores do governo, como *O Paiz*,¹³ ou ainda, quando os donos ou editores eram próximos ou familiares de uma das personagens, como foi o caso da *Revista da Semana*, dirigida por Álvaro de Teffé, irmão de Nair.

Da mesma forma, a representação das atuações políticas das personagens pode ser encontrada em outros documentos, podendo ser investigada a partir dos discursos dos senadores nos *Anais do Senado Federal*. Disponíveis virtualmente, foram analisados os livros 1 a 6 entre os anos de 1910 e 1911, e os livros 1 a 9, entre os anos de 1912 e 1914, constituídos a partir da reunião de diferentes sessões ocorridas nesse período. A análise deste material foi orientada a

¹² Ao longo da realização desta pesquisa a localização de fontes relacionados à Orsina da Fonseca foi um dos aspectos mais desafiadores. Como mencionado anteriormente, assim como a não localização de entrevistas concedidas pela personagem, o processo de rastreamento de sua trajetória também esteve intimamente ligado às fontes da imprensa, sendo poucos os materiais, fora desta, que a mencionam ou falam sobre a personagem.

¹³ Considerado órgão governista na capital durante o período, *O Paiz* circulou de 1884, ano de sua fundação, até 1934, se consolidando enquanto “uma das maiores influências na vida política nacional”, sendo caracterizado como “conservador e de grande expressão” bem como o “mais robusto órgão governista da República Velha” (Brasil, 2015).

partir da leitura de todos os sumários e índices de discursos contidos em cada volume, observando possíveis menções às personagens ou a assuntos aos quais elas ou suas famílias estivessem relacionadas. Além do acompanhamento acerca do comparecimento de senadores que recorrentemente mencionavam as primeiras-damas e da leitura de seus discursos para o efetivo rastreamento das menções, também foi realizada no material a busca por palavras-chave.¹⁴

Para a análise desse conjunto documental, o conceito de representação foi acionado, sendo compreendido enquanto “representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e de apreciação a partir dos quais estes classificam, julgam e agem” ou, ainda, enquanto “formas de exibição do ser social ou do poder político” (Chartier, 1994, p. 108). Da mesma forma, a partir do conceito de representação buscamos observar “o ser social do indivíduo”, o qual é “identificado com a representação que lhe é dada por ele próprio ou pelos outros” (Elias, 2001, p. 20). Metodologicamente, partindo da análise de conteúdo, estes materiais foram analisados a partir dos “núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Bardin, 1977, p. 105), observando a linguagem utilizada, o uso de figuras de linguagem na composição destes e os temas dos discursos relacionados às figuras destas mulheres. Além disso, um dos aspectos metodológicos considerados na leitura deste conjunto de fontes também foi o acontecimento enquanto unidade pertinente de observação (Bardin, 1977).¹⁵

Nesses discursos puderam ser observadas tanto menções às primeiras-damas quanto referências as suas condutas, especialmente quando consideradas não adequadas à uma mulher na posição em que estavam. Assim, em meio a regras morais e de conduta, o exercício da política é compreendido enquanto “uma extensão da condição social de origem e cujas regras são baseadas nas relações de reciprocidade estruturadas em facções centradas em líderes mediadores que controlam grupos não corporados” (Grijó, 1998, p. 23). Paralelo a essa concepção, compreendemos a política enquanto “o lugar, por excelência, da eficácia simbólica, acção que se exerce por mais capazes de produzir coisas sociais e, sobretudo, grupos” (Bourdieu, 1989, p. 159), onde percebe-se a manifestação do poder simbólico, seja na construção ou na manutenção das relações sociais. Apresentado enquanto “[...] poder de

¹⁴ A busca por palavras-chave neste conjunto de fontes foi realizada a partir dos termos: “Orsina da Fonseca”, “Nair de Teffé”, “senhora”, “mulher”, “consorte”, “esposa” e “companheira”.

¹⁵ Em relação ao uso da metodologia da análise de conteúdo, destaca-se a não utilização da categorização, como prevista por Bardin, dada a não aplicação desta ao longo da análise desta pesquisa.

constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo” (Bourdieu, 1989, p. 14-15), o poder simbólico faz emergir as diferentes fronteiras, bem como os limites e possibilidades de atuação políticas dessas duas mulheres.

Além disso, foi realizada a incorporação de outros conjuntos documentais nessa análise, como a entrevista dada por Nair de Teffé ao *Jornal de Petrópolis* onde a mesma posicionou-se em relação aos direitos políticos femininos, já no ano de 1924. Neste conjunto documental buscamos observar a personagem enquanto unidade de registro, atentando às três unidades: emissor, receptor e mensagem, como proposto por Bardin (1977) para investigar as significações presentes nesta fonte. Outra vez, as relações de poder instituídas perpassam essas trajetórias, especialmente as relações de comunicação que, “são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma ou no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes envolvidos nessas relações [...]” (Bourdieu, 1989, p. 11) reforçando a importância de compreensão tanto das redes e espaços de sociabilidade em que Orsina da Fonseca e Nair de Teffé estiveram inseridas quanto dos capitais sociais¹⁶ acumulados pelas duas mulheres. Busca-se compreender a relação entre a pessoa individual – quem foram essas mulheres? – e a posição social – onde estavam inseridas naquela sociedade? – por elas ocupada para que a dinâmica social em que as mesmas estiveram inseridas seja melhor compreendida, tanto de maneira específica quanto geral.

A partir disso, portanto, essa dissertação se estrutura em três capítulos. No primeiro capítulo apresentamos o mapeamento das redes sociais e espaços de sociabilidade de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé, evidenciando aspectos dos contextos social, político, econômico e intelectual da Primeira República. Nessas páginas também foram inseridas referências à literatura do período, assim como no início dessa introdução, com o objetivo de contrapor visões de mundo de diferentes grupos sociais para, assim, situar também as personagens que são objeto dessa análise.

Já no segundo capítulo foram estabelecidos paralelos entre as trajetórias políticas de ambas as mulheres, buscando perceber suas aproximações com a esfera pública e os elementos políticos da esfera privada a partir da observação do cotidiano. Dessa maneira, as trajetórias de

¹⁶ Utilizada por Bourdieu, a noção de capital social designa “a rede de relações, extremamente densas, que são uma das riquezas essenciais da alta sociedade” estando relacionada ainda ao capital simbólico, o qual se refere ao “conjunto de signos e símbolos sociais que permitem situar os agentes no espaço social e são suscetíveis de exercer uma violência imaterial impondo a estrutura social, suas hierarquias e suas relações de dominação nas representações, fazendo-as serem percebidas como legítimas, como naturais” (Pinçon, Charlot-Pinçon, 1999, p. 16).

Orsina da Fonseca e Nair de Teffé foram apresentadas a partir de temáticas presentes em suas atuações como a assistência social, a maternidade, as lutas por direitos femininos, a arte e a educação. Por fim, no terceiro capítulo foram discutidos os modos com que suas atuações foram representadas pela imprensa e por figuras políticas da época através do cruzamento das fontes anteriormente citadas. Foram apresentadas, assim, as análises sobre os protagonismos e os limites para a atuação política de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé em diferentes momentos, a partir das quais se evidencia a ligação entre essas e a construção de suas trajetórias, também influenciadas e moldadas por suas redes e espaços de sociabilidade.

Nesse sentido, a partir do diálogo e dos questionamentos propostos em cada um dos capítulos descritos, aponta-se para a análise das atuações políticas destas primeiras-damas, objetivo central dessa pesquisa. Reunindo suas trajetórias, as relações mantidas ao longo delas e as transformações, continuidades e rupturas vividas por cada uma das personagens em suas experiências sociais, buscamos colaborar com a pluralidade de leituras sobre o cenário político da Primeira República, estendendo, da mesma forma, a importância das pesquisas e reflexões sobre as atuações femininas para além desse recorte temporal. Não apenas na literatura, não apenas na ficção, mas também na história, elas foram políticas, mantendo, por vezes, “o seu ar natural, a sua atitude de inteira tranquilidade [que] davam a entender que continuava a cumprir os seus deveres sociais de uma grande senhora” (Barreto, 1956, p. 108).

Capítulo 1 – “Em política, nessas coisas, a gente não tem muito o que escolher, se uns não são amigos dos outros, uns têm necessidade dos outros e as coisas vão passando”: As redes sociais e os espaços de sociabilidade de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé

“Esta dissertação não foi à toa, em se tratando de política e políticos da Bruzundanga, porque estes últimos são em geral casados com moças educadas pelas religiosas e estas fazem a política do país. Com esse apoio forte, apoio que resiste às revoluções, às mudanças de regímen, eles tratam, no poder, não de atender as necessidades da população, não de lhes resolver os problemas vitais, mas de enriquecerem e firmarem a situação dos seus descendentes e colaterais.”
(*Os Bruzundangas*, 1985, p. 45)

Publicada em 1923, a sátira *Os Bruzundangas*, de Lima Barreto, descreve o país Bruzundanga, seus políticos, costumes, sistemas e sociedade. Partindo da licença poética presente no âmbito literário, o escritor faz nascer o referido país e, em uma leitura repleta de semelhanças, apresenta críticas sociais que refletem o contexto de produção da obra, o Brasil da Primeira República. No trecho apresentado acima, não mera coincidência, Barreto aponta para a relação entre as mulheres e a política nacional, especialmente aquelas que eram casadas com os governantes do país. Além disso, em outro romance produzido pelo autor e já mencionado na introdução desta dissertação – *Numa e a Ninfa* – o protagonismo feminino no universo político também foi evidenciado dentre outros personagens a partir da figura de Edgarda, esposa do deputado Numa, para o qual a mulher produzia discursos que o marido havia de pronunciar em sessões e conferências políticas, dada sua educação e aproximação do universo intelectual. Em um dos diálogos do casal, Edgarda diz-lhe: “Em política, nessas cousas, a gente não tem muito o que escolher. Se uns não são amigos dos outros, uns têm necessidade dos outros e as cousas vão passando” (Barreto, 1956, p. 58), demonstrando seu conhecimento acerca das dinâmicas sociais e políticas do contexto criado na obra. Nessa perspectiva, ambos os romances apontam, portanto, para a atuação política dessas mulheres, comumente intituladas primeiras-damas, importantes objetos para leituras sobre o passado.

Nesse sentido, entendemos que “há uma participação efetiva das mulheres no cenário da política, que as análises que se limitam a estudar participação através de resultados eleitorais não permitem vislumbrar” (Pinto, 2001, p. 100). Partindo dessa perspectiva, apresentam-se diferentes esferas através das quais é possível observar a atuação política dessas mulheres, não apenas restritas ao âmbito político-institucional. Em relação às vertentes da microanálise histórica, Grendi (1998) destaca a contextualização social, sendo essa interessada “pela reconstrução de redes de relações e pela identificação de escolhas específicas (individuais ou

coletivas)” (Grendi, 1998, p. 253). Dessa forma, dialogando com essa perspectiva, ao analisar as redes de relações de duas personagens de modo específico, buscamos não “individualizar comportamentos típicos para ilustrar normas ou modelos” mas sim, “descobrir mecanismos que permitam dar conta da variação, da diferenciação dos comportamentos” (Gribaudo, 1998, p. 132), observando suas movimentações e os contrastes de relações a partir destas.

Da mesma forma, buscamos apresentar a análise sobre as redes enquanto uma possibilidade de observação do “espaço de decisão de um único indivíduo dentro de sua cadeia de interdependências, o âmbito de sua autonomia e a estratégia individual de suas tendências de comportamento [...]” (Elias, 2001, p. 56), centralizando-as nesta narrativa. Com base nessas concepções, nesse capítulo serão apresentadas e analisadas as redes de relações sociais que fizeram parte das trajetórias de duas primeiras-damas da Primeira República: Orsina Francioni da Fonseca e Nair de Teffé von Hoonholtz.

1.1 Antes de primeiras-damas, mulheres

A análise sobre as trajetórias políticas dessas duas personagens requer a compreensão de que as mesmas se encontram atravessadas por relações de poder dentro do âmbito político. Ao observarmos o cenário da participação política das mulheres no Brasil e as análises já realizadas sobre o tema, encontramos contextos onde “os índices de participação da mulher têm sido historicamente muito baixos em quase todas as democracias ocidentais” (Pinto, 2001, p. 101). Nesse sentido, uma análise sobre as trajetórias e atuações políticas possíveis às primeiras-damas também compreende suas formas de participação na política nacional, sua entrada e permanência na política e suas presenças no âmbito público. Os baixos índices ou a aparente ausência dessa participação, de modo geral, explicam-se por inúmeros fatores, dentre os quais encontra-se “a rígida divisão entre o público e o privado estabelecida pelo pacto democrático liberal, onde o público é o lugar da cidadania política e o privado da família e das relações entre os gêneros” (Pinto, 2001, p. 101), estando as mulheres condicionadas a permanecerem neste último.

Nessa perspectiva, considerando as fronteiras entre os âmbitos público e privado que cercam as trajetórias dessas mulheres, importa evidenciar, como afirma Perrot, que “agir no espaço público não é fácil para as mulheres, dedicadas ao domínio privado, criticadas logo que se mostram ou falam mais alto”, a partir da qual “a fronteira do político se revela particularmente resistente” (Perrot, 2019, p. 146). Enquanto primeiras-damas, no entanto, em diferentes momentos os âmbitos público e privado confundem-se em suas trajetórias, assim

como em relação às suas redes sociais, fazendo com que também sejam percebidas enquanto protagonistas do macrocosmo que é considerado o cenário político.

A possibilidade de acesso a esses espaços justifica-se a partir de diferentes condições como, por exemplo, o tempo livre, considerando que “a primeira acumulação de capital político é característica de pessoas dotadas de um excedente econômico que lhes possibilita subtrair-se às atividades produtivas” (Bourdieu, 2011, p. 196) e a formação educacional. Assim, a partir dessa análise é possível investigar as dinâmicas internas dos agentes que fazem parte do âmbito político para compreendê-lo de modo particular, mas também geral.

Nesse sentido, ao propor a análise sobre duas mulheres inseridas em famílias que faziam parte das elites cariocas da primeira metade do século XX, utilizamos a noção de *elite* como meio para atingir a “percepção social que os diferentes atores têm acerca das condições desiguais dadas aos indivíduos no desempenho de seus papéis sociais e políticos” (Heinz, 2006, p. 7). Logo, de acordo com Heinz, “a apropriação da noção de elite pelos historiadores permitiria assim dar conta, através de uma microanálise dos grupos sociais, da diversidade, das relações e das trajetórias do mundo social” (Heinz, 2006, p. 8), às quais buscamos discutir.

Dessa forma, ao estudar as trajetórias de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé consideramos que

Depois da identificação e entendimento das ações cotidianas é possível compreender processos mais amplos como as formas de integração, o ajustamento num novo espaço e a capacidade dos indivíduos de se inserirem em redes formais que garantissem maiores recursos no campo político e econômico (Vendrame, 2016, p. 175).

Portanto, partindo da concepção de que a “reconstrução das redes de um indivíduo ou grupo tem se mostrado instrumento valiosíssimo para analisar a ação social e o tecido de relações interpessoais nas quais as pessoas se encontravam imersas” (Vendrame, 2016, p. 175), o acompanhamento das atuações políticas de ambas as mulheres foi realizado também a partir do rastreamento de suas redes de relações. Logo, esse mapeamento e a análise sobre as redes “puede permitir abordar una cierta complejidad de lo social” (Bertrand, 2012, p. 58).¹

Compreendida enquanto “una estructura construida por la existencia de lazos o de relaciones entre diversos individuos” (Bertrand, 2012, p. 61),² as redes permitem analisar movimentações, escolhas, estratégias (conscientes ou não) dos indivíduos nela envolvidos como um sistema de vínculos. Não concebendo a estrutura e as próprias relações estabelecidas enquanto determinantes das escolhas individuais, objetivamos centralizar esta narrativa no

¹ Tradução livre: “[...] pode permitir abordar certa complexidade do social” (Bertrand, 2012, p. 58, tradução nossa).

² Tradução livre: “[...] uma estrutura construída pela existência de laços ou de relações entre diversos indivíduos” (Bertrand, 2012, p. 61, tradução nossa).

protagonismo das personagens, observando suas distintas movimentações. Assim, em diálogo com Norbert Elias em seu estudo sobre a sociedade de corte, compreendemos que a análise das relações de “alianças e rivalidades familiares, amizades e inimizades pessoais agiam como fatores normais no tratamento dos assuntos de governo, assim como em todos os outros assuntos oficiais” (Elias, 2001, p. 27) não apenas no âmbito da realeza mas também em outros períodos e sociedades históricas, o primeiro aspecto – e através do qual apresentamos a primeira personagem dessa narrativa – é o da análise das relações familiares.

1.2 Da família ao círculo social, um modelo: Orsina Francioni da Fonseca

Nascida em 17 de dezembro de 1858 e considerada “filha de um brasileiro que era symbolo de pureza de character” (*O Paiz*, 21/05/1913, p. 2), Orsina Francioni da Fonseca era filha “do coronel Pedro Paulino da Fonseca, irmão do marechal Deodoro da Fonseca, e de D. Francisca Francioni da Fonseca e irmã do coronel Clodoaldo da Fonseca, actual governador do Estado de Alagoas” (*O Seculo*, 08/12/1913, p. 1), sendo uma entre os 9 filhos do casal. Além disso, Orsina era “sobrinha do general Deodoro da Fonseca, neta do tenente coronel Manoel Mendes da Fonseca e de D. Rosa Paulina da Fonseca e bisneta de Manoel Mendes da Fonseca Galvão e D. Maria Mendes” (*A Notícia*, 30/11 e 01/12/1912, p. 1). De sua família também fazia parte aquele que viria a ser seu marido, o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, seu primo.

Sobre seu histórico familiar, evidenciam-se visibilidades e vinculações políticas e sociais. A mãe de Orsina da Fonseca, Francisca Francioni, casou-se com o coronel Pedro Paulino da Fonseca em 14 de setembro de 1837. Falecida em 1911, tendo o seu enterro considerável repercussão na imprensa do Rio de Janeiro. Lembrada enquanto uma “distinta senhora” (*O Paiz*, 14/02/1911, p. 3), a imprensa veiculou a ampla comoção na cerimônia realizada para o seu funeral, onde compareceram

ministros de Estado, representantes do poder legislativo e judiciário, officiaes generaes do exercito, comandantes e officialidade dos batalhões da guarnição e dos estabelecimentos militares, funcionários publicos e representantes de todas as classes sociaes (*O Paiz*, 14/02/1911, p. 3).

Da mesma forma, o pai de Orsina, o coronel Pedro Paulino da Fonseca, também mantinha relações com a política, principalmente no estado de Alagoas, onde nasceu em 6 de junho de 1829. Em seu testamento político, descreveu algumas de suas participações públicas, como quando “fiz parte do partido Constitucional de Alagoas, organizado já quando d’ali ausente, do qual fui honrado com o título de presidente honorário [...]” (Fonseca, 1895, p. 43),

evidenciando parte de sua trajetória. Na mesma narrativa, construída a partir de uma escrita marcada pelo patriotismo e pelo carinho com seu estado natal, Pedro Paulino destacou: “Errei em ter aceitado a loucura [do] cargo de governador do Estado de Alagoas. O facto de ter lá ido enfrentado em tão alto cargo, houve-me dissabores somente, e muitos” (Fonseca, 1895, p. 45). Falecido em 1902, deixou aos filhos e filhas uma herança política vinculada aos âmbitos nacional e local.

Clodoaldo da Fonseca,³ irmão de Orsina, seguindo uma trajetória próxima a de seu pai, foi governador do estado de Alagoas entre 1912 e 1915 e, em 1922, participou dos levantes tenentistas – assim como o Marechal Hermes da Fonseca, seu cunhado. Em 1918, na disputa eleitoral para governador de Alagoas, através de suas alianças políticas para alcançar a vitória, a imagem de Orsina aparece⁴ utilizada e manipulada para diferentes fins no meio político.

Da mesma forma, analisar o matrimônio estabelecido entre Orsina da Fonseca e o Marechal Hermes da Fonseca requer que sejam entendidas as noções vigentes sobre o casamento durante o período. Em relação ao seu caráter intrafamiliar, destaca-se a importância da família no estabelecimento desses vínculos, demonstrando que o *status* das mulheres da elite “era derivado de suas famílias e não de si mesmas” (Hahner, 2018, p. 43). Assim, compreendendo que “as opções de vida disponíveis às mulheres da elite estavam intimamente ligadas aos interesses de sua família” e, sendo uma das poucas filhas mulheres entre seus irmãos, o matrimônio entre Orsina e Hermes pode ser observado enquanto “uma aliança considerada adequada [pois] preservava a posição financeira e social das famílias dos noivos” (Hahner, 2018, p. 48). Logo, tendo passado parte da infância ao lado do primo pois, “quando a mãe de Hermes da Fonseca decidiu sair do Rio Grande do Sul para viver no Rio de Janeiro, hospedou-se com os quatro filhos que levava com ela na casa da irmã” (Guedes, Melo, 2019, p. 55-56), ao longo da adolescência ambos se tornaram próximos e, em 1877, o casamento se concretizou, contando Orsina com 19 anos e Hermes, 22.

A partir do casamento o casal teve cinco filhos, descritos em 1912 como “Mário, 1º tenente do Exército e deputado federal; Leonidas, 2º tenente e ajudante de ordem do presidente da Republica; Euclides, aspirante a official; Manoel Deodoro; e Hermes, alumno do collegio militar”, destacando que, além destes, o casal “teve mais duas filhas, que morreram logo depois

³ Nascido no dia 12 de março de 1860 no Rio de Janeiro, Clodoaldo da Fonseca foi “eleito governador de Alagoas em 12 de março de 1912 na sucessão de Euclides Malta [...]” e, “como general da brigada, comandou em 1921 a Região Militar do estado do Pará”. Ver mais em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FONSECA,%20Clodoaldo%20da.pdf> Acesso realizado em 23/01/2024.

⁴ A menção refere-se ao uso da imagem de Orsina da Fonseca pelo senador Raymundo Pontes de Miranda para sua eleição enquanto senador pelo estado de Alagoas (1912-1921). As discussões sobre representação e atuações políticas da personagem, por sua vez, concentram-se no terceiro capítulo dessa dissertação.

do nascimento” (*A Notícia*, 30/11 e 01/12/1912, p. 1). Em relação aos filhos do casal que seguiram carreira política, destacam-se as atuações de Mário Hermes da Fonseca e Euclides Hermes da Fonseca. O primeiro atuando enquanto deputado federal pelo Estado da Bahia entre os anos de 1912 a 1923, no pós-1930, declarando seu apoio à Getúlio Vargas e, em 1953, recebendo a concessão das honras enquanto general do Exército brasileiro.⁵ Já seu irmão, Euclides Hermes da Fonseca, também seguiu carreira militar, tendo sido comandante do forte de Copacabana, liderando a Revolta de 5 de julho de 1922, constitucionalista em 1932 – quando também recebeu a patente de tenente-coronel – e comandante de artilharia do Distrito Federal durante a década de 1940.⁶

Casados há cerca de 30 anos, quando o Marechal Hermes da Fonseca se tornou presidente do país em 1910, Orsina da Fonseca passou, então, a ocupar a função de primeira-dama. Ainda que sua figura já fosse veiculada antes disso na imprensa, como em ações relacionadas ao início das ocupações da Villa Militar Deodoro (*Fon-Fon*, 25/09/1909, p. 9), por exemplo, foi enquanto primeira-dama que Orsina teve suas ações e vida pública levadas a grande visibilidade. Ampliaram-se as representações acerca dela veiculadas pela imprensa, as quais a descreviam lembrando que “D. Orsina Fonseca tem a sua vida voltada para a sua família, onde os seus predicados avultam e se reflectem serenamente creando aquella invejavel atmospheria de paz e de felicidade no meio da qual vivem o seu esposo e os seus filhos” (*O Paiz*, 17/12/1910, p. 3), elencando-a enquanto responsável pela manutenção da ordem e da estabilidade no ambiente privado da família. Outras descrições sobre ela reforçam a vinculação entre a mulher e os cuidados com o lar, com o marido e com os filhos, lembrando-a como “uma digna e forte companheira amparando pela serena energia do seu espírito e pelo devotamento affectuosissimo do seu coração a vida do seu lar de um constante e renovado ambiente de bem estar e de felicidade” (*O Paiz*, 17/12/1910, p. 3). Em notas que a felicitavam por seu aniversário, suas descrições seguiam a mesma narrativa, descrevendo-a como “digna esposa do sr. Marechal Hermes da Fonseca” e “um dos mais brilhantes ornamentos da sociedade fluminense” (*O Fluminense*, 18/12/1910, p. 1).

Apesar das descrições sobre a figura da primeira-dama aparecerem em sua maioria associadas ao ambiente privado do lar e da família, diferentes acontecimentos sobre sua vida – agora também amplamente pública – eram veiculados pela imprensa, como quando da comemoração dos 32 anos de matrimônio entre o casal. Em manchetes sobre o aniversário de

⁵ Ver mais em: Ribeiro, 2024.

⁶ Ver mais em: Coutinho, 2024.

casamento destacavam-se notas que a descreviam como “[...] amantíssima esposa, cujas virtudes vêm completando seu forte espírito em todas as etapas da vida” (*O Paiz*, 16/04/1911, p. 3), concebendo-a enquanto uma espécie de complemento ao Marechal Hermes da Fonseca.

No entanto, ainda que inserida dentro dos padrões de modelos de comportamentos esperados para uma primeira-dama, Orsina da Fonseca não se afastou da política ou do cenário público e tal afirmação pode ser sustentada a partir da construção de sua rede social e dos espaços de sociabilidade em que esteve inserida ao longo de sua trajetória. Ainda em 1910, por exemplo, a imprensa veiculava a notícia de seu retorno ao Brasil após uma viagem à Europa sem a companhia de seu marido, “pelas circunstancias especiaes de sua alta investidura política” mas destacando que “a digna senhora regressa á sua pátria, em companhia do Dr. Amarílio Olinda de Vasconcellos, do Dr. Amarílio Hermes de Vasconcellos e do Dr. Alvaro de Teffé e senhora” (*O Paiz*, 18/10/1910, p. 5). Apesar das presenças masculinas serem destacadas acompanhando a primeira-dama, não se pode deixar de considerar sua viagem sem a companhia do Marechal enquanto uma movimentação que a proporcionava certo protagonismo, não ficando à sombra do presidente.

Ainda sobre a mesma recepção e demais reuniões organizadas no Palácio do Catete é possível observar outros vínculos estabelecidos por Orsina da Fonseca tal como a aproximação com a primeira-dama que a antecedeu, Sr. D. Annita Peçanha. Ao chegar de viagem em outubro de 1910, Orsina foi recebida com uma grande recepção e, “em companhia da Sra. Nilo Peçanha, no carro presidencial, dirigiu-se para sua residencia seguida por mais de cinquenta carros” (*Revista da Semana*, 30/10/1910, p. 15). Nesse contexto, uma das imagens daquelas que foram chamadas as “famílias presidenciaes” (*O Malho*, 05/11/1910, p. 27) dava destaque e centralidade às figuras femininas,⁷ estando as primeiras-damas em primeiro plano e cercadas pelos demais (Imagem 1).

⁷ Com base nas dificuldades para o encontro destas mulheres nas fontes utilizadas nesta pesquisa, conforme mencionado na introdução, cabe ressaltar que as imagens em que elas aparecem foram, da mesma forma, raras. Este aspecto merece destaque, portanto, devido ao poder e ao prestígio que dava à figura destas mulheres. No entanto, considerando as técnicas fotográficas do período e as distintas condições de preservação destas documentações, em alguns destes registros as imagens destas mulheres aparecem com menor nitidez, aspecto que também pode dialogar com a marginalização feminina na escrita e no estudo da história. Nesse sentido, as legendas destas imagens tornaram o processo de identificação e de análise facilitado.

Imagem 1 - Famílias Presidenciaes



Fonte: *O Malho*, 05/11/1910, p. 27

Com caráter de continuidade, por sua vez, as relações com o casal Peçanha permaneceram após o início do mandato presidencial do Marechal Hermes da Fonseca, destacando as visitas realizadas no Palácio do Catete e as entradas “do Dr. Nilo Peçanha e sua Exma. esposa [em que] foram-lhes atiradas pétalas de flores pelas senhoras presentes” (*O Paiz*, 04/01/1911, p. 1). Nessa ocasião, nota-se ainda a presença de outras figuras na recepção como o “general Dantas Barreto, ministro da guerra, coronel Percílio da Fonseca, chefe da casa militar da presidencia; Dr. Alvaro de Teffé, secretario da presidencia e as casas militar e civil” (*O Paiz*, 04/01/1911, p. 1).

Da mesma forma, o estudo e análise sobre as redes de relações de Orsina da Fonseca dizem respeito ao estabelecimento dessas por outros meios geradores de solidariedade advindos “de compadrio, gênero, amizade, atividade profissional, vizinhança, ideologia, etc” (Vargas, 2017, p. 146), como, por exemplo, os convites que o casal recebia para apadrinhar diferentes crianças. Em 1910, por exemplo, o nome de Orsina da Fonseca foi veiculado ao lado do de seu marido enquanto padrinhos do filho recém-nascido do “coronel Joaquim Melchior Carneiro de Mendonça, fiscal do 1º regimento de infantaria” (*O Paiz*, 29/03/1910, p. 5). Já no ano seguinte, novamente o casal foi convidado a batizar a “filhinha do capitão-tenente José Felix da Cunha

Menezes,⁸ ajudando de ordens da presidencia” (*O Paiz*, 04/06/1911, p. 3), evidenciando o fortalecimento de laços familiares e sociais, mas também políticos, entre os envolvidos. Em casos como esse, portanto, o compadrio pode servir para reforçar uma relação já existente antes do batismo da criança, evidenciando relações sociais anteriores que eram parte da rede social do casal.

Ainda em relação ao apadrinhamento de crianças e o estabelecimento ou a manutenção de vínculos a partir destes, também pode-se observar as relações intrafamiliares nesses contextos. A exemplo disso, há a notícia sobre o batizado do primeiro filho do tenente Leônidas da Fonseca, Pedro Paulino, neto de Orsina e Hermes da Fonseca. Recebendo o nome em homenagem ao seu avô, o pai de Orsina e tio de Hermes, no batizado estiveram presentes diferentes figuras do cenário político como:

[...] senador Pinheiro Machado e senhora, Dr. Alvaro de Teffé e senhora, Dr. Gastão Teixeira e senhora, coronel Luiz Barbedo, deputados Fonseca Hermes e Mario Hermes, Dr. Belisario Tavora e senhora, capitão-tenente Reginaldo Teixeira e senhora, capitão-tenente Cunha Menezes e senhora, Dr. Theodoro Figueira de Almeida, Dr. Daniel de Almeida, capitão de mar e guerra Marques da Rocha, Affonso Fonseca e senhora, D. Josephina Braga, capitão Domingos Soares, tenentes Euclides Fonseca e Gustavo Terral, Alberto Barcellos, Dr. João M. Lacerda, Oldemar Lacerda e senhora, Dr. Ajax Fonseca e diversos representantes da imprensa [...] (*O Paiz*, 07/07/1912, p. 4).

Considerando o batismo um importante momento de consagração familiar em que a presença destas pessoas demonstrava grande respeito à família Fonseca, a partir desta lista veiculada pelo jornal é possível perceber diferentes aspectos sobre o período. Em primeiro lugar a não nomeação das mulheres que estavam acompanhando seus maridos, denominando-as apenas *senhoras*, demonstra a dificuldade que o estudo sobre essas mulheres enfrenta – ainda que estejamos estudando elites, grupos que tradicionalmente deixam mais registros. Um segundo aspecto que pode ser observado é a presença do capitão-tenente Cunha Menezes e de sua esposa, os quais já haviam convidado, no ano anterior, o presidente e a primeira-dama para a função de padrinhos de sua filha. Essa relação pode evidenciar o estreitamento de vínculos entre as partes, considerando tanto o conjunto de relações pessoais quanto o conteúdo dessas ligações pessoais (Vargas, 2017, p. 150). Como terceira observação sobre a lista dos presentes naquela ocasião, também é possível observar a existência de relações entre as famílias Fonseca

⁸ José Felix da Cunha Menezes foi diretor do Jardim Botânico e, em diferentes ocasiões, recebia o casal em visitas ao local (*A Imprensa*, 15/04/1910, p. 1). Em notas sobre o aceite do casal para serem padrinhos do seu filho, também foi descrito enquanto “um dos distintos ajudantes de ordens do Presidente da Republica” (*A Imprensa*, 04/06/1911, p. 1).

e Teffé a partir da presença de Álvaro e Nicola de Teffé na cerimônia e comemoração do batizado. Essas aproximações evidenciam a importância das redes do casal a qual reflete no segundo casamento do Marechal Hermes da Fonseca com uma mulher dessas famílias, aspectos que discutiremos mais adiante neste capítulo.

Outro exemplo em relação à construção das redes de relações é a presença de Orsina da Fonseca, ao lado do marido, enquanto testemunhas de casamentos de grupos das elites do período, interseccionando interesses e capitais sociais, políticos e militares. O casamento de D. Praxedes Ovalle, “filha da viuva D. Elisa Ovalle” e do tenente do exército Caio Lustosa de Lemos, “irmão do senador Arthur Lemos”, teve como testemunhas por parte do noivo “o marechal Hermes da Fonseca, presidente da República, e sua Exma. esposa D. Orsina da Fonseca” (*O Paiz*, 14/06/1911, p. 4). Veiculada a imagem após a cerimônia de casamento (*Revista da Semana*, 01/07/1911, p. 6), o casal presidencial aparece novamente em destaque, ao lado dos noivos e cercados pelos demais presentes

. Outro exemplo destas relações também ocorreu quando do comparecimento do casal presidencial enquanto testemunhas do casamento do “sr. Raul Guimarães [...] filho do sr. Joaquim da Silva Guimarães, agente fiscal do imposto do Consumo do Districto Federal, com a senhorita Julieta Guimarães, filha do sr. Amaro da Silva Guimarães, tesoureiro da Recebedoria do Districto Federal” (*Correio da Manhã*, 14/11/1911, p. 4). Em uma cerimônia pequena, bastante reservada segundo nota da imprensa, o comparecimento de Hermes e Orsina enquanto testemunhas pode ser lido enquanto uma evidência da centralidade e dos lugares sociais que ambos ocupavam.

Além dessas relações intra-elites, outros grupos sociais também consideravam importante a presença e o aceite do casal no apadrinhamento de seus filhos. Em uma reportagem fotográfica, por exemplo, Orsina da Fonseca e o Marechal Hermes da Fonseca aparecem enquanto padrinhos “do innocente Geraldo, filho do operário Sr. Macario Rijo de Moraes e D. Encarnação Salgado de Moraes” (*Revista da Semana*, 01/06/1912, p. 9). Veiculada por outros meios de comunicação à época (*Fon-Fon*, 01/06/1912, p. 51; *O Paiz*, 21/05/1912, p. 5) a imagem do apadrinhamento do filho de Macario Rijo de Moraes⁹ pelo então presidente e primeira-dama pode ser indicativo da evidência do lugar de benemerência que o casal ocupava naquela sociedade, bem como do apoio de grupos do operariado ao governo durante o mandato

⁹ Macário Rijo de Moraes foi trabalhador ferroviário da Central do Brasil e esteve envolvido na construção de estradas, ficando “gravemente ferido depois que caiu do trem que consertava dentro das oficinas do Engenho de Dentro” (Fraccaro, 2008, p. 44). A partir dessa relação, portanto, considerando o acidente de trabalho sofrido por Macário, o apadrinhamento pode ter sido usado de forma populista pelo presidente.

de Hermes da Fonseca. Nesse caso, menos do que o estabelecimento de uma rede de relações, tal ação evidencia aspectos do meio político e, por ter sido um ato veiculado amplamente pela imprensa, colaborou na construção e na manutenção de uma imagem positiva do presidente e de sua esposa.

No entanto, as relações de Orsina da Fonseca com os grupos operários não se limitavam a estas. Lembrada, assim como a figura do Marechal, com muito apreço, a primeira-dama aparece sendo saudada em manifestações operárias como quando os operários e operárias da Imprensa Nacional organizaram uma manifestação “de apreço ao Marechal Hermes da Fonseca e sua Exma. esposa [...]”, ocasião em que Orsina da Fonseca seria “cumprimentada por uma operária, que falará também em nome das suas colegas” (*O Paiz*, 13/10/1911, p. 1). Segundo nota veiculada pelo jornal *O Paiz*, a manifestação havia sido motivada pelo impulso de “justa gratidão a segurança de que o governo mantinha o firme proposito de garantir o bem estar dos operários, maõ grado os boatos em contrario espalhados, perversamente [...]” sendo os discursos proferidos alusivos ao governo e à primeira-dama, à qual “a senhorita Dinah Monteiro, em nome de suas companheiras de trabalho ofereceu à Exma. Sra. D. Orsina da Fonseca um modesto cartão de ouro com expressiva dedicatória” (*O Paiz*, 22/10/1911, p. 1).

Enquanto um jornal alinhado ao governo, a veiculação desta notícia pelo *O Paiz* e a realização da manifestação operária em favor do Marechal Hermes da Fonseca também pode ser questionada enquanto um meio para a construção da imagem de um governante próximo e amigo do povo. Tal aspecto pode ser indicativo das mudanças entre as relações do Estado e o movimento operário a partir da eleição de Hermes da Fonseca em 1910, sendo ele “o primeiro candidato à presidência a mencionar em sua plataforma a existência de um problema operário a ser resolvido e a se referir à vida difícil dos pobres, mesmo que não propusesse nada de concreto para solucionar tais questões” (Batalha, 2000, p. 44). Assim, ainda que dividido entre ações que ora sinalizavam em favor dos grupos operários, ora em favor da continuidade da repressão de governos anteriores, uma das ações promovidas pelo governo foi o “programa de construção das vilas proletárias Marechal Hermes e Orsina da Fonseca (bairros planejados no subúrbio carioca), interrompido em 1914” (Batalha, 2000, p. 45).

Inaugurada em 1913, a chamada Vila Proletária Orsina da Fonseca foi construída no “bairro Gavea, para moradia de operários” que, reunidos em grupos como “a Confederação Brasileira do Trabalho, União dos Operários Estivadores, União Protectora dos Catraeiros, Liga do Operariado do Distrito Federal e outras [...]” (*Correio da Noite*, 12/11/1913, p. 2) ocupariam aquelas habitações. Em homenagem à ex-primeira-dama, naquele momento já falecida, a

inauguração da Vila Proletária Orsina da Fonseca foi realizada em 17 de dezembro de 1913, quando o Marechal Hermes da Fonseca já encontrava-se recentemente casado com Nair de Teffé. A inauguração deu-se em homenagem ao aniversário “que hoje se passava, da saudosa senhora D. Orsina da Fonseca”, sendo “[...] hoje entregues as chaves das casas da Villa Proletária Orsina da Fonseca na Gavea aos operários que as vão habitar” (*Correio da Noite*, 17/12/1913, p. 2). Além disso, a relação de Orsina da Fonseca com a construção da vila que levou seu nome foi lembrada desde quando “lançada a pedra fundamental da Villa, que amanhã se inaugura, a 12 de maio de 1912, ainda em vida da virtuosa senhora, da exemplar esposa e mãe, cujo nome patrono honra-lhe a designação [...]” (*Correio da Noite*, 14/11/1913, p. 1).¹⁰ Novamente, como pode-se perceber, a representação da figura da primeira-dama foi construída a partir de ideais e padrões vistos como naturais às mulheres, como o de ser uma boa mãe e uma esposa exemplar.

A partir da relação, ainda que indireta de Orsina da Fonseca com a construção das vilas proletárias e o problema de habitação da capital naquele momento, sua imagem é construída como uma figura materna, associando-a ao cuidado com o próximo. Ou seja, as idealizações acerca dos comportamentos e atitudes femininas passavam tanto pela adequação a padrões estéticos quanto “sobre imagens modelares de mulheres, inspiradas em antigas representações do feminino, como a essencialização da maternidade” (Silva, 2012, p. 24), aspecto presente nas representações sobre Orsina da Fonseca. Nessa perspectiva, essa aproximação da primeira-dama com o cenário público demonstra a elaboração da função social¹¹ dessas mulheres, evidenciando que

[...] enquanto os problemas relacionados à pobreza, ao desamparo da população foram concebidos como não pertencentes aos assuntos do Estado, enquanto a pobreza foi tida como problema a ser resolvido pela sociedade civil e pela Igreja, deixando seu equacionamento como gesto benemérito dos homens e mulheres bons, criaram-se as bases para o desenvolvimento de práticas caritativas pela sociedade, orientadas pelo ideário de caridade cristã de amor ao próximo, que tinham nas mulheres as suas principais praticantes (Simili, 2008, p. 44).

¹⁰ Cabe ressaltar, ainda em relação às vilas proletárias, a participação de grupos do operariado e da Confederação Brasileira do Trabalho na convocação do povo para assistirem e participarem da inauguração da Vila Proletária Orsina da Fonseca, destacando o convite aos mesmos de modo a “cumprir o vosso dever, comparecendo á festa que é nossa” (*Correio da Noite*, 14/11/1913, p. 1). Por outro lado, já em um período posterior, as notícias sobre a construção e habitação dessa instalação tomam outro caráter, denunciando o “descaso dos poderes publicos” e o “desprezo das nossas administrações locais pelo que devia merecer algum cuidado, não já pela esthetica, mas pela segurança e pela limpeza...” (*O Malho*, 31/05/1924, p. 30).

¹¹ As práticas de caridade e filantropia foram meios pelos quais as mulheres de elite aproximaram-se do cenário público e tiveram suas ações veiculadas pela imprensa, por exemplo, destacando essas práticas enquanto reforços de “seu pertencimento ao grupo” (Paula, 2019, p. 121), não restringindo essa concepção apenas às mulheres das elites do Rio de Janeiro na Primeira República. Para mais análises sobre o tema consultar: Simili (2008), Barbosa (2017), Paula (2019).

Nesse sentido, tanto as ações do governo quanto a utilização da figura da primeira-dama com as demandas de grupos operários evidenciam um momento em que a personagem assume um papel público, ainda que esse a aproxime de uma versão romantizada de “mãe da nação”. Da mesma forma, em relação ao uso de sua imagem em ações promovidas pelo governo, evidencia-se o quanto “o presidente da República necessita de esposa, que sua figura e sua presença nas cercanias do poder são ingredientes importantes no campo das representações políticas para o homem público” (Simili, 2008, p. 58). No entanto, a partir do envolvimento da primeira-dama relacionado ao âmbito da assistência social e da benemerência, essas atitudes serviram “para demarcar um espaço de atuação social” o qual estava construído a partir “dos códigos e valores de classe que as fazia acreditar que cumpriam um papel típico da classe dirigente”, mas também “dos de gênero, que polarizavam ambientes através de uma lógica binária, condicionando as atividades femininas no meio social a uma extensão das tarefas do lar” (Silva, 2012, p. 20).

Outra rede que possibilita observar esse tipo de relação diz respeito ao envolvimento de Orsina da Fonseca enquanto integrante da Sociedade da Cruz Vermelha, instituição “destinada a prestar directamente, ou em auxílio ao governo, socorro aos feridos e enfermos e protecção aos necessitados, em tempo de guerra, no mar, nos campos de batalha ou fora delles” (*A Faceira*, outubro/1912, p. 8). Em notas sobre a instituição, a primeira-dama foi descrita como integrante do conselho diretor que era “constituído de 30 sócios, sem distincção de sexo” e que, portanto, “depara-se, por consequencia ao elemento feminino excellente oportunidade de levar o seu esforço, a sua dedicação a tão benemérita sociedade” (*A Faceira*, outubro/1912, p. 8). Em notas do mesmo ano, a imprensa também veiculou a informação de cartões escritos pela primeira-dama endereçados à instituição com fins de agradecimento pela indicação para que ocupasse o cargo de membro do Conselho Diretor (*Jornal do Brasil*, 28/03/1912, p. 9). Nesse sentido, o jornal colabora com a veiculação de uma “autoimagem de ‘civildade’ das elites” (Silva, 2012, p. 23) impondo às mulheres desses grupos uma espécie de código disciplinar pois as mesmas “eram ‘pontos de referência’ e destaque do segmento dominante” (Silva, 2012, p. 23-24). Ou seja, alinham-se a essas análises as descrições sobre Orsina da Fonseca na imprensa.

Ainda de acordo com Silva (2012, p. 25), consideramos que “a significação dos espaços de atuação feminina passa também pela compreensão da dinâmica informal e cotidiana das ações políticas desenvolvidas pelas mulheres”, ou seja, não apenas restrita aos espaços político-institucionais, mas ao rotineiro, ao cotidiano. Nesse sentido, voltemos às redes de relações da primeira-dama. Buscando compreender as redes em que ela esteve inserida, é imperativo

ampliar “la concepción y la dimensión de la ‘familia’, mas allá de sólo el linaje, a la del parentesco, fuera éste consanguíneo o más ampliamente de alianzas, tanto de matrimonio, de amistad y de protección como espirituales” (Bertrand, 2012, p. 55).¹² Assim, ainda que as relações familiares e o próprio matrimônio da personagem tenham papel importante em sua trajetória e na compreensão sobre suas redes de relações sociais, as amizades e vínculos externos também podem ampliar essas compreensões, especialmente em relação a outras mulheres que, naquele período, atuaram politicamente – ação que não foi, num primeiro momento, associada à primeira-dama.

A partir do discurso proferido pelo senador Ruy Barbosa na sessão de 11 de novembro de 1914 no Senado Federal, a figura de Orsina da Fonseca foi lembrada enquanto “a immaculada companheira de sua vida [...] Santa senhora, que soubera ser consorte fiel do seu marido, a desvelada mãe de seus filhos, a regente modesta de sua casa [...]” (*Anais do Senado Federal*, 1917c, p. 110). Além dessas caracterizações, ela foi descrita enquanto mulher exemplar, “[...] cuja discricção não assumiu jamais a menor parte na vida official do presidente” (*Anais do Senado Federal*, 1917c, p. 110), delineando uma suposta ausência e afastamento em relação aos assuntos políticos ou presidenciais e, por conta disso, sendo considerada uma mulher exemplar.

Alheia à política, no entanto, Orsina da Fonseca não esteve. Considerada amiga íntima da professora Leolinda de Figueiredo Daltro, Orsina “recebia a militante da causa das mulheres em sua residência e apoiava as iniciativas do Partido Republicano Feminino¹³ (PRF), fundado pela amiga em 1910” (Guedes, Melo, 2019, p. 57). Essa relação, por sua vez, foi refletida na homenagem que o partido lhe direcionou ao inaugurar uma escola, intitulada de artes e profissões feminina, sendo a instituição “denominada Escola Orsina da Fonseca, em homenagem á Exma. esposa do Sr. presidente da Republica” (*O Paiz*, 26/05/1911, p. 7). A partir disso, a figura de Orsina da Fonseca foi lembrada e associada em diferentes momentos às ações da escola e do partido, como em nota onde lia-se que: “O Partido Republicano Feminino

¹² Tradução livre: “[...] a concepção e a dimensão da ‘família’, para além somente da linhagem, para a do parentesco, seja este consanguíneo ou mais amplamente de alianças, tanto de matrimônio, de amizade e de proteção, como espirituais” (Bertrand, 2012, p. 55, tradução nossa).

¹³ Fundado no final de 1910 no Rio de Janeiro, o Partido Republicano Feminino foi um partido político que objetivou integrar as mulheres na sociedade política, sendo inicialmente formado por professoras, escritoras e donas de casa. Em seu programa destacou-se a luta pelo sufrágio feminino e pela emancipação feminina, sendo publicado o texto de seu estatuto no Diário Oficial de 17 de dezembro de 1910. Nesse documento constam enquanto “presidente, Leolinda Figueiredo Daltro; primeira vice-presidente, Maria Carlota Vaz de Albuquerque; segunda vice-presidente, Emília Torterolli Araldo; primeira-secretária, Hermelinda Fonseca da Cunha e Silva; segunda-secretária, Gilka da Costa Machado; tesoureira, Goldemira Moreira dos Anjos; arquivista, Áurea Daltro; procuradora, Alice Esperança Arnosa; zeladora, Vitalina Faria Sena” (Melo, Marques, 2015, p. 3-4). Para mais análises sobre o PRF, consultar Karawejczyk (2020).

havendo resolvido festejar a primavera não se podia abster de vir apresentar-vos uma escola para a qual o vosso nome tem sido como uma égide” (*A Imprensa*, 23/09/1911, p. 4), fazendo referência à personagem.

Em relação ao estabelecimento e funcionamento da escola, o senador Raymundo Miranda aparece novamente fazendo menção elogiosa à instituição que envolvia o nome de Orsina da Fonseca, destacando em seu discurso na sessão de 28 de dezembro de 1912 que “a mulher, tendo o curso dessa escola, pôde se dizer que está perfeitamente garantida contra as vicissitudes da vida” (*Anais do Senado Federal*, 1916a, p. 553). Assim, criada a partir de imperativos defendidos pelo Partido Republicano Feminino, a Escola Orsina da Fonseca ¹⁴tornou-se uma das maneiras com que a primeira-dama aproximou tanto a instituição quanto a si própria da política nacional e de assuntos emergentes como o feminismo.¹⁵ Presentes no Palácio do Catete (*Careta*, 30/09/1911, p. 9), alunas e membras do PRF aproximavam suas demandas da agenda presidencial através do apoio dado por Orsina da Fonseca.¹⁶ Manifestações de apreço ao Marechal Hermes da Fonseca eram lideradas por tais grupos, destacando, por exemplo, imagens do presidente “acompanhado de sua Exma. esposa e do Sr. Ministro do Interior, recebendo, no Palácio do Cattete, a comissão do Partido Republicano Feminino e professoras da Escola Orsina da Fonseca” (*Revista da Semana*, 30/09/1911, p. 9), acompanhados de alunas da escola que também dirigiam-se ao Palácio do Governo.

Além da figura de Leolinda, outras mulheres integrantes do PRF mantinham relações de admiração para com a primeira-dama, como a poetisa Gylka da Costa Machado. Responsável por realizar o discurso oficial de abertura das atividades da escola, a poetisa, após fazer menção ao papel da mulher na sociedade, “offereceu o título de protectora á Exma. Sra. D. Orsina Fonseca, ‘em nome da família, do sexo, do partido feminino e como um culto á mulher, á mãe, á esposa virtuosa’” (*O Paiz*, 19/06/1911, p. 6), delineando novamente a representação da primeira-dama de maneira exemplar em relação aos padrões femininos das mulheres das elites à época, considerando que as experiências dessas mulheres “se pautaram no emaranhado de

¹⁴ Para saber mais sobre a escola, ver: Alves (2016, 2021); Sepulveda, Alves (2021); Gaspar, Vilela (2014).

¹⁵ Em relação a esse movimento, na historiografia convencionou-se a denominação de feminismo de primeira onda, sendo este caracterizado “pelas reivindicações que ocorreram entre o final do século XIX e o início do XX, na qual as questões mais debatidas eram os direitos políticos, sociais e econômicos das mulheres, nesta ordem” (Karawejczyk, 2014a, p. 330). O termo também foi utilizado pela imprensa da época para tratar da temática emergente das mulheres no cenário político, como demonstrou Karawejczyk (2014a, 2014b, 2018).

¹⁶ Considerando as lutas e reivindicações pelos direitos políticos femininos ao longo do início do século XX, no ano de 1910 foi fundado o Partido Republicano Feminino sob presidência de Leolinda de Figueiredo Daltro, sendo o mesmo uma organização formada de maneira exclusiva por mulheres. Ver mais em: (Melo, Marques, 2015)

saberes que estabeleciam os códigos de postura e comportamento para cada um dos sexos, inscritos em um longo processo de dominação” (Silva, 2012, p. 21).

Tal processo foi marcado tanto pelo gênero quanto pela condição social e política da personagem, aspectos evidenciados a partir de sua rede de relações. Essas, por sua vez, eram formadas tanto pela presença de homens quanto de mulheres das elites daquele momento, como veiculado em matéria relacionada ao tema da assistência social – aspecto que, nos capítulos seguintes, será analisado em relação às trajetórias de ambas as personagens desta pesquisa. Enquanto integrante da direção do Centro Catholico no Rio de Janeiro – atuando a personagem enquanto “Presidente de honra da Comissão” (*Jornal do Commercio*, 21/07/1911, p. 5) da instituição – a partir desta a primeira-dama vinculava-se a outras mulheres como quando da promoção de um festejo em prol das crianças pobres em que a comissão diretora era formada pelas

Exmas. Sras. DD. Orsina da Fonseca, presidente de honra; Rivadavia Corrêa, vice-presidente de honra; Bento Ribeiro, presidente effective; Alvaro de Teffé, 1ª na presidência effective; Chiquita de Melo Mattos, 2ª na presidência effective; Belisario Tavora, tesoureira; Maria Luiza Deorey, secretaria (*A Notícia*, 15 e 16/09/1911, p. 3).

Sobre as senhoras que promovem tal festividade, destaca-se a presença das esposas de Rivadávia Corrêa e Bento Ribeiro. Ambos faziam parte de famílias das elites sul-riograndenses e exerciam em 1911, respectivamente, os cargos de Ministro da Justiça e prefeito do Distrito Federal. A aproximação entre essas mulheres pode evidenciar, portanto, a formação de uma rede que se estendia aos gaúchos que moravam no Rio de Janeiro. Apesar de referenciadas em sua maioria a partir do nome de seus maridos, aspecto que dificulta o encontro e a análise sobre essas mulheres, elas estabeleceram contato e agiram sobre o contexto político do período, formando uma rede de relações feminina. A partir desta, portanto, é possível encontrar a primeira-dama, mas não apenas ela, agindo politicamente, bem como quando recepciona, no palácio da Guanabara, “a Exma. esposa do Sr. Dr. Antônio Luiz Gomes, ministro de Portugal” (*Gazeta de Notícias*, 26/09/1911, p. 1) e quanto, em nota, divulga-se que “Mme. Hermes da Fonseca receberá segunda-feira próxima, às 4 horas da tarde, as esposas dos diplomatas acreditados junto ao nosso governo” (*O Seculo*, 08/07/1911, p. 2; *O Seculo*, 10/07/1911, p. 1), demonstrando a extensão destas relações. De maneira semelhante, a primeira-dama também esteve presente em festividades promovidas por políticos de outros estados, inserindo-se não apenas entre os círculos sociais das elites da capital no Rio de Janeiro mas também em outras regiões do país, como quando compareceu à festa promovida pelo senador do Maranhão,

Mendes de Almeida, na qual a família Teffé também esteve presente (*Jornal do Brasil*, 30/07/1912, p. 5). Ou seja, quando autoridades políticas e diplomáticas viajavam acompanhados de suas esposas para conferências ou reuniões com o presidente da República, a primeira-dama deveria estar presente para recepcionar e acompanhar essas mulheres, sendo esse um movimento que demonstra o papel político de Orsina da Fonseca a partir do exercício de poder e de funções políticas.

Assim, a primeira-dama Orsina da Fonseca também foi responsável por tais recepções privadas com as mulheres de ministros e diplomatas, sendo esses encontros descritos como uma “audiência particular, no palacio Guanabara” para receber “a Sra. do ministro portuguez” (*A Tribuna*, 25/09/1911, p. 2) ou enquanto uma recepção das “senhoras dos ministros estrangeiros residentes nesta capital” (*A Tribuna*, 08/07/1911, p. 1) em outras ocasiões, raramente nomeando essas mulheres. A recepção das esposas de embaixadores seguia a mesma forma narrativa de veiculação pela imprensa, que noticiava, por exemplo, que Orsina da Fonseca recebeu “a esposa do sr. Irving Dudley, embaixador dos Estados Unidos” (*O Seculo*, 15/09/1911, p. 2), não nomeando-a mas possibilitando a compreensão sobre as relações políticas que a função de primeira-dama exigia da personagem.

Sobre as recepções por ela organizadas enquanto exerceu a função de primeira-dama, destacam-se a relação com o cenário diplomático internacional e as demais mulheres que faziam parte deste. Em uma dessas ocasiões, em recepção ao corpo diplomático estrangeiro, a imprensa divulgou notas narrando que “A Exma. Sra. Hermes da Fonseca foi coadjuvada nas honras da recepção pelas Sras. Alvaro Teffé, Cunha Menezes, Lamenha Lins, Enéas Martins e Cardoso de Oliveira” (*A Tribuna*, 11/07/1911, p. 1), possibilitando observar a relação da primeira-dama com outras mulheres das elites sociais do período. A partir desses contatos entre o Brasil e os demais países da cena internacional é possível observar os reflexos da modernização do Rio de Janeiro naquele momento, quando vivia a chamada *belle époque*, a qual pode ser considerada um movimento de mão dupla para o Rio de Janeiro na medida em que “levou parte da sociedade a extrema pobreza e maravilhou os/as visitantes com as belezas naturais da cidade do Rio”, ou seja, “[...] satisfatório para as autoridades integrarem o Brasil no meio internacional, trazendo autoridades estrangeiras e investimentos” (Mendes, 2020, p. 27), aspecto evidenciado nas recepções mencionadas. Na mesma ocasião fizeram-se presentes embaixadores e ministros de diferentes países como da Argentina, Itália, França, Espanha, Bélgica, Holanda, México, Colômbia, Uruguai, Chile e Inglaterra, todos acompanhados de suas senhoras, também listadas

enquanto presentes naquela cerimônia, tornando a possibilidade de contato entre as mesmas e Orsina da Fonseca provável.

A mesma relação também pode ser percebida de maneira ampliada a partir dos registros da imprensa sobre o estado de saúde de Orsina da Fonseca e seu posterior falecimento em 1912, publicando longas listas sobre as pessoas que visitaram o palácio para saber mais sobre a primeira-dama e sua condição de saúde. Em notas da imprensa, foram evidenciadas a presença destas e de outras mulheres que demonstravam preocupação com a recuperação e melhora de Orsina da Fonseca, evidenciando também os graus de intimidade que possuíam com a personagem. Desde a recepção destas nas salas de visitas pelas “Sras. Alvaro de Teffé, Gastão Teixeira, Coelho Lessa, Jorge da Fonseca, Reginaldo Teixeira e José Felix”, da mesma forma não referidas por seus nomes, até a presença na “cabeceira da Sra. D. Orsina da Fonseca [onde] estão as Sras. D.D. Albertina da Fonseca e Elvira da Fonseca Hermes” (*A Notícia*, 27 e 28/11/1912, p. 1), irmã¹⁷ e cunhada¹⁸ da enferma, respectivamente.

Além destas, o corpo político, diplomático e militar,¹⁹ fez-se presente em peso quando do adoecimento de Orsina, destacando a busca de informações e as preocupações sobre o estado de saúde dela por figuras como

Dr Lauro Muller, ministro das relações exteriores e senhora, general Pedro Paulo e senhora, Dr. Paulo de Frontin e senhora, senador Nilo Peçanha e senhora, Dr. Pedro de Toledo, ministro da agricultura; senador Pinheiro Machado, general Bento Ribeiro, prefeito do Distrito Federal; deputado Moreira Guimarães, Dr. Rivadavia Correia, ministro da justiça, e senhora; deputado João Lopes, senador Antonio Azeredo, ministro da Alemanha, viúva Castro e Silva, tenente-coronel F. Emilio Paes Barreto, Dr. Miguel Calmon e senhora, Dr. Manoel Eloy de Andrade, director da Imprensa Nacional e Diario Official; Dr. Oliveira Bello, redactor do Diario Official; capitão do mar e guerra Antonio Leopoldino da Silva, Dr. Manoel Rodrigues Peixoto, coronel José Moniz, Raul Figueira e senhora [...] (*O Paiz*, 27/11/1912, p. 1).

Além destes, evidenciam-se em diferentes jornais da época durante o período de adoecimento da primeira-dama a recorrência de alguns nomes como “Mmes. Alvaro de Teffé e

¹⁷ Não foram encontrados registros sobre matrimônio ou contratos de casamento de Albertina da Fonseca, irmã de Orsina, podendo ela ter sido uma mulher solteira até 1947, quando vem a falecer, sem deixar filhos. Já as outras irmãs da personagem – excetuando Adalgisa da Fonseca, que faleceu um ano após o nascimento – casaram-se e deixaram filhos, sendo elas Ernestina da Fonseca, casada com o deputado Alfredo Alves de Carvalho, com quem teve dois filhos homens, e Maria Amália da Fonseca, casada com Benedito de Oliveira Machado, com quem teve três filhos homens.

¹⁸ Elvira da Fonseca Hermes era casada com João Severiano da Fonseca Hermes, irmão do Marechal Hermes da Fonseca.

¹⁹ Também em relação à aproximação do casal com as classes armadas foram encontradas matérias sobre o oferecimento de jantares e recepções, descritas enquanto “íntimas” e com a “presença de toda a oficialidade, dos srs. Ministros de Estado e suas exmas. esposas” pelo Marechal Hermes da Fonseca e Orsina da Fonseca no Palácio da Guanabara (*A Imprensa*, 13/01/1912, p. 2).

Gastão Teixeira, Srs. Alvaro de Teffé, Gastão Teixeira, Coelho Lessa, Reginaldo Teixeira, Jorge da Fonseca [...]” (*A Notícia*, 28 e 29/11/1912, p.1), além de representantes da imprensa e da oposição. A busca por informações sobre o estado de saúde da primeira-dama partiu também de familiares como seu irmão, “o coronel Clodoaldo da Fonseca, governador de Alagoas” (*Correio da Manhã*, 30/11/1912, p. 1) o vice-presidente da República, Wenceslau Brás, o governador de Pernambuco, Dantas Barreto, dentre outras personalidades influentes na política nacional e estadual do período.

Quando do falecimento de Orsina da Fonseca e da comoção popular em torno do acontecimento, manifestações nacionais e internacionais de pesar foram enviadas ao Palácio do Catete. Dentre esses são encontradas as manifestações do senador Ruy Barbosa e de sua esposa²⁰ que acompanharam o enterro de Orsina da Fonseca “como uma homenagem à illustre morta” (*A Notícia*, 30/11/1912, 01/12/1912, p. 3) e telegramas, cartas e cartões de pêsames de países como a Bolívia (*A Notícia*, 10 e 11/12/1912, p. 2), Inglaterra (*O Paiz*, 01/01/1913, p. 6; *Jornal do Commercio*, 01/01/1913, p. 1), Uruguai (*Jornal do Brasil*, 18/12/1912, p. 8), Portugal (*Jornal do Brasil*, 30/11/1912, p. 16), Argentina²¹ (*A Epoca*, 02/12/1912, p. 2) e França, país em que a primeira-dama recebeu nota de destaque noticiando que um jornal francês publicou “nota na qual louvava as virtudes da Sra. Hermes da Fonseca, assinalando o facto de ter ella ligado o seu nome a varias obras destinadas a melhorar a situação das classes operarias” (*O Fluminense*, 03/12/1912, p. 1).

Assim, após o seu falecimento em 30 de novembro de 1912, encontram-se na imprensa da capital federal à época diferentes nomes que prestaram homenagens à Orsina da Fonseca, demonstrando a comoção popular com a saúde da primeira-dama e o trágico desfecho. Em seus últimos momentos fizeram-se presentes “o desolado esposo, cercado de todos os seus carinhosos filhos, os médicos assistentes drs. Daniel de Almeida, Paulino Werneck, Fernando

²⁰ A esposa de Ruy Barbosa, Maria Augusta Viana Bandeira, também é encontrada visitando Orsina da Fonseca durante os dias de seu adoecimento em demonstração de preocupação com a primeira-dama. Mesmo não podendo receber a visita no quarto devido à recomendações médicas para repouso, “a senhora Ruy Barbosa deixou o seu cartão com o Dr. Alvaro de Teffé que levou imediatamente ao Sr. presidente da Republica que se mostrou muito sensibilizado” (*A Noite*, 25/11/1912, p. 3).

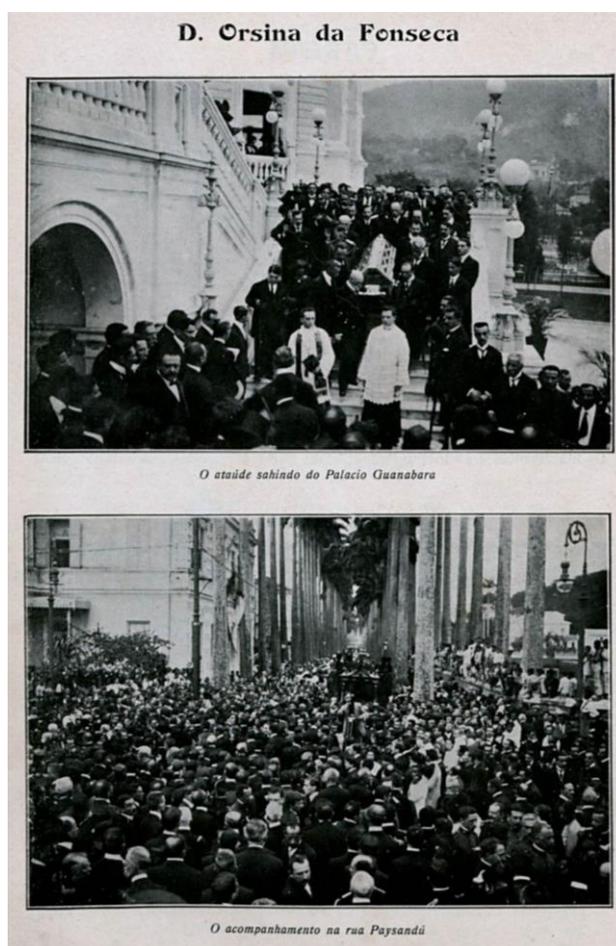
²¹ Em relação às relações diplomáticas entre Brasil e Argentina, destacam-se, anteriormente, os desejos de pronto restabelecimento da saúde de Orsina pelo general Julio Roca e demais autoridades que “transmittiram telegrammas externando os seus votos de prompto restabelecimento de d. Orsina da Fonseca” (*A Imprensa*, 27/11/1912, p. 2). Além dessas manifestações, anterior ao adoecimento de Orsina da Fonseca o governo já estabelecia contatos e aproximações com o governo argentino, oferecendo banquetes “á sra. e ao sr. Julio Fernandez, o illustre representante daquele paiz vizinho”, no Palácio da Guanabara, onde também estiveram presentes o sr. general Vespasiano de Albuquerque, ministro da guerra; Orsina da Fonseca; o ministro das relações exteriores, Lauro Muller; o ministro da marinha, Belfort Vieira; o ministro da fazenda, Francisco Salles; o ministro da justiça, Rivadavia Correa; o chefe da casa militar, coronel Luiz Barbedo, entre outros. (*A Imprensa*, 29/05/1912, p. 2).

Magalhães, Getúlio dos Santos e Ferreira do Amaral”, além de uma vasta quantidade de pessoas do corpo político e diplomático do país como

Dr. Francisco Salles, ministro da fazenda, e senhora; dr. Rivadavia Corrêa, ministro da justiça, e senhora; dr. Álvaro de Teffé, secretário da presidência, e senhora; dr. Gastão Teixeira, oficial de gabinete, e senhora; d. Annita Peçanha, dd. Albertina e Ernestina, irmãs da extinta; membros da casa militar; dr. Theodoro Figueira de Almeida, oficial do gabinete da presidência; dr. Belisario Tavora, chefe de polícia; generaes Olympio da Fonseca e Pedro Paulo e senhora; deputado Cunha Vasconcellos, dr. Hippolito da Fonseca e senhora; deputado Fonseca Hermes; dr. Dutra da Fonseca; dr. Armênio Jouvin; dr. Moreira da Silva, dr. Aristides Mendes, dr. Dionysio Cerqueira, tenente Adolpho de Oliveira, Waldemar Lacerda, aspirantes Clodoaldo de Barros da Fonseca e Eugenio Terral (*O Fluminense*, 01/12/1912, p. 1).

Além destes, estenderam-se as comoções a diferentes grupos sociais que acompanharam o cortejo de Orsina da Fonseca, sendo veiculadas na imprensa imagens (Imagem 2) que demonstram tamanha comoção popular (*Careta*, 07/12/1912, p. 12, 13, 16, 17 e 20; *O Malho*, 07/12/1912, p. 9-10; *O Gato*, 07/12/1912, p. 9; *Fon-Fon*, 07/12/1912, p. 24-25).

Imagem 2 - Cortejo fúnebre de Orsina da Fonseca



Fonte: *Careta*, 07/12/1912, p. 20

Entre os grupos que realizaram manifestações em homenagem à primeira-dama após o seu falecimento encontravam-se a Confederação Brasileira do Trabalho, a partir da qual “foi proposto pelo companheiro Pinto Machado e unanimemente aprovado, um voto de pesar pelo falecimento da exma. sr. d. Orsina da Fonseca, esposa do sr. presidente da Republica” (*A Epoca*, 21/12/1912, p. 6), a Sociedade Beneficente dos Homens do Trabalho, assim denominada “em memoria a D. Orsina da Fonseca!” (*Correio da Manhã*, 28/12/1914, p. 3), a Sociedade de Beneficencia Brasileira (*Jornal do Commercio*, 15/01/1913, p. 3) e o Asylo Isabel que promoveram missas em homenagem à falecida (*Jornal do Brasil*, 10/12/1912, p. 6). Entre as inúmeras manifestações, novamente a figura de Orsina da Fonseca era descrita enquanto “esposa dedicada, mãe extremosa, amiga sincera” sobre a qual “o Brazil chora, pois, a perda da digna filha, cujo grande coração tantos males poderia ainda poupar á sua Patria” (*O Seculo*, 08/12/1912, p. 1).

Ainda no ano de 1912, em homenagem ao recente falecimento e a data de seu aniversário, a imprensa veiculava que “um grupo de senhoras da nossa alta sociedade fez rezar hontem uma missa por alma de d. Orsina da Fonseca” (*A Epoca*, 18/12/1912, p. 3) estando entre as presentes as senhoras Rivadavia Corrêa, Francisco Salles, Barbosa Gonçalves, Belfort Vieira, Bento Ribeiro, Pinheiro Machado, entre outras novamente não nomeadas pela imprensa senão pela referência aos maridos.²² Na mesma reportagem, o jornal deu destaque ainda à homenagem organizada pelos operários da Gavea que “organisaram uma sessão funebre em homenagem a data natalícia de d. Orsina da Fonseca” (*A Epoca*, 18/12/1912, p. 3), evidenciando o prestígio entre diferentes grupos, os lugares sociais que ocupou e as imagens modelares e exemplares que foram construídas sobre a primeira-dama ao longo de sua vida. Além disso, considerada “o typo perfeito da mulher brasileira”, sendo “uma influencia de bondade, de piedade” (*Revista da Semana*, 07/12/1912, p. 1), tanto as considerações quanto a memória sobre a vida de Orsina da Fonseca foram lembradas em períodos posteriores, não esvaecendo sua presença e o sentir de seus próximos, especialmente a partir do ano de 1913.

Dado um ano de seu falecimento, os votos de pesar continuaram a ser enviados e sentidos. Em missa celebrada em 29 de novembro de 1913, encomendada pelo Marechal Hermes da Fonseca, viam-se entre os presentes o “embaixador de Portugal, Senador Pinheiro

²² As homenagens pelo aniversário natalício da primeira-dama também partiram de outros estados e de sua família, como a manifestação do seu irmão, Clodoaldo da Fonseca, presidente do estado de Alagoas à época, e sua esposa, que mandaram depositar uma coroa no túmulo de Orsina em comemoração a data (*A Epoca*, 17/12/1912, p. 2).

Machado, Dr. Sabino Barroso, Drs. Lauro Muller, Rivadavia Corrêa, Barbosa Gonçalves, Edwiges Queiroz, Herculano de Freitas [...]” (*Correio da Noite*, 29/11/1913, p. 3) além de oficiais das casas civil e militar do governo e representantes da imprensa da capital. No entanto, a data da celebração em lembrança ao primeiro ano de falecimento da ex-primeira-dama chama a atenção pois, naquele momento o então presidente preparava-se para casar novamente em menos de dez dias, no dia 8 de dezembro de 1913.

A oposição ao segundo casamento do presidente partia, naquele contexto, especialmente de seus filhos, os quais argumentavam sobre o recente falecimento da mãe. A memória de Orsina da Fonseca, no entanto, permaneceu sendo preservada pelos filhos que, dois dias após a realização do segundo casamento do Marechal Hermes da Fonseca, encomendaram uma missa em sua homenagem, fazendo-se presentes “os tenentes Leonidas Hermes da Fonseca e senhora; Euclides Hermes da Fonseca e senhora e Manuel Deodoro da Fonseca e Hermes Filho” (*Correio da Noite*, 11/12/1913, p. 3). Tal manifestação, contudo, não foi única e exclusiva da família Fonseca em relação à segunda esposa e ao segundo contrato de casamento do Marechal Hermes da Fonseca. Voltemos, portanto, nosso olhar para aquela que desde o seu noivado “teve uma figura de relevo no protocollo, na côrte presidencial, no seu ascendente notório sobre o exercício da autoridade suprema” (*Anais do Senado Federal*, 1917c, p. 110): Nair de Teffé von Hoonholtz da Fonseca.²³

1.3 Sobre ela, a partir dela: Nair de Teffé von Hoonholtz da Fonseca

Em nota veiculada pela imprensa e datada de 8 de junho de 1912, lia-se que: “Acompanhado de mme. Hermes da Fonseca, o sr. Presidente da Republica visitou, ontem á noite, a exposição dos interessantes trabalhos da jovem e inteligente caricaturista *Rian*, dilecta filha do sr. Almirante Barão de Teffé” (*A Imprensa*, 08/06/1912, p. 2). Não sendo esse o único e nem tampouco a primeira das relações estabelecidas entre as famílias Fonseca e Teffé, a partir desta é que buscaremos apresentar um pouco mais sobre o contato que existiu entre essas duas mulheres e, da mesma forma, um pouco mais sobre Nair de Teffé von Hoonholtz da Fonseca e suas redes sociais durante o período, à luz das reflexões sobre a pluralidade da categoria

²³ Após o seu casamento com o Marechal Hermes da Fonseca em 1913, Nair de Teffé adicionou o sobrenome Fonseca ao final de seu nome. Como a metodologia aplicada nesta pesquisa está inserida na abordagem de buscas nominais, também foram pesquisados outros termos a fim de rastrear a personagem nas fontes. A exemplo disto, antes de seu casamento a personagem pode ser encontrada em ocorrências ainda com o sobrenome paterno, como quando presente na festividade organizada pelo Club Brasileiro onde “Pouco depois da entrada de suas Excias... dansou-se a quadrilha de honra, dansando Mme. De Teffé com o Sr. José Nogueira Pinto, presidente da direção do club [...]” e, na mesma matéria, em seguida, onde é referenciada como Mme. De Teffé von Hoonholtz (*O Paiz*, 06/12/1913, p. 19).

“mulheres” na análise historiográfica (Pedro, 2005). Na mesma perspectiva, buscamos incorporar as discussões sobre as construções biográficas na análise de personagens na historiografia, considerando que uma das fontes que foi amplamente utilizada para esta pesquisa se constrói a partir da narrativa da própria Nair de Teffé sobre si e sobre o contexto que a formou.

A partir dessa perspectiva, entendemos que a construção da noção de si pela personagem foi socialmente construída, ou seja, em sua narrativa está implícito “o que era tido como socialmente determinante e comunicável apenas encobria de maneira bastante inadequada o que a própria pessoa considerava essencial” (Levi, 1998, p. 170). Logo, ao analisar sua narrativa é também importante observar suas escolhas e a forma como a mesma se constrói. Importa refletir sobre quem foi essa narradora-testemunha, quais os acontecimentos e razões que descreveu, “dominando não só os seus fatos, mas também os sentidos históricos que lhes seriam atribuídos, tanto como memórias coletivas, quanto como narrativas ‘verdadeiras’, como História” (Grijó, 2020, p. 16).

Já em relação à análise de grupos sociais e das redes de relações, objetivo deste capítulo, também buscamos compreender a partir da narrativa da personagem “como os indivíduos se definem (conscientemente ou não) em relação ao grupo ou se reconhecem numa classe” (Levi, 1998, p. 173), investigando as formas com que ela percebia a si mesma, os ambientes e demais agentes ao seu redor, assim como a observação destes espaços sociais percorridos por ela e as influências que os mesmos poderiam vir a exercer em suas ações, estando, por vezes, ancorados “muito mais em vínculos pessoais e necessidades materiais do que a doutrinas ou ideologias” (Grijó, 2020, p. 25). Da mesma maneira, ao propor uma investigação comparativa entre ambas as personagens que são objeto de estudo desta pesquisa, consideramos que “uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica” (Levi, 1998, p. 176), atentando às relações que ambas as mulheres estabeleceram nos meios pelos quais circularam. Por conta disso, a análise sobre os contextos e as redes que fizeram parte das trajetórias de Orsina da Fonseca e de Nair de Teffé também justificam-se a partir da consideração de que “o contexto serve para preencher lacunas documentais por meio de comparações com outras pessoas cuja vida apresenta alguma analogia, por esse ou aquele motivo, com a do personagem estudado” (Levi, 1998, p. 176), neste caso, duas mulheres de elite, de famílias inseridas no meio político da época e que, posteriormente,

tornaram-se primeiras-damas. Com base nessas percepções, observemos, então, um pouco sobre o que Nair de Teffé reservou de memórias aos seus leitores.

Em meio à transição de regimes políticos do Brasil, em 10 de junho de 1886 nascia Nair de Teffé, no Rio de Janeiro. Filha de Antônio Luiz von Hoonholtz e de Maria Luísa Dodsworth, o barão e a baronesa de Teffé, Nair teve três irmãos, Oscar de Teffé von Hoonholtz, Álvaro de Teffé von Hoonholtz e Otavio de Teffé von Hoonholtz, sendo a única filha mulher do casal. Nascida enquanto ainda estava em vigência no país a monarquia, Nair de Teffé esteve inserida em meio à política nacional desde a infância, especialmente a partir da figura de seu pai. Em suas memórias, a personagem dedicou um capítulo exclusivo à apresentação de seu pai, evidenciando parte de sua trajetória, títulos e condecorações, sendo este filho do “Conde Frederico Guilherme von Hoonholtz, oficial do exército do 1º Reinado [...]” e de “Juana Cristina Van Angel D’Alt von Hoonholtz” (Santos, 1999, p. 19).

Neste breve capítulo a personagem descreveu de maneira elogiosa os diferentes feitos de seu pai, como a formação na Academia de Marinha e as distinções que ali recebeu, os estudos que realizou sobre a hidrografia do Brasil, a demarcação por ele proposta das fronteiras fluviais da Amazônia e sua participação “como ‘leão’ no comando da ‘Araguary’” na Batalha do Riachuelo na Guerra do Paraguai, dentre outros (Fonseca, 1974, p. 12). Além disso, Nair de Teffé ainda narrou algumas das condecorações recebidas pelo Barão, dentre as quais destacou a de “Oficial da Imperial Ordem da Cruz, em 1867 [...] e, na mesma data foi agraciado pelo imperador Dom Pedro II com o título de Barão [...], Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz, em 1860 [...]” e, ainda, medalhas recebidas pelos serviços que ele realizou, como as de “‘A los vencedores de Corrientes’ medalha conferida pelo governo da Argentina [...] Cavaleiro da Real Ordem Espanhola [...] e Medalha de Ouro, conferida pelo Comité Superior da Exposição de Paris, em 1889 [...]” (Fonseca, 1974, p. 13). A narrativa com tons de veneração pelos feitos e pela figura paterna demonstram o quanto a personagem o tinha enquanto um exemplo de pessoa, aspecto que esteve presente em sua formação pessoal e que fez com que, além da aproximação com o contexto público e político da época, Nair de Teffé tivesse acesso a uma educação bastante privilegiada em relação às mulheres do período.

Nesse sentido, a formação intelectual do Barão de Teffé foi lembrada por sua filha, a qual elencou os títulos e assentos do pai na Academia de Ciências de Paris, no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, na Sociedade de Geografia Comercial de Paris, na Sociedade de Geografia de Lisboa e, ainda, na Sociedade de Imigração e sua atuação enquanto membro correspondente da Sociedade de Madri e Paris

(Fonseca, 1974, p. 13). A figura do Barão de Teffé, nesse caso, pode ser vista enquanto um dos exemplos da relação entre as esferas intelectual e política no início do século XX, como destacado por Pécaut (1990), destacando esforços não por *tornar-se* parte das elites, mas para manter-se e ser reconhecido entre elas. Não por acaso, Nair de Teffé teria em sua formação educacional e intelectual influências nacionais e internacionais e, ao destacar a dedicação do Barão de Teffé à literatura, demonstrou um dos caminhos prováveis para sua aproximação com as letras e as artes. Novamente, enquanto intelectual, a trajetória do Barão associou “intimamente a sua obra à preocupação de se colocar a serviço da construção política do país” (Pécaut, 1990, p. 11), tendo sido próximo aos ideais da monarquia e, posteriormente, adaptando-se ao regime republicano, influências que refletiram na formação de sua filha.

Assim, mesmo após a instalação da República no Brasil em 1889, enquanto uma figura que defendeu os ideais da monarquia, o Barão de Teffé permaneceu com funções políticas, no entanto sendo transferido para o exterior e assumindo, como lembrou a própria Nair de Teffé, o cargo de “ministro plenipotenciário, representando o Brasil na Bélgica, Itália e Áustria” (Fonseca, 1974, p. 13).²⁴ Transferida a moradia da família Teffé para o continente europeu, foi neste em que a recém-nascida personagem realizou seus estudos iniciais e fez nascer *Rian*, o pseudônimo que adotou ao longo de toda a sua trajetória artística. Em relação a sua formação educacional, a personagem narrou aspectos sobre os locais em que estudou como os “conventos no Sul da França, no ‘Assomption’, ‘Fidèles Compagnes de Jesus’, ‘Saint Ursule’, sempre como aluna externa e mais tarde no curso ‘Vivaudy’ [...]” (Fonseca, 1974, p. 15), completando seus estudos em Paris, na França, nos anos seguintes. Dessa forma, de maneira comparativa às demais mulheres das elites do período, sua formação na Europa fez com que a personagem desenvolvesse uma “desenvoltura e coragem marcada por uma educação liberal para a época” (Silva, Simili, 2011, p. 123), porém, ainda assim caracterizada por padrões e limites do período.

Retornando em 1905 ao Brasil, a família Teffé se instalou novamente no Rio de Janeiro, na cidade de Petrópolis e, a partir disso, Nair de Teffé seguiu com sua carreira artística,

²⁴ Em suas memórias, ao referir-se ao período em que a família residiu na Europa, Nair de Teffé narrou que seu pai exerceu o cargo de ministro plenipotenciário até ser demitido por Floriano Peixoto “por causa de um telegrama de felicitações que passou pela manhã ao Almirante Custódio de Melo, de quem ele havia sido instrutor naval e seu amigo” (Fonseca, 1974, p. 125). De acordo com a narrativa construída pela personagem, a partir disto seu pai escolheu exilar-se voluntariamente na França, onde ela lembra que: “fui educada, para seu refúgio, ficando assim no ostracismo durante quase 40 anos” (Fonseca, 1974, p. 125). Tal informação, contudo, não considera o retorno da família ao Brasil em 1905, as diferentes manifestações e homenagens que seu pai recebeu nos anos seguintes de instituições como o Instituto Histórico (*A Imprensa*, 12/06/1912, p. 4) e os cargos e vantagens políticas que o mesmo teve acesso a partir do casamento da filha com o então presidente da República, acompanhando-a em encontros e reuniões ainda antes do casamento (*Correio da Manhã*, 15/10/1913, p. 3) e exercendo a função de senador em 1914 (*Gazeta de Notícias*, 27/03/1914, p. 1).

tornando-se a primeira caricaturista mulher a publicar na imprensa brasileira.²⁵ Sobre tal aspecto, interessa salientar a aproximação da família com os meios de circulação de informação à época. Ao analisar a expansão da imprensa e a circulação dos impressos no Brasil durante o início do século XX, a historiadora Tania Regina de Luca aponta que “o impresso revista merece ser analisado com vagar” (Luca, 2011, p. 121), dadas as transformações sociais, urbanas e econômicas vigentes naquele momento no país que foram refletidas nesse meio. Assim, ao analisar as revistas que circularam no início desse movimento de expansão, entre os títulos lembrados pela autora está a *Revista da Semana*, “de Álvaro de Teffé, [...] unanimemente apontada como marco do surto – que se prolongaria por décadas – das chamadas revistas ilustradas ou de variedades” (Luca, 2011, p. 121). Enquanto um nome já conhecido do leitor até este momento, pois já apareceu nos momentos predecessores quando da análise das redes sociais de Orsina da Fonseca, interessa demarcar também algumas aproximações entre ambas as famílias a fim de estreitar a análise sobre os possíveis contatos entre as personagens centrais desta narrativa.

Álvaro de Teffé, irmão de Nair de Teffé, durante o governo do Marechal Hermes da Fonseca ocupou o cargo de secretário da presidência, estando em várias das reuniões e festividades organizadas no Palácio do Catete, além de construir uma amizade próxima tanto com o presidente quanto com a sua primeira esposa, Orsina da Fonseca. Tal relação evidencia-se a partir do adiamento de viagens realizado por Álvaro de Teffé, por exemplo, quando do adoecimento da primeira-dama (*A Noite*, 25/11/1912, p. 1) e de sua preocupação e proximidade quando das dificuldades sobre o estado de saúde da mesma. Da mesma forma, em meios às lembranças presentes em sua narrativa, Nair de Teffé lembra da relação entre o irmão e o Marechal, apontando para outras aproximações entre as famílias Fonseca e Teffé, como quando destacou que: “Alvaro, no início do Governo do Marechal, tinha sido Secretário da Presidência e seu irmão, Deputado Dr. João Severino Hermes da Fonseca, Líder do Governo, na Câmara Federal” (Fonseca, 1974, p. 36).

No entanto, antes desse momento ambas as famílias já haviam estabelecido contatos e aproximações e não apenas a partir da figura de Álvaro de Teffé, mas também de sua esposa.²⁶ As relações entre ambas as mulheres se evidenciam a partir de jantares oferecidos por Nicola

²⁵ Sobre a trajetória artística da personagem e análise de suas produções, ver Campos (2016).

²⁶ Álvaro de Teffé foi casado duas vezes, tendo sido também marido da escritora Tetra de Teffé, famosa por suas obras no início do século XX e vencedora do prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras em 1941. Ver mais em: Grecco, 2018.

de Teffé²⁷ à Orsina da Fonseca, aos quais também compareciam o presidente e “os ministros de Estado e suas senhoras” (*A Imprensa*, 18/08/1912, p. 6). Nas memórias de Nair, a cunhada foi lembrada enquanto alguém que “de nacionalidade francesa, tinha uma cultura fora do comum, inteligente, elegante e de grande senso de observação aliada ao bom gosto” (Fonseca, 1974, p. 29). Em outros momentos, ainda, Álvaro de Teffé e demais políticos que apoiavam o governo naquele momento, foram encontrados em banquetes oferecidos no Palácio do Catete, como àquele oferecido pelo “Marechal Hermes aos membros do PRC²⁸” onde, em fotografias, viam-se “Mme. Antonio Azeredo, Dr. Sabino Barroso e Mme Eneas Martins [...] Mme. Pinheiro Machado, Dr. Lauro Muller [...] General Pinheiro Machado e Mme. Hermes da Fonseca [...] Gastão Teixeira, Alvaro Teffé [...]” (*Fon-Fon*, 31/08/1912, p. 25).

A amizade com o presidente da República, para além dos cargos políticos, também partia do Barão de Teffé. Este, evidenciando as relações entre as famílias ainda antes do casamento do presidente com Nair de Teffé, também mandou celebrar missas em homenagem ao falecimento de Orsina da Fonseca em 1912, ocasiões em que fizeram-se presentes “a família do Sr. Barão de Teffé, outras pessoas de distinção social e os representantes desta folha” (*Jornal do Commercio*, 31/12/1912, p. 5). Além disso, o pai da caricaturista foi o responsável pelo convite ao presidente para a inauguração “no salão de honra do ‘Jornal do Commercio’, [da] exposição de trabalhos da festejada caricaturista ‘Rian’, senhorita Nair de Teffé” (*A Imprensa*, 07/06/1912, p. 1). Essa relação foi lembrada em um diálogo que Nair diz ter ocorrido entre ela e o Marechal durante a exposição que Orsina e o mesmo fizeram-se presentes, quando ele havia destacado que “tenho pelos trabalhos de Mademoisele uma grande admiração extensiva ao senhor seu pai, meu amigo Barão de Teffé” (Fonseca, 1974, p. 30). Apesar da oposição ao casamento da filha com o então presidente,²⁹ o Barão concedeu sua benção ao casamento posteriormente e, ainda que ela tenha descrito em suas memórias que tal ato ocorreu devido a insistências suas, é possível que o mesmo também tenha sido motivado por interesses e

²⁷ Nicola de Teffé foi fundadora da Associação da Mulher Brasileira na década de 1910, instituição voltada para a proteção ao trabalho feminino (*A Noite*, 08/09/1916, p. 1).

²⁸ O Partido Republicano Conservador foi fundado em 1910, apoiando a eleição do Marechal Hermes da Fonseca à presidência no mesmo ano e sendo liderados pelo senador Pinheiro Machado. Ver mais em: (Setemy, 2024).

²⁹ Em suas memórias, a personagem narrou que: “Quando contei tudo aos meus pais, papai se opôs de maneira intransigente. [...] Todos ficaram contra, alegando que ele estava recém viúvo e era um homem de idade. Deveria casar-se com uma moça ou senhora mais velha do que eu” (Fonseca, 1974, p. 33). No entanto, logo em seguida quando mencionou a visita do Marechal Hermes da Fonseca no dia seguinte em sua residência, Nair de Teffé lembrou das palavras de seu pai dirigidas a ele: “Presidente, já sei o que veio fazer aqui. Antes fui contra. Não queria esse noivado, mas Nair insiste e se fôr para a felicidade dela só peço que Deus abençoe” (Fonseca, 1974, p. 33), mostrando a rápida mudança de opinião do Barão em relação ao assunto.

ambições políticas, além do compartilhamento já existente de espaços de sociabilidade entre as famílias.

Na descrição que Nair fez em suas lembranças sobre a exposição em que o presidente esteve presente, não há menções da narradora sobre Orsina da Fonseca, como veiculado pela imprensa. No entanto, em outros momentos ambas as mulheres estabeleceram contatos como quando Nair de Teffé lembrou que “no fim do ano fomos ao Palácio do Catete apresentar as nossas despedidas a fim de iniciarmos a estação de veraneio. Dona Orsina da Fonseca nos recebeu” (Fonseca, 1974, p. 31), apontando tanto para os possíveis encontros entre ambas quanto para a posição social que a família possuía naquele momento por ser recebida e convidada a visitar o Palácio do Catete, assim como em comemorações de aniversário do Marechal (*Jornal do Brasil*, 13/05/1911, p. 7) onde ambas possivelmente também estabeleceram contatos. Nesse sentido, a peculiaridade do uso de uma fonte como as memórias da própria personagem faz contrastar em determinados momentos a alternância entre “a romantização do passado contado em contraste com a realidade do presente vivido” (Grijó, 2020, p. 34), evidenciando os diferentes tempos presentes em sua narrativa e a subjetividade que a compõe.

Em “um jantar íntimo” oferecido à Orsina da Fonseca por Álvaro e Nicola de Teffé, novamente há a presença de ambas, assim como a de outras figuras que, de diferentes formas, fizeram parte das redes de relações de ambas as mulheres. Nessa ocasião, por exemplo, nota-se a presença do senador Pinheiro Machado, de Lauro Muller, Gastão Teixeira, Fonseca Hermes, dr. José Barboza Gonçalves, Pedro de Toledo, Francisco Salles, Rivadavia Correa, do general Bento Ribeiro, entre outros homens inseridos na política do período, estando os mesmos acompanhados de suas esposas (*A Imprensa*, 20/08/1912, p. 3).³⁰

Assim, a partir do relato autobiográfico de Nair de Teffé no livro *A verdade sobre a Revolução de 22*, a personagem destacou algumas dessas pessoas com as quais estabeleceu relações de amizade, carinho e até mesmo de inimizade. Dentre essas redes de relações haviam outras mulheres da elite política, social, econômica e intelectual da época, como Laurinda dos

³⁰ Em 1912 todos os homens citados possuíam, além da amizade ou vínculo familiar com o casal Fonseca, cargos políticos, sendo: Pinheiro Machado, senador da República; Lauro Muller, ministro das relações exteriores até 1917, quando tornou-se senador pelo Estado de SC; Gastão Teixeira, oficial de gabinete da presidência; Fonseca Hermes (de nome completo João Severiano da Fonseca Hermes), irmão do presidente da República e deputado federal pelo RS; José Barbosa Gonçalves, ministro da viação; Pedro de Toledo, ministro da agricultura; Francisco Salles, ministro da fazenda; Rivadavia Correa, ministro da justiça; e Bento Ribeiro, prefeito do Distrito Federal à época. Destaca-se ainda, entre os citados, a predominância da naturalidade gaúcha e as associações entre os âmbitos de trabalho, política e amizade.

Santos Lobo,³¹ descrita por Nair como “Marechala da Moda” (Fonseca, 1974, p. 15) e lembrada enquanto uma das pessoas que haviam incentivado a dar continuidade em sua carreira artística no Brasil.

A aproximação entre as duas mulheres também foi percebida quando da realização do casamento de Nair de Teffé com o Marechal Hermes da Fonseca, quando a personagem descreveu a felicidade de suas amigas quando souberam da notícia do casamento: “Laurinda dos Santos Lobo, Gabriela Gaspar da Rocha, Sra. Sofia Ayarragaj, esposa do Ministro da Argentina e minhas primas, filhas do Barão de Frontin, começaram a bordar e ajudar a fazer o enxoval” (Fonseca, 1974, p. 38). Logo, acompanhando em diferentes momentos de sua trajetória e evidenciando a permanência deste vínculo entre ambas, novamente a narradora menciona a figura da amiga Laurinda quando da realização de uma de suas reuniões no Palácio do Catete, enquanto primeira-dama.

Intitulado por Nair de Teffé enquanto “O Luar de Catulo”, esse episódio foi um dos momentos em que a personagem apresentou algumas das figuras que, considerando o Catete a sua casa naquele momento, recebia na intimidade do seu lar. Em relação a esse aspecto, destaca-se o espaço da casa urbana enquanto privilegiado para a realização de “saraus, com apresentações musicais, declamações e recitação de poemas, bailes, jantares, festas familiares [...]” (Muller, 2010, p. 24), incluindo, portanto, o Palácio do Catete enquanto a casa do casal naquele momento, misturando os âmbitos público e privado e fazendo com que a residência oficial, naquele momento, refletisse aspectos do caráter do novo casal presidencial, principalmente de sua nova primeira-dama. Dentre os presentes nessa recepção encontravam-se, além de sua amiga Laurinda

Pinheiro Machado, Rivadavia Correia, senhora Sofia Ayarragay, esposa do Ministro argentino Lucas Ayarragay, Edwin Morgan, Embaixador dos Estados Unidos, General Vespasiano de Albuquerque, Ministro da Guerra, Almirante Alexandrino de Alencar, Ministro da Marinha, e sua filha Evangelina de Alencar, Laurinda dos Santos Lobo, Gabriela da Rocha Figueiredo, uma das mais belas criaturas que tenho conhecido, David Campista, Paulo de Frontin, Dr. Moura Brasil, a pianista Guiomar Novais, Ataulfo de Paiva, Humberto Gotuzzo, Conde e Condessa Cândido Mendes, Belisário Távora, Fernando Mendes, crítico musical do “Jornal do Brasil” e Oscar

³¹ Laurinda dos Santos Lobo foi casada com o empresário Hermenegildo Santos Lobo e considerada uma socialite bastante admirada e influente no cenário político do Rio de Janeiro durante a Primeira República, destacando como “A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, a Legião da Mulher Brasileira e outras associações serviram de base para o engajamento de mulheres cultas e letradas, a exemplo de Laurinda, sempre a frente das organizações como diretora ou colaboradora dos movimentos” (Biblioteca Nacional). Ver mais em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/personalidades-laurinda-santos-lobo-a-marechala-da-elegancia/> acesso realizado em 02/02/2024.

Guanabarrino, o grande crítico musical do “Jornal do Comércio” (Fonseca, 1974, p. 44).

Dentre os nomes citados pela personagem aparecem figuras da cena política, aliados e apoiadores do governo do Marechal Hermes da Fonseca, mas também personalidades da cena intelectual e social – artistas brasileiros como o próprio músico Catulo da Paixão Cearense, que deu nome ao evento – e, ainda, a presença de alguns veículos de informação da imprensa no período. Vale notar que tal característica diferencia-se em partes em relação às redes construídas por Orsina da Fonseca que foram analisadas anteriormente, as quais apresentam pouca aproximação com o cenário artístico brasileiro do período. Sobre tal aspecto, é possível ainda observar a ação de Nair de Teffé enquanto uma tentativa de exaltação de elementos da cultura nacional, relacionando-se ao movimento dos intelectuais nas primeiras décadas do século XX, os quais buscavam “escapar dessa dependência [das influências estrangeiras] e proclamar o advento dos intelectuais como elite autônoma” (Pécaut, 1990, p. 41).

Além deste, outras figuras do cenário artístico e cultural foram lembradas por Nair de Teffé enquanto seus amigos como Herman Lima, Coelho Neto e Gaby, sua esposa, e Arthur Azevedo, a quem ela lembrou dever “o estímulo, mais tarde, quando já viúva, pela adoção de crianças” (Fonseca, 1974, p. 26). Em relação ao âmbito artístico, Nair ainda mencionou em suas memórias lembranças de Chiquinha Gonzaga, compositora brasileira responsável pela elaboração do *Corta Jaca*, música interpretada pela primeira-dama em uma de suas mais famosas reuniões no Palácio do Catete e Emílio Pereira, com quem a personagem narrou ter aprendido a tocar violão, quando o mesmo “era instrumento de boêmios” (Fonseca, 1974, p. 18).

Da mesma forma, enquanto primeira-dama, a comemoração de aniversário de Nair de Teffé em junho de 1914 foi um momento de grande celebração e contou com a presença de inúmeros convidados e convidadas. Na extensa lista daqueles que estiveram presentes viam-se figuras como o Embaixador dos Estados Unidos, Edwin Morgan, Dr. Herculano Freitas e senhora, Dr. Rivadavia Corrêa e senhora, Dr. Barbosa Gonçalves e senhora, General Vespasiano de Albuquerque, Almirante Alexandrino de Alencar, Dr. Edwiges de Queiroz e senhora, Bento Ribeiro e senhora, o senador Pinheiro Machado e senhora, deputado Fonseca Hermes e Raymundo de Miranda, por exemplo (*Jornal do Brasil*, 11/06/1914, p. 10). Além da presença destes, para a comemoração do aniversário da então primeira-dama também estiveram presentes autoridades estrangeiras, ministros, comandantes e membros do Exército, assim como a família Teffé através da presença do Barão e da Baronesa de Teffé.

Nesses encontros, por exemplo, a partir das listas veiculadas pela imprensa, é possível observar evidências do prestígio social, intelectual e político da personagem, tanto por sua posição social quanto pela ocupação da função de primeira-dama, circulando entre homens e mulheres que faziam parte (ou buscavam inserir-se) entre as elites do período. Nessa perspectiva, em diálogo com as funções desempenhadas e os lugares ocupados pelos intelectuais no início do século XX, Pécaut destacou que a relação destes com a política pode ser observada tanto a partir da posição social destes, “do lugar que atribuem a si próprios”, quanto a partir das “representações do fenômeno político” e das “articulações entre o campo intelectual e a esfera política” (Pécaut, 1990, p. 18), elementos constantes na formação social da personagem.

O momento de celebração do casamento com o presidente da República também fez com que seu círculo de amigos e redes de relações sociais fossem acionadas, fosse por meio da família ou por meio das mulheres que, a partir do casamento, conheceu no mundo político-diplomático. Entre as mulheres mencionadas por Nair de Teffé em sua narrativa foram observadas menções às suas primas Condessa Frontin, Maria Luisa e Piquitita Frontin, Luisa Camargo e Elvira Dodsworth (Fonseca, 1974, p. 43), as quais estiveram presentes em saraus e encontros comemorativos organizados pela personagem antes mesmo do seu casamento com o presidente. As mulheres da família Frontin também são encontradas nas listas de presentes em recepções organizadas por Nair de Teffé, já enquanto primeira-dama, como quando em uma das reuniões “oferecidas às famílias de suas relações, no Palácio do Rio Negro”, onde entre os presentes estavam

Barão de Teffé e senhora; dr. Jesuíno Cardoso, senhora e filha; Condessa Frontin e filhas, commandante Jorge Fonseca e senhora, dr. Euzébio Queiroz e senhora; sra. Barros Moreira e filhos, sra. Joaquim Nabuco e filha, capitão Trajano Ferraz Moreira e senhora, Lucas Ayarragaray e filhas, commandante Tello, adido militar argentino e senhora, sra. Lima e Silva, commendador Augusto Ferreira e senhora, sra. Moniz de Aragão, Mario Brandão e senhora, senhorita Vieira Brandão, Felipe Leal, sra. Pereira Leal, dr. Luiz Guimarães, deputado Souza e Silva³² e senhora, barão de Pedro Afonso, senhora e filhas, sra. Toledo Lisboa e filhas, dr. Gaspar da Rocha e senhora, Alberto Filho, senhorita Anell, e sra. Regis Oliveira e filha (*A Epoca*, 20/01/1914, p. 2).

Da mesma forma, aparecem menções à Luísa de Pedro Afonso, filha do Barão de Pedro Afonso que era médico da família, segundo as memórias de Nair de Teffé. A mesma relação de

³² O estabelecimento e a manutenção das relações com o deputado Souza e Silva também são percebidas quando da presença do presidente e da primeira-dama em almoços na residência do mesmo quando da comemoração de seu aniversário (*Jornal do Brasil*, 21/02/1914, p. 5).

amizade foi lembrada pela narradora quando, em anos posteriores, a amiga esteve ao seu lado, assim como Maria Luisa Beau Repair Rohan Pinto Peixoto quando do falecimento e enterro do Marechal Hermes da Fonseca (Fonseca, 1974, p. 118). Além das menções a estas mulheres, Nair de Teffé incluiu em sua narrativa algumas outras, no entanto, fazendo referência às mesmas enquanto esposas ou apenas senhoras de personalidades políticas com quem teve contato.³³ Nesse sentido, observam-se as relações da personagem com políticos não apenas do Brasil, mas o contato e encontro com mulheres da cena política internacional em diferentes reuniões ao longo de sua trajetória.

Enquanto primeira-dama, Nair de Teffé participou de festas ao lado do presidente onde a presença de ambos era considerada representativa da “nossa melhor sociedade”, como na festa do curso na Quinta da Boa Vista, ocasião em que o casal “imprimiu, com a sua presença, á formosa festa, um cunho de alta distincção” (*Jornal do Brasil*, 01/06/1914, p. 8). Na mesma perspectiva, em relação a formação social das elites daquele período é possível observar parte da constituição da mesma quando as festividades eram coordenadas por Nair de Teffé. Assim, em outra de suas diversas recepções no Palácio do Rio Negro, entre os presentes na lista divulgada pela imprensa encontravam-se

Dr. Ramon Lara Castro, ministro do Paraguay, e senhora; Pedro Maximow, ministro da Russia, e senhora; Dr. Lucas Ayarragaray, ministro da Argentina, senhora e filhas; dr. Franz Kolossa, ministro da Austria-Hungria; dr Alfoose von Tohusdorf, addido da legação da Austria-Hungria; capitão Juan Camínero, addido militar da legação da Hespanha; Francisco Marino Herrero, encarregado de negócios da Colombia; dr. Kunotimann, addido da legação allemã; dr. Eduardo Ruiz, encarregado de negócios do Chile; dr. Romulo Cataneda, encarregado de negócios do Mexico; capitão Eduardo Tello, addido militar da legação argentina; mme. Sadas Mutsmara; ministro Costa Motta e filha ; mme. Rivadavia Corrêa Motta e filha; mme. Rivadavia Corrêa, mme. Lazzo, dr. Mario Brandão e senhora, dr. Raphael Mayrinck, ministro dr. Pedro de Toledo e senhora, mme Antonio Pimentel Brandão, dr Jesuino Cardoso e senhora, mme. Carlos Leal, milles. Vera e Stella Brandão, mme. Souza e Silva, mlle. Souza Ribeiro, mme. Fridolino Cardoso, capitão Trajano Moreira, dr. Jorge Esteves e Carlos Leal (*A Epoca*, 08/04/1914, p. 4).

A grande presença de ministros e diplomatas estrangeiros nesta recepção é outro aspecto observado na narrativa da personagem em suas memórias. Destacam-se suas relações de amizade com “Juan José Soiza Reilley e sua esposa, minha amiga e colega de escola na França”

³³ Em diferentes momentos na imprensa constam pequenas notas do período em que Nair de Teffé ocupou a função de primeira-dama sobre recepções de “senhoras de suas relações no Palácio do Rio Negro” (*A Noite*, 05/01/1914, p. 2), evidenciando a formação de uma rede feminina a partir da personagem com outras mulheres, possivelmente das elites, daquele contexto. Da mesma forma, ao protagonizar a organização de diferentes reuniões e festividades no Palácio do Catete, a primeira-dama também pode ser observada enquanto integrante de uma elite econômica, social e política, em momentos em que o presidente recebia os oficiais de terra e mar nos salões de sua residência. (*A Notícia*, 24 e 25 de junho de 1914, p. 1; *A Notícia*, 9 e 10 de julho de 1914, p. 1).

– demonstrando as amizades construídas pela personagem quando ainda residia no exterior – que compareceram à cerimônia de casamento de Nair de Teffé e Hermes da Fonseca e, em um almoço, pediram à artista uma “caricatura de Claudio Pinilla, Ministro das Relações da Argentina e mais tarde candidato a Presidência da República, de quem éramos amigos” (Fonseca, 1974, p. 38). A partir disso, é possível observar as distintas redes de relações que a personagem estabeleceu por ser artista, por ser da família Teffé, por ter sido primeira-dama e esposa de Hermes da Fonseca, compreendendo cada uma destas redes enquanto processos em constante movimento, aproximando e afastando pessoas ao longo da trajetória de Nair de Teffé.

Já as relações com a Argentina foram lembradas pela caricaturista a partir da figura de Julio Roca. Em relação a este, Nair de Teffé lembrou que, ainda enquanto presidente da Argentina, quando “estive no Brasil, no dia do páreo em sua homenagem, ele jogou e ganhou uma fortuna. Ao receber o pagamento procurou por mim e entregou-me o dinheiro, dizendo: - O meu prêmio é um tributo à sua beleza!” (Fonseca, 1974, p. 21). O Barão de Teffé não aceitou a quantia em dinheiro de presente e fez questão de, junto da filha, doar o mesmo, momento do qual ela lembra ter ouvido do pai: “Amanhã vamos ao ‘Jornal do Commercio’ e você fará uma doação do dinheiro para as instituições de caridade que o Carlos Rodrigues mantém” (Fonseca, 1974, p. 21). Direta ou indiretamente, a partir dessa situação podemos perceber a influência da figura paterna na tomada de decisões da personagem, principalmente quando relacionadas ao ambiente público e político.

Essa aproximação da família com os jornais do período foi veiculada em notas informando visitas do Barão de Teffé, por vezes na companhia da *filha*, nas redações dos mesmos. Em uma dessas visitas, *A Imprensa* noticiou: “Contamos hontem em nossa redacção com a visita pessoal do exmo. Barão de Teffé, respeitabilíssimo cavalheiro que todos nós veneramos pelas suas virtudes de espírito e coração” (*A Imprensa*, 27/04/1911, p. 3). Essa movimentação, por sua vez, permite observar a proeminência que a família e, em especial a figura do barão, tinham na sociedade carioca naquele momento, aspecto percebido quando da leitura das descrições sobre o mesmo e sua família, citando “Alvaro de Teffé, dedicado e intelligente secretario do sr. marechal presidente da Republica e da graciosa senhorita Nair de Teffé, admirada no mundo da Arte e do Jornalismo pelas suas magnificas caricaturas [...]” (*A Imprensa*, 27/04/1911, p. 3). É possível observar, a partir disto, as relações públicas e políticas construídas pela família Teffé naquele contexto, presentes em diferentes áreas e âmbitos sociais.

Ainda em relação às redes de relações formadas e transformadas por Nair de Teffé ao longo da Primeira República, vale ressaltar outros contatos e encontros com diplomatas e

indivíduos do cenário político internacional a quem a personagem se referiu em suas memórias, mas também foi encontrada em pequenas notas na imprensa. Em encontros internacionais, a presença da primeira-dama ao lado do Marechal Hermes da Fonseca foi notada em jantares como àquele oferecido pelo “ministro argentino e Mme. Ayarragaray, [...] em 25 de maio, aniversário da Independência da Argentina” (*A Imprensa*, 24/05/1914, p. 4) e em recepções à legação argentina formada, dentre outros, pelo casal Ayarragaray e sua filha no Brasil (*Gazeta de Notícias*, 28/05/1914, p. 5). O mesmo casal também foi lembrado nas memórias da personagem quando da presença de ambos na sua cerimônia de casamento com o Marechal Hermes da Fonseca. A Sra. Sofia Ayarragaray, esposa do ministro argentino Lucas Ayarragaray, aparece descrita por Nair de Teffé como uma de suas amigas próximas e, ambos, enquanto presentes no Luar de Catulo, como intitulado pela própria primeira-dama, ou seja, em uma das reuniões que ela protagonizou no Palácio do Catete.

Um pequeno parêntese importa nesta narrativa. A reconstituição de parte das redes de relações e dos espaços de sociabilidades de Nair de Teffé a partir de suas memórias requer cuidados aos esquecimentos, às escolhas e aos silêncios da personagem. Torna-se necessário observar a “ilusão de linearidade e coerência do indivíduo, expressa por seu nome e por uma lógica retrospectiva de fabricação de sua vida, confrontando-se e convivendo com a fragmentação e a incompletude de suas experiências” (Gomes, 2004, 13), a qual é possível observar a partir dos efeitos da memória e das escolhas na narrativa da artista. Da mesma forma, Gomes aponta que “a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de linguagem, construindo sobre ela a ‘sua’ verdade” (Gomes, 2004, p. 14), aspecto percebido desde o título dado às memórias da personagem – *A Verdade sobre a Revolução de 22*. Nesse sentido, em relação às personalidades citadas por Nair de Teffé em sua obra, buscamos observar àquelas que foram lembradas e esquecidas, propositalmente ou não, de maneira mais ou menos recorrente em sua escrita sobre o período, anos depois, rompendo com as “recordações de um passado idealizado” (Schmidt, 2003, p. 62) apresentado pela autora.

De volta às redes da personagem, outro contato que ela estabeleceu com o exterior partiu dos encontros com autoridades em recepções oficiais da presidência. Um desses exemplos foi a recepção, no Rio de Janeiro, do príncipe Henrique, da Prússia, e de sua esposa, princesa Irene, em 1914. Quando da chegada de ambos no Palácio do Catete, através das matérias veiculadas pela imprensa, notam-se entre os presentes o então presidente da República e a primeira-dama, Nair de Teffé, mas também “Dr. Lauro Muller, ministro do exterior; senador Barão de Teffé, e toda a casa militar da presidencia da Republica” (*Gazeta de Notícias*, 27/03/1914, p. 1). Essa

relação com os príncipes prussianos também é interessante de observar, nos meses seguintes, quando do retorno de ambos ao Brasil e do banquete e recepções organizados para recebê-los. Em notas da imprensa verifica-se que, no jantar, novamente a presença da família Teffé fez-se não apenas a partir da figura da primeira-dama, mas de sua mãe, a baronesa de Teffé, estando dispostos da seguinte maneira à mesa: “o Sr. presidente da República, tendo à direita a princesa Irene, da Prússia, e à esquerda a Sra. baronesa de Teffé, em frente a Sra. Hermes da Fonseca, ladeada do príncipe Henrique, da Prússia, e senador Pinheiro Machado” (*Gazeta de Notícias*, 14/04/1914, p. 1).

Em um almoço realizado durante a mesma visita notam-se, da mesma forma, a chegada do presidente em companhia da primeira-dama, assim como de “Luiz Barbedo, chefe da casa militar da presidência; do barão de Teffé, que se apresentou com o seu uniforme de almirante; do general Bento Ribeiro, prefeito do Distrito Federal, e do almirante Alexandrino de Alencar, ministro da marinha [...]” (*O Imparcial*, 15/04/1914, p. 3). Na ocasião destes encontros, além da presença da primeira-dama na imprensa, sua intelectualidade foi motivo para nota que divulgava que: “Mme. Hermes da Fonseca, que fala muito bem alemão, entreteve com o augusto por uma encantadora conversação, que conseguiu interessar vivamente os seus interlocutores” (*O Paiz*, 14/04/1914, p. 3), demonstrando, novamente, aspectos dialógicos entre o campo intelectual e a esfera política (Pécaut, 1990).

A partir da análise dessas relações é possível observar, portanto, além da refinada educação recebida pela personagem, os diferentes interesses que circularam o aceite familiar ao casamento de Nair de Teffé com o Marechal Hermes da Fonseca, podendo o enlace vir a ser considerado uma estratégia para preservar sua posição social, adquirir cargos e funções políticas e, além disso, manter uma relação matrimonial intra elites. Sobre esse aspecto, o casamento entre famílias pode ser caracterizado enquanto uma “forma mais eficaz de manter o *status* e de ascender socialmente perante a mobilidade social [...]” (Mendes, 2020, p. 42), nesse caso permitindo a manutenção da posição social, política e econômica ocupadas por ambas as partes até aquele momento.

Essa estratégia pode ser percebida quando dos convites recebidos pelo casal para apadrinhar outros casamentos, como quando ambos aceitaram o convite para serem padrinhos dos noivos “Mlle. Heloisa Dodsworth, filha do illustre especialista Dr. Toledo Dodsworth, com o Dr. Renato Bracante Machado, filho do falecido senador Alvaro Machado” (*A Notícia*, 7 e 8 de maio de 1914, p. 1) ou quando realizado o casamento “do distinto Dr. Lino Moreira com a senhorita Dulce de Toledo, gentilíssima filha do Dr. Pedro de Toledo, ministro do Brasil, no

Quirinal” em que “a *corbeille* da noiva ostentava grande numero de prendas de avultado valor e raro gosto, destacando-se o riquíssimo presente, enviado pelo Sr. presidente da Republica e Sra. Hermes da Fonseca” (*O Paiz*, 02/01/1914, p. 4), evidenciando a rede de relações estabelecidas pelo casal. Na mesma perspectiva, o apadrinhamento de crianças pode ser observado enquanto forma de fortalecimento ou de criação dessas redes, aspecto demonstrado a partir do aceite por Nair de Teffé e o Marechal Hermes da Fonseca em serem padrinhos de batizado do “menino Hermes da Fonseca Carneiro, filho do coronel José Theophilo Carneiro, importante industrial residente em Uberabinha e actualmente nesta capital” (*O Paiz*, 06/08/1914, p. 4).

O exercício de mapeamento das redes de relações e dos espaços de sociabilidades de Nair de Teffé durante o período, nesta pesquisa, não pretende esgotar os nomes e possíveis estabelecimentos de relações entre a personagem e outros indivíduos na época, dada a extensa quantidade de materiais sobre as recepções presidenciais na imprensa do Rio de Janeiro. Sendo assim, buscamos observar quais eram as recorrências em sua trajetória, fossem em notas da imprensa ou em suas próprias memórias, escritas na década de 1970. O uso de fontes como as memórias da personagem, por sua vez, permite que sejam observados além dos relatos da própria personagem, as circunstâncias sociais em que ela esteve inserida, bem como colaboram na compreensão das posições que ocupou e das determinações sociais a que foi exposta (Miceli, 1979).

Nesse sentido, em relação ao cenário político também merecem destaque figuras tradicionalmente conhecidas e mencionadas por Nair de Teffé em sua narrativa como o senador Pinheiro Machado, Barão do Rio Branco, Lauro Muller, Nilo Peçanha, Anita Peçanha, Rivadavia Correa, Alexandrino de Alencar, Vespasiano de Albuquerque, Bento Ribeiro, Dionísio Cerqueira, Paulo de Frontin, Afonso Pena e Ruy Barbosa. Ainda que nem todos os nomes citados³⁴ pela personagem tenham feito parte de sua rede de relações, em diferentes momentos e por diferentes motivos, essas pessoas foram lembradas por ela enquanto parte de sua trajetória, seja a partir da observação dela em relação às amigas do esposo, considerando que “os grandes amigos do Marechal foram Bento Ribeiro, Dionísio Cerqueira e Pinheiro Machado” (Fonseca, 1974, p. 86), seja a partir de sua relação familiar com Paulo de Frontin, o qual ela lembrava que “apesar de Frontin ser meu primo e amigo íntimo, desde menina acostumei-me a chama-lo de Dr. Paulo” (Fonseca, 1974, p. 85) ou, ainda, a partir das suas

³⁴ Importa salientar, nessa perspectiva, que a leitura da narrativa de Nair de Teffé também é atravessada pela escrita de si da personagem, sendo, por isso, cercada por esquecimentos, escolhas, silêncios e subjetividades sobre o que a mesma conseguiu e desejou lembrar a si e aos seus leitores na década de 1970.

memórias sobre o período do mandato presidencial de Hermes, momento o qual ela lembrava, por exemplo, que “Na política exterior, graças ao Barão do Rio Branco³⁵ e depois Lauro Muller,³⁶ assinaram-se vários convênios e o nosso País foi ouvido em diversos conclaves na Europa e nas Américas” (Fonseca, 1974, p. 47).

Vale ressaltar que, em relação à amizade com o senador Pinheiro Machado,³⁷ vínculo estabelecido antes mesmo da realização do casamento com o Marechal Hermes da Fonseca, Nair lembrou do amigo enquanto “afável, simples, alegre e brincalhão” (Fonseca, 1974, p. 19). Essa relação se estreitou a partir do enlace matrimonial com o presidente da República, que também vinha a ser amigo íntimo do senador, aspecto reforçado quando Pinheiro Machado ofereceu um cavalo “á hoje esposa do presidente, cavallo que se transformou em penhor de solidariedade presidencial e gratidão de mme. Nair da Fonseca” (*Correio da Manhã*, 21/01/1914, p. 1), sendo o mesmo, símbolo de poder e prestígio entre as elites da época. Enquanto primeira-dama, a partir da primeira recepção que organizou nos salões do Palácio do Rio Negro,³⁸ “que esteve concorridíssima”, Nair de Teffé circulou e esteve em contato de maneira mais recorrente com àqueles que faziam parte das elites políticas do Rio de Janeiro do período. Em sua primeira reunião, por exemplo, se destacaram, além da família Teffé, “Jesuino Cardoso e família, condessa de Figueiredo, commandante Jorge da Fonseca e família, dr. Queiroz Mattoso e senhora, condessa de Frontin e filhos, Mmes. Barros Moreira, Nabuco, Ayarragaray, Toledo e filhas [...]” (*A Imprensa*, 22/01/1914, p. 4), entre outros. Após esta, inúmeras foram as recepções posteriormente oferecidas pela personagem, destacando as recepções no Catete em que estavam presentes “grande numero de officiaes superiores, commandantes do exercito e da marinha, com suas famílias, ministros de Estado, congressistas

³⁵ Em relação à amizade com o Barão do Rio Branco, nas memórias a personagem ainda se refere ao mesmo enquanto um “querido amigo” (Fonseca, 1974, p. 21) e lembra de momentos em que, ainda antes do seu casamento com o Marechal Hermes da Fonseca, compareceu em festas e reuniões promovidas pelo Barão.

³⁶ Lauro Muller também foi o responsável, segundo nota da imprensa à época, pela apresentação da então noiva do Marechal Hermes da Fonseca ao corpo político e diplomático do país. Essa recepção foi noticiada enquanto “de character especial ao corpo diplomático e aos membros dos poderes constituídos da Republica” tendo “o fim de tornar conhecido dos convidados o contrato official de casamento entre o presidente da Republica e a senhorita Nair Teffé” (*Correio da Manhã*, 21/09/1913, p. 2), demonstrando a inserção e a aproximação promovidas pelo casamento ao mundo político pela personagem.

³⁷ A aproximação de Pinheiro Machado com a família Teffé partia também de sua amizade com o Barão de Teffé, como ao oferecer “um almoço íntimo ao senador general Pinheiro Machado”, ainda em 1911, estando presentes nessa ocasião, além do Barão e da Baronesa de Teffé, “mlle. Nair de Teffé, drs. Leopoldo de Bulhões e senhora, Gastão da Cunha e senhora, dr. Araujo Jorge, secretario do sr. Barão do Rio Branco, e 2º tenente Gastão Paranhos” (*A Imprensa*, 01/04/1911, p. 3).

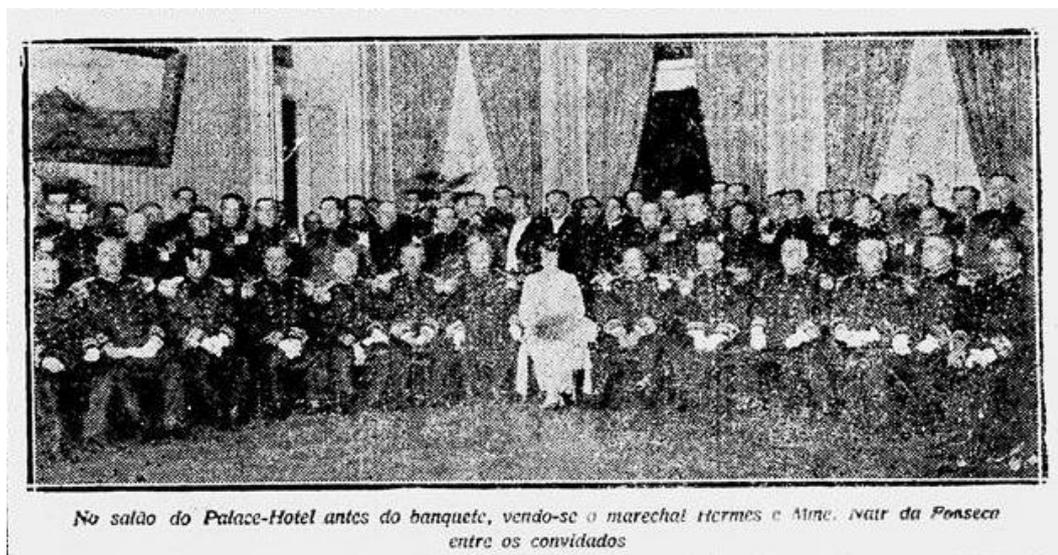
³⁸ O Palácio do Rio Negro, localizado na cidade de Petrópolis no Estado do Rio de Janeiro, foi construído ainda no século XIX e, em 1903, foi incorporado pelo Governo Federal. Na Primeira República, após o mandato de Rodrigues Alves, o local passou a ser residência oficial de verão dos presidentes do país, tendo sido palco para acontecimentos como o casamento entre o Marechal Hermes da Fonseca e Nair de Teffé em 1913. Ver mais em: Cultura, 2011.

e pessoas de alta categoria” (*O Paiz*, 28/08/1914, p. 5) e àquelas onde o local “apresentava aquelle aspecto de sombria distincção das suas noites de recepção” (*O Paiz*, 11/09/1914, p. 5).

Além disso, ainda no âmbito das relações internacionais e diplomáticas estabelecidas pelo Brasil durante o período, Nair de Teffé foi encontrada em recepções oferecidas a ministros de diferentes nacionalidades, como mencionado anteriormente. A personagem esteve entre os presentes em recepção oferecida pelo Dr. Alfredo Irarrazabal, ministro chileno, na qual encontram-se o “general Pinheiro Machado e senhora; Dr. Rivadavia Correa, ministro da Fazenda e senhora; almirante Alexandrino de Alencar, ministro da Marinha, Dr. Herculano de Freitas, ministro da Justiça, Dr. Souza Dantas, ministro do Brasil na Argentina [...]” e, além destes, outros nomes também lembrados por ela em suas memórias como o “general Vespasiano de Albuquerque, ministro da Guerra; general Bento Ribeiro e senhora [...]” (*Gazeta de Notícias*, 19/09/1914, p. 2), entre outros.

Após o período do mandato presidencial do Marechal Hermes da Fonseca, no entanto, algumas mudanças e permanências são observadas nas redes de relações sociais de Nair de Teffé, agora não mais exercendo a função de primeira-dama. Apesar de já estar fora da presidência, o Marechal não havia se afastado por completo da política, inclusive por conta do envolvimento de seus filhos com o contexto político local e nacional. Nessa perspectiva, a figura de Nair de Teffé foi mencionada enquanto acompanhante do marido – mas não participante – em reuniões com o então presidente da República, Artur Bernardes (*Gazeta de Notícias*, 15/06/1921, p. 1). Em alguns episódios a personagem foi encontrada enquanto a única mulher em meio a banquetes oferecidos às classes armadas pelo seu marido (*Gazeta de Notícias*, 03/06/1921, p. 1-2) (Imagem 3) recebendo brindes em seu nome por políticos que discursaram na ocasião (*O Imparcial*, 03/06/1921, p. 12) e usando do capital que a ocupação da função de primeira-dama havia lhe deixado para projetar-se socialmente, criando laços sociais mais fortes.

Imagem 3 - Banquete oferecido no Palace Hotel



Fonte: *Gazeta de Notícias*, 03/06/1921, p. 1

Além destes encontros, durante a década de 1920 a caricaturista se envolveu de maneira mais próxima com o cenário artístico, comparecendo em festas oferecidas pelo Tennis-Club da cidade de Petrópolis e fazendo parte da interpretação de musicais nessas ocasiões (*O Paiz*, 30/01/1922, p. 2). Nesses momentos aparecem pessoas do cenário cultural brasileiro que, em suas memórias, fizeram parte da narrativa e da trajetória da personagem, como Coelho Neto (*O Paiz*, 03/02/1922, p. 5), e a participação da artista nos momentos literários que ocorriam nas festas promovidas pela instituição, como quando ela tomou parte para interpretar “o monologo *Um Scenario*” (*O Paiz*, 04/02/1922, p. 5).

Já durante a década de 1920 Nair de Teffé recebeu homenagens de diferentes grupos sociais. Em uma homenagem organizada para o ex-presidente em 1920 no Teatro São Pedro motivada pelo retorno do casal ao Brasil, em nota lia-se que “o teatro ostentava todas as frisas e camarotes ocupados por famílias sendo também distinto o aspecto da platéia, notando-se por toda a parte officiaes do Exercito e da Armada” (*Jornal do Brasil*, 04/12/1920, p. 8). Nessa ocasião, o Marechal recebeu homenagens do Partido Feminino e de grupos operários que fizeram parte da organização do evento. A comissão organizadora, por sua vez, estendeu as honras à esposa do ex-presidente e “offereceu à Sra. Hermes da Fonseca riquíssima ‘corbelle’ de flores naturaes” (*Jornal do Brasil*, 04/12/1920, p. 8), demonstrando que, mesmo enquanto acompanhante da figura central daquele evento, também possuía papel e capital político frente aqueles grupos sociais.

Além disso, no início do ano de 1923, em nota da imprensa Nair de Teffé foi responsável por enviar um ramo de setenta e três flores ao senador Lauro Sodré, “autor do projecto de amnistia submettido ao Senado”, ao qual seguiu em anexo uma carta escrita pela personagem onde lia-se: “Acceitae illustre senador Lauro Sodré, esta modesta ‘corbeille’ em nome dos 73 brasileiros presos, que vos esforçastes em libertar dirigindo á nação, da tribuna do Senado, justo pedido de amnistia” (*A Noite*, 03/01/1923, p. 3).³⁹ Em nota do jornal *O Imparcial* sobre o mesmo ato, a referida ação foi associada a prisão dos militares que naquele momento respondiam processo e, segundo o jornal, “acham-se submettidos aos martyrios do encerramento” (*O Imparcial*, 04/01/1923, p. 3). As prisões de militares a que se referiu Nair de Teffé em sua narrativa diz respeito aos levantes tenentistas ocorridos em 1922, movimento que, em linhas gerais, se colocou contrário a eleição de Artur Bernardes, questionou as punições feitas a militares que o protagonizaram e defendeu o não fechamento do Clube Militar.⁴⁰ A participação e apoio do Marechal Hermes da Fonseca nesses movimentos são elementos importantes para reflexão, dado que “sua presença na crise, desde as assembleias tumultuosas do Clube Militar, dava relevo a uma participação que ele honrou com decisões concretas e firmes”, além de fazer com que o tenentismo surgisse “particularmente na atividade dos militares jovens, ainda nos postos iniciais da carreira, sob a proteção de um chefe que encarnava o que o Exército tinha de mais representativo na época” (Sodré, 1985, p. 26). Essas aproximações, por sua vez, refletem parte da rede de relações do casal e, 50 anos depois, ao reverberarem na narrativa da personagem, demonstram a presença dos setores militares também em sua trajetória. Demonstrações como esta permitem, portanto, dialogar com a perspectiva de que tais redes ou relações são passíveis de variação “conforme aparecem as necessidades sociais que levam a novos vínculos entre as pessoas”, bem como “modificações a longo prazo, assim como muitas vezes sua dissolução [...]” (Elias, 2001, p. 150, 156). Permitem, assim, a visualização de sua atuação política através de redes de relações mantidas, transformadas, continuadas e descontinuadas ao longo da trajetória da personagem, fosse através de sua família, do casamento ou por suas escolhas individuais.

³⁹ *A Noite* foi um jornal diário e vespertino fundado em 18 de junho de 1911 sob liderança de Irineu Marinho e outros companheiros que o apoiaram após um desentendimento com a direção da *Gazeta de Notícias*, da qual faziam parte. De sua fundação até meados de 1925, a folha definiu uma linha política oposicionista, “declarando-se crítico severo do recém-constituído governo do Marechal Hermes da Fonseca (1910-1914)”, postura que resultou em “uma suspensão e a prisão de seus diretores” (Ferreira, 2025). Já na década de 1920, de modo geral, a folha também apoiou os movimentos tenentistas e, em 1921, declarou-se favorável à Nilo Peçanha na campanha eleitoral daquele ano para a presidência da República.

⁴⁰ Antes da morte do Marechal Hermes da Fonseca em 1923, Nair também esteve próxima a este nos eventos relacionados aos levantes tenentistas do início da década de 1920, visitando o marido quando de suas prisões (Fonseca, 1974).

1.4 Olhar sobre as redes e as perspectivas sobre os contextos

Compreendendo a adoção de uma escala de análise centrada em uma abordagem micro, consideramos que “a escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social”, buscando evidenciar uma conduta historiográfica que considere a abordagem de “acompanhar o fio de um destino particular [...] e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais ele se inscreve” (Revel, 1998, p. 21). Nessa perspectiva, compreendemos que “todo modo de agrupamentos humano corresponde a uma determinada configuração do espaço *onde* aqueles indivíduos de fato estão ou podem estar reunidos, todos juntos ou divididos em unidades menores” (Elias, 2001, p. 67), evidenciando a importância do olhar para os espaços de sociabilidade em que ambas se encontravam. Ou seja, ao propor a realização do exercício de mapeamento das redes e de algumas das relações estabelecidas por Orsina da Fonseca e Nair de Teffé ao longo das décadas de 1910 e 1920, buscamos observar os diferentes contextos em que as personagens estavam inseridas e de que maneiras, ou a partir de quais alianças, amizades ou aproximações, moviam-se naquele cenário.

Da mesma forma, ao apontar para os encontros e possíveis contatos entre ambas as mulheres, buscamos estabelecer uma aproximação entre suas redes sociais, que ora afastavam-se, ora convergiam, dada a posição social ocupada pelas mesmas. Enquanto mulheres de famílias consideradas proeminentes política e socialmente naquele período, Orsina da Fonseca e Nair de Teffé conviveram com as regras sociais do meio em que estavam inseridas, considerando que “a mulher de elite, mãe, esposa, filha, tia, sobrinha, neta, qualquer que fosse seu papel, era a base moral da família [...]” (Mendes, 2020, p. 43). Ou seja, seus comportamentos e ações foram moldados por uma sociedade, uma época e uma cultura específica. De maneira semelhante, ao analisar a presença dessas mulheres em reuniões ou festividades ao lado do Marechal Hermes da Fonseca, evidenciam-se aspectos como a necessidade de “salientar sua destacada presença em eventos sociais, reflexo do poderio econômico de seu cônjuge” (Mendes, 2020, p. 79) e, nesse caso, também de seu poderio político enquanto presidente da República à época.

Vale destacar ainda o papel da imprensa na veiculação de informações como as listas dos presentes em jantares, almoços ou festas na capital federal. Sobre tal aspecto, Mendes destacou que os órgãos da imprensa, especialmente àqueles sob influência ou controle dessas elites, atuavam de duas formas, seja “no sentido de não apenas reforçar a posição de proeminência desse grupo dentro da sociedade, contribuindo para o fortalecimento de uma

configuração social hierarquizada” ou, seja através de “todo seu trabalho de divulgação, [a partir do qual] participavam ativa e diretamente da construção da imagem pública dessa elite, bem como delineavam seus papéis sociais, especialmente no que diz respeito ao papel social da mulher” (Mendes, 2020, p. 99). Ou seja, estar presente nas colunas sociais e nas seções elegantes da imprensa era um elemento que demonstrava “uma forma de exercitar o uso do poder entre a elite carioca em relação à imprensa da época”, fazendo com que essas menções fossem importantes para sinalizar a presença no corpo social e “ao mesmo tempo, distinguir-se entre os demais” (Mendes, 2020, p. 104), dado o caráter exclusivo e, em alguns casos, privado de tais reuniões.

Nesses eventos as mulheres das elites assumiam papéis importantes na “manutenção de redes sociais e das alianças estabelecidas entre as famílias” (Hahner, 2018, p. 56), fazendo com que suas condutas fossem observadas e vigiadas. Dessa forma, a partir do estudo das redes sociais mantidas por estas mulheres é possível perceber parte de suas ações em relação a “apadrinhamentos e a trocar favores, pequenos e grandes, que garantiam em termos vantajosos a vigência das relações de parentesco” (Hahner, 2018, p. 56), como quando da aprovação do casamento entre Nair de Teffé e o Marechal Hermes da Fonseca pelo Barão de Teffé, supostamente a partir das insistências de sua filha. Ao casar-se com o presidente da República ela não estaria apenas ascendendo à função de primeira-dama no país, mas inserindo a si e a família em núcleos mais próximos da política nacional. Cabe destacar, por conta disso, que apesar da não centralidade da figura do Marechal Hermes da Fonseca nesta narrativa, o casamento “em si manteve um papel central na vida da grande maioria das mulheres da elite” (Hahner, 2018, p. 62), não as restringindo a contatos ou movimentações apenas a partir dele, mas sendo o mesmo uma das variáveis possíveis às suas atuações políticas, principalmente através das redes de contatos que vieram a estabelecer por meio do matrimônio.

A escolha metodológica pela realização do mapeamento destas redes através das buscas nominais das personagens nos diferentes conjuntos documentais que compõem esta pesquisa, buscou permitir “compreender classificações sociais e também o seu uso como uma maneira de estabelecer a alianças e relações de parentesco” (Vendrame, 2016, p. 34). Tais classificações permitem, assim como o encontro das personagens, a verificação de outros elementos relacionados ao nome, como quando da não nomeação das esposas de ministros e oficiais nas listas de presenças em recepções ou, ainda, quando da mudança de nome de Nair de Teffé após o casamento, inserindo o sobrenome Hermes da Fonseca. Da mesma forma, a opção pelo estudo dos espaços de sociabilidades das personagens foi ao encontro da concepção de que “a partir

da sociabilidade é possível obter informações sobre os comportamentos culturais e as sensibilidades de um grupo determinado de indivíduos” (Muller, 2010, p. 19). Assim, a partir da observação de situações particulares nesses contextos é possível “elaborar questionamentos para se entender processos e contextos mais amplos” (Vendrame, 2016, p. 65), como a relação do apadrinhamento de Orsina da Fonseca e do Marechal Hermes da Fonseca ao filho de um casal de operários durante a década de 1910, momento em que “a face repressiva do governo foi revelada de saída, em 1910, com a repressão à Revolta da Chibata [...] prosseguiu com a participação federal na repressão ao movimento milenarista do Contestado em Santa Catarina, iniciado em 1912 [...]” (Batalha, 2000, p. 45), além das igualmente violentas repressões aos movimentos grevistas do período.

Novamente a proposta de uma análise sobre as redes sociais e sobre os espaços de sociabilidade centra-se nas “formas a partir das quais um grupo de indivíduos entra efetivamente em relação, considerando a dimensão afetiva – positiva ou negativa – como componente da interação social” (Muller, 2010, p. 20). Os espaços de sociabilidades, portanto, enquanto objetos de análise no campo da história buscam observar relações, encontros e contatos que, a partir do estabelecimento de vínculos nestes espaços, colaboram na análise de ações coletivas (Muller, 2010, p. 40). Ou seja, o olhar sobre as amizades, parentescos, as associações e instituições das quais Orsina da Fonseca e Nair de Teffé fizeram parte durante o período também revela características que permitem ampliar a compreensão sobre suas capacidades de atuação política no período, evidenciando um cenário de possibilidades formado, da mesma forma, por “escolhas, intenções, sucessos e insucessos” (Vendrame, 2016, p. 27) das personagens.

Segundo Muller (2010), algumas das características dos espaços de sociabilidade e seu uso enquanto categoria de análise histórica baseiam-se em decisões voluntárias, pois “as pessoas se agrupam porque querem; é uma escolha pessoal participar ou não de uma associação, ir ou não ao teatro, ao café, ao hotel” (Muller, 2010, p. 40), ainda que, em alguns casos, estas escolhas sofram limitações. Nesse sentido, de acordo com a autora, é importante diferenciar os espaços de sociabilidade e as redes de relações, sendo os primeiros possíveis reforçadores destas redes, mas não determinantes para que elas se estabeleçam ou se mantenham. Essa concepção pode ser observada em diferentes momentos nas trajetórias que são objeto de estudo dessa pesquisa, seja quando da listagem dos membros diretores da Sociedade da Cruz Vermelha no RJ e da presença de Orsina da Fonseca entre os mesmos e enquanto sócia efetiva (*Boletim da Sociedade da Cruz Vermelha*, 1916, p. 68) da instituição, ou quando, em suas memórias, Nair

de Teffé narrou sua insistência em não comparecer a um jantar no Clube Militar e destacou seu veto a pessoas em recepções por ela organizadas, narrando que “Rafael Mayrink via-se em palpos de aranha comigo. Informava ao presidente que as pessoas vetadas eram pelas condições políticas e cargos, convidados obrigados pelo protocolo” (Fonseca, 1974, p. 90).

Da mesma forma, Muller destacou que em relação à sociabilidade também é importante compreender que a mesma “se desenvolve num espaço e num tempo determinado [...] [e] o mais importante é o sistema de relações que neles se desenvolvem” (Muller, 2010, p. 40), sendo características que devem ser lidas dentro de espaços, tempos e costumes específicos em que foram formadas e formaram seus indivíduos. Considerando a impossibilidade de reconstrução de uma rede completa e global das personagens desta narrativa, buscamos observar de maneira mais aproximada os círculos sociais em que ambas estavam inseridas, compreendendo os mesmos enquanto lugares de vínculos e afinidades que podem ser acionados por seus agentes motivados tanto pela “análisis de los intereses del momento, pero también em función de las jerarquías o de las limitaciones que pueden pesar sobre ellos em virtud de o de los proyectos que se fijan” (Bertrand, 2012, p. 65).⁴¹ Ou seja, considerando tanto o papel do meio social quanto as próprias escolhas do indivíduo, a rede social “deve ser percebida como um útil al servicio de elecciones efectuadas por el actor sin que por ello las oriente de manera exclusiva” (Bertrand, 2012, p. 68),⁴² dando-lhe protagonismo e, ainda, humanidade, sob o olhar dos historiadores.

A compreensão sobre as redes sociais e os espaços de sociabilidade colaboram, nesse sentido, com a análise sobre as atuações políticas das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé. No entanto, não apenas a partir destas é possível visualizar de maneira complexa tais ações, sendo necessária ainda a investigação de maneira mais atenta às trajetórias destas mulheres. Voltemos nossa narrativa à compreensão destas, olhemos para o início do século XX.

⁴¹ Tradução livre: “[...] análise dos interesses do momento, mas também em função das hierarquias ou das limitações que podem pesar sobre estes em virtude destes ou dos projetos que definem” (Bertrand, 2012, p. 65, tradução nossa).

⁴² Tradução livre: “[...] deve ser percebida como utilidade ao serviço de eleições efetuadas pelo ator, sem que por elas se oriente de maneira exclusiva” (Bertrand, 2012, p. 68, tradução nossa).

Capítulo 2 – “[...] nos bastidores, por intermédio das mulheres dos políticos”: as trajetórias das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé

Se me pusesse sob qualquer outro ponto de vista, então a tal dama heroína nada de notável teria a meus olhos a não ser a dedicação até ao sacrifício pelo seu amante, mais tarde seu marido. Isto mesmo, porém, não é virtude que torne uma mulher excepcional, pois é comum nelas, a menos que tal dedicação sirva de moldura às qualidades excepcionais do seu marido ou do seu amante (Os Bruzundangas, 1985, p. 72).

Tomemos novamente a literatura como ponto de partida para as reflexões do capítulo a seguir. Em *Os Bruzundangas* (1923) Lima Barreto descreveu diferentes aspectos do país da Bruzundanga e, dentre estes, a construção nacional de heróis e heroínas da referida nação. O trecho acima refere-se a uma das passagens do capítulo destinado a este tema em sua obra, onde o literato narra a possível atribuição de heroína a uma mulher que, segundo a narrativa, não teria méritos suficientes para assim ser denominada. No trecho apresentado acima a excepcionalidade feminina é discutida e classificada, estando a dedicação e o sacrifício pelo homem colocados enquanto aspectos que não distinguem as mulheres, dado que tais ações lhes seriam supostamente naturais.

Já ao descrever um dos episódios relacionados à eleição do chamado “Mandachuva” da Bruzundanga, cargo que faz alusão ao de presidente da República, o autor destaca a influência dos padres e da religião católica na indicação e no apoio ao candidato escolhido, narrando que “[...] nos bastidores, por intermédio das mulheres dos políticos, insinuam-lhe o nome para o alto cargo de Mandachuva” (Barreto, 1985, p. 62-63). Da mesma forma, ainda em relação às mulheres na Bruzundanga, o autor destacou o papel das católicas religiosas responsáveis pela educação destas, narrando que “dominando as filhas e mulheres dos deputados, senadores, ministros, dominavam de fato os deputados, os senadores e os ministros. *Ce que femme veut...*” (Barreto, 1985, p. 45). A partir desse trecho, a narrativa literária aponta para dois outros elementos associados às mulheres naquela sociedade: uma educação orientada por preceitos religiosos e suas possíveis influências no meio político através dos maridos.

Partindo de reflexões que buscam problematizar a excepcionalidade feminina e, junto a isso, a definição das características que assim as descreveriam a partir de seus cônjuges, é que se delineará o presente capítulo. Com o objetivo de apresentar reflexões e análises sobre as trajetórias das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé nos diferentes cenários da Primeira República serão apresentadas, nos subcapítulos seguintes, discussões teóricas sobre os conceitos de trajetória e elites. Tais concepções partem da microanálise, considerando esta enquanto “um jogo contínuo de desconstruções e de reconstruções que tenta, situando-se no

nível das fontes, individualizar as articulações ocultas que unem as intencionalidades aos comportamentos sociais” (Gribaudi, 1998, p. 133), ou seja, uma abordagem que considera a variação da escala de observação a fim de observar escolhas e particularidades dos personagens, bem como “a diversidade dos comportamentos como norma” (Gribaudi, 1998, p. 133).

Nessa perspectiva, serão observadas as relações entre os âmbitos público e privado na trajetória de ambas as personagens, discutindo tais concepções e, da mesma forma, observando através de quais intersecções entre estes as personagens desenvolveram protagonismos ou influências. Emergem, paralelo a isso, as discussões de gênero por meio das quais buscamos observar “que visões da ordem social estão sendo contestadas, sobrepostas, resistidas e defendidas nos termos de definições masculino/feminino” pois, assim, “[...] chegaremos a uma nova visão sobre as diversas sociedades, culturas, histórias e políticas” (Scott, 2012, p. 347). Em seguida, serão apresentados aos(as) leitores(as) elementos e espaços que fizeram parte da construção das trajetórias de Orsina da Fonseca e de Nair de Teffé, estabelecendo diálogos com o capítulo anterior e destacando elementos particulares presentes nas experiências de cada uma destas mulheres.

2.1 Entre o público e o privado, através do gênero

Observar indivíduos em diferentes espaços, relações e contextos sociais e históricos requer a compreensão do que se entende enquanto uma análise de trajetória. Considerando as mudanças, as impermanências, a não coerência, a racionalidade ou a ausência desta em diferentes situações na trajetória das personagens aqui observadas, também é necessário que se entenda quais foram as variadas definições que permearam o ser mulher em cada período histórico. Sobre tais definições, Scott lembra que em diferentes momentos históricos, “mulheres são primariamente definidas como agentes reprodutivas, em outros como educadoras das crianças da nação, e até como as executoras da moralidade, e novamente como subversoras da razão” (Scott, 2012, p. 336). Ou seja, tais flutuações refletem na construção das trajetórias individuais historicamente, compreendendo estas enquanto relacionadas ao meio em que se inserem.

A autora também destaca as associações às quais as mulheres foram ligadas, sendo estas “às vezes equiparadas com a natureza; em outros tempos, identificadas com a cultura” e, além disso, em alguns períodos “foram entendidas como tendo a mesma alma dos homens, em outros elas foram distinguidas pela sua falta de razão” (Scott, 2012, p. 336). Acerca da naturalização de tais comportamentos, Bourdieu comenta que

As injunções continuadas, silenciosas e invisíveis, que o mundo sexualmente hierarquizado no qual elas são lançadas lhes dirige, preparam as mulheres, ao menos tanto quanto os explícitos apelos à ordem, a aceitar como evidentes, naturais e inquestionáveis prescrições e proscições arbitrárias que, inscritas na ordem das coisas, imprimem-se insensivelmente na ordem dos corpos (Bourdieu, 2017, p. 84).

Dessa maneira, ao subverter ou contrariar os comportamentos esperados ou impostos às mulheres em seus respectivos tempos históricos, trajetórias heterogêneas foram sendo elaboradas. Nessa perspectiva, a análise aqui apresentada parte da interlocução entre diferentes escalas de observação e pontos de vistas sobre as trajetórias de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé, compreendendo que

se a ênfase recai sobre o destino de um personagem – e não sobre a totalidade de uma situação social – a fim de interpretar a rede de relações e obrigações externas na qual ele se insere, é perfeitamente possível conceber de outro modo a questão do funcionamento efetivo das normas sociais (Levi, 1998, p. 179).

Assim, compreendemos o conceito de trajetória a partir de Bourdieu (1998) enquanto os deslocamentos e as transformações experienciadas pelos agentes históricos, as quais vinculam-se aos espaços percorridos e às relações estabelecidas com os demais agentes. Da mesma forma, não se objetiva compreender “uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos [...]” (Bourdieu, 1998, p. 189), ou seja, essa narrativa não se propõe a produzir ou narrar uma história de vida. Esta concepção, por sua vez, compreendida enquanto “o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção” torna-se insuficiente para evidenciar as heterogeneidades, mudanças e incoerências na elaboração das trajetórias que são objeto de análise desta pesquisa, a qual busca não “conformar-se com uma ilusão retórica” (Bourdieu, 1998, p. 185), mas sim analisar também as descontinuidades nas trajetórias de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé.

Nesse âmbito, importa destacar a inserção das personagens enquanto mulheres da elite e as peculiaridades e recortes necessários nesse caso. Assim, em diálogo com a elaboração de uma história social das elites, a escolha por esta noção se apresenta enquanto “uma chave metodológica para perscrutar a complexidade do social a partir do enfoque em universos de análise ao mesmo tempo reduzidos e abundantes em informações sociais” (Heinz, 2006, p. 10). Ou seja, trata-se da análise de “categorias ou grupos que parecem ocupar o ‘topo’ de ‘estruturas de autoridade ou de distribuição de recursos’”, compreendendo o uso da palavra *elite* enquanto referência aos grupos “‘dirigentes, as pessoas ‘influentes’, os ‘abastados’ ou os ‘privilegiados’,

e isto, na maior parte dos casos, sem outra forma de justificação, uma vez que o ‘poder’ da elite impor-se-ia por si próprio e prescindiria de maiores explicações” (Heinz, 2006, p. 7). Ainda que predominantemente referentes às figuras masculinas, tais concepções são úteis para observar as peculiaridades e as excepcionalidades quando olhamos para as mulheres pertencentes a tais grupos, ficando a cargo “das mulheres de elite ser o símbolo de distinção social e riqueza” (Lima, 2016, p. 61) destes grupos e famílias.

Com base nessas concepções teóricas, a análise das trajetórias das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé pode ser caracterizada por aproximações e semelhanças, mas também por distanciamentos e diferenças. Como visto no capítulo anterior, as redes de relações e os espaços de sociabilidade, respectivamente elaborados e frequentados por estas personagens ora pareciam-se, ora singularizavam suas experiências sociais.

Um dos aspectos comuns a ambas as mulheres foi a participação ativa de suas famílias no âmbito da política nacional e estadual, do Império à República, especialmente em relação as figuras paternas. É significativa, no entanto, a provável diferença entre suas relações, dado que no testamento político de Pedro Paulino da Fonseca, pai de Orsina, este não a mencionou em momento algum e, em notas na imprensa o Barão de Teffé, pai de Nair, a elevou em diferentes momentos como quando de sua nomeação para Oficial de Instrução Pública pelo governo francês, destacando que a filha havia sido “distinguida com a nomeação de oficial de Instrução Publica, honra que só se dá a literatos e a homens de notavel valor” (*A Noite*, 10/11/1913, p. 1). Enquanto filhas e únicas mulheres em meio a irmãos homens, algumas fronteiras sociais, como as de gênero, também fizeram-se presentes em suas trajetórias.

Já em relação aos espaços de sociabilidade frequentados por Orsina da Fonseca e Nair de Teffé antes e durante seus períodos enquanto primeiras-damas, também são observadas semelhanças – as quais, não coincidentemente, vão ao encontro das normativas estabelecidas às mulheres que ocuparam esta função durante a época. Nesse caso, foram evidenciadas suas participações em reuniões diplomáticas nacionais e internacionais, em recepções formais e informais de grupos militares e políticos da sociedade carioca e em festividades ou eventos organizados em prol de causas sociais associadas a religião católica, estando ambas, na maioria destas ocasiões, acompanhadas pelo marido e então presidente da República. Ou seja, ao ocuparem esses espaços e desempenharem a função de primeira-dama a partir do envolvimento com o cenário político ou causas relacionadas à educação, religião e caridade, por exemplo, Orsina da Fonseca e Nair de Teffé demonstram evidências da centralidade que ocupavam

naquela sociedade e incorporam práticas que, enquanto mulheres das elites e, especialmente, enquanto primeiras-damas, lhes eram socialmente requeridas e esperadas.

Em relação às suas posições sociais, portanto, importa destacar que “nos primórdios do século XX, a elite política coincidia bastante com as elites sociais, econômicas e intelectuais” (Conniff, 2006, p. 100), fazendo com que estas mulheres circulassem entre estes diferentes – mas também bastante semelhantes entre si – indivíduos e grupos. Por conta disso, suas trajetórias foram construídas nas intersecções entre os âmbitos público e privado.

Ao observarmos o início do século XX, período em que estas mulheres foram primeiras-damas, é possível perceber o quanto o “discurso maternalista corroborou a dicotomia das esferas sociais em público e privado, e ratificou ideais de feminilidade, como a propensão e predestinação das mulheres ao zelo com o lar, os filhos e o esposo [...]” (Silva, Marques, 2021, p. 461). A presença destas mulheres nos ambientes públicos era desaprovada pelos homens e, quando aceitas, voltavam-se às “tarefas filantrópicas fora do lar” (Hahner, 1981, p. 77). Ou seja, fala-se sobre uma ordem social instituída historicamente a partir de divisões dicotômicas e, logo, de relações de dominação que forjam-se enquanto naturais. Sobre tal aspecto, Bourdieu problematiza tais organizações e destaca que, segundo estas, caberia “aos homens, situados do lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizarem todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares [...]”, ao passo que às mulheres, “estando situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, são atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis ou vergonhosos [...]” (Bourdieu, 2017, p. 49). Nesse sentido, para compreender a organização e o funcionamento de tais estruturas e ordens sociais, torna-se necessária a inclusão das discussões sobre gênero.

Para analisar este conceito e as mudanças sobre sua concepção, Scott (1995) destaca que é necessário “lidar com o sujeito individual, bem como com a organização social, e articular a natureza de suas interrelações, pois ambos são cruciais para compreender como funciona o gênero [...]” (Scott, 1995, p. 86). É nesse sentido, portanto, que buscamos evidenciar o trânsito e as circulações possíveis à Orsina da Fonseca e Nair de Teffé tanto em âmbito público quanto privado e, ainda, na intersecção destes. Ao entender tais divisões do mundo social a partir do espectro das relações de dominação e poder associadas ao próprio conceito de gênero, buscamos observar o que Scott (1995) descreveu como elementos inter-relacionados ao gênero, sendo eles “os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas”, os “conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos”, a inclusão de uma

“concepção de política bem como uma referência às instituições e à organização social” e, por fim, a “identidade subjetiva” (Scott, 1995, p. 86-87). Em outras palavras, são incorporadas às análises as representações invocadas sobre estas mulheres e os usos que se fazem destas a partir da fixidez que impõem aos sujeitos. Para isso são incluídos o olhar crítico a tais padrões construídos e as subjetividades e ações individuais enquanto protagonistas nesse processo.

Assim, compreendendo o gênero enquanto uma construção social, ao observar a construção de paralelos entre as esferas pública e privada e as concepções de masculino e feminino, respectivamente, algumas associações podem ser desveladas a partir desta lente. Como visto no capítulo anterior, algumas das instituições ou temas em comum em relação às redes de relações e aos espaços de sociabilidade de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé foram a Igreja católica e as ações assistenciais das quais participaram. Sobre tais aspectos é possível notar que “a história da assistência no Brasil ficou marcada por uma espécie de aliança entre o Estado e a sociedade civil” (Silva, 2021, p. 2), a qual se constituiu a partir de obras de caridade e ações de filantropia. Desse modo, de acordo com Silva (2021), as concepções de cuidado com o próximo foram associadas ao universo feminino, destacando que “a benemerência passou a ser um espaço de ação feminina e de grande relevância no espaço público” (Silva, 2021, p. 2), aspectos que, na figura das primeiras-damas, foram significativamente associados as suas trajetórias.

Em diálogo com essa abordagem, a proposta de análise destas duas trajetórias específicas no âmbito da história das primeiras-damas vai ao encontro de estudos que consideram “que a investigação de percursos singulares, visando a apreender o que políticas carregam de ordinário e geral, permite avançar analiticamente em direção a entender a reconversão do gênero em atributo político” (Rivetti, Hey, 2023, p. 34). Em outras palavras, a partir da compreensão sobre as trajetórias de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé através de ambientes públicos e privados, sendo estes constituídos e marcados por relações de gênero, é possível observar ações políticas e atuações das personagens. Nessa perspectiva, busca-se contrapor a ideia de que tais ações na trajetória de primeiras-damas não sejam vistas enquanto participações destas mulheres na política, concepções explicadas a partir de dado “conceito de política e de participação política, no qual as atividades realizadas no âmbito assistencial não são políticas e, por extensão, a atuação das mulheres não tem caráter de participação política” (Simili, 2008, p. 132).

Tais atuações eram construídas, portanto, a partir da presença destas mulheres nestas instituições e a partir dos vínculos que estabeleciam em suas redes e espaços de sociabilidade.

Nessa perspectiva, Simili aponta que “a organização de reuniões, chás e festas com fins beneficentes é traço marcante nas práticas filantrópicas desenvolvidas pelas mulheres” (Simili, 2008, p. 121), as quais podem ser consideradas fatores importantes em suas trajetórias, pois “à medida que se envolvia com a filantropia e com a rede de senhoras que a promoviam, ela ia se integrando à cidade e às pessoas” (Simili, 2008, p. 122). Da mesma forma, a aproximação das mulheres através destas redes demonstra uma forma de compartilhamento de valores e costumes que refletem na formação de suas identidades políticas (Soihet, Costa, 2008, p. 37). Assim, tais concepções partem da construção de “uma espécie de primeiro-damismo tradicional, baseado em trejeitos femininos, na filantropia e na ética do cuidado” (Rivetti, Hey, 2023, p. 42). Ou seja, ainda que presentes nas trajetórias aqui analisadas, tais ideais não definem ou tornam homogêneas suas atuações.

A fim de evidenciar a heterogeneidade destas trajetórias e centralizar as atuações políticas de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé, destacamos que o

[...] cruzamento entre gênero e fontes diversas nos permite perceber como as mulheres foram importantes elementos da política social brasileira, escapando da corriqueira da beneficiária dos sistemas de ajuda e construindo a figura da articuladora política que, através do manuseamento dos discursos normativos de gênero, adentrou nos espaços de poder e interferiu diretamente nas questões políticas (Oliveira, Alves, 2020, p. 17).

Nessa perspectiva, é possível apontar que, mesmo a partir de características consideradas inerentes ao sexo feminino, ambas as personagens, seja através destas ou não, exerceram protagonismos nas esferas pública e/ou privada. Consideramos ainda, para esse fim, as especificidades que constituem a trajetória destas primeiras-damas, observando as particularidades de contextos e escolhas e compreendendo as tensões entre identidades individual e coletiva e as diferenças que organizam a vida social (Scott, 2005, p. 22), sendo estas mulheres brancas, de elite e localizadas geograficamente na capital federal à época.

A escolha teórica pelo conceito de gênero, dessa maneira, reflete os esforços no campo da história de compreender suas vinculações com as relações sociais e “a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares e contextualmente específicas pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política” (Scott, 1995, p. 89). Dessa forma, através do exame da politização de aspectos femininos e da associação, por vezes chancelada pelos homens, destas mulheres ao âmbito político, observamos a construção de ideais sobre a figura das primeiras-damas e a imposição de comportamentos sobre as condutas e ações destas.

No contexto das lutas pela conquista e ampliação dos direitos políticos femininos no início do século XX, as mulheres enfrentavam tais ideais de feminilidade e concepções forjadas

sobre o ser uma “verdadeira mulher” quando de suas tentativas de participação ou entrada nos meios políticos. Além da caridade e das práticas assistencialistas, nesse sentido, outros elementos foram marcadores essenciais desse modelo, como a maternidade, encarada enquanto um destino natural às mulheres. Simili (2008) destacou que “a imprensa fazia questão de lembrar às mulheres que o casamento e a maternidade eram a sua ‘missão na terra’” (Simili, 2008, p. 86). Desse modo, a fim de ratificar a participação das mulheres nas esferas políticas, durante a primeira metade do século XX é possível perceber “uma atribuição maior de importância à maternidade por parte dos Estados nacionais” (Silva, 2021, p. 8). A associação entre o cuidado com o próximo e a maternidade como características naturalmente femininas colaborou para que a participação e a inscrição de mulheres em organizações e instituições de caráter assistencial fossem expandidas. Simili destaca, ainda, sobre tais divisões, que

Particularmente no final do século XIX e início do XX, nos saberes hegemônicos – médico, político, jurídico, literário e pela imprensa – os conceitos de público e privado serviram para criar representações acerca dos espaços de atuação para homens e mulheres, com base em pressupostos sexistas. Nessas representações, o poder e a política aparecem como atividades masculinas, pela capacidade e pelas habilidades “naturais” dos homens para a racionalidade, para o controle das emoções e para a tomada de decisões, entre outras características e competências. E a vida privada como espaço feminino, pelas qualidades e propensões também “naturais” das mulheres para a casa, a família e a maternidade (Simili, 2008, p. 33).

Compreendendo tais elementos enquanto importantes para as trajetórias de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé, bem como fundamentais na construção de suas atuações políticas na Primeira República, considera-se que os mesmos também foram aspectos que ora aproximaram, ora diferenciaram as experiências das personagens durante o período. Nesse sentido, ao ser descrita de maneira elogiosa enquanto um exemplo de mãe, esposa e mulher, Orsina da Fonseca também construiu, a partir destas condições, atuações políticas em espaços de poder. Em meio às artes, aos debates calorosos com a oposição e à viuvez, Nair de Teffé também o fez.

É inegável que “a assistência social possibilitou às mulheres traçarem para si trajetórias emblemáticas e individuais de participação na ‘política masculina’ por meio de seu estado conjugal” (Oliveira, Alves, 2020, p. 28), o qual, por outro lado, não as condicionou apenas enquanto meras coadjuvantes. Compreendê-las na política, portanto, “exige colocar questões a um arranjo de poder de relações simbólicas que necessitam ser desveladas” (Rivetti, Hey, 2023, p. 35). Frente a imposição de modelos femininos, especialmente como primeiras-damas, seja adequando-se ou não a estes, as trajetórias destas personagens podem ser observadas enquanto reflexo dos contextos em que foram formadas, dialogando com a concepção de que “as

disposições estruturadas a partir do mundo social são estruturantes da prática, isto é organizam as práticas sociais” (Pinçon, Pinçon-Charlot, 1999, p. 12), fazendo com que sejam refletidos nos indivíduos gostos, costumes e modos de ver a si e aos outros. Assim, compreendemos que Orsina da Fonseca e Nair de Teffé construíram trajetórias, se não excepcionais ou enquanto “heroínas da nação”, como dizia Lima Barreto no início deste capítulo, ao menos bastante singulares e próprias de suas épocas. Vejamos alguns aspectos de cada uma delas.

2.2 Caridade, religião, maternidade e direitos femininos: a trajetória de Orsina Francioni da Fonseca

Em 17 de dezembro de 1911, quando da comemoração de seu aniversário de 52 anos, a primeira-dama Orsina Francioni da Fonseca recebeu homenagens de diferentes meios de comunicação e grupos sociais. Dentre estes, diferentes periódicos da capital lhe direcionaram felicitações. O jornal *O Paiz*, a exemplo disso, descreveu Orsina da Fonseca em nota especial para felicita-la, destacando-a, enquanto esposa do presidente, como “uma companheira tão venturosamente talhada pelo destino, a sua imperturbabilidade na acção que tem exercido sobre os destinos do paiz” (*O Paiz*, 17/12/1911, p. 3). Em seguida, Orsina foi descrita enquanto uma “senhora de altas virtudes, dotada de nobre dedicação às classes desfavorecidas da fortuna” e, por conta de seus patrocínios e apoio ao estabelecimento de escolas femininas no Distrito Federal, portadora de um “coração magnanimo” e de “dotes moraes” distintivos de sua pessoa (*O Paiz*, 17/11/1912, p. 3).

A partir desta e de outras tantas descrições encontradas nas páginas da imprensa à época, é possível perceber a construção de uma imagem acerca da trajetória e da figura de Orsina da Fonseca enquanto uma mulher exemplar, digna de incontáveis homenagens e considerada um exemplo de mãe, esposa e primeira-dama. Na análise de sua trajetória, portanto, torna-se necessária a observação de diferentes aspectos. Dentre estes, buscaremos deter nossa atenção às práticas de assistência social – discutindo as noções de caridade e filantropia a partir de suas ações enquanto primeira-dama – ao papel da maternidade e da religião católica em sua trajetória, bem como seu envolvimento com as lutas e organizações em prol da conquista de direitos femininos. Tais elementos apresentam-se, portanto, enquanto fundamentais à compreensão da trajetória desta personagem.

Em relação à assistência social, deve-se considerar o histórico de tais práticas e sua consolidação no período, atentando aos principais grupos a que eram destinadas estas ações. Sanglard e Gil apontam que “a preocupação com o pobre e a pobreza, a partir do século XIX,

passará a ser conhecida como questão social” (Sanglard, Gil, 2014, p. 68). Tal questão, portanto, voltava-se ao atendimento de alguns grupos desassistidos pelo Estado e à busca por resolver ou amenizar questões como a mortalidade infantil na capital à época. Essas preocupações fizeram surgir, ao longo da Primeira República, diferentes iniciativas.

Sobre o histórico de organização de tais iniciativas, Viscardi evidencia que a “ideia de se criar um instituto voltado para a organização de toda a assistência social, evitando-se a dispersão de iniciativas assistenciais, fora proposta primeiramente pelo ministro J.J. Seabra, no governo presidencial de Rodrigues Alves (1902-1906)” (Viscardi, 2011, p. 189), anterior, portanto, ao mandato presidencial do Marechal Hermes da Fonseca. Em relação a isso, também vemos durante o período a fundação de diferentes instituições como “[...] o Instituto de Proteção e Assistência à Infância (Ipai),¹ criado por Arthur Moncorvo Filho, em 1899; e a Policlínica das Crianças, criada graças à benemerência de José Carlos Rodrigues, em 1909 [...]” (Sanglard, Gil, 2014, p. 66), demonstrando a pluralidade de iniciativas relacionadas a estes temas. Estas, por sua vez, estiveram desde a sua origem relacionadas a aspectos como a caridade e a filantropia, conceitos fundamentais para compreender a ação dos grupos que organizavam e lideravam tais instituições, dentre os quais o papel feminino destacou-se enquanto predominante. Além disso, vinculadas quase que majoritariamente à religião católica, a filantropia e a caridade foram temas centrais para a atuação política das elites – dentre as quais, como veremos, esteve a atuação política feminina.

Importa, nesse sentido, conceituar tais aspectos. Sanglard descreveu que a “filantropia pode ser entendida, grosso modo, como a laicização da caridade cristã, ocorrida a partir do século XVIII, e que teve nos filósofos das luzes seus maiores propagandistas”, relacionando, a partir disso, a mudança nas práticas de “fazer o bem” ao próximo de uma “virtude cristã para ser uma virtude social” (Sanglard, 2003, p. 1095). Paralelo a isso, no entanto, a autora evidencia que o conceito de filantropia ao longo do Antigo Regime “é construído e modificado aos poucos, dividindo espaço com outro termo surgido na época, a beneficência” (Sanglard, 2005, p. 29).² Tal relação se apresenta enquanto intimamente relacionada às ações de assistência e

¹ Em relação a esta instituição, Martins (2023) destacou que a própria memória da associação não preservou registros sobre as mulheres que atuaram em prol desta, promovendo um esquecimento institucional e, portanto, “a dimensão política dessa memória da assistência” (Martins, 2023, p. 71). A autora ainda comenta que a presença massiva de mulheres no IPAI também decorria do fato de tratar-se de uma “instituição de assistência à infância e se considerava (como ainda se considera) que as mulheres estivessem mais aptas a cuidar de crianças e atender as mães dos assistidos, pois seria uma extensão e suas habilidades ‘naturais e maternas’ para fora do lar e da família” (Martins, 2023, p. 70).

² Sobre tal aspecto Bourdieu destaca que a própria relação econômica que desvaloriza o trabalho doméstico da mulher, não atribuindo-lhe retribuição em dinheiro, por exemplo, colabora na concepção errônea de que este não teria valor de mercado. Aliado a isso, portanto, este trabalho visto como se fosse “sem importância e pudesse ser

instituições às quais a primeira-dama Orsina da Fonseca esteve vinculada. Essa relação é demonstrada, por exemplo, especialmente em relação à infância, quando vemos sua presença como sócia do grupo de “Damas da Assistencia á Infancia” do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro (*O Paiz*, 21/09/1911, p. 6). Essa participação, por sua vez, encontra-se inserida na caracterização de práticas comuns às mulheres das elites no período, as quais, “nos marcos do catolicismo social [...] passaram a se dedicar ao associativismo, prática que não era estranha às católicas, mas até então muito restrita à devoção ou à caridade, como as Damas de Caridade [...]” (Martins, 2022, p. 4). Nesse sentido, assim como outras das participações da primeira-dama, essa associação reflete que “pobreza, assistência, caridade e filantropia estiveram sempre interligadas, e esta ligação faz-se ainda mais forte quando vinculada à infância, notadamente à questão da mortalidade infantil” (Sanglard, Gil, 2014, p. 65). No entanto, apesar de próximas, as noções de filantropia e caridade se constroem de maneira distinta.

Em relação a estas particularidades, Sanglard (2003) aponta que apesar do resultado das ações de filantropia e caridade serem, de modo geral, os mesmos, os modos de realização destas ações as distinguem. A autora destaca que “a caridade, por ser obra piedosa, pressupõe a abdicação de toda vaidade de seu autor, propugnando o anonimato como valor máximo”, ao passo que “a filantropia, por ser um gesto de utilidade, tem na publicidade sua arma” (Sanglard, 2003, p. 1096), fazendo com que, nesta última, a figura dos benfeitores seja promovida. A partir disso, apesar de serem descritas em diferentes notas da imprensa enquanto iniciativas e ações de caridade, é possível associar as participações e atuações da primeira-dama Orsina da Fonseca com o conceito de filantropia, dada a promoção de sua figura a partir destas. No entanto, deve-se considerar que tal promoção pode ser vista não apenas como unilateral, visto que o patrocínio e o apoio da primeira-dama do país a estas organizações também lhes proporcionavam maior visibilidade pública e, por consequência, a adesão e o apoio de outras figuras do meio político e social da época.

Apesar das distinções descritas anteriormente, os conceitos de filantropia e caridade não são compreendidos de maneira antagônica no âmbito desta pesquisa pois tais concepções “[...] encontram-se ambas indissociáveis à questão da pobreza, do socorro aos pobres e, posteriormente, do controle social sobre eles” (Sanglard, 2005, p. 31). Paralelo a isso, entendemos que

dado sem contrapartida e sem limites” extrapola para o ambiente externo, sendo refletido em “tarefas de beneficência, sobretudo para a Igreja, em instituições de caridade ou, cada vez mais, em associações ou partidos” (Bourdieu, 2017, p. 137), indo ao encontro de características presentes nas trajetórias analisadas nesta pesquisa.

Se, por um lado, os Estados foram efetivamente atores fundamentais e eficazes em promover a substituição da caridade por noções de civilidade e cidadania, por outro, o modelo pautado na participação das elites, em consonância com os novos significados de atuação – sem eliminar os antigos sentidos religiosos –, permaneceu personalista e localista, denunciando a íntima relação entre Estado e micropoderes que deu corpo às ações assistenciais. A formulação de políticas “públicas” levadas a cabo por indivíduos e/ ou instituições privadas foi elemento-chave na compreensão da gênese e na estruturação dos poderes políticos tanto em termos nacionais quanto locais (Souza, et al. 2019, p. 7).

Ou seja, através da participação nestas instituições é possível apontar para o exercício de poder relacionado aos seus integrantes e, dentre estes, majoritariamente as mulheres. A partir da atuação nessas instituições, portanto, ao longo da trajetória de Orsina da Fonseca pode-se apontar para o exercício de uma agência feminina conservadora (Martins, 2022). De acordo com Martins (2022), essa agência está relacionada a um grupo e movimentos conservadores expressivos nos quais “algumas mulheres tiveram protagonismo público reconhecido e apreciado pelas autoridades eclesiásticas, como também por suas redes de sociabilidade de elite, mobilizadas em favor da recristianização da sociedade brasileira” (Martins, 2022, p. 2). Em relação a trajetória da primeira-dama Orsina da Fonseca, tal associação é possível de ser verificada.

A presença da personagem enquanto presidente de honra da comissão do Circulo Catholico do Rio de Janeiro ao lado de outras mulheres das elites como enquanto “vice-presidente de honra, as esposas dos Srs. Ministro do Interior e do General Prefeito do Districto Federal” e, ao lado destas, a comissão composta das “Sras. DD. Marian Joanna de Hollanda F. Tavora, Alice Baptista Costa, Alice Fonseca, Noemia Silva Nunes e Maria Barros” (*Jornal do Commercio*, 21/07/1911, p. 3), evidencia tal caracterização. A participação da primeira-dama nas ações desta instituição também esteve associada ao seu apoio na organização de festas beneficentes como o “o festival oferecido pelas crianças pobres, por piedosa iniciativa do Circulo Catholico” (*Jornal do Commercio*, 16/09/1911, p. 6), demonstrando a vinculação entre as práticas de assistência social e a infância, como mencionado anteriormente. Além destas, cabe destacar a colaboração de Orsina da Fonseca na organização de um festival onde, como veiculado pela imprensa, “as crianças pobres tiveram, hontem, a sua festa, lembrança piedosa da exma. esposa do sr. presidente da Republica” (*A Imprensa*, 18/09/1911, p. 1-2).³ Nesta

³ Em relação a organização desta festividade, destaca-se a aproximação de Orsina da Fonseca com a esposa do prefeito do Distrito Federal à época, a senhora Bento Ribeiro, a qual presidiu, junto da primeira-dama, a organização deste evento, descrito enquanto um “sumptuoso festival offerecido ás crianças pobres e que pela primeira se realiza com tal imponência no Rio de Janeiro” (*O Paiz*, 11/09/1911, p. 3).

recepção, novamente a personagem foi descrita enquanto integrante da comissão diretora da festividade ao lado das senhoras “Rivadavia Correa, Bento Ribeiro, Alvaro de Teffé, Chiquita Mello Mattos, Belisario Tavora e senhora Maria Luiza Desray” (*A Imprensa*, 18/09/1911, p. 1-2). Logo, realizada “sob o patrocínio da sra. Hermes da Fonseca, no parque da Praça da Republica” (*Correio da Manhã*, 16/09/1911, p. 1), tais festividades contavam com a presença não apenas do presidente, mas também de outras personalidades inseridas no cenário político nacional e local, recebendo visibilidade entre estes grupos.

Desse modo, como demonstrado no primeiro capítulo dessa dissertação, as redes de relações mantidas e construídas pela personagem ao longo de sua trajetória foram predominantemente marcadas pela aproximação com outras mulheres das elites do período. Na trajetória da de Orsina, inclusive anterior ao seu período enquanto primeira-dama, esse aspecto também se verifica quando da sua participação como integrante da Irmandade de Nossa Senhora das Dores enquanto vice-provedora ao lado da provedora “Exma. Sra. D. Paulina Pfaltzgraff Paranhos” (*A Notícia*, 25 e 26/06/1909, p. 3). Da mesma forma, a relação entre as assistências prestadas à infância e o envolvimento da primeira-dama nestas pautas reflete-se com a sua presença, ao lado do presidente da República, em festivais em prol da causa infantil como àqueles realizados pelo Asylo Gonçalves de Araujo (*A Notícia*, 14 e 15/08/1911, p. 3), os quais eram acompanhados por missas e sessões solenes (*Gazeta de Notícias*, 14/08/1911, p. 2), evidenciando, mais uma vez, o caráter de interrelação entre as práticas de assistência social, a religião católica e a presença de oficiais do cenário político do período. Além disso, Orsina da Fonseca atuou enquanto presidente de honra da comissão do pontificado do papa Pio X,⁴ dirigida pelo Centro Catholico e composta por outras senhoras católicas, dentre as quais figurava, enquanto vice-presidente de honra “a Exma. Sra. Rivadavia Correia” (*O Paiz*, 03/08/1911, p. 10).⁵

Cabe destacar que a aproximação e prestígios adquiridos por Orsina da Fonseca também estiveram relacionados a outras instituições que, quando de seu falecimento, realizaram homenagens em seu nome como o Asylo Isabel (*A Notícia*, 6 e 7/12/1912, p. 2) – descrito enquanto “Associação Mantenedora da Infancia, Filhas de Maria, Santa Isabel, representadas pela viuva Marechal Vasquez, D. Aspasia Ramos Eloy, Esmeralda dos Santos Jacintho, etc.”

⁴ Junto desta comissão, a primeira-dama participou enquanto presidente de honra e colaborou na organização de festivais “em benefício das crianças pobres” (*A Tribuna*, 01/08/1911, p. 2) ao lado de outras mulheres das elites cariocas.

⁵ No mesmo período, enquanto arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti recebeu do Papa Pio X “a imposição do chapéu e do anel cardinalício” (Leite, 2004, p. 15) tornando-se o primeiro cardeal da América Latina.

(*Jornal do Brasil*, 10/12/1912, p. 6) – e o “Asylo da Ilha do Bom Jesus” (*Jornal do Commercio*, 27/05/1913, p. 4). A associação da personagem a estas instituições – assim como a do próprio presidente – podem ser lidas, portanto, enquanto elementos indicadores da importância e status social dos papéis que ocupavam naquele momento, naquela sociedade. Aliado a isso, a evidência disso se confirma através da veiculação destes acontecimentos na imprensa. Ou seja, enquanto primeira-dama, as atuações de Orsina da Fonseca em relação a tais instituições permitem que estas sejam vistas não apenas como uma face do conservadorismo feminino, mas “igualmente do estímulo da religião à agência das mulheres” (Martins, 2022, p. 15), especialmente, neste caso, às mulheres das elites.

A partir dessa perspectiva, na análise da trajetória de Orsina da Fonseca é possível perceber o quanto sua vinculação a estas instituições e ações sociais promoveram visibilidade a sua figura nas páginas da imprensa. Nesse sentido, pode-se afirmar que apesar do reforço de “um modelo conservador de feminilidade pautado pela contenção, pelas virtudes e pela adequação social, para muitas mulheres, a filantropia abriu outros espaços de atuação e de intervenção social” (Martins, 2024, p. 16), podendo essa ser considerada uma “prática a meio caminho da política, ocupando uma posição intermediária entre a iniciativa privada e o Estado” (Martins, 2024, p. 14). Associado a isto reforça-se a possível observação da chamada agência feminina conservadora, como aponta Martins (2023), ao longo da trajetória de Orsina da Fonseca.

Após o seu falecimento, nos anos seguintes o nome da personagem continua sendo importante nesses meios, característica demonstrada quando da origem de dispensários com seu nome. Em relação a tais iniciativas, Sanglard destacou que “entende-se o sucesso dos dispensários, de um lado, por sua melhor adaptação à nova realidade política e social e, de outro, pela característica das doações, feitas por listas de subscrição pública [...]” (Sanglard, 2005, p. 33). A organização do dispensário Orsina da Fonseca esteve associada a Irmandade do Espírito Santo da Lapa, a qual determinou enquanto fins do dispensário:

- 1° - Fornecer medico, pharmacia e pensão em dinheiro aos enfermos
- 2° - Fazer o funeral dos seus associados.
- 3° - Distribuir generos alimentícios e roupas aos verdadeiramente necessitados.
- 4° - Dar instrucção aos menores desamparados e aos analphabetos que desejarem, desde que sejam attestadas suas conductas.
- 5° - Manter uma cooperativa de generos e demais objetos e cousas indispensaveis ás famílias, para fornecer pelo custo, sem augmento do preço aos seus associados (*O Paiz*, 16/04/1913, p. 6).

A partir desta lista é possível observar algumas das frentes de atuação da instituição, além da problematização sobre aqueles grupos escolhidos para serem atendidos por esta. A mesma, no entanto, seguiu com sua atuação nos anos seguintes distribuindo donativos e ajudas financeiras a estes grupos (*A Noite*, 27/06/1916, p. 4; *Correio da Manhã*, 07/01/1919, p. 4). Através da lista de ações promovidas pelo dispensário, no entanto, outra área emerge enquanto relevante quando da análise da trajetória da personagem: a educação. Novamente, a presença feminina no âmbito público passa pela naturalização de características supostamente femininas. Martins aponta que, assim como as práticas filantrópicas já eram compreendidas enquanto uma extensão das qualidades femininas para além do ambiente doméstico, o exercício de outras atividades ou profissões também esteve “circunscrito a uma definição de feminilidade ancorada no espaço doméstico, portanto as profissões que poderiam ser exercidas pelas mulheres seriam aquelas derivadas de habilidades e práticas já conhecidas na esfera doméstica” (Martins, 2022, p. 7). Da mesma forma, Bourdieu aponta para a construção da lógica social em torno da elaboração destas supostas “vocações”, as quais manifestam a dominação refletida na realização de “tarefas subordinadas ou subalternas que lhes são atribuídas por suas virtudes de submissão, de gentileza, de docilidade, de devotamento e de abnegação” (Bourdieu, 2017, p. 85). Visto que o cuidado com o próximo era considerado um assunto secundário e associado a uma ação feminina, às mulheres foi privilegiada a entrada no campo da educação enquanto professoras e/ou instrutoras.

Desse modo, como as práticas de caridade e filantropia que vimos anteriormente, valores como o ato de sacrificar-se, a bondade, a compaixão e a benevolência auxiliaram na reprodução dos estereótipos de gênero, os quais refletiam na argumentação para a divisão das esferas pública e privada (Martins, 2024, p. 22). Logo, apesar da educação feminina à época ainda ser bastante reservada às mulheres de classes mais abastadas socialmente, as mesmas direcionavam seus aprendizados para ideais de boa mãe, esposa e companheira ao marido, construindo a maternidade e o casamento enquanto eixos principais. Em relação ao campo educacional no Brasil durante a Primeira República, cabe salientar apenas que a educação destinada às mulheres privilegiava “o cuidado das contas domésticas e, no caso das mulheres de elite, também se considerava útil aprender música, francês ou outro idioma, além das noções de etiqueta que a vida social requeria” (Martins, 2022, p. 8), instruindo-as às adequações e modelos pré-concebidos. Ao analisar o cenário do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX, Needell (1993) destaca que “civilização e progresso em geral eram vistos

de uma perspectiva francesa” (1993, p. 66), evidenciando as influências francesas na formação educacional das elites nacionais brasileiras.

Nesse contexto, Martins destaca o surgimento das escolas profissionais femininas durante a década de 1910 tanto na capital quanto em alguns outros estados do país. Apesar desse movimento, a autora lembra que “o significado de profissão nas escolas femininas era muito restrito à educação doméstica, como artes manuais, culinária, higiene doméstica, noções de puericultura” (Martins, 2022, p. 9), delineando temas e noções consideradas naturais e pertencentes ao universo feminino. Em meio a estes acontecimentos, durante a década de 1910 houve a fundação de uma escola pelo Partido Republicano Feminino – que, da mesma forma, originou-se em 1910 – a qual foi denominada Escola Orsina da Fonseca, em homenagem à primeira-dama. Ou seja, emergem a partir disso outras esferas presentes na análise de sua trajetória: sua relação com o PRF e a educação feminina.

Como evidenciado no capítulo anterior, a amizade estabelecida entre a primeira-dama Orsina da Fonseca e Leolinda de Figueiredo Daltro é um dos aspectos centrais na análise desta relação. A fundação do PRF esteve vinculada a um momento social em que “professoras e outras mulheres da classe média também sentiram necessidade do voto” (Hahner, 1981, p. 94), sendo a estas direcionados os esforços de Leolinda que, enquanto presidenta do Partido buscava a emancipação das mulheres brasileiras, tanto em relação ao âmbito político quanto econômico. Dessa maneira, essa busca pelos direitos das mulheres combinou-se, segundo Hahner, “ao patriotismo da classe média e à política nacional para dar origem a um partido ligado à família do presidente Hermes da Fonseca” (Hahner, 1981, p. 94), no qual Orsina da Fonseca ocupava a função de presidenta⁶ honorária. Através destas relações pode-se apontar para o envolvimento da primeira-dama, ainda que de maneira indireta, com as questões sociais femininas à época.

A partir da fundação da escola que homenageou a primeira-dama, o PRF aproximava-se da política nacional através do apoio de Orsina da Fonseca. Enquanto fundadora e diretora da Escola Orsina da Fonseca, a professora Leolinda Daltro associava à instituição os ideais de educação feminina e as pautas defendidas pelo PRF, sendo a educação e emancipação femininas partes importantes destas. Ao levar o nome da primeira-dama, ganhavam visibilidade tanto a escola quanto a própria personagem, fazendo com que sua imagem circulasse de maneira mais ampla na imprensa e com que a personagem fosse lembrada como “portadora de um nome

⁶ O termo presidenta não é encontrado nas fontes e não foi utilizado ao longo do período para nomear as personagens que ocupavam cargos como o descrito. A denominação utilizada nos materiais da época encontra-se no gênero masculino, denominando Orsina da Fonseca enquanto presidente honorária do PRF (*A Lanterna*, 26/11/1916, p. 1). Enquanto opção política, no entanto, ao longo desta pesquisa o termo será empregado para evidenciar análises e reflexões sobre as relações da personagem com o partido.

tradicional e altamente distinguido por suas virtudes na família brasileira, foi, portanto, bem merecidamente escolhido o seu nome para um estabelecimento de instrução e educação” (*A Faceira*, dezembro de 1911, p. 13). Na celebração de fundação da escola, por sua vez, foi destacado o ideal da mesma que tinha como “programma principal a intrucção da mulher, preparando-a para os principaes misteres da vida, através da sciencia e da arte” (*O Paiz*, 17/06/1911, p. 3). Na mesma ocasião, foi divulgado que o PRF havia convidado para o ato inaugural “as altas autoridades do governo, inclusive representantes dos principaes estabelecimentos publicos e particulares” (*O Paiz*, 17/06/1911, p. 3), demonstrando a tentativa de estabelecimento de relações políticas e conquista de diferentes apoios à instituição.

Em diferentes momentos, alunas e professoras da escola, bem como membras⁷ do PRF eram recebidos no Palácio do Catete, demonstrando o estreitamento dessas relações. No entanto, tal aproximação também pode ser lida enquanto uma estratégia para que, a partir das redes de relações mantidas pela primeira-dama, fossem mais facilmente entregues ao governo as demandas dos grupos e indivíduos que faziam parte da escola e do partido.⁸ Essa hipótese pode ser sustentada a partir dos préstitos organizados por Leolinda Daltro, por exemplo, acompanhados de bandas de música militares até os salões de honra do Palácio do Catete, sendo recebidos “pelo Sr. presidente da Republica, que se achava acompanhado de sua Exma. esposa, ministros da marinha e da justiça, chefe de polícia e de suas casas civil e militar” (*O Paiz*, 23/09/1911, p. 2). Na mesma ocasião, nota-se a participação mais ativa do presidente, o qual discursou e agradeceu as homenagens recebidas em seu nome e em nome de sua esposa, a qual não possuía espaço para manifestações da mesma natureza.

No ano seguinte, novamente as participações de Leolinda no âmbito da política nacional foram veiculadas pela imprensa como quando de sua entrada “com um exercito de professoras da Escola Orsina da Fonseca” nas sessões do Senado onde “installava-se na sala de espera depois invadia as tribunas e agora planta-se na portaria” reivindicando que “todos leiam o relatorio dos trabalhos da sua escola, com uma frequencia e um proveito realmente animadores” (*A Noite*, 14/11/1912, p. 2). Tal descrição, evidenciando o caráter negativo identificado pela imprensa nestas ações da personagem, também colabora na reflexão sobre a construção de

⁷ A denominação “membras”, assim como no caso da palavra “presidenta”, não foi utilizada naquele período, não sendo encontrada nas fontes. Contudo, cabe destacar que em relação a formação do PRF, a não utilização dessa distinção torna-se algo curioso pois, segundo o estatuto do partido, este era formado exclusivamente por mulheres, sendo vedada a participação masculina (Karawejczyk, 2014, p. 337).

⁸ É possível supor também que a aproximação facilitasse não apenas a realização da solicitação de demandas destes grupos ao governo, como também uma espécie de controle deste sobre essas instituições e indivíduos. Ao aproximar e permitir a entrada do PRF no Catete, por exemplo, o governo também poderia manter sob seus olhos as movimentações do grupo e suas integrantes.

representações sobre as mulheres feministas, estando estas associadas, de modo geral, a atitudes consideradas “pouco femininas” como o envolvimento e as reivindicações políticas.

Além disso, a relação da professora Leolinda com a fundação da Escola Orsina da Fonseca foi descrita de diferentes formas pela imprensa, colaborando com a hipótese sustentada anteriormente. Em períodos posteriores, o caso foi lembrado como “uma das historias mais curiosas do governo passado”, quando “o governo deu-lhe tudo; a Prefeitura, por ordem do governo, chegou a morrer de amores pela educadora e pela sua escola”, evidenciando, ainda, o quanto “a professora Daltro chegou a ser uma das figuras proeminentes do Cattete” (*A Rua*, 20/01/1916, p. 2). Na mesma matéria, o jornal ainda destacou que as manifestações em apoio ao governo do Marechal Hermes da Fonseca fizeram parte da agenda da escola,⁹ bem como as manifestações de apoio e saudações aos demais membros da família Fonseca, como o deputado Mario Hermes. Além disso, é possível observar a vinculação da personagem ao Partido Republicano Conservador, que prestava apoio e defendia as ações promovidas pela escola, assinalando outra maneira pela qual Leolinda buscou envolver-se com a política naquele período, fosse através da amizade com a então primeira-dama ou da aliança com partidos que possuíam influência política naquele momento.

Ainda em relação aos ideais do PRF associados desde a fundação da instituição, a promoção de conferências como aquela intitulada *A emancipação da mulher*, proferida, curiosamente por um homem, o jornalista e literato Leôncio Correia “[...] a convite da diretoria do partido republicano feminino” (*O Paiz*, 01/08/1912, p. 5)¹⁰, realizada nas dependências da escola demonstravam aspectos do programa do partido, o qual direcionava esforços “em prol da emancipação intellectual da mulher brasileira, seguindo, assim, o grande movimento feminista, actualmente em vigor na Europa” (*O Paiz*, 26/08/1912, p. 3). Nesse momento, o feminismo enquanto movimento social no cenário europeu influenciava o cenário brasileiro,

⁹ Dentre as manifestações em apoio ao governo e à figura do presidente, integrantes do PRF também promoveram discursos em recepções organizadas quando das viagens e retornos do Marechal Hermes da Fonseca à capital. Em uma destas, quando de seu retorno de uma viagem à Bahia em 1911, uma comissão do partido, acompanhada das alunas da Escola Orsina da Fonseca, apresentou discursos que destacavam: “Nestes poucos mezes de existencia da escola que inaugurastes, temos cultivado e desenvolvido em nossos corações a virtude cívica e os sentimentos patrióticos e temos compreendido o valor dos grandes vultos nacionaes, entre os quaes bem intensamente figura a pessoa de V. Ex. Soldado illustre e nobre, cujas tradições de familia e cujas virtudes pessoaes e abnegação patriótica elevaram ao mais alto cargo da Federação Brasileira [...]” (*Gazeta de Notícias*, 24/07/1911, p. 2). Tais pronunciamentos reforçam a aproximação com o governo pelo partido e o apoio recebido desde a sua fundação e, nos anos seguintes, dão continuidade à veneração à figura do Marechal através de pronunciamentos do PRF ou de homenagens prestadas pela escola quando do seu envolvimento em algum evento político (*Gazeta de Notícias*, 06/10/1919, p. 2; *A Razão*, 01/11/1920, p. 2)

¹⁰ Leôncio Correia foi deputado federal pelo estado do Paraná entre 1897 e 1899. Também foi responsável, em seu estado natal, pela fundação de diferentes periódicos e, após deixar a Câmara dos Deputados seguiu vivendo no Rio de Janeiro se dedicando ao magistério, ao jornalismo e à literatura. Em 1910, apoiou a candidatura do marechal Hermes da Fonseca à presidência da República (Lopes, 2024).

inserindo-se naquilo que alguns historiadores e historiadoras definem enquanto primeira onda do feminismo, sendo essa desenvolvida “no final do século XIX” e estando o movimento “centrado na reivindicação dos direitos políticos – como o de votar e ser eleita – nos direitos sociais e econômicos – como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança” (Pedro, 2005, p. 79). No entanto, pensado e praticado por grupos de mulheres das elites no contexto da Primeira República, entendemos que alguns dos ideais do movimento feminista nas primeiras décadas do século XX “fossem pensados e trabalhados em suas práticas sob outra lógica, a da legitimidade da participação feminina na cena pública pela via da manifestação dos valores cristãos e burgueses” (Silva, 2012, p. 85), característica presente na construção das redes de relações e na trajetória de Orsina da Fonseca.

Ao longo da atuação do Partido e da realização de diferentes reuniões propostas por este, delineavam-se seus interesses e a abordagem apresentada pela escola para a educação das mulheres. Dentre os temas destas reuniões destacavam-se, portanto, a discussão dos problemas de “desenvolvimento físico e espiritual da mulher”, aspectos que a instituição se propunha a tratar a fim de “facultar á mulher todos os processos irreprováveis para a fácil e independente manutenção da sua subsistencia” (*O Paiz*, 30/05/1914, p. 12). Tais propostas, no entanto, foram alvo de críticas a partir da imprensa. Acusada de promover uma educação que “virilizava” suas alunas através de notas que descreviam algumas das áreas de ensino da escola como as ligas de tiro ao alvo, à frente do PRF e da diretoria da Escola Orsina da Fonseca, jornais veiculavam que “a Sra. Daltro, que por tantos modos tem tentado ser útil á patria, achou afinal o caminho de Damasco, que no caso é o caminho do Catete...” (*Jornal do Commercio*, 23/09/1911, p. 1). Alinhavam-se, dessa maneira, as críticas aos modelos de ensino adotados pela escola, os quais supostamente fugiam daqueles previstos à educação feminina. O apoio da primeira-dama a instituições como esta, portanto, demonstra seu provável alinhamento com tais abordagens, possibilitando afirmar que em sua trajetória, Orsina da Fonseca esteve inclinada aos movimentos de reivindicação pelos direitos femininos – com suas devidas especificidades de classe – à época.

Em outras palavras, explícitas as propostas e abordagens reivindicadas pelo partido e pela escola fundada por este, é possível avultar o apoio de Orsina da Fonseca a estas causas, aproximando-a, ao longo de sua trajetória, das lutas e reivindicações pelos direitos das mulheres no início do século XX. A continuidade de um possível legado iniciado pela personagem foi continuado em entrevistas concedidas por Leolinda Daltro já na década de 1930. Em meio às discussões sobre feminismos e a participação das mulheres na política no país, a figura de

Orsina da Fonseca foi lembrada em relação a Escola “de artes, letras e trabalhos manuaes a que deu o nome de uma grande senhora – Orsina da Fonseca e revive os dias longos de trabalho pela civilização e pela mulher. Sobretudo pela mulher” (*O Malho*, 19/04/1934, p. 14).

Através destas relações, tanto no âmbito das práticas assistenciais quanto da educação, a análise da trajetória da primeira-dama Orsina da Fonseca aponta para o que Martins destacou como a configuração de uma “experiência feminina no século XIX que poderia ser entendida como uma adequação ideológica ao que se esperava das mulheres, ou seja, a dispensa de cuidados e a difusão social da bondade” (Martins, 2024, p. 7). Ao refletir sobre tal associação, a autora também destaca um aspecto presente na trajetória da personagem aqui analisada, observando que

Se esta mesma experiência foi limitadora para algumas mulheres, para outras significou a abertura de novos horizontes, espaços de agência e de consciência, o que explica porque filantropas cristãs acabaram se envolvendo com o nascente feminismo no século XIX, como foi o caso da maioria das mulheres ligadas ao movimento abolicionista na Inglaterra e nos Estados Unidos, e de tantas outras que iniciaram seu protagonismo público participando ativamente do movimento abolicionista e pelos direitos das mulheres (Martins, 2024, p. 7).

Dessa maneira, integrando estes espaços e instituições, Orsina da Fonseca pode exercer protagonismos ao longo de sua trajetória em diferentes esferas. A construção de sua imagem enquanto uma mulher, mãe e esposa exemplar, também favoreceu sua atuação. Esta, por sua vez, não partiu apenas das redes e vinculações já apresentadas neste capítulo, mas também da relação estabelecida pela personagem com grupos operários no período. Em alusão às comemorações do 1º de maio de 1912, a presença do presidente e da primeira-dama na festividade organizada nas vilas operárias que levavam seus nomes gerou à Orsina da Fonseca algumas homenagens (*Gazeta de Notícias*, 02/05/1912, p. 2). Em outras ocasiões, também relacionadas às inaugurações das vilas proletárias que levavam o nome do casal presidencial, a primeira-dama Orsina da Fonseca foi mencionada em discursos pronunciados pelos próprios operários, onde destacavam:

Terminado o Sr. Prefeito falou o operário Pires Machado, que fez longo discurso, com considerações sobre o Sr. Presidente. Referindo-se á Exma. Sra. D. Orsina da Fonseca, o orador disse que sabia ser a distinta senhora a ‘companheira carinhosa, querida e dedicada do Sr. marechal Hermes, extraordinário homem que governa o paiz; sabia que era a digna progenitora desse grande moço, que era o tenente Mario Hermes, mas o que não sabia é que era a mãe dos operários brasileiros, os quaes, por isso mesmo, lhe eram agradecidos (*Gazeta de Notícias*, 13/05/1912, p. 3).

A criação da imagem da primeira-dama enquanto mãe dos operários e, após o seu falecimento, em distintas homenagens enquanto mãe da nação, colaborou para a construção das representações consideradas exemplares a seu respeito. Após o seu falecimento, recebeu pronunciamentos como os da Confederação Brasileira do Trabalho através de elogiosas homenagens em memória da personagem, evidenciando que “a justiça á memória da saudosa senhora já está resolvida desde muito por quem o pode fazer em nome da classe operaria” (*O Paiz*, 16/05/1913, p. 6), assim como os da Sociedade dos Homens do Trabalho e da União dos Estivadores (*O Imparcial*, 28/12/1914, p. 3). Ou seja, por meio destas caracterizações, até mesmo após o seu falecimento houve a perpetuação de sua imagem enquanto associada à aspectos considerados supostamente naturais às mulheres: o cuidado e a maternidade.

No entanto, como buscamos apresentar acima, tais elementos caracterizam a trajetória da primeira-dama Orsina da Fonseca mas não a definem por completo ou limitam suas atuações. Compreendemos que tais elementos foram fundamentais para a inserção da personagem nos meios político e público à época, os quais foram potencializadores das suas atuações através de suas redes de relações. Considerando tais elementos, compreendemos enquanto fundamental “entender como foi possível àquelas mulheres criar espaços de ação e de reflexão, nem sempre contestatórios ou inconformistas” (Martins, 2024, p. 8). O apoio da primeira-dama na fundação de um partido com ideais e bases alinhadas ao feminismo naquele período, pode ser uma evidência disto. Da mesma forma, consideramos que “diante das possibilidades geradas pelas circunstâncias, muitas mulheres exerceram não só micropoderes, mas puderam intervir nas realidades que passaram a conhecer” (Martins, 2024, p. 8), assim como é possível visualizar na trajetória de Orsina da Fonseca. Dessa maneira, ao longo do estudo desta trajetória é possível observar a construção da agência da personagem, sendo esta compreendida a partir de sua capacidade de agir e/ou refletir através de interações com o mundo social em que se insere, ou seja, “ser uma mulher de elite é uma condição que se aprende em várias situações e ao longo do tempo, nas tessituras da mudança histórica e dos valores sociais” (Martins, 2024, p. 8), assim como demonstra uma possível análise da trajetória de Orsina da Fonseca no início do século XX.

Entre limites e possibilidades, caminhos prováveis para a sua agência foram sendo construídos, como buscamos evidenciar. Fosse em meio às adequações, alinhamentos ou apoios a reivindicações mais contestatórias da ordem social vigente, a primeira-dama pode elaborar sua trajetória de maneira individual e particular. Construiu-se e foi construída posteriormente

pela sociedade enquanto uma mulher exemplar, aquela com a qual a primeira-dama seguinte, sua sucessora, seria incansavelmente comparada.

2.3 Arte, educação, religião e política: a trajetória de Nair de Teffé von Hoonholtz da Fonseca

Em um discurso publicado na revista *A Faceira* na edição correspondente aos meses de outubro e novembro de 1913, a poetisa Gilka da Costa Machado discorreu sobre as relações entre as mulheres e suas influências no cenário político. Em meio as suas constatações, citou a figura de Nair de Teffé e a descreveu enquanto “moça de espírito evoluído e culto, mulher incontestavelmente perfeita, pois reúne aos seus dotes físicos uma inteligência [...] uma representante dignificadora do sexo que cultua” (*A Faceira*, out./nov. 1913, p. 6). Ainda nas páginas da imprensa da capital à época, outras foram as descrições atribuídas à Nair de Teffé. Dentre essas, encontram-se aquelas que a caracterizavam como “uma das mais finas e inteligentes da sociedade carioca, já tendo dado provas públicas das múltiplas faces do seu talento” (*A Epoca*, 02/09/1913, p. 1) ou, ainda, como “a mais interessante desenhista brasileira” (*A Noite*, 20/06/1922, p. 1).

Através destas e de outras descrições veiculadas pelos meios de comunicação sobre a caricaturista que se tornou primeira-dama ao longo do mandato presidencial de um presidente – algo inédito – foram construídas imagens e percepções que fizeram parte de diferentes momentos da trajetória de Nair de Teffé. Entre estes, portanto, alguns dos elementos que serão analisados a seguir em relação a essa personagem são: sua carreira artística enquanto caricaturista, suas relações com o universo da educação e as aproximações com ações de caridade e assistência social católicas enquanto primeira-dama. Ou seja, algumas das relações que, através da arte, da educação e da religião fizeram parte da trajetória de Nair de Teffé. Dessa forma, na análise desta trajetória, compreendemos ser possível conhecer tanto “a posição ocupada pela primeira-dama nas cercanias do poder presidencial”, quanto “o que significava ser mulher casada e esposa de governante, bem como de que maneira o público e o privado estiveram interseccionados em seu percurso” (Galetti, Simili, 2013, p. 130).

De acordo com Chagas, é possível afirmar que “Nair de Teffé viveu entre a arte e a política com a consciência de que seus gestos artísticos modernos e inovadores tinham extraordinário impacto num mundo político conservador e patriarcal” (Chagas, 2016, p. 62). Ou seja, sua trajetória artística – formada desde a infância e atribuindo-lhe proeminência social e cultural em meio às elites da época antes mesmo do seu casamento – é um dos aspectos

fundamentais em sua trajetória. Quase como um fio condutor, a arte esteve presente em diferentes momentos na vida da personagem.

Campos (2016) afirma que “Nair nasceu na maior crise do Império brasileiro” (Campos, 2016, p. 24), tendo sido essa configuração social um dos fatores influenciadores para a mudança da família Teffé nos primeiros anos da República, para a Europa. Nesse cenário, a personagem passou seus primeiros anos de vida cercada por influências do cenário intelectual francês, de modo especial, estudando em conventos no sul da França e tendo acesso a instituições as quais poucas mulheres conseguiam alcançar (Fonseca, 1974). Em relação à educação destinada às mulheres durante o período, Needell aponta para a pouca importância dada à instrução feminina, destacando a prática de “ensinamentos em casa, ministrados por pais ou preceptores”, a matrícula em colégios de freiras ou, como no caso de Nair de Teffé, casos em que as personagens “seguiam com os pais para a Europa, onde eram educadas em escolas de conventos franceses” (Needell, 1993, p. 75). Assim, “Nair não teve só a oportunidade de viver em ambientes sofisticados, mas também de receber uma educação severa – conforme moldes europeus – que permitiu a aquisição de conhecimentos mais amplos” (Campos, 2016, p. 25), contrastando com a condição em que a maioria das mulheres brasileiras se encontravam naquele momento.

Sobre tal condição social, importa apontar para algumas mudanças sociais na transição do século XIX para o século XX, dentre as quais estiveram, segundo Silva e Simili (2011) o fortalecimento das lutas das mulheres pela participação e por direitos na vida pública. Conforme as autoras, “Isso gera uma mudança gradativa na mentalidade feminina, mobilizando mulheres vinculadas à elite, com educação superior a reivindicar o direito pleno à educação, ao trabalho, a igualdade civil e ao sufrágio [...]” (Silva, Simili, 2011, p. 125). No capítulo seguinte dessa dissertação, serão observadas as relações de Nair de Teffé com as pautas acima mencionadas. No entanto, nesse momento, cabe inseri-la no contexto destes movimentos e, observando sua trajetória, percebê-la enquanto formada por diferentes influências, ora indo ao encontro de padrões impostos e recomendados para as mulheres, ora confrontando-os.

A excepcionalidade da educação recebida por Nair de Teffé pode ser evidenciada quando comparada ao cenário educacional das demais brasileiras, que passou por um longo processo de lutas sociais até a conquista do acesso das mulheres à educação.¹¹ Os moldes da

¹¹ Segundo Rosemberg, o acesso à educação escolar pelas mulheres brasileiras foi autorizado em “1827 pela Lei Geral do Ensino de 5 de outubro, mas restrita apenas às escolas femininas de primeiras letras, a educação das mulheres só conseguiu romper as últimas barreiras legais em 1971 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que atribuiu equivalência entre os cursos secundários” (Rosemberg, 2018, p. 224).

formação educacional recebida pela personagem, no entanto, estiveram de acordo com os contextos social e econômico que lhe pertenciam, ou seja, enquanto filha de uma família da elite, “caberia a ela ser o que a sociedade preconizava para as moças na época, ou seja, ser mais ‘educada’ do que ‘instruída’.” (Silva, Simili, 2011, p. 123), lhe sendo requeridas muitas das orientações sobre como portar-se, agir e até mesmo pensar enquanto mulher.

Nessa perspectiva, em relação à educação recebida por Nair de Teffé, é possível situá-la em meio ao cenário do século XIX no qual “a educação no Brasil permaneceu bastante limitada àqueles que tinham acesso a seus benefícios por conta de ‘berço’ ou posição social” (Hahner, 2018, p. 57). Nossa personagem se encaixa nessa descrição. Entretanto, como dito anteriormente, essa necessidade de instrução direcionada às mulheres das elites era pautada em características que socialmente lhes eram impostas enquanto naturais. Nesse sentido, ao colaborar para “aumentar o valor da moça no mercado matrimonial”, a educação destinada a estas “era centrada na preparação para seu ‘destino final’ de esposa e mãe” (Hahner, 2018, p. 57). Apesar de adequar-se a alguns destes aspectos, como quando a personagem se tornou noiva e posteriormente esposa do presidente da República, ao longo da trajetória de Nair de Teffé estes aspectos apresentaram configurações pouco comuns para a época. O primeiro destes é evidenciado justamente em relação à função de esposa, pois a personagem se casa apenas aos 27 anos, idade considerada avançada para a realização do matrimônio entre as jovens das elites naquele período. Em suas memórias, ao recordar o momento do pedido de casamento e os dias que o seguiram, em meio aos seus pensamentos descreveu ela que “tinha em mente só casar-me aos 30 anos depois de realizada artisticamente e amadurecida para a vida” (Fonseca, 1974, p. 30). Da mesma forma, outro contraste se apresenta em relação à maternidade.

As especulações sobre a vida íntima do casal, logo após o anúncio e efetivação do casamento, foram as mais diversas. Sabe-se, no entanto, que ambos não tiveram filhos e que, portanto, “a personagem fugiu à regra da maternidade” (Galetti, Simili, 2013, p. 135). Em suas memórias é apresentada a escolha pelo silêncio e pela preservação da vida íntima do casal. Apesar disso, a maternidade se fez presente em sua trajetória no final da década de 1920, quando já era viúva e decidiu adotar três crianças, “Carmem, Tania e Paulo, com as quais retirei-me para um sítio em Pendotiba, no Estado do Rio, próximo a Niterói” (Fonseca, 1974, p. 16). Dessa maneira, ao não ter filhos enquanto estava casada, Nair “revela a ruptura com um modelo de feminilidade que limitava o destino das mulheres ao casamento e à maternidade” (Galetti, Simili, 2013, p. 147), rompendo com fronteiras sociais impostas ao sexo feminino.

A partir dessa perspectiva, destacam-se as peculiaridades educacionais e intelectuais que fizeram parte da trajetória da caricaturista. Ainda sobre sua formação educacional, cabe lembrar sobre a influência francesa desde o início de sua formação e, posteriormente, da condecoração por ela recebida do governo francês. No final do ano de 1913, pouco antes da realização de seu casamento, Nair de Teffé recebeu, por parte do governo francês, a nomeação de “Official da Instrução Publica de França” (*Correio da Noite*, 15/11/1913, p. 1).¹² A veiculação de tamanha distinção em relação à futura primeira-dama naquele momento merece atenção. Em diferentes jornais, distintas foram as divulgações e notas sobre o assunto. O jornal *O Imparcial*, por exemplo, em uma pequena nota na seção de Paris, destacou diferentes atributos pessoais da personagem, dentre os quais lia-se: “Mlle, Nair de Teffé, literata, artista e pintora brasileira, foi nomeada official da instrução publica” (*O Imparcial*, 10/11/1913, p. 7). Da mesma forma, em uma pequena nota, mas anexa a uma fotografia de Nair de Teffé, o *Correio da Manhã* deu destaque ao ocorrido descrevendo-o enquanto “Victorias da diplomacia brasileira” e, logo abaixo, “A noiva do marechal official de Instrução Publica” (*Correio da Manhã*, 10/11/1913, p. 3). Apenas entre ambas as formas de veiculação da notícia apresentadas acima, já é possível observar as diferentes formas de direcionamento das folhas à Nair de Teffé, ora priorizando o destaque as suas qualificações pessoais, centralizando-a enquanto protagonista que foi desse momento, ora associando-os à política nacional e à figura de seu futuro marido, colocando-a, de certa maneira, em segundo plano.

O mesmo acontecimento pode ser observado a partir da associação entre a descrição da homenagem e a menção às personalidades masculinas que faziam parte de seu cotidiano. Em nota de *A Imprensa*, dada a não concretização do casamento de Nair com o presidente até aquele momento, o recebimento de sua condecoração foi vinculado à figura de seu pai, sendo este igualmente cumprimentado pela honra (*A Imprensa*, 11/11/1913, p. 1). Tal aspecto pode ser lido enquanto um indicador da posição que a família ocupava entre as elites do período e, da mesma forma, enquanto um aspecto que a diferenciava das demais mulheres. Apesar disso, é possível perceber momentos em que a própria Nair de Teffé deixa de ser o centro da notícia, como em nota publicada pelo jornal *A Noite*, o qual entrevistou o Barão de Teffé – e não a própria homenageada – para divulgar o acontecimento, fazendo com que um homem falasse

¹² Em matéria do jornal *Correio da Noite*, a distinção honorífica foi descrita a partir de sua criação, tendo sido essa realizada “por decreto de 17 de março de 1808, sob a denominação de – Palmas acadêmicas, foi em 1850, reservada aos membros dos institutos de ensino e para tal fim subdividida em duas: - ‘Palmas de official da Academia’ e de ‘Official da Instrução Publica’. Em 1886, tendo o governo necessidade de uma distincção para os litteratos, sábios ou membros das delegações dos ‘cantões’ ou dos conselhos estabelecidos perto de lyceus e collegios, isto é, a todos que prestavam serviços directa ou indirectamente ao ensino, della lançou mão e conferiu-lhe foros de condecoração que até hoje conserva” (*Correio da Noite*, 15/11/1913, p. 1).

por ela, não promovendo seu espaço de fala. Nesta entrevista o Barão evidenciou os excepcionais dotes artísticos de sua filha e, ao final, destacou o caráter da nomeação, “honra que só se dá a literatos e a homens de notável valor” (*A Noite*, 10/11/1913, p. 1), inserindo-a enquanto uma mulher entre os tantos homens, mas não permitindo-a falar em meio a estes.

Dessa forma, considerando a vinculação de sua formação educacional com o ambiente francês, Nair de Teffé demonstrou ser uma mulher tida como referência nacional e internacionalmente. Suas atuações na cena artística podem ser observadas a partir de suas interpretações musicais nas reuniões organizadas no Catete enquanto primeira-dama. Nestas, foi vista “cantando a Sra. D. Nair Hermes da Fonseca um trecho de opera italiana, acompanhada ao piano pela Sra. Dona Nícia Silva” (*Jornal do Brasil*, 27/06/1914, p. 10) assim como, na última e mais famosa recepção, a personagem foi vista interpretando, entre as tradicionais óperas francesas, o “Corta-Jaca, tango, solo de violão, Sra. Nair Hermes [...]” (*O Paiz*, 27/10/1914, p. 4).

Enquanto aspectos culturais e intelectuais, a partir destas interpretações é possível observar a continuidade dessas relações na trajetória da personagem através de sua presença em outras ocasiões e espaços culturais. Cabe ressaltar que tais eventos culturais também fizeram parte da trajetória de Orsina da Fonseca durante o período em que foi primeira-dama, a qual acompanhava, de maneira protocolar, o presidente da República nestes momentos. Em relação à Nair, destacam-se o comparecimento a apresentações culturais como “*á serata d'onore* da atriz Aura Abranches, no teatro Apollo” onde “Mme. Hermes da Fonseca ofereceu a Mlle. Aura Abranches uma linda *corbeille* de flores naturaes” (*Gazeta de Notícias*, 17/07/1914, p. 1), assim como a presença de Nair, acompanhada de sua família antes do casamento, e do presidente da República à estreia “da *troupe* dos bailados russos” (*O Imparcial*, 18/10/1913, p. 9), e a presença do casal presidencial em festivais e concertos promovidos por pessoas de suas relações no meio político e diplomático, também no Teatro Municipal (*Gazeta de Notícias*, 31/10/1914, p. 2). Após o casamento, a personagem seguiu sendo encontrada em tais espaços, agora em companhia do presidente, como quando de suas presenças “ao espetáculo da Companhia Hespanhola de Zarzuela que ora trabalha no Palace Theatre” (*O Paiz*, 29/06/1914, p. 3) e do provável comparecimento “ao espectáculo commemorativo do centenário da revista ‘O Gabiru’ no teatro S. Pedro” (*A Notícia*, 6 e 7/07/1914, p. 1). Além de evidenciarem aspectos culturais inerentes à trajetória de Nair de Teffé, tais espaços se apresentam enquanto espaços de sociabilidade que favorecem a manutenção e o fortalecimento das redes entre os presentes, sendo estes majoritariamente indivíduos das famílias das elites da época.

Outro destaque observado em relação à trajetória de Nair de Teffé, especialmente dada a sua formação enquanto caricaturista, é sua presença em exposições de outros(as) artistas da época, assim como a realização das suas próprias. Antes de seu casamento, suas produções *portrait-charge*¹³ eram destaque em colunas ao lado de outros artistas, todos homens, como em nota de *A Notícia*:

O que succede aos homens publicos devia succeder a outras classes de indivíduos, artistas, literatos, poetas, musicos. Esses, porém, não são explorados. Apenas nas revistas apparecem as silhuetas de alguns num pequeno quarto de columna, reproduzidas a negro pelo photozinco ou pela fotogravura. Por isso mesmo mais dignos de menção se tornam dois *portraits-charge* que há dias se acham expostos na casa David, á rua do Ouvidor. Assigna-os um pseudonymo: Rian, pseudonymo que é anagramma de Nair. A caricaturista não é sinão a gentil e intelligente artista que é Mlle. Nair de Teffé (*A Notícia*, 01 e 02/06/1910, p. 1).

A partir de notas como estas, a personagem teve construído seu nome enquanto referência no mundo artístico. Chagas destacou, em relação às produções de Nair, que “a rigor, Rian foi uma artista sensível, expressiva, corajosa, vanguardista, independente e, acima de tudo, foi a primeira mulher a publicar caricaturas na imprensa brasileira” (Chagas, 2016, p. 60). Essa trajetória no mundo artístico, portanto, lhe favoreceu a aproximação e a permanência em espaços privilegiados pelos quais, por ser de uma família da elite, Nair já circulava. Em outra de suas exposições, contando na inauguração com a “presença do Sr. presidente da Republica e da élite carioca”, foram apresentadas “cerca de 300 caricaturas nas quaes Mlle. de Teffé revela, como sempre, os dotes de artista” (*A Noite*, 07/06/1912, p. 2). Tal presença revela, de antemão, novamente a relação próxima entre ambas as famílias e, por outro lado, o silenciamento sobre a presença ou companhia de Orsina da Fonseca nestes eventos ao lado do presidente.

Já enquanto esposa do presidente, o casal presidencial marcou presença em exposições de diferentes personalidades como “o artista portuguez Correia Dias” (*Correio da Noite*, 11/05/1914, p. 3), recebido posteriormente no Palácio do Catete pelo casal e elogiado enfaticamente pela primeira-dama (*O Paiz*, 12/05/1914, p. 7). Além deste, estiveram entre os prestigiados pelo casal presidencial o pintor português José Campas,¹⁴ “diplomado pelas

¹³ O *portrait-charge* pode ser descrito, segundo Campos, como “o avesso do retrato: à fisionomia séria, retocada, à fixação das virtudes e dignidade do retrato, contrapõe-se fisionomia de traços carregados e os defeitos claramente apresentados” (Campos, 2016, p. 58).

¹⁴ Considerado um talentoso pintor português, José Campas realizou exposições nos salões nobres da Escola Nacional de Belas Artes, nas quais contou com a presença de Nair de Teffé e do Marechal Hermes da Fonseca. Este também foi descrito como “um dos mais distinctos alumnos de belas artes de Portugal, um paizagista notavel, com raras qualidades de desenho e de colorido”, recebendo de muitos críticos “da importante cidade do velho mundo [...] os maiores elogios, por ser um artista admirável e que faz honra a nossa raça latina” (*O Paiz*, 11/05/1914, p. 3).

Escolas de Bellas Artes de Lisboa e Paris, e expositor no ‘Salon’ dos artistas francezes” (*Jornal do Brasil*, 12/05/1914, p. 9), o professor Carlos Reis na exposição de suas caricaturas (*O Paiz*, 22/05/1914, p. 4) e o artista Gustavo Brock, ao qual foi encomendado pela personagem “um retrato original e de raro gosto” (*O Imparcial*, 23/10/1913, p. 4), produzido em um medalhão de tamanho natural e tendo Nair de Teffé posado para sua realização (Imagem 4). Sobre este, a notícia destacou que diferentes artistas estrangeiros tentaram realizar tal retrato, sem obter sucesso e agradar plenamente à família e ao noivo da jovem como o fez Gustavo Brock.

Imagem 4 - Novo retrato da noiva do sr. presidente da Republica



Fonte: *O Imparcial*, 23/10/1913, p. 4

Tal produção teve, posteriormente, novamente caráter de noticiabilidade. No ano seguinte, em Paris, foi notícia a inauguração oficial do *Salon des Artistes Français*, no qual inseria-se, dentre outras produções, “o retrato da Sra. Hermes da Fonseca, executado por Gustav Brock” (*O Paiz*, 24/04/1914, p. 5). Evidenciava-se, portanto, a circulação da imagem de Nair de Teffé entre os meios intelectuais e artísticos da época, inclusive internacionalmente. Já durante seu período como primeira-dama, não foram encontrados registros sobre a realização

de exposições da personagem, retornando estes eventos a serem notícia na imprensa apenas na década de 1920.

Nair de Teffé, no entanto, foi considerada referência na cena artística. Ao lado de outras mulheres como Julia Lopes de Almeida, romancista, Francisca Julia e Julia Cortines, poetisas, Nicolina Vaz, escultora, Paulina de Ambrosio, violinista, Angela Vargas, artista dramática, por exemplo, nossa personagem foi elencada enquanto “distinta caricaturista” sendo, contudo, descrita enquanto “actual Sra. Hermes da Fonseca” (*Careta*, 03/01/1914, p. 26) e não pelo seu nome próprio, como as demais mulheres citadas. Após o seu casamento com o presidente da República, portanto, é possível observar a mudança em relação a sua denominação em diferentes páginas da imprensa carioca, por um lado, reforçando que “a caricaturista renomada e reconhecida no mundo artístico via imprensa adquiria o status de esposa do presidente da República” (Galetti, Simili, 2013, p. 133), e, por outro, reduzindo-a a esta denominação.

Anterior ao casamento, todavia, sua trajetória artística lhe rendeu diferentes descrições e elogios por variados meios de comunicação da época. Referenciada enquanto “distinta senhorita”, “estremecida filha do sr. almirante barão de Teffé” e “brilhante caricaturista” (*A Imprensa*, 23/07/1911, p. 5), tais notícias, sendo veiculadas na denominada página feminina do jornal, colocavam a personagem enquanto uma mulher excepcional e dotada das mais distintas qualidades perante a outras mulheres da época. Seu pseudônimo foi uma das recorrentes maneiras de se referir à artista. Em reportagem da *Revista da Semana*, fundada por seu irmão, Álvaro de Teffé, a personagem foi homenageada e, suas qualidades evidenciadas em descrições como:

Rian

É esta palavra clara e sonora, que foneticamente em francez ‘nada’ quereria dizer, ou diria tudo quanto ri, que serve de pseudonymo a Mlle Nair de Teffé, quando deixa de lado as encantadoras fertilidades da vida social, em que tanto brilham a sua elegância e a sua gentileza, para empunhar o lápis de caricaturista e traçar com fina malícia na *charge* e perfeita observação nos exageros, perfis e caretas das suas amigas ou do homem do dia, das nossas *professional beautie* ou das ‘bellezas d’homem’ da terra (*Revista da Semana*, 09/03/1912, p. 9).

Sobre suas caricaturas, como a própria descrição acima destacou, é possível observar a presença e o olhar prioritário da artista às personalidades masculinas à época. Nas produções de Rian predominava, portanto, “uma tendência colorista bastante peculiar; além disso, seu traço era considerado, por muitos críticos, como ágil, vibrante e capaz de registrar (para o bem e para o mal) aspectos da personalidade do caricaturado” (Chagas, 2016, p. 60). Tal aspecto é confirmado em exposições nas quais, em notas da imprensa, destacam-se “expostas cerca de

500 caricaturas, das quaes 20, mais ou menos, coloridas e emmolduradas; entre estas vêem-se as do barão de Teffé, pae da artista, do Dr. Campos Salles, do Dr. Nilo Peçanha, do Dr. Pereira Passos, do barão do Rio Branco e outras” (*A Notícia*, 7 e 8/06/1912, p. 1).

A partir da concretização de seu casamento, contudo, além da mudança de denominação, suas produções e exposições também foram colocadas em segundo plano, como mencionamos anteriormente. Associamos tal distanciamento enquanto provável a partir de sua transformação em primeira-dama e, dessa maneira, das novas demandas sociais e políticas que lhe foram atribuídas ao lado do presidente. Já na década de 1920, no entanto, a personagem e suas produções voltam a circular de maneira mais frequente nas páginas de revistas e jornais da capital. Novamente, a centralidade na figura masculina retorna sob seu lápis como quando da publicação na capa da *Fon-Fon!* da caricatura por ela produzida do príncipe Christofor da Grécia (Imagem 5). Acompanhada desta, a revista publicou ainda uma breve descrição sobre Rian, na qual lia-se

Rian é o pseudonymo bem conhecido da Exma. Sra. Nair Hermes da Fonseca, que tão applaudida sempre foi pela nossa sociedade como magnifica caricaturista. Todo o Rio-social está positivamente lembrado das suas victoriosas ‘charges’ estampadas em jornaes e revistas há alguns annos, e muito especialmente da brilhante exposição que realisou no salão nobre do ‘Jornal do Commercio’. Essa constituiu um verdadeiro acontecimento na época e della ainda guardamos uma duradoura impressão (*Fon-Fon*, 22/01/1921, p. 1).

Imagem 5 - Capa da revista Fon-Fon de 22 de janeiro de 1921



Fonte: *Fon-Fon*, 22/01/1921, p. 1

Sendo uma das primeiras revistas em que a personagem publicou no início de sua carreira enquanto artista no Brasil, a *Fon-Fon* constitui-se enquanto importante elemento para analisar o espaço social do Rio de Janeiro naquele momento. De acordo com Galetti e Simili, as imagens e notícias encontradas nesta revista “constituem-se em vias de acesso para o conhecimento de vários aspectos relacionados à vida social, cultural e política do Rio de Janeiro, à época capital da República” (Galetti, Simili, 2013, p. 133). A presença de caricaturas produzidas por uma mulher entre as representações que a revista fazia circular pode ser interpretada enquanto um olhar alternativo aos indivíduos e grupos que formavam aquela sociedade, incorporando a perspectiva feminina (na maioria das vezes sobre os homens) acerca daquele contexto político e social. Seu humorismo, nessa perspectiva, foi noticiado enquanto, por vezes, surpreendente, dado que eram notáveis, “por vezes, nos traços de certas caricaturas, indícios de varias personalidades evidentes, conhecidas nas letras, na política, nas reuniões mundanas” (*Revista da Semana*, 10/06/1922, p. 27). Nesse cenário destacou-se a exposição de

sua caricatura de Artur Bernardes e Nilo Peçanha (*Jornal do Brasil*, 21/12/1921, p. 10), alusiva à corrida eleitoral e, segundo ela, uma de suas caricaturas mais comentadas à época (Fonseca, 1974).

Também na década de 1920 a trajetória artística de Nair ganhou destaque a partir de seu envolvimento com exposições “com um nobre fim caritativo” em prol da manutenção e auxílio da Casa dos Artistas no Rio de Janeiro, nos quais foi vista junto a outros artistas da época como Di Cavalcanti, Raul Pederneiras, Jayme Silva, Corrêa Dias e Leopoldo Gotuzzo, por exemplo (*Correio da Manhã*, 30/09/1921, p. 4; *A Noite*, 28/09/1921, p. 5).¹⁵ Sua participação em homenagens a partir de uma “festa de arte” (*O Paiz*, 30/11/1921, p. 5) como as direcionadas ao escritor Carlos Magalhães “sob o patrocínio da Sra. Hermes da Fonseca” (*Jornal do Brasil*, 01/12/1921, p. 11), demonstram o envolvimento da personagem em diferentes esferas da vida artística, bem como as redes por ela constituídas através destas.

Contudo, seu protagonismo em meio a festivais com fins caritativos não se restringiu apenas à cena artística. Estes foram noticiados especialmente durante a década de 1920, quando Nair de Teffé foi encontrada participando de “festa artística em benefício das obras da matriz de Petrópolis” (*Jornal do Commercio*, 21/03/1928, p. 2), enquanto organizadora de “uma linda festa de arte e de caridade, no Centro Catholico, em Petropolis” (*O Paiz*, 24/02/1924, p. 5), ou ainda, enquanto integrante de festivais amadores de arte, os quais destinavam-se “á fundação de uma colônia agrícola e Escola Profissional, anexa ao Recolhimento dos Desvalidos de Petropolis” (*O Jornal*, 11/03/1922, p. 6). Contudo, sua vinculação com as ações de assistência social esteve presente em sua vida até mesmo antes de ocupar a função de primeira-dama.

Dentre estas, as relações com a cidade de Petrópolis são notáveis.¹⁶ Nesta, a personagem é encontrada em diferentes notas associadas às ações e festividades promovidas pelo Circulo Catholico onde realizava apresentações artísticas (*Correio da Manhã*, 17/02/1913, p. 6) como o “Monologo: *une visite presidentielle*, por mlle. Nair de Teffé” (*O Imparcial*, 15/02/1913, p. 8) e participava de coros junto a outras mulheres. Juntavam-se os interesses e talentos artísticos

¹⁵ A partir da década de 1920, Nair volta a realizar exposições de suas próprias produções artísticas, evidenciando sua relação ainda próxima com o meio cultural. Nesses momentos, a personagem foi encontrada protagonizando exposições em Petrópolis, “com ilustrações de Rian, pseudonymo com que há muito tempo é conhecida a mais interessante desenhista brasileira: d. Nair de Teffé Hermes da Fonseca” (*A Noite*, 14/06/1922, p. 6), além de produzir caricaturas de figuras consideradas ilustres à época como o príncipe D. Pedro de Orléans Bragança (*Revista da Semana*, 05/12/1925, p. 30) e prestigiar outras artistas como Clara Welker em suas exposições de arte (*Jornal do Commercio*, 05/03/1926, p. 7).

¹⁶ A relação com a cidade de Petrópolis foi de caráter contínuo ao longo da vida de Nair de Teffé. Em 1974, ano do lançamento de seu livro, foram organizadas noites de autógrafos e homenagens na cidade para ela. Além disso, em 1979 recebeu o título de “Cidadã Petropolitana” Silva, Simili (2011, p. 132), novamente dando mostras de seu reconhecimento naquela sociedade.

de Nair de Teffé às ações de caridade que, enquanto primeira-dama, estiveram na sua agenda pública.

Sobre tais aspectos, como mencionado no subcapítulo anterior, vale ressaltar que tanto a caridade quanto a filantropia, de acordo com Martins, “são quase sempre interpretadas pela chave da regulação e do controle das populações pobres por parte das elites e da Igreja Católica, apoiadas pelo Estado” (Martins, 2024, p. 19). Estas, enquanto práticas protagonizadas pelas mulheres e, dentre estas, pelas primeiras-damas, possibilitam a ampliação do olhar sobre práticas políticas, principalmente associadas à religião. Diferentemente de Orsina da Fonseca, Nair de Teffé não atuou enquanto presidente de associações com estes fins durante seu período como primeira-dama. No entanto, ao lado do presidente compareceu aos festivais e eventos comemorativos, como aqueles organizados em prol da “Assistencia de Protecção á Infancia”, presididos por Hermes da Fonseca (*A Epoca*, 15/07/1914, p. 3; *Gazeta de Notícias*, 30/06/1914, p. 3; *O Paiz*, 15/07/1914, p. 7). Além disso, ao lado do presidente da República (ainda enquanto noiva), Nair esteve presente nos festivais organizados em benefício das Carmelitas de São José de Petrópolis, onde ocorreu “sessão especial dedicada á exma. sra. Hermes da Fonseca” (*O Imparcial*, 27/07/1914, p. 12) e nos festivais beneficentes às famílias vítimas do naufrágio do “Guarany”, sendo ela parte da comissão organizadora destas ao lado de outras senhoras das elites do período (*A Epoca*, 01/11/1913, p. 3; *Correio da Manhã*, 17/11/1913, p. 2; *A Noite*, 14/11/1913, p. 4).¹⁷

De caráter contínuo, tal vinculação da personagem com a pauta da assistência à infância também foi encontrada na década de 1920, descrevendo-a enquanto presidente de associações como “A benemérita Associação das Damas da Assistencia á Infancia” (*O Paiz*, 02/12/1921, p. 7; *O Jornal*, 02/12/1921, p. 12), onde ajudou a organizar eventos em prol do auxílio às crianças, especialmente em datas comemorativas como o Natal (*A Noite*, 02/12/1921, p. 6), arrecadando brinquedos e mantimentos para a associação. Eleita para o biênio de 1921-1923 enquanto presidente desta instituição (*Jornal do Brasil*, 17/09/1921, p. 16), portanto, Nair colocou-se à frente destas causas e foi ao encontro de concepções que associavam o cuidado feminino com as esferas da pobreza e da vulnerabilidade social.

¹⁷ A criação e manutenção destas redes entre as mulheres das elites naquele período também pode ser observada em relação às práticas assistenciais quando Nair de Teffé é vista ao lado de mulheres como as sras. “Pinheiro Machado, Barbosa Gonçalves, Bento Ribeiro, Rivadavia Correa e Herculano de Freitas” organizando festivais de caridade, sendo todas estas quando mencionadas, descritas enquanto “distinctas senhoras” (*A Imprensa*, 08/06/1914, p. 3). A partir dessas ocorrências observa-se, portanto, atuações diversas destas mulheres que, nominadas a partir de seus enlacs matrimoniais nas páginas da imprensa, também colaboravam, ao inserirem-se nestas ações, na manutenção do status e centralidade de suas famílias naquela sociedade.

Através destas associações é possível observar protagonismos da personagem que, em diferentes momentos, relacionam-se aos temas anteriormente tratados. Assim como na trajetória de Orsina da Fonseca, na trajetória de Nair de Teffé a aproximação com as ações de caridade e beneficência foram aspectos presentes. A imagem que associa estas ações especificamente às mulheres está de acordo com o que apresentam os periódicos das primeiras décadas do século XX, como afirma Martins, nos quais “a filantropia começava a se tornar uma moda entre as elites brasileiras, mas igualmente deu visibilidade social às patrocinadoras e às suas causas” (Martins, 2024, p. 23). No entanto, ainda segundo a autora, apesar da verificação desta associação em alguns casos, a redução das ações e atuações destas mulheres à organização de chás, bailes e festas não valoriza a “análise de seus protagonismos críticos à própria ordem social” (Martins, 2024, p. 23). Dadas as condições e os contextos sociais das personagens aqui analisadas, portanto, apontamos para a possibilidade de observar estes protagonismos tanto na assistência social, quanto nas artes ou na educação.

Em relação à educação, destaca-se a criação, ainda durante seu período como primeira-dama, de uma escola com o nome da personagem, localizada na vila proletária Marechal Hermes da Fonseca (*Gazeta de Notícias*, 12/11/1914, p. 6). Aspecto comum à ambas as primeiras-damas de Hermes da Fonseca, este pode ser um indicativo de que a associação de suas figuras no âmbito das vilas operárias com a educação e a infância colaborava para a manutenção do prestígio (ou na tentativa de construção deste) do presidente entre estes grupos sociais. Na década de 1920, da mesma forma, ao visitar a vila que levava seu nome, o Marechal Hermes da Fonseca o faz ao lado de sua esposa e, carinhosamente recebidos, ambos visitam a escola denominada Nair da Fonseca, tirando fotos junto aos manifestantes (*Gazeta de Notícias*, 13/12/1920, p. 3). A veiculação desta pela imprensa nas páginas iniciais da edição e com destaque para a imagem do casal em meio ao público proporciona centralidade à figura da ex-primeira-dama, destacando-a. Este destaque, além da posição central da personagem na imagem, também pode ser analisado pelo olhar sobre a vestimenta de Nair de Teffé (Imagem 6). Adequar-se às ocasiões e aos padrões sociais exigidos de uma mulher casada eram bases do contexto social que também formou nossa personagem, especialmente a partir de sua educação, como mencionamos anteriormente.

Imagem 6 - Na villa Marechal Hermes: a visita do ex-presidente da Republica



Fonte: *Gazeta de Notícias*, 13/12/1920, p. 3

Em relação à moda, também antes de seu casamento a personagem já havia concedido entrevistas sobre o tema em seções femininas de jornais da época. Dentre estas, destacamos a sua entrevista à seção “Elegância feminina” do jornal *A Imprensa*, publicada em 25 de abril de 1911. Nesta, a equipe elaborou 5 questionamentos, os quais seguiam-se: 1) como entende v. ex. a nossa elegância feminina?; 2) há diferença entre a elegância e o luxo?; 3) como se deve trajar uma senhora elegante?; 4) é indispensável uma senhora ser elegante para ser admirada? e, por fim, 5) a elegância é predicado natural ou consequência da educação?

Anterior ao olhar sobre as respostas dadas pela personagem às questões, importa localizá-las, assim como a temática, em alguns quadrantes. Inserida em uma seção que se direcionava ao público feminino letrado, estas entrevistas eram direcionadas a mulheres consideradas “brilhantes e admiradas”, segundo o jornal, naquela sociedade. As mulheres convidadas, portanto, eram majoritariamente as filhas – como no caso de Nair – mas também esposas de homens públicos e políticos, letradas e com determinado status social herdado de sua família.

Em suas respostas, por sua vez, a personagem iniciou em tom bem-humorado questionando “como quer *A Imprensa* que uma caricaturista defina a elegância, si o seu officio é exagerar, deformar mesmo os typos mais elegantes?” (*A Imprensa*, 25/04/1911, p. 3). Ao longo de sua fala, recorreu em vários momentos a expressões da língua francesa, referiu-se às mulheres europeias e à importância que costureiros e costureiras possuíam na construção do que considerava ser a elegância feminina, sendo estes capazes de tornar elegante ou não algumas mulheres. Ao posicionar-se sobre a questão da moda e dos modos femininos, Nair de Teffé revelava aspectos presentes na sua própria trajetória, demarcando que, enquanto artista, “a questão complicada das modas e da sua aplicação racional [...] assim como o *saber vestir-se* de acordo com a estação, a hora e as circunstancias, é uma *sciencia*” (*A Imprensa*, 25/04/1911, p. 3).

Sua apresentação social, dessa forma, também foi lembrada em suas memórias como quando a personagem descreveu a encomenda de Paris de “um lindo vestido para mim, especialmente para o ato de posse e recepção no Palácio do Catete” (Fonseca, 1974, p. 29), sobre o qual, infelizmente, não foram encontrados registros fotográficos. Já durante seu noivado Nair de Teffé lembrou: “[...] compareci numa solenidade no Itamarati com um vestido cor de marfim, com uma faixa azul-elétrico na cintura” (Fonseca, 1974, p. 35), novamente descrevendo com vivacidade os detalhes de suas vestimentas em meio a encontros e reuniões do mundo político e oficial. Quando da realização de seu casamento, novamente nas memórias ela lembrou que “O vestido de noiva custou a sair. [...] Pedi a meu irmão Oscar, que estava em Roma, para encomendá-lo na Casa de Modas Paquin, de Paris” (Fonseca, 1974, p. 38). A escolha da confecção do vestido em um dos mais importantes salões de alta costura de Paris fundado no final do século XIX (Salgado, 2014) colabora para a percepção das influências de moda e intelectualidades na trajetória desta mulher. Nessa perspectiva, de acordo com Pinçon, Pinçon-Charlot, observamos que “as estruturas do espaço social ou de campos específicos no interior deste espaço, como o campo da alta costura, podem ser lidos no espaço geográfico, ele mesmo hierarquizado e estruturado, conforme o sistema de posições sociais dos agentes” (Pinçon, Pinçon-Charlot, 1999, p. 18). Ou seja, o movimento de encomenda de sua vestimenta em um salão conceituado, internacional e localizado em Paris também nos apresenta elementos constituintes da personagem e dos contextos em que esteve inserida.

Em outros momentos, enquanto noiva ou já enquanto primeira-dama, a apresentação social da personagem ocupou algumas linhas nas páginas da imprensa em eventos que se relacionavam a encontros diplomáticos e políticos ao lado de Hermes da Fonseca. Destacou-se,

nesse interim, o almoço a bordo do encouraçado inglês *New Zealand* onde compareceram membros da casa militar do presidente, ajudantes de ordens, membros da Marinha e membros da delegação britânica que aguardavam a chegada do Marechal. Enquanto almirante da Marinha, notou-se a presença do barão de Teffé e “sua filha Mlle. Nair de Teffé” (*A Noite*, 14/10/1913, p. 2), a única mulher que fora mencionada na notícia enquanto presente na ocasião. Dadas as aproximações já existentes entre as famílias naquele momento e a negociação do noivado de Nair e Hermes, a presença do barão pode ser vista enquanto estratégica a fim de aproximar-se gradativamente cada vez mais dos personagens centrais do âmbito político naquele momento e a fim de aproximar também o futuro casal (*Correio da Manhã*, 13/10/1913, p. 3). Esse movimento pode demonstrar que ela, enquanto filha de Barão, “pertencia aos segmentos da elite e, muito provavelmente, a proximidade econômica, social e cultural contribuiu para a formação do casal” (Galetti, Simili, 2013, p. 134). Além destes aspectos, este almoço merece atenção devido a um incidente envolvendo a futura primeira-dama.

Em nota, *O Imparcial* publicou críticas aos recorrentes encontros, almoços e reuniões organizados em prol do noivado do então presidente e da apresentação de sua nova primeira-dama ao corpo político e diplomático nacional e internacional. O periódico destacou, nesse sentido, que “por ocasião desse almoço ocorreu um incidente desagradável para o sr. presidente da Republica e para o commandante e officiaes do navio [...]”, sobre o qual a nota descreve que “desse incidente foi causa involuntária a jovem escolhida do sr. Marechal” (*O Imparcial*, 19/10/1913, p. 2). O ocorrido refere-se a, no momento da visita ao couraçado, Nair de Teffé ter sido alcançada por um jato de ar comprimido fazendo com que seu chapéu fosse arrancado e seu penteado, desmanchado. A nota destacava que o ocorrido “não teve outra consequência para a gentil senhorita, mas o seu venerando noivo enfureceu-se a ponto de perder a compostura que o seu cargo lhe imporia, quando a simples educação não o fizesse” (*O Imparcial*, 19/10/1913, p. 2), direcionando as críticas à figura do presidente e ao seu descontrole frente a situação. A noticiabilidade de tal acontecimento revela, no entanto, tanto um espaço para críticas ao governo vigente quanto a importância dada a atos corriqueiros que, por serem experimentados pela primeira-dama, tornavam-se motivo para atenção da imprensa.

Nessas e em outras ocasiões, portanto, apesar das descrições principais da imprensa voltarem-se às ações e condutas do Marechal, encontramos Nair de Teffé acompanhando-o e, dessa maneira, ocupando espaços sociais dos mais distintos e estabelecendo contatos, ainda que apenas diplomáticos, com outras autoridades políticas da época. Enquanto exemplo dessa relação encontram-se os almoços e recepções organizados para o príncipe e princesa da Prússia,

recebidos no Catete pelo casal presidencial com muitas honras (*Gazeta de Notícias*, 27/03/1914, p. 1; *O Paiz*, 25/03/1914, p. 1). Em um destes momentos, num almoço oferecido pelo ministro da Alemanha aos príncipes, é possível perceber novamente a valorização de suas características intelectuais na trajetória da primeira-dama, a qual foi descrita: “Mme. Hermes da Fonseca, que fala muito bem alemão, entreteve com o augusto par uma encantadora conversação que conseguiu interessar vivamente os seus interlocutores, anteriormente de feitio grave” (*O Paiz*, 14/04/1914, p. 3). A fluência em diferentes idiomas como o português, o francês e o alemão, por exemplo, podem ser indicativos da excepcionalidade da trajetória de Nair de Teffé à época, considerando a formação educacional que a personagem recebeu algo ainda inacessível para a maioria das mulheres nas primeiras décadas do século XX no Brasil.

Ao longo da década de 1920 aspectos associados a esta formação intelectual e social podem ser percebidos enquanto indicativos do seu caráter de referência. Associada a sua capacidade de comunicação em outras línguas, por exemplo, podemos encontrar a personagem interpretando canções e monólogos entre “a alta sociedade de Petropolis nos salões do Tennis Club” (*O Paiz*, 07/02/1922, p. 5) em língua francesa. Já em 1925, também em meio ao cenário intelectual, Nair de Teffé esteve presente na recepção ao Orfeão Acadêmico de Lisboa, ao lado de Coelho Neto, o qual considerava seu grande amigo, recebendo homenagens de diferentes personalidades deste meio, como o escritor conde de Pinheiro Domingues (*O Imparcial*, 16/09/1925, p. 4), além de ocupar a função de madrinha na inauguração da nova sede da revista Portugal, no Rio de Janeiro (*Correio da Manhã*, 13/09/1925, p. 5), aspectos que evidenciam o prestígio internacional que deteve ao longo de sua trajetória.

Da mesma forma, no final da década de 1920, já quando viúva, Nair de Teffé pode ser encontrada participando de eventos artísticos e literários na Academia Fluminense de Letras, onde participou recitando poesias (*O Paiz*, 28/01/1928, p. 2; *O Imparcial*, 29/01/1928, p. 2) e, posteriormente, candidatou-se para ocupar vaga nesta instituição. Quando de sua candidatura, foi descrita de modo a enaltecer que “Nair de Teffé Hermes da Fonseca representará de modo especial, na Academia Fluminense, a linda terra de Petropolis [...]” (*Jornal do Brasil*, 03/04/1929, p. 15). Esta relação da família Teffé com a cidade de Petrópolis, evidenciada na nota apresentada, refletiu da mesma forma quando da ocupação da presidência da Associação de Ciências e Letras de Petrópolis por Nair de Teffé (*Gazeta de Notícias*, 23/01/1929, p. 1; *Correio da Manhã*, 15/05/1929, p. 5) e representa a centralidade que a personagem ocupou naquela sociedade, bem como o caráter de admiração e referência criado sobre sua trajetória artística, política e pessoal.

Entre a arte e a política, portanto, construiu-se a trajetória desta singular personagem. Associando estas esferas, ainda, nos anos seguintes Nair de Teffé foi encontrada cantando em homenagem ao presidente do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine,¹⁸ em reunião promovida pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) (*Gazeta de Notícias*, 01/06/1928, p. 2). Enquanto uma das associações “responsáveis pela articulação do movimento organizado feminino e sufragista no Brasil” (Karawejczyk, 2014, p. 330), cabe destacar que a FBPF era formada, em sua maioria, por mulheres que faziam parte das elites intelectuais e sociais da época, sendo um movimento articulado majoritariamente a partir desses grupos. Em relação aos seus estatutos, Soihet destacou que dentre os objetivos da instituição estavam os de “coordenar e orientar os esforços da mulher no sentido de elevar-lhe o nível da cultura e tornar-lhe mais eficiente a atividade social, quer na vida doméstica quer na vida pública, intelectual e política” (Soihet, 2018, p. 224). Sendo esta uma das instituições marcantes do período em relação às reivindicações por direitos políticos e sociais femininos, tendo a sua frente a ativista e educadora Bertha Lutz,¹⁹ a aproximação de Nair de Teffé desta instituição revela sobre mudanças e permanências em sua trajetória.

Dessa maneira, assim como afirmam Galetti e Simili, consideramos que a personagem “representa uma das chaves para a compreensão acerca de como o papel social e político de esposa foi usado por uma primeira-dama para atuar e participar da vida pública brasileira” (Galetti, Simili, 2013, p. 131). Ou seja, em sua breve passagem pelo Palácio do Catete como primeira-dama, Nair de Teffé esteve “entre aquelas que mais revolucionaram esse próprio Palácio que lhe serviu de palco para performances artísticas e atuações políticas” (Chagas, 2016, p. 65), advindas das mais diversas situações e grupos sociais com os quais estabeleceu suas redes de relações. Nesse sentido, através das memórias da personagem também é possível afirmar que várias das suas atitudes não foram compatíveis com as ações esperadas de esposas e primeiras-damas, ressaltando, como afirmam Galetti e Simili, que “Nair ajuda a entender como as mulheres do passado lidaram com os modelos vigentes de feminino e feminilidade,

¹⁸ Em relação à associação e ao apoio de Juvenal Lamartine às pautas da FBPF, Soihet (2018, p. 225) destaca que ainda antes de ocupar a função de presidente do estado do Rio Grande do Norte, o político já havia incluído naquele estado dispositivos e normativas que buscavam estabelecer a igualdade de direitos políticos entre homens e mulheres.

¹⁹ Bertha Lutz foi uma ativista, educadora e política brasileira, nascida em São Paulo no final do século XIX. Sua formação intelectual foi realizada em instituições como a Universidade de Paris e, no Brasil, na Universidade do Rio de Janeiro. Segundo Karawejczyk (2014), Bertha “vinha de uma família bem relacionada nos meandros do poder tendo recebido uma educação esmerada e diferenciada” (2014, p. 79), aspecto que, ainda segundo a historiadora, pode ter colaborado para a inclusão da personagem e seu livre acesso em ambientes que, caso fosse de outra classe, não seriam possíveis. Nesse aspecto, a formação intelectual e educacional de Bertha Lutz e de Nair de Teffé podem ser aproximadas dada a importância social que ambas as famílias tiveram e que, conseqüentemente, refletiram na entrada destas mulheres em círculos sociais mais restritos.

como encontraram arestas para mostrarem-se e dizerem o que e como pensavam a vida” (Galetti, Simili, 2013, p. 148). Consideramos, portanto, que entre as diferentes formas e movimentos combinados nas experiências vivenciadas por Nair de Teffé, esta permite apontar para a arte e para a educação, assim como para a religião e a política enquanto elementos presentes em sua trajetória no início do século XX.

Capítulo 3 – “Não sei como você, filha de senador e mulher de deputado, pode ter idéias tão estrambóticas”: as representações sobre as atuações políticas de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé

- *Doutor, outra coisa: preciso do seu voto para serem rejeitadas as tais desacumulações. Manoel não pode viver sem os vencimentos de professor...*
 — *Minha senhora...*
 — *Olhe, Doutor, nós ficamos inimigos...*
 — *O povo...*
 — *Que tem o senhor com o povo? O povo não vale nada... Não vê como ele não quer Bentes, como se pudesse ter opinião dessas coisas. Não acha, Edgarda?*
 — *Olha, Anita, eu não sei bem se ele pode ter ou não.*
 — *Você é socialista. Não sei como você, filha de senador e mulher de deputado, pode ter idéias tão estrambóticas. Então, Doutor, como vota?*
 — *Minha senhora...*
 — *Seja franco: como vota?*
 — *Depende.*
 — *Edgarda, como vai votar o marido de você?*
 — *Isso é lá com ele; não tenho nada com isso.*
 — *Pois olhe, minha filha, não é o que dizem por aí (Numa e a Ninfa, 1956, p. 182).*

Em *Numa e a Ninfa*, Edgarda é uma das personagens principais do romance e exerce papel central em relação ao cenário político que se desenvolve na obra, o qual busca refletir o cenário histórico da Primeira República no Brasil. Enquanto esposa do deputado Numa Pompílio, a personagem demonstra, através de diálogos com o marido e da redação dos discursos proferidos por este na Câmara, sua capacidade de influência e suas atuações políticas. Nesse sentido, o trecho acima apresenta aspectos que permitem aos leitores e leitoras inferir diferentes influências e participações das mulheres nas ações políticas de seus cônjuges, assim como o desenvolvimento das suas próprias.

Ao final do diálogo apresentado acima, a interlocutora de Edgarda a informa sobre possíveis rumores que estavam sendo espalhados acerca de sua influência nas escolhas políticas de seu marido. Em consonância com esse aspecto, é possível apontar para a elaboração de representações tanto sobre as atuações políticas destas mulheres quanto sobre elas próprias enquanto agentes deste meio. Torna-se necessária, portanto, a compreensão sobre as divisões sociais e de gênero que marcam tais construções, as quais são constituídas por violências simbólicas que estruturam as relações de dominação. Nessa esfera, Bourdieu aponta para a divisão sexual inscrita nos diferentes âmbitos da vida social, estando atribuído aos homens “[...] o monopólio de todas as atividades oficiais, públicas, de representação, e em particular de todas as trocas de honra [...]” (Bourdieu, 2017, p. 71), retomando a concepção das divisões socialmente construídas entre os espaços público e privado, sendo este último associado e exclusivamente destinado às mulheres.

Nessa perspectiva, compreendemos que, apesar da existência de relações de dominação, a “aceitação pelas mulheres de determinados cânones não significa, apenas, vergarem-se a uma submissão alienante, mas, igualmente, construir um recurso que lhes permitam deslocar ou subverter a relação de dominação” (Soihet, 1998, p. 82). Ou seja, ao desenvolver suas atuações políticas em meio a estas imposições sociais atribuídas ao sexo feminino, algumas mulheres puderam utilizar-se desta “aceitação” enquanto uma “tática que mobiliza para seus próprios fins uma representação imposta – aceita, mas desviada contra a ordem que a produziu” (Soihet, 1998, p. 82). A partir dessa compreensão, ao observar quais foram as representações elaboradas sobre as primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé e suas atuações políticas entre os anos de 1910 e 1924 na Primeira República buscamos observar, da mesma forma, as agências e protagonismos por elas exercidos.

Para essa análise, portanto, entendemos as representações sociais como “sintetizadoras das referências que os diversos grupos fazem acerca do que conseguem apreender de suas vivências sociais inseridos no tempo e espaço” (Santos, 2011, p. 34). Assim, em diálogo com Bourdieu, entendemos que a “representação que os indivíduos e os grupos exibem inevitavelmente através de suas práticas e propriedades faz parte integrante de sua realidade social” (Bourdieu, 2007, p. 447), sendo necessária a articulação entre as compreensões acerca dos cenários em que estiveram inseridas as personagens desta narrativa. Nesse sentido, no presente capítulo buscamos

[...] compreender, ao mesmo tempo, como as representações e os discursos constroem as relações de dominação e como estas relações são elas mesmas dependentes dos recursos desiguais e dos interesses contrários que separam aqueles cujo poder legitimam daqueles ou daquelas cuja submissão asseguram – ou devem assegurar (Chartier, 2011, p. 23).

Dessa maneira, a análise sobre as representações das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé requer a observação dos aspectos simbólicos e dos diferentes significados que constituíram estas elaborações. Devido à proposta de análise sobre duas mulheres no universo político, importa considerar também a histórica predominância masculina em relação às instituições políticas, permeando-as de repertórios e modos de agir próprios deste grupo, o que demanda um exercício de “repensar a ordem da dominação simbólica, uma vez que ela favorece interesses dominantes que colocam as mulheres e outros grupos sociais à margem da participação política real” (Rivetti, Hey, 2023, p. 50). Partindo dessas concepções, buscaremos observar as atuações políticas de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé a partir de suas

trajetórias e das redes de relações e espaços de sociabilidade que fizeram parte destas, considerando a ampliação do político para além unicamente do espaço público.

Dessa forma, a análise sobre representações neste capítulo se voltará tanto para o âmbito público quanto para o privado, compreendendo este último enquanto uma esfera em que o político também está presente e na qual se “desenvolvem múltiplas relações de poder” (Soihet, 1998, p. 81). Nesse sentido, consideramos que tanto as práticas quanto as próprias estruturas são “produzidas pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles” (Chartier, 1991, p. 177), falando sobre si enquanto também fala sobre o seu contexto e aqueles e aquelas que o cercam.

Com base nessas acepções, ressalta-se que, nesta análise, o tratamento metodológico dado às fontes baseou-se na compreensão da historicidade desses documentos e, especialmente em relação à imprensa, nas “funções sociais desses impressos” (Luca, 2011, p. 132). Da mesma forma, o trabalho com estes materiais esteve pautado nos constantes questionamentos sobre as “motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa”, assim como qual o nível de “destaque conferido ao acontecimento” (Luca, 2011, p. 140) pelo corpo editorial do impresso. Nesse sentido, também foram mobilizadas as discussões teóricas sobre o que foi considerado notícia e, da mesma forma, o que levou determinados acontecimentos relacionados à Orsina da Fonseca e Nair de Teffé a estamparem as páginas da imprensa nesse período.

De acordo com Traquina (2008), o conceito de notícia está relacionado aos chamados critérios de noticiabilidade, os quais são descritos como “o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia” (Traquina, 2008, p. 63). Em outras palavras, de acordo com cada época e período histórico, a existência de determinados aspectos para a classificação dos acontecimentos como noticiáveis ou não orienta a construção das narrativas e notícias elaboradas.

Os jornais, dessa maneira, se apresentam enquanto meios de propagação destas notícias, originalmente formadas a partir dos acontecimentos, os quais, segundo Alsina (1989, p. 81), não são alheios às construções sociais da realidade pelos sujeitos. Ou seja, as notícias derivam de acontecimentos que foram fenômenos sociais valorados a partir de diferentes aspectos em cada sociedade e período histórico, seja por sua significância, notoriedade, continuidade, composição ou relevância (Traquina, 2008), dentre outros critérios elaborados por cada sociedade. Logo, tais critérios variam historicamente.

Entretanto, algumas continuidades podem ser observadas, como a adoção de critérios como a amplitude do evento, a significância, a continuidade, o inesperado, a referência a

pessoas e nações de elite e a personalização, por exemplo.¹ Além disso, Traquina (2008) também propõe a separação dos critérios de noticiabilidade em critérios de seleção e de construção. Os critérios de seleção fariam referência aos “critérios que os jornalistas utilizam na seleção dos acontecimentos, isto é, na decisão de escolher um acontecimento como candidato a sua transformação em notícia e esquecer outro acontecimento”, enquanto que os critérios de construção estão relacionados às “qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia” (Traquina, 2008, p. 78).

Dentre os critérios de seleção propostos por Traquina, portanto, estariam a notoriedade do ator principal do acontecimento, a morte, a relevância dos acontecimentos considerados importantes por determinada sociedade, o inesperado, a notabilidade, o dia noticioso,² entre outros. Já entre os critérios de construção propostos pelo autor estão a amplificação – possibilitando que quanto mais amplificada, maior seja a chance da notícia ser notada - a relevância, a personalização e a dramatização, entre outros aspectos. Dessa maneira, ao elencar tais critérios, cada sociedade faz refletir algumas das orientações culturais vigentes em seu período, seja classificando o que é relevante ou quais atores possuem notoriedade para terem suas ações veiculadas pela imprensa.

Em meio a estas discussões, compreende-se que a suposta imparcialidade destes meios de comunicação é compreendida no âmbito desta pesquisa a partir da concepção de que “[...] aquilo que um determinado agente social considera como sendo a ‘imparcialidade do outro’ geralmente é resultado do contraste entre seus esquemas sociais e profissionais de compreensão da realidade e aqueles que orientam seus interlocutores ou adversários” (Martins, Krilow, 2023, p. 87). Logo, a partir dessas compreensões é possível ler criticamente as narrativas sobre diferentes acontecimentos veiculados pelos jornais, assim como é possível observar de que maneira estas foram construídas e quais os motivos que levaram determinados indivíduos a aparecerem nestas páginas.

Nessa perspectiva, considerando o conceito de representação enquanto “matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, [as quais] possuem força integradora, coesiva e explicativa do real” (Angeli, 2023, p. 27), neste capítulo você as encontrará em relação às

¹ Tais critérios são descritos por Traquina (2008) a partir dos estudos de Galtung e Ruge (1965/1993) e dos estudos de Ericson, Baranek e Chan (1987), a partir dos quais o autor propõe a sua própria classificação de critérios de noticiabilidade.

² O dia noticioso, segundo Traquina (2008), está relacionado à existência de “dias ricos em acontecimentos com valor-notícia e outros dias pobres em acontecimentos com valor-notícia” (2008, p. 90).

trajetórias das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé na Primeira República. Ao final desta narrativa, portanto, espera-se que as análises apresentadas colaborem para a efetiva compreensão destas mulheres para além de indivíduos percebidos como “outro” no cenário político (Faria, Rivetti, Butterby, 2023, p. 310), mas sim enquanto protagonistas e agentes deste.

3.1 Atuando politicamente: os protagonismos de duas primeiras-damas

Compreender personagens históricas e a historicidade de suas trajetórias são exercícios fundamentais à operação historiográfica (Certeau, 1982). Ao considerar esses aspectos, a observação dos protagonismos individuais torna-se mais acessível quando percebida em meio aos contextos que formaram determinadas trajetórias. Nesse sentido, é possível observar ações de mulheres que “procuraram criar seus espaços dentro da ordem, se adaptando às restrições e, ao mesmo tempo, forçando seus limites” (Martins, 2023, p. 37), evidenciando agências femininas que, a partir de suas atuações, ressignificaram o discurso de reprodução da ordem (Martins, 2023). Nessa perspectiva, portanto, se apresentam as trajetórias, as redes de relações e os espaços de sociabilidade de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé na Primeira República.

Considerando as individualidades de cada personagem, seja atuando em meio às ações de assistência social, em meio à educação, à religião ou às artes, ambas foram mulheres que tiveram suas trajetórias marcadas por diferentes protagonismos. Ou seja, externos aos marcos considerados “naturais” às vidas femininas como o matrimônio e a maternidade, através dos quais também lhes é possível o exercício político, Orsina da Fonseca e Nair de Teffé apresentaram atuações políticas para além das figuras masculinas que as cercavam. Em diálogo com as concepções apresentadas a seguir, importa compreender que mesmo “as mulheres mais conservadoras e adequadas às performances mais convencionais de classe e gênero [...]” – como no caso das duas personagens aqui analisadas – “[...] não foram menos atuantes no espaço público, nem conformadas e silenciosas” (Martins, 2023, p. 24), mas também apresentaram críticas aos espaços e estruturas sociais em que estiveram inseridas.

Nessa perspectiva, ao oferecer ajuda ou apoios a pedidos que lhes eram direcionados, a imagem de Orsina da Fonseca aparece na imprensa enquanto uma figura a quem variados grupos poderiam recorrer em busca de auxílios. A exemplo disso, em 11 de junho de 1911, *O Paiz* publicou uma carta remetida pela direção do Asylo da Infancia Santa Rita de Cassia à primeira-dama. Nesta, a instituição se dirige à Orsina da Fonseca enquanto “a mais alta mulher brasileira” a qual escreviam como “a uma mãe [...] de um coração magnanimo” (*O Paiz*, 11/06/1911, p. 6), em busca de uma intercessão dela em meio às ações do governo federal para

a cessão de benefícios em prol da instituição. Nesta nota veiculada pelo jornal *A Imprensa* dois dias antes (*A Imprensa*, 09/06/1911, p. 2), é possível observar o fortalecimento da ideia de supostas interferências da primeira-dama nas movimentações políticas do presidente da República.

Em outra ocasião de teor semelhante, a primeira-dama foi mencionada na imprensa enquanto interlocutora dos pedidos de ajuda, como veremos a seguir, que deveriam ser direcionados ao Marechal Hermes da Fonseca. Neste caso, a nota diz respeito a uma comissão de professoras da “Escola de Artes Liberaes, suprimida pelo Sr. prefeito municipal, [que] foi hontem a palacio, pedir intervenção do Sr. Presidente da Republica para a conservação do mesmo estabelecimento” (*Gazeta de Notícias*, 22/01/1911, p. 5), tendo sido as professoras recebidas pela primeira-dama Orsina da Fonseca. É possível apontar, considerando tais pedidos, para a construção de uma representação sobre a primeira-dama enquanto uma mulher que poderia vir a influenciar ou até mesmo intervir nas ações políticas do seu marido.

Corroboram com estas representações outros pedidos direcionados à Orsina da Fonseca, remetidos de diferentes estados do país, novamente solicitando auxílio do governo federal para diferentes fins. Dentre estes, em 23 de janeiro de 1912 o *Correio da Manhã* publicou uma pequena nota em meio à matéria intitulada “O caso da Bahia: Está normalizada a situação: os elementos seabristas procuram perturbar a paz no Estado” (*Correio da Manhã*, 23/01/1912, p. 2), ocupando metade da página em questão e mencionando, nesta, a primeira-dama. Nesta, lia-se que

Muitas senhoras de Mogy das Cruzes dirigiram uma representação a mme. Hermes da Fonseca, pedindo a sua intercessão junto ao marechal Hermes da Fonseca, afim de que s. ex. fizesse cessar as calamidades por que estava passando o Estado da Bahia (*Correio da Manhã*, 23/01/1912, p. 2).

Apesar de ter sido remetida por mulheres da cidade de São Paulo, o pedido refletia uma preocupação destas com aspectos da política que estavam em pauta não apenas localmente. Evidenciam-se, a partir deste pedido à primeira-dama, reflexos das disputas políticas estaduais na Bahia e a insatisfação de grupos sociais em relação às ações decorrentes do episódio que ficou conhecido como o bombardeio de Salvador, ocorrido em 10 de janeiro de 1912.³ Tal

³ O bombardeio de Salvador, segundo Rosa (2024), foi um dos exemplos da intervenção militar na política brasileira na Primeira República, tendo o bombardeio ocorrido “em consonância com os interesses do então ministro da Viação e Obras Públicas, José Joaquim Seabra, conhecido como J. J. Seabra” e tendo sido ação derivada de conflitos das disputas eleitorais estaduais de 1911. Segundo o autor, entre os dias 22 e 24 de janeiro de 1912 – período em que a notícia foi veiculada – as ruas da capital, Salvador, foram palco de violentos confrontos entre a população e o Exército.

episódio foi responsável, da mesma forma, por instalar uma crise no governo federal, dadas as intervenções militares efetivadas no estado. O pedido direcionado à primeira-dama em um momento de crise, portanto, permite visualizá-la em outras atuações que não somente a de acompanhante do presidente da República, ou seja, permite compreendê-la através de sua representação como mãe da nação, a qual poderia intervir em situações de calamidade ou conflituosas. Por estar próxima das cercanias do poder à nível nacional, nesse momento, Orsina da Fonseca foi percebida enquanto uma das possíveis ajudas a que aquelas mulheres puderam recorrer a fim de mudar determinados cenários a nível nacional.

No mesmo sentido, em 6 de fevereiro de 1912 *A Imprensa* noticiava que, a partir da capital do Espírito Santo, Vitória, “O ministro da Côrte de Justiça, dr. Ferreira Coelho, e o dr. Muniz Freire andam com um abaixo assignado dirigido a Mme. Hermes da Fonseca, andarilhando assignaturas das senhoras espiritosantenses” (*A Imprensa*, 06/02/1912, p. 2). Segundo nota do jornal, o pedido encaminhado à primeira-dama solicitava sua intervenção junto ao presidente da República para que fosse “empossado, com a intervenção federal, o dr. Getulio Santos, no cargo de presidente do Estado, ao invés do candidato eleito, dr. Marcondes Alves de Souza” (*A Imprensa*, 06/02/1912, p. 2). Não foram encontradas respostas da primeira-dama ao pedido, mas suas relações com a situação podem ser apontadas pela posição que Getúlio Santos ocupava enquanto médico da família, tendo, por isso, o apoio do presidente para sua posse (Saletto, Achiamé, 2025).⁴

Da mesma forma, em agosto do mesmo ano, um grupo de mulheres do estado do Pará remeteu outro pedido de auxílio à primeira-dama. Em nota, *A Imprensa* divulgou a formação da Liga Feminina Senador Arthur Lemos,⁵ formada por um grupo de mulheres do estado do Pará que direcionou um despacho à Orsina da Fonseca, o qual foi reproduzido na íntegra no jornal. Neste, as mulheres paraenses colocavam-se enquanto defensoras de seu estado e de sua própria honra, “[...] ameaçada constantemente com o varejo ás nossas casas, por horda de bandidos do governador, para vingar-se de adversários que, no caso, são pais, maridos, irmão e filhos das coligadas”. Em apelo à primeira-dama, escreveram então:

Certas de que, debaixo do principio de respeito á lei e á ordem, seremos, na nossa fé e amor á Republica, tantas vezes posto á prova, e que, de tão illustre brasileiro,

⁴ Na divulgação de notícias sobre o adoecimento e posterior falecimento da primeira-dama Orsina da Fonseca é possível encontrar o nome do Dr. Getulio Santos entre os médicos que davam pareceres à imprensa e aos amigos e familiares próximos da personagem (*A Notícia*, 25 e 26/11/1912, p. 2; *A Notícia*, 27 e 28/11/1912, p. 2).

⁵ Artur Lemos foi senador pelo estado do Pará entre os anos de 1909 e 1917, tendo sido deputado federal em outros dois períodos (1900-1908 e 1921-1930) pelo mesmo estado. Apoiou, em 1910, a candidatura de Hermes da Fonseca à presidência do país (Lemos, 2025).

conseguiremos o nosso sagrado ideal, apelamos, em nome da virtude de vossas patrícias e da honra do lar e bom nome da família brasileira, para o vosso coração de mãe família e esposa devotada e solícita, pedindo a vossa mão forte, no sentido de arrancar o nosso Estado ao domínio das agressões, desordens, arruaças, assaltos, apupos, prisões e mortes, reimplantando o império da tranquilidade, do socego e da lei, normalizando a vida local. Aguardamos, confiadas, a vossa palavra, que será, para nós, certamente, um conforto benigno, na segurança de não nos encontrarmos sós na campanha moralizadora da salvação do Pará (*A Imprensa*, 20/08/1912, p. 3).

Remetido no dia anterior, em 19 de agosto de 1912, o referido despacho foi assinado por 2.650 mulheres, segundo o jornal. Apesar do apelo direcionado à primeira-dama, não foi possível encontrar indicativos de que este pedido tenha sido atendido ou respondido por ela, não sendo possível, portanto, apontar para uma intervenção direta de Orsina da Fonseca na situação pela qual passava o estado do Pará. É possível observar, no entanto, que a recorrência de pedidos de ajuda em meio aos conflitos estaduais mencionados anteriormente, possam indicar prováveis intervenções ou influências da primeira-dama nessas situações. Ao recorrerem à Orsina da Fonseca, portanto, as mulheres de diferentes estados também demonstravam como a percebiam em meio à política nacional e quais eram as concepções criadas por estas sobre a figura da primeira-dama, uma mulher que poderia interceder por elas, sendo representada, por vezes, enquanto uma espécie de salvadora. Essa imagem associa-se de maneira mais forte à Orsina da Fonseca quando observadas as suas relações com as ações de assistência social, como apresentado no capítulo anterior desta dissertação.

As representações sobre a figura de Orsina da Fonseca construíram-se, portanto, envoltas em simbologias que permearam a trajetória da personagem até a sua morte. Nesse sentido, Soihet (1998) aponta que a definição da “submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação [...] é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irreduzível, universal” (Soihet, 1998, p. 82), refletindo nas distinções e no processo de naturalização de algumas áreas e atuações enquanto femininas.

Apesar disso, na análise de sua trajetória é possível observar que a personagem foi elaborando o que Martins (2023, p. 101) denominou de agência pública e política das mulheres das elites. Segundo a autora, é necessário olhar “para além das imagens simplificadoras das experiências femininas no século XIX e em boa parte do século XX – passividade, submissão, inferioridade” pois mesmo a partir destas “[...] muitas mulheres souberam articular discursos e práticas a partir de um quadro ideológico conformista, convencional e mesmo conservador” (Martins, 2023, p. 101). Ou seja, as movimentações e atuações destas mulheres também foram

vetores para o fortalecimento dos movimentos pelos direitos femininos, dadas as especificidades de classe, por exemplo, à época. Nesse sentido, a relação de Orsina da Fonseca com a esposa de Álvaro de Teffé, Nicola de Teffé, pode ser vista enquanto um dos indicativos de sua aproximação com as lutas femininas durante o período.

Na mesma página em que foi veiculado o despacho produzido pelas mulheres do Pará à primeira-dama, também foi divulgado um “jantar íntimo” oferecido por Nicola e Álvaro de Teffé à primeira-dama Orsina da Fonseca (*A Imprensa*, 20/08/1912, p. 3).⁶ Cunhada da caricaturista Nair de Teffé, Nicola foi descrita por esta enquanto portadora de “uma cultura fora do comum, inteligente, elegante e de grande senso de observação aliada ao bom gosto”, evidenciando ainda que a personagem “escolhia em Paris os meus vestidos, encomendando-os nas melhores casas [...] frequentava as boas rodas e fazia questão de apresentar-me a toda colônia europeia” (Fonseca, 1974, p. 29). Seu casamento com o secretário da presidência à época, Álvaro de Teffé, colaborou para a sua aproximação da primeira esposa do presidente, a primeira-dama Orsina da Fonseca, com a qual a personagem estabeleceu vínculos de amizade e carinho.

Esta circulação em meio ao ambiente político da época, por sua vez, favoreceu com que algumas das iniciativas de Nicola de Teffé tivessem apoio de outras mulheres das elites no período. Dentre estas iniciativas, destaca-se a fundação da Associação da Mulher Brasileira, instituição originada a partir de esforços de Nicola junto a outras mulheres com a finalidade de estabelecer-se enquanto uma referência à proteção ao trabalho feminino. No entanto, a instituição, descrita pela imprensa enquanto uma “iniciativa generosa” (*A Noite*, 08/09/1916, p. 1), caracterizava-se enquanto beneficente e não próxima às reivindicações dos movimentos feministas à época. Esta buscava valorizar, por outro lado, o trabalho exercido em âmbito doméstico e defendia a possibilidade de venda, por exemplo, de bordados produzidos pelas mulheres, evidenciando, nas palavras da fundadora:

[...] a necessidade da mulher brasileira, sem recursos fartos, deixar esse tradicional e pouco rendoso auxílio de lavagem de roupa e das panellas, afim de dedicar sua actividade a trabalhos executados com menor sacrifício, antes com prazer, e que, postos a preço sem a ganancia dos intermediarios, folgaram mais o orçamento de cada família, sem o risco da despoetisação completa do lar (*A Noite*, 09/09/1916, p. 1).

⁶ Na nota de divulgação deste jantar, além do indicativo da relação próxima mantida entre Orsina da Fonseca e Nicola de Teffé, também é possível observar o nome de Nair de Teffé na lista das poucas pessoas presentes (*A Imprensa*, 20/08/1912, p. 3).

A Associação se destaca quando da veiculação de sua fundação pela imprensa, ressaltando que “a instituição era diferente de tudo aquilo já visto em terras brasileiras, já que pretendia fornecer um auxílio integral à mulher, tendo em vista todas as suas mazelas” (Costruba, 2017, p. 139). Em seguida, ao mencionar a composição dos membros fundadores da Associação, Costruba destaca que

Os membros da entidade faziam parte dos círculos sociais da elite do Rio de Janeiro e sua diretoria contava com os nomes de peso como de Mme. Selda Potocka Malheiro Dias, que ficava a cargo da secretaria; Mme. Nicola Murinelly de Teffé, nomeada presidente e Mlle. Astréa Palm, que era a tesoureira (Costruba, 2017, p. 139).

Inserida em meio a estas ações, Nicola de Teffé se apresentava enquanto uma das mulheres que, atuante no cenário político da Primeira República, esteve próxima a ambas as personagens desta narrativa. Ao lado de Álvaro de Teffé, representou Hermes e Orsina em momentos diplomáticos (*Revista da Semana*, 21/10/1911, p. 8) e foi vista ao lado da primeira-dama Orsina da Fonseca em diferentes ocasiões (*A Notícia*, 19 e 20/10/1912, p. 2). Dessa maneira, ainda que explícita indiretamente a relação de Orsina da Fonseca com a Associação fundada por Nicola, é possível observar que a rede de relações estabelecida pela primeira-dama englobava mulheres que, de diferentes formas, participavam dos debates pelos direitos femininos.

No mesmo sentido, emerge a relação entre Orsina da Fonseca e Leolinda de Figueiredo Daltro, uma das fundadoras do PRF, como visto nos capítulos anteriores. A partir da estreita relação com o PRF, a trajetória da primeira-dama pode ser caracterizada enquanto favorável às demandas feministas da época, dado os apoios dispendidos ao partido e à escola por este fundada. Destacam-se, entre as ações promovidas pelo PRF, assembleias e reuniões como aquela em que foi pontuado e discutido o “magno problema do desenvolvimento physico e espiritual da mulher”, momento a partir do qual o “Partido Republicano Feminino tem em vista, tratar, além de tudo, das mais altas questões de interesse social, procurando facultar á mulher todos os processos irreprovaveis para a fácil e independente manutenção da sua subsistencia” (*O Paiz*, 29/05/1914, p. 6).

Além desse aspecto, cabe destacar que, enquanto presidenta⁷ honorária do PRF, Orsina da Fonseca ocupou papel central nas ações propostas e desenvolvidas pelo mesmo, contando este, portanto, com seu apoio. Assim, ao longo da análise de sua trajetória é possível notar que

⁷ Como citado no capítulo anterior, essa denominação não foi localizada nas fontes, estando presente o substantivo “presidente” para denominar ambos os sexos.

o imbricamento de sua atuação pública através das ações de assistência social e de filantropia, possibilitaram com que Orsina da Fonseca, assim como outras mulheres das elites à época, também protagonizasse ações públicas e políticas voltadas ao sufrágio e à emancipação das mulheres pela educação (Martins, 2023, p. 97). Como exemplo disso, a escola Orsina da Fonseca, fundada pelo PRF, e as ações que foram desenvolvidas pela instituição junto ao governo federal, dialogam com esta perspectiva.

Além disso, vale ressaltar que a proeminência ocupada por Leolinda de Figueiredo Daltro ao longo do quadriênio presidencial do Marechal Hermes da Fonseca foi criticada pela imprensa em período posterior. Tanto em relação ao partido quanto em relação à escola, “a professora Daltro chegou a ser uma das figuras proeminentes do Catete” naquele período, tendo apoio tanto da primeira-dama quanto do PRC na defesa da instituição, como descrito em nota: “alguém que se arriscasse a dizer mal da escola Orsina a um perrecista! Era imediatamente apontado como civilista, como maluco, como um typo que estava requerendo um par de dias de cadeia” (*A Rua*, 20/01/1916, p. 2). Evidenciam-se, assim, alianças e rivalidades que permitiram, dentre outros fatores, a criação e a manutenção de um partido que, à época, lutava e reivindicava em prol dos direitos femininos.

Em relação à adoção do nome da primeira-dama pelo estabelecimento de ensino fundado pelo PRF, esta foi, além das homenagens direcionadas à Orsina da Fonseca ao longo de sua vida, uma das formas pelas quais a escola perpetuou distinções em relação à figura de sua patrona. Seja destacando-a enquanto “portadora de um nome tradicional e altamente distinguido por suas virtudes na família brasileira” (*A Faceira*, dez./1911, p. 13) ou homenageando sua memória em meio às comemorações de símbolos da pátria (*A Razão*, 20/11/1920, p. 3), a figura de Orsina da Fonseca seguiu sendo perpetuada enquanto uma das mulheres que esteve envolvida com a luta pela emancipação feminina através da educação e com o feminismo, apoiando as causas defendidas pelo PRF.

Da mesma forma, tais aspectos não se restringem apenas à trajetória de Orsina da Fonseca. A atuação em relação à defesa dos direitos femininos também foi um dos fios que fez parte da trajetória de Nair de Teffé, sendo inclusive pauta de uma das entrevistas concedidas pela personagem ainda em vida, em 1924. Inserida em um contexto caracterizado por Karawejczyk (2014, p. 66) como os primórdios da luta feminista no Brasil, ao responder as questões propostas pelo *Jornal de Petrópolis* sobre a participação das mulheres na vida pública do país, Nair de Teffé se posicionou diante de questões emergentes à época que envolviam as lutas femininas e o movimento feminista na Primeira República. A entrevista, intitulada

Reivindicações Políticas, foi realizada em 20 de dezembro de 1924 e, segundo Santos (1999, p. 69) “teve grande repercussão”.

Ao receber previamente as questões propostas pelo jornal, Nair de Teffé descreveu serem estas “questões de máxima gravidade e de incontestável importância... isto é, para as gerações futuras” (Santos, 1999, p. 69), como se as examinasse com determinada distância e não incluísse a si própria nesse contexto. Propondo-se a examinar “muito de leve e sinteticamente, o problema palpitante do voto feminino” (Santos, 1999, p. 69), a personagem respondeu brevemente cada questão. As três primeiras questões direcionadas à caricaturista foram: “1. É pela entrada da mulher na política? 2. Até que ponto? 3. O nosso meio social está preparado para isso?” (Santos, 1999, p. 70), às quais Nair de Teffé elaborou de modo a demonstrar os contextos que permearam suas formações intelectual, educacional e cultural. Ao primeiro e segundo questionamentos a personagem discorreu sobre sua mudança de opinião com o passar do tempo, apontando inicialmente para seu posicionamento contrário à entrada e envolvimento das mulheres na política e, em seguida, para a sua mudança de opinião. Essa transformação, segundo a própria personagem, “vem unicamente provar que acompanho o progresso, esforçando-me de progredir [...]” (Santos, 1999, p. 70). Tal noção de progresso associado à trajetória da personagem também foi por ela lembrado quando destacou que

[...] com a surpreendente evolução do pensamento humano neste século de vida intensa, acho que em nosso meio, hoje idêntico pela mentalidade aos dos países mais civilizados, essa ideia, considerada como consequência lógica dos fenômenos sociais, seria recebida no mundo sem preconceitos de sexo (Santos, 1999, p. 70).

Importa evidenciar que o chamado “nosso meio” ao qual a personagem se referiu reflete os espaços nos quais esteve inserida ao longo de sua vida, fazendo referência de maneira mais próxima aos costumes e experiências de grupos das elites do período. O próprio convite do *Jornal de Petrópolis* para que Nair de Teffé concedesse a entrevista também é um dos indicativos da posição social e da centralidade que, outrora também como primeira-dama, ela ocupava naquela sociedade.

Já em relação ao segundo questionamento, Nair de Teffé novamente recorreu aos exemplos do “Velho Continente”, apontando para o modo como as questões feministas eram tratadas em outros países, narrando que: “A posição vexatória em que os países sul-americanos colocaram a mulher, desde que se tornaram livres, negando-lhes até o direito de voto nas eleições dos seus ‘Lycurgos’, tende, dia-a-dia, a desaparecer por completo” (Santos, 1999, p. 70). Seu posicionamento favorável às questões feministas, no entanto, em suas próprias

palavras também a faz evidenciar de quais lugares e a partir de quais culturas e influências ela foi formada. Ao discorrer sobre seu descontentamento com os privilégios dados aos homens na esfera pública, Nair de Teffé referiu-se às mulheres enquanto “sexo frágil”, defendendo a ocupação das tribunas, por exemplo, pelas “silhuetas femininas [...] com a graça e vivacidade naturais” (Santos, 1999, p. 71). Ao posicionar-se dessa maneira, é possível identificar a partir da fala da personagem uma espécie de reivindicação ou resposta, segundo Connell e Pearse (2015), a um “lugar na ordem de gênero [...] na maneira como nos conduzimos na vida cotidiana” (Connell, Pearse, 2015, p. 39), fazendo refletir aspectos culturais presentes e influentes na formação de sua trajetória.

Reflexos de tal posicionamento de Nair de Teffé também podem ser percebidos a partir da análise dos contextos que a cercavam, assim como de suas redes de relações. Ou seja, “um papel mais ativo e uma experiência mais abrangente não constitui liberdade” (Needell, 1993, p. 164). Apesar de suas excepcionalidades educacionais à época, ela ainda era uma mulher e, por isso, estava sujeita às imposições sociais dispostas sobre estas. Dessa forma, a influência da *belle époque* francesa nos costumes do Rio de Janeiro durante a Primeira República fizeram com que as consideradas “alta cultura e alta sociedade” fossem elementos fundamentais na “reprodução desta herança sociocultural básica” (Needell, 1993, p. 41) e como nossa personagem era parte destes grupos, pode ser percebida enquanto mais uma agente dessas reproduções.

De volta à entrevista concedida pela caricaturista, as últimas três perguntas que lhe foram feitas sobre a participação da mulher na política brasileira foram: “4. Disso advirão vantagens para o país? 5. E não haverá inconvenientes? 6. Não seria melhor que a mulher brasileira continuasse na sua função de mãe e preceptora dos brasileiros?” (Santos, 1999, p. 70). Em relação à quarta pergunta, Nair de Teffé apresenta incertezas afirmando que “No triunfo do feminismo há vantagens... prováveis, porém, afirmar não posso” e finaliza destacando: “prefiro falar mais do passado do que do futuro... (pelo menos é mais seguro)” (Santos, 1999, p. 71), não comprometendo-se diretamente com previsões ou desejos futuros da personagem sobre o tema.

Já na quinta pergunta a caricaturista destacou acreditar na existência de inconvenientes aos homens quando da entrada das mulheres na política. Por conta dessa afirmação, completou sua resposta com outra proposta de entrevista ao *Jornal de Petrópolis*:

Por minha parte estou aguardando o momento oportuno, para proceder a uma enquete idêntica, em forma de ‘interview’, que intitularei: ‘O que dirão os maridos... depois de concedidos os direitos eleitorais às esposas?!’

E me vou preparando para divertir os leitores do ‘Jornal de Petrópolis’ com esse futuro inquérito sensacional, para o qual já tenho inscritos no meu carnê alguns nomes conhecidos de maridos a serem consultados... (Santos, 1999, p. 71).

Ao posicionar-se dessa maneira, Nair de Teffé aponta para elementos fundamentais à compreensão da conquista e da luta pelos direitos políticos femininos, destacando o papel desempenhado pelos homens nesse movimento, quer seja de apoio ou de rejeição, mas que também fez parte dessas articulações, como destacou Karawejczyk (2020). Por fim, na última pergunta realizada pelo jornal a personagem questiona a si e aos/às leitores(as) sobre qual seria o papel das mulheres que não teriam filhos, apontando para a ocupação de educadoras ou preceptoras dos filhos das outras mulheres. É interessante notar que mesmo se posicionando de maneira favorável à entrada das mulheres no cenário político, em nenhum momento Nair de Teffé listou enquanto possíveis outras ocupações às mulheres que não as tradicionalmente associadas ao sexo feminino, ou seja, “funções que convém às mulheres [e que] se situam no prolongamento das funções domésticas” (Bourdieu, 2017, p. 131), como a educação e o cuidado.

O prestígio atribuído à figura de Nair de Teffé fez com que o convite à entrevista e a publicação de suas respostas evidenciassem elementos culturais, costumes e modos de pensar de determinados grupos no período. Enquanto uma mulher que ora adequava-se aos padrões femininos impostos às mulheres, como a realização do casamento, ora subvertia alguns destes – como a partir de sua trajetória artística e de seus posicionamentos através de suas produções – Nair de Teffé apresentou protagonismos para além das figuras masculinas com as quais conviveu. Além disso, ao refletir sobre a participação das mulheres na política brasileira, a partir da entrevista, é possível observar que a personagem parece não reconhecer seu próprio papel político, seja no momento da entrevista ou em períodos anteriores, quando ocupou a função de primeira-dama do país.

Apesar disso, em meio às suas atuações políticas relacionadas às lutas pelos direitos das mulheres, Nair de Teffé também manteve aproximações com o movimento liderado pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), estando presente em comemorações e festas organizadas pela instituição (*Gazeta de Notícias*, 01/06/1928, p. 2; *A Noite*, 30/05/1928, p. 2). Assim, seja a partir da participação nestes eventos, a partir de apresentações artísticas desenvolvidas pela caricaturista ou a partir das entrevistas como a que foi apresentada acima,

Nair de Teffé elaborou diferentes atuações políticas e protagonismos em meio ao âmbito público.

De modo distinto ao de Orsina da Fonseca, Nair de Teffé teve espaço para, na imprensa, falar e posicionar-se acerca de diferentes temas. Seja sobre arte, educação, política, feminismo ou a luta pelos direitos das mulheres, em sua trajetória é possível encontrá-la demarcando alguns de seus posicionamentos, seja em seu livro de memórias ou nas entrevistas que concedeu ao longo da vida à diferentes meios de comunicação da imprensa. Apesar dessa distinção em relação à trajetória de Orsina da Fonseca, ambas as personagens tiveram em suas trajetórias diferentes representações perpetuadas sobre si enquanto primeiras-damas.⁸ Em meio a estas, o discurso masculino a partir da imprensa no Rio de Janeiro durante o período foi um dos elementos colaboradoras para a criação e na perpetuação de representações sobre estas mulheres (ou sobre quem – ou o que – elas deveriam ser).

3.2 Imprensa, representação e gênero: o poder estampado na primeira página

Em 15 de junho de 1912, a revista *Fon-Fon* divulgou imagens referentes à exposição dos trabalhos da caricaturista *Rian*, pseudônimo adotado por Nair de Teffé em sua carreira artística. Nesta ocasião, fizeram-se presentes inúmeras figuras do mundo político e diplomático da época, como o senador Pinheiro Machado e sua esposa, o Dr. Belisário Távora e o próprio casal presidencial, o Marechal Hermes da Fonseca e a primeira-dama Orsina da Fonseca (Imagem 7).

⁸ Conforme os apontamentos inseridos na introdução deste trabalho sobre a metodologia e as fontes utilizadas nesta pesquisa, cabe lembrar que não foram localizadas entrevistas concedidas por Orsina da Fonseca em meio às fontes analisadas.

Imagem 7 - Exposição promovida por Rian no salão do *Jornal do Commercio*



Fonte: Fon-Fon, 15/06/1912, p. 23

A partir dessa imagem é possível observar um dos momentos em que as duas personagens principais desta narrativa se encontraram, estando Nair de Teffé no canto direito, sendo a primeira das mulheres sentadas, e Orsina da Fonseca mais ao centro da imagem, em frente ao Marechal Hermes da Fonseca, sendo a terceira mulher sentada da direita para a esquerda. Apesar da notável aproximação entre ambas as mulheres, demonstrando ainda o prestígio da caricaturista em meio às elites cariocas, as representações elaboradas, seja através de imagens ou através de descrições, sobre estas duas mulheres foram caracterizadas por diferenças quando da análise da imprensa do período. Além disso, a partir desta imagem também é possível verificar a reprodução de uma espécie de hierarquia em relação às posturas masculina e feminina, bem como observar a constituição da própria fotografia no momento em que foi produzida. Nesta análise, é possível perceber os olhares e o que comunicam as expressões corporais de cada personagem, como a irreverência de Nair de Teffé ao apoiar o braço na mulher ao seu lado e sentar-se de maneira menos formal ou o olhar do Marechal Hermes da Fonseca voltado diretamente a ela.

A exemplo das distinções, encontram-se as notas sobre a “gentilíssima senhorita Nair de Teffé” (*A Epoca*, 02/09/1913, p. 1) quando anunciado o seu noivado e posterior casamento com o presidente da República em 1913. Em nota do jornal *A Epoca* a personagem foi distintamente elogiada, assim como a sua família e, em especial, seu pai, destacando-a enquanto

“uma das mais finas e inteligentes da sociedade carioca [...] descendente de uma illustre familia, é filha de um homem que tem sabido distinguir-se [...]” (*A Epoca*, 02/09/1913, p. 1). Enquanto um jornal em que os editores se autodenominavam “adversários da política do presidente da Republica”, *A Epoca* também aproveitou a divulgação do contrato de casamento para, na mesma edição, lançar uma nota sobre o início das “intrigas políticas” em torno do acontecimento, alertando a população ao intitular a notícia como: “O contrato de casamento do Presidente da Republica: Grandes modificações na política, o povo que se prepare” (*A Epoca*, 02/09/1913, p. 1). Tendo sido divulgado por diversos jornais à época, o enlace matrimonial de Hermes da Fonseca e Nair de Teffé despertou “nos meios governamentais, o encanto delicioso da novidade” (*A Notícia*, 18 e 19/09/1913, p. 3), movimentando os cenários político e social.

Em tons críticos, o anúncio do noivado e o casamento do presidente com Nair de Teffé foi alvo de inúmeras notas da imprensa de oposição. Após a realização do denominado “Almoço de Nupcias: em character official” (*O Seculo*, 17/09/1913, p. 1) para a apresentação de Nair de Teffé ao corpo diplomático enquanto primeira-dama, *O Seculo* publicou uma matéria criticando as pompas e o tom oficial que estavam sendo destinados ao enlace. De acordo com o jornal, “A Republica não tem familia, não tem dynastias, não se preocupa mesmo com o estado civil do presidente. Só se occupa com a sua pessoa, nada tem com o que se passa em sua casa” (*O Seculo*, 17/09/1913, p. 1), demonstrando a porosidade das fronteiras entre os âmbitos público e privado na vida dos personagens.

A indignação da folha seguiu, ainda, diretamente ao papel que viria desempenhar Nair de Teffé, descrevendo que “estamos a tirar a nação das regras mais elementares do regimen, chegando aos poucos ao extremo de introduzir na administração da Republica esse órgão novo, a rainha, s. ex. a Presidenta” (*O Seculo*, 17/09/1913, p. 1).⁹ Tal comentário permite a observação de um lugar que era negado ou limitado às mulheres, assim como quando os jornais de oposição divulgavam que estaríamos “a beira de um abysmo, pois que a noiva do presidente vai a *matinéés* e comparece a espetáculos!...” (*O Paiz*, 20/10/1913, p. 1). Ou seja, é possível observar que, ainda antes da efetiva consumação do casamento, quando viria a se tornar primeira-dama, a celebração e o anúncio da entrada de Nair de Teffé no âmbito político como esposa do

⁹ Em matéria divulgada no dia seguinte, em 18 de setembro de 1913, *O Seculo* denuncia novamente a caracterização do acontecimento enquanto oficial e busca “dizer donde teria partido ideia tão extravagante”, se do noivo ou “talvez de ambos, cegos pela felicidade, pelo amor e pelos seus caprichos perturbadores, ou talvez por inspirações da noiva, em quem não se pode deixar de reconhecer attenuantes para crear fantasias, de que suas ideas de joven espirituosa devem estar bem povoadas, principalmente ao estar sob a influencia do papel que o destino lhe traçou de ser a futura esposa do presidente de uma Republica em que se cultiva e lizonja com todas as demasias” (*O Seculo*, 18/09/1913, p. 1). A nota permite observar, portanto, a reprodução de características que associavam as mulheres a futilidade e ao gasto excessivo de dinheiro.

presidente já causavam burburinhos, críticas e denúncias contrárias às ações do governo que a envolviam diretamente.

Na mesma data e sobre o mesmo acontecimento, o *Correio da Noite*, em defesa do governo e das ações do Marechal Hermes da Fonseca, publicou:

O jornal mais deshonesto e de pior educação da nossa imprensa, o “Correio da Manhã”, espelho fiel da alma turva e dos costumes salafraros de Edmundo Bittencourt, achou o caso asado para a emissão de alguns desaforos de valdevinos enquadrados em meia dúzia de insinuações miseravelmente baixas, só dignas do aranzel das comadres, em torno ao tanque de lavar roupa de uma estalagem. Aquillo foi apenas sujo e inferiormente malévolo.

“O Imparcial” que para gloria das superiores aspirações do joven Macedo Soares, constituiu-se em succursal dos desaforos da folha de Edmundo, tentou uma tirada de ironia mordaz e deprimente, procurando dar uma feição de ridículo a esse acto do Chefe de Estado (*Correio da Noite*, 17/09/1913, p. 1).

Ambas as folhas – o *Correio da Manhã* e *O Imparcial* – tiveram posicionamentos críticos e foram oposição ao governo desde antes do casamento de Hermes com a caricaturista. Foram protagonistas, no entanto, nas denúncias de abusos financeiros e econômicos relacionados ao segundo matrimônio do presidente, assim como apontavam que “as influencias decorrentes de seu novo casamento que já se fazem sentir, abrem um período de incertezas e de pesadas ameaças para a vida constitucional da Republica [...]” (*O Imparcial*, 19/09/1913, p. 3). Já em tons favoráveis ao governo, *A Imprensa* publicou no mesmo período uma nota de repúdio aos jornais de oposição, destacando que “ninguem dirá que a sua posição de chefe de governo o eximia dessa gentileza que se tem por obrigatória entre pessoas de tanta distincção social como a s. ex. e a família de sua noiva” (*A Imprensa*, 18/09/1913, p. 1), colocando-se a favor das manifestações relacionadas ao casamento do presidente com a caricaturista. As críticas podem demonstrar, dessa maneira, a percepção da oposição sobre o entrelaçamento das esferas pública e privada a partir das movimentações do governo federal em relação ao casamento com Nair de Teffé, sendo esse caracterizado enquanto um acontecimento político.

Já no mês seguinte, quando Nair de Teffé organizou uma recepção no *Dreadnought São Paulo*, novamente *O Imparcial* teceu críticas às condutas da futura primeira-dama, estendendo-as inclusive a sua família. Em nota sobre o ocorrido, o jornal publicou: “Seja qual for a respeitabilidade, o prestígio e a graça da família Teffé, não padece duvida que seus ilustres membros não tem o direito de receber parentes e amigos a bordo dos navios da esquadra e á custa dos cofres publicos” (*O Imparcial*, 29/10/1913, p. 3). A acusação seguiu, ainda, de modo a apontar para o papel que a personagem ocuparia enquanto esposa do presidente da República. Destacava-se que

Não pode ficar esquecido o aspecto constitucional e protocollar desta lamentável questão. A senhora do chefe do governo não tem direito a nenhuma representação official, conservando como esposa do presidente da Republica a mesma altíssima posição no seu lar, que não depende dos encargos políticos de seu marido. A situação de mlle. Nair de Teffé ainda não está definida por um acto legal e irrevogável. As festas publicas, as representações officiaes da graciosa *mademoiselle* não são apenas uma inconveniencia social, mas tambem uma impertinencia política, que está surprehendendo desagradavelmente todo o paiz (*O Imparcial*, 29/10/1913, p. 3).

Sobre o mesmo acontecimento, *O Seculo* publicou sutis críticas a sua realização pela personagem. De acordo com o jornal, tal festividade seria fruto de um “capricho da futura esposa do primeiro magistrado da nação que se satisfaz”, alegando, ainda, que a personagem estaria pensando que “ser esposa do presidente da Republica lhe dá direito de presidir tambem aos nossos destinos, pode acreditar que, unida pelos laços do hymeneu vae ver como se governa uma nação” (*O Seculo*, 28/10/1913, p. 1). A partir de notas como esta, é possível observar influências e movimentações causadas por (ou a partir de ações) de Nair de Teffé antes mesmo de tornar-se primeira-dama, bem como as resistências que socialmente ela já estava tensionando.

Tais concepções buscavam afastá-la e situá-la de maneira distante às ações governamentais, ao que ela reagiria de diferentes maneiras. Da mesma forma, a concepção sobre as funções e os espaços destinados à figura da esposa do presidente também ficam evidentes e demarcadas de modo distante do espaço público e político. A possível associação entre intelectuais e políticos – ou até mesmo a união de ambas as caracterizações em um único indivíduo – como sugere Pécaut (1990), estaria restrita apenas às figuras masculinas, dada a não aceitação ou consideração da mulher enquanto agente político à época.

No entanto, em meio às notas sobre a situação política do país em 1913, apontando a impopularidade do presidente e de sua administração, o nome da caricaturista que viria a ser primeira-dama esteve repetidas vezes presente.¹⁰ Antes da efetivação do casamento, a influência da família e da nova esposa do presidente já eram discutidas pela imprensa. A própria orientação do governo foi pauta de matérias como a que estampou as páginas *d’O Imparcial*

¹⁰ A inicial não aceitação da figura de Nair de Teffé enquanto esposa do Marechal Hermes da Fonseca também partiu dos filhos deste, os quais afastaram-se pessoal e politicamente do presidente. De modo a propor uma conciliação já próximo ao final do mandato presidencial do Marechal, seu irmão, Fonseca Hermes, propôs algumas ideias e “accenou-lhe com a reconciliação dos seus filhos em torno de sua nova familia” buscando proteger a ameaça “de inauguração do mausoléu de d. Orsina da Fonseca, de veneranda memoria, no mesmo dia do casamento de seu desolado viuvo” (*O Imparcial*, 13/11/1913, p. 2). É possível observar, portanto, a permanência e a conservação de uma memória acerca da figura de Orsina da Fonseca, venerada e adorada continuamente após o seu falecimento.

apontando que “O próximo casamento do sr. Hermes vae transportar a influencia governamental dos quartéis para os salões da sociedade antiga e, aliás, respeitável, em que pontifica com tanta graça e gentileza a exma. noiva” (*O Imparcial*, 17/09/1913, p. 2). Os salões, por sua vez, “mantidos para contatos, conversas e formas prestigiosas de consumo, [...] demonstravam, mais uma vez, a importância de tais valores na imagem que a elite projetava de si mesma” (Needell, 1993, p. 142), assim como na consolidação de laços, alianças e redes que poderiam refletir nos meios políticos à época.

A partir da realização do casamento em 8 de dezembro de 1913, o “enlace Fonseca-Teffé” (*Correio da Noite*, 09/12/1913, p. 1) viria a estampar as páginas da imprensa com diferentes comentários e informações sobre o dia do casamento e características sobre o mais novo casal presidencial. Desde comentários sobre o seu vestido e a diferença de idade entre os noivos, até aos incidentes com a imprensa e a ausência de ministros e pessoas do corpo diplomático no casamento, o ato foi permeado pela esfera política e, novamente, fez cruzarem-se as fronteiras entre o público e o privado.¹¹

Em relação à imprensa, um dos incidentes noticiados dizia respeito a um diálogo estabelecido entre o presidente e um dos jornalistas presentes no salão onde se realizaria a cerimônia. Ao questionar um dos repórteres sobre o que os demais faziam ali, o Marechal teria tido a seguinte resposta: “Estão tirando mais algumas fotografias. Naturalmente para publicarem amanhã, com os insultos habituaes...” (*A Noite*, 08/12/1913, p. 1). A partir desse comentário o presidente se exaltou e, segundo notas da imprensa, teria respondido manifestando violentamente seu desejo de que estes não estivessem ali, declarando “podem dizer de mim o que quiserem, como governo, mais não teem o direito de entrar nas intimidades que me dizem respeito” e, em seguida, apontando que “o que me consola é que me faltam apenas doze mezes para deixar este posto; então liquidarei as minhas contas com essa gente” (*A Noite*, 08/12/1913, p. 1). Em relação a esta declaração, Hermes da Fonseca fazia referência aos comentários – por vezes bastante críticos, como apresentado acima – sobre Nair de Teffé que estavam sendo, desde o anúncio do noivado, publicados pela imprensa. Da mesma forma, ao manifestar seu incômodo com a presença da imprensa em seu casamento e a divulgação deste, o presidente

¹¹ Em relação ao vestido de casamento utilizado por Nair de Teffé, o *Correio da Manhã* destacou em nota: “A noiva trajava sumptuoso vestido de seda branca, bordado a prata; no cinto trazia curioso ramalhete de flores naturaes e no peito ostentava a palma de official de instrucção pública conferida recentemente pelo governo de França” (*Correio da Manhã*, 09/12/1913, p. 3), demonstrando, a partir da composição de sua vestimenta, também suas projeções intelectuais e sociais. Além desta, outras notas destacavam que: “O vestido de mlle Nair foi confeccionado em Paris, nas officinas da casa Paquin. É muito rico e admiravelmente talhado” e, ainda, “o penteado da noiva, que será feito pelo commendador Chaves Schmidt, é a *coiffure empire*, repartida ao lado, figurando ligeiramente *frous-frous* e ondas” (*O Imparcial*, 05/12/1913, p. 3).

demonstrava, mais uma vez, a tênue fronteira entre os âmbitos público e privado que cercavam não só a sua posição social, mas também a de sua futura primeira-dama.¹²

Consumado o casamento, dentre as felicitações enviadas ao casal destacam-se trechos da matéria publicada pelo jornal *A Epoca*, onde, ao anunciarem a realização do ato, o contextualizam em meio a situação enfrentada pelo país, apontando para as dificuldades econômicas, sociais e políticas. A folha destaca, nesse sentido, que

O soffrimento deu, porém, ao nosso povo um fundo inegalavel de resignação e de bondade, e ainda agora, através das lágrimas, da sua dôr, ele olha sem odio o fausto, a pompa e a grandeza que, em meio a miséria de todos, cercam o casamento presidencial; si algum voto faz, é pela felicidade pessoal de nossa jovem patricia, distincta pelos dotes de espírito e pelas prendas de coração e que vae ligar o seu destino ao principal responsável pelos males que nos affligem e affligem a nossa Patria (*A Epoca*, 08/12/1913, p. 1).

Na mesma página desta edição, *A Epoca* publicou a nota de felicitações de grupos operários aos recém-casados, na qual também se encontravam queixas e denúncias sobre a situação de miséria pela qual a população estava passando, dentro e fora das fábricas. Tais publicações revelam o cenário em que o matrimônio foi realizado, sendo possível perceber, a partir destes, os variados contextos que cercavam a vida de diferentes grupos sociais e personagens. No curto período em que desempenharia a função de primeira-dama, Nair de Teffé pouco a pouco também seria inserida, assim como as referências à família Teffé de modo geral, em meio as críticas e denúncias relacionadas ao governo federal.

Enquanto exemplo disso, bem como da possível influência da personagem nas movimentações políticas do governo federal, encontra-se matéria que associa a figura de Nair de Teffé aos boatos de declaração de Estado de Sítio no início de 1914. Na matéria intitulada “Os estivadores, iludidos pelo governo, tendem para a greve violenta”, *A Epoca* publicou nota sobre a existência de diferentes versões sobre a declaração do Estado de Sítio, afirmando em uma delas que “o sr. Pinheiro Machado queria o estado de sítio e fôra contrariado pelo marechal, por se haver opposto á medida mme. Nair da Fonseca, nesse sentido aconselhada pelo senador

¹² Sobre tal aspecto, destacam-se também as notas publicadas pela imprensa apontando para o fato de o corpo diplomático não ter sido convidado pelo Marechal para a cerimônia de casamento, alegando este que “o Sr. Presidente da Republica não quiz fazer esse convite para não tirar ao seu casamento o cunho particular que elle deve ter” (*A Noite*, 05/12/1913, p. 3). Após a realização da cerimônia, no entanto, a imprensa retornou ao assunto divulgando que “os assistentes notaram a falta dos Srs. Ministros da Marinha e da Guerra, do chefe de polícia, do commandante da Brigada Policial e de outras autoridades da Marinha e do Exercito”, sabendo-se, posteriormente, que “o governo, devido a denuncias recebidas, resolvera ordenar a promptidão dos corpos da guarnição da capital, temendo qualquer movimentto subversivo, principalmente no Exercito, donde se discriminavam varios nomes de altas patentes envolvidas num pretendido levante” (*A Noite*, 09/12/1913, p. 2).

barão de Teffé” (*A Epoca*, 31/01/1914, p. 3). É possível apontar, assim como a partir da própria aceitação do casamento de sua filha com o presidente da República, que a figura do Barão de Teffé também teve determinada projeção no cenário da política nacional a partir do enlace. Da mesma forma, já na década de 1920, em relação a possível declaração de Estado de Sítio e as cartas enviadas pelo Marechal, Nair de Teffé deu uma entrevista em que destacou, “autorizada por seu esposo [...] a fazer essas declarações caso lhe fossem pedidas”, que

O Sr. Marechal Hermes da Fonseca, conforme deliberação dos seus colegas do Club Militar, tomada em reunião de quarta feira última, dirigira uma carta ao Sr. senador Antonio Azeredo, alertando o ‘tribunal de honra’ para solução da questão política. A carta, porém, do Sr. Marechal H. da Fonseca significa única e puramente um alvitre. Não passa de uma sugestão, não tendo, pois, segundas intenções (*O Combate*, 27/04/1922, p. 1).

Além desta declaração, a personagem também desmentiu o envio da “falada carta que o Sr. marechal Hermes teria dirigido ao Sr. presidente da Republica” (*O Combate*, 27/04/1922, p. 1), Epiácio Pessoa, demonstrando a defesa vigilante que fazia da honra e da figura de seu marido mesmo após o fim de seu mandato presidencial. Essa, assim como outras ações da personagem a fariam descrever, posteriormente, sua vida como uma espécie de anexo à do Marechal, dando a ele total centralidade e protagonismo em sua narrativa. Da mesma forma, diante do falecimento de seu marido em 1923, Nair de Teffé em declarações à imprensa deixou transparecer essa associação entre as trajetórias, revelando que “no dia em que esta casa ficasse como um grande theatro sem actor, tambem eu morreria para a sociedade” (*O Imparcial*, 11/09/1923, p. 1). Nesta mesma entrevista é possível perceber as maneiras pelas quais Nair de Teffé acompanhou e compreendeu os acontecimentos políticos que antecederam a morte do Marechal e, segundo ela, ocasionaram este fim. Descrevendo a preocupação do marido com os seus companheiros do Club Militar, ela destacou que “Era pensamento [dele], logo que o processo sobre os sucessos de julho fosse terminado ou o governo concedesse a amnistia, retirar-se definitivamente para um sítio” apontando que, a partir desse afastamento, o Marechal “ficaria longe do convívio dos homens sobre os quaes, já agora, não tinha illusoes” (*O Imparcial*, 11/09/1923, p. 1), fazendo referência aos movimentos tenentistas no início da década de 1920. Nesta entrevista, assim como em outras declarações e em suas memórias, Nair de Teffé buscou se posicionar em defesa do marido e responder, na medida do que lhe era possível, as críticas direcionadas a ambos.

Outro aspecto que também foi alvo de críticas à primeira-dama foram as recepções por ela organizadas nas dependências do Palácio do Catete e do Palácio do Rio Negro. Desde

aquelas realizadas para a recepção de indivíduos como o príncipe Henrique da Prússia (*O Paiz*, 25/03/1914, p. 1) até àquelas que fizeram tanto a personagem quanto os costumes e a cultura popular da época se tornarem assuntos no Senado Federal, como a Noite do Corta Jaca. Esta recepção, realizada em 26 de outubro de 1914, ficou conhecida como a Noite do Corta Jaca dada a interpretação da composição, sob o mesmo título, de Chiquinha Gonzaga por Nair de Teffé, junto ao músico Catulo da Paixão Cearense que acompanhou a primeira-dama com um violão. Nos dias seguintes, nas páginas da imprensa liam-se as notas: “O Corta Jaca andou tanto tempo pelos arraiaes da pandega e da populaça que se desmortalizou por completo, tornando-se indigno do Palacio das Aguias...” (*A Rua*, 06/11/1914, p. 1) ou, ainda, “[...] o idiota do presidente escancarava a bocca immensa na gargalhada alvar com que applaude o ‘corta jaca’ nos fandanguassús do Catete [...]” (*A Epoca*, 31/10/1914, p. 1), centralizando não a figura da primeira-dama nas notícias veiculadas, mas as ações por ela promovidas como o cantar e dançar junto ao violão a composição do Corta Jaca. Nesse contexto, a atitude de Nair de Teffé foi considerada audaciosa pois ousou inserir a música popular brasileira em um “[...] ambiente de formalidades onde imperava a música erudita” lançando “o ‘Corta-Jaca’, ritmo considerado cafona, barrado nos salões da elite por ser considerado vulgar e imoral pelos conservadores [...]” (Silva, Simili, 2011, p. 129). A recepção, por sua vez, assim como os comportamentos da primeira-dama, foi considerada escandalosa.

Dessa maneira, através das recepções, do casamento ou da influência que a personagem ou sua família exerciam sobre a política naquele período, a atuação política de Nair de Teffé também foi alvo de críticas a partir da imprensa. A chamada “orgia governamental e política do Brasil” trouxe às páginas dos jornais, nos anos seguintes, algumas das “consequências do noivado e casamento do marechal Hermes” (*Gazeta de Notícias*, 18/02/1918, p. 1) a partir da narrativa do general Dantas Barreto.

Ao escrever o livro intitulado *Conspirações*, Dantas Barreto mencionou, em alguns momentos de sua narrativa, a figura da primeira-dama Nair de Teffé quando referiu-se ao quadriênio do Marechal Hermes da Fonseca. Ao descrevê-la enquanto “dominadora dos salões do Rio de Janeiro” o autor também destacou que desde a efetivação do enlace matrimonial com Nair de Teffé, “a existencia do marechal Hermes obedeceu ás normas que lhe ditava sua gentil consorte” (*Gazeta de Notícias*, 18/02/1918, p. 1). Em nota do jornal que reproduz trechos da obra, Dantas Barreto ainda havia inserido em sua narrativa o estranhamento causado pelo “rigor da nova soberana do Catete [que] ia até o ponto de não receber nos seus aposentos reservados, sem prévio consentimento, ao próprio marechal seu esposo” (*Gazeta de Notícias*, 18/02/1918,

p. 1), narrando sua curiosidade e prováveis encantos pelo conhecimento sobre os ambientes mais íntimos da personagem. É notável, portanto, que até mesmo a privacidade de Nair de Teffé em relação a sua vida íntima e pessoal foram pautadas, fazendo refletir aspectos relacionados ao exercício de dominação masculina (Bourdieu, 2017) que, ao manter o espaço de seu quarto apenas para si, Nair de Teffé contrariava enquanto mulher.

Em sua narrativa, Dantas Barreto também mencionou a figura de Orsina da Fonseca, citada de modo a lembrar o curto período de tempo que separava seu falecimento da realização do segundo matrimônio do Marechal. Sobre esta personagem, da mesma forma, as descrições, críticas e representações foram elaboradas pela imprensa antes e após o seu falecimento. Ao ocupar a posição de primeira-dama do país, nesse sentido, Orsina da Fonseca também teria os olhares e as páginas da imprensa voltadas a si.

Ao discutir aspectos inerentes à prática jornalística, Traquina (2008) elenca a morte enquanto um critério de noticiabilidade que pode levar um acontecimento a tornar-se notícia. A exemplo desse aspecto, a morte da primeira-dama Orsina da Fonseca no ano de 1912 foi notícia amplamente divulgada pela imprensa ao longo de semanas e, inclusive, meses após o ocorrido. Em nota, a *Revista da Semana* caracterizava a personagem enquanto “esposa amantíssima [...] senhora de altas virtudes moraes, cuja presença na elevada posição a que acompanhou seu marido só se manifestou por actos de caridade e doçura [...]”, destacando que o falecimento da primeira-dama “trouxe a todos os brasileiros magua sincera e immensa” (*Revista da Semana*, 07/12/1912, p. 1). As narrativas em torno da morte de Orsina da Fonseca, por sua vez, por mais numerosas que tenham sido, apresentavam, em si, uma estrutura mínima comum, ou uma unidade de narrativa (Gritti, 1976): a morte de uma mulher exemplar.

Acometida por ataques de uremia desde 1906, no final do mês de novembro de 1912 a primeira-dama novamente teve tais problemas de saúde. Nesse momento, destacam-se a cobertura da imprensa sobre o fato, dada a gravidade da situação de Orsina da Fonseca dia após dia, e a ampla busca por explicações sobre o motivo de seu adoecimento. Desde o dia 25 de novembro de 1912, quando nas páginas dos periódicos lia-se que “é gravíssimo o estado de saúde da exma. sra. Orsina da Fonseca” (*A Imprensa*, 25/11/1912, p. 1), até o dia 30 de novembro de 1912, quando esta veio a falecer, notas sobre as condições de saúde da primeira-dama – lembrada como a “mãe extremosa, typo modelar de matrona brasileira” (*A Noite*, 30/11/1912, p. 1) – ocuparam as primeiras páginas e seções de destaque em diferentes jornais do período.

A cobertura diária sobre o acontecimento pode ser lida através da relação com o critério de continuidade (Traquina, 2008, p. 74), sendo o acontecimento transformado em notícia a partir de vários acontecimentos prévios que, neste caso, envolviam a melhora ou piora do estado de saúde da personagem. Nestas coberturas diárias é possível observar tanto a presença de diferentes personagens do meio político, quanto de instituições e/ou associações das quais Orsina da Fonseca fazia parte, como o próprio PRF. Assim, quando de seu falecimento em 30 de novembro de 1912, tanto imagens quanto notas foram expressivamente veiculadas pela imprensa.

Dentre estas, destacam-se notas como: “A Sra. Hermes da Fonseca: Causou grande consternação o falecimento da discinta senhora - O seu enterro foi extraordinariamente concorrido” (*Jornal do Brasil*, 01/12/1912, p. 15) e “foi hontem mesmo sepultado o corpo de d. Orsina da Fonseca - Ao marechal têm chegado muitas manifestações de pesar pelo triste acontecimento” (*Correio da Manhã*, 01/12/1912, p. 3), além das capas dos jornais *A Imprensa*, *A Noite* e *A Notícia*, por exemplo, que dedicaram toda a primeira página de suas edições ao assunto, incluindo imagens de Orsina da Fonseca e da cerimônia de enterro desta (Imagem 8). Nesta imagem, por exemplo, é possível observar as manifestações de pesar e o trajeto percorrido ao longo do enterro da primeira-dama, desde a saída do Palácio da Guanabara, a passagem pela rua Paysandu e o acompanhamento da comissão constituída pela Escola D. Orsina da Fonseca até a chegada no cemitério.

Imagem 8 - Madame Hermes da Fonseca: o seu enterro

Fonte: *A Imprensa*, 01/12/1912, p. 1

Ao analisar a construção da notícia em torno da morte da personagem é possível observar diferentes critérios, comuns também a outros periódicos em que o assunto foi abordado. O primeiro deles é a utilização da denominação “Madame Hermes da Fonseca” em detrimento do nome da própria personagem, fazendo referência à figura masculina de seu marido inclusive no momento de sua morte. Em outras ocorrências do encontro de menções à personagem na imprensa esse aspecto também aparece como quando em nota do jornal *A Noite* foi divulgada a matéria intitulada: “As ultimas homenagens á esposa do Sr. presidente da Republica” (*A Noite*, 30/11/1912, p. 3). Além disso, é possível perceber a construção da notícia a partir da amplificação desta - característica evidenciada pela presença de grande número de pessoas nas imagens relacionadas ao enterro da personagem, bem como o destaque dado a estas - além da personalização, da visualidade e da dramatização, reforçando o aspecto emocional do acontecimento na construção da notícia, como elenca Traquina (2008). Outro aspecto importante a ser observado refere-se à publicidade dada à imagem de Orsina da Fonseca quando de seu falecimento, sendo esta facilmente encontrada em diferentes jornais da época. Devido

ao contexto de seu falecimento, tal observação pode ser considerada pouco relevante, mas contrasta com as poucas imagens encontradas em períodos anteriores da personagem nas páginas da imprensa, excetuando datas comemorativas ou festividades, de modo geral, ao lado do marido.¹³

Ainda em relação ao falecimento de Orsina da Fonseca, cabe destacar que a notícia foi veiculada em periódicos também publicados em outra língua, recebendo a personagem destaque na capa do *Il Bersagliere* (01/12/1912, p. 1),¹⁴ revelando sua notoriedade e o lugar social ocupado por ela. Além deste, devido ao seu falecimento Orsina da Fonseca também foi lembrada em uma seção da França no jornal *O Fluminense* em que consta que “*O Temps* publicou ante-hontem uma nota na qual louva as virtudes da sra. Hermes da Fonseca assinalando o facto de ter ella ligado o seu nome a varias obras destinadas a melhorara a situação das classes operarias” (*O Fluminense*, 03/12/1912, p. 1).

Em meio a construção de narrativas sobre a morte, Gritti (1976) destaca a possível coexistência de aspectos relacionados às funções ativas e às funções expressivas na construção das narrativas destas notícias. As funções ativas seriam aquelas vinculadas à assistência médica, eclesiástica e familiar, por exemplo, todas elas visíveis como elementos que caracterizam as notícias sobre a morte de Orsina da Fonseca, seja a partir do requerimento de diferentes profissionais para o tratamento da enfermidade ou a partir das inúmeras visitas que a mesma recebeu ao longo de seu período de adoecimento. Já as funções expressivas estariam relacionadas à inquietude e à esperança, também elementos visíveis nas narrativas da imprensa quando da análise da morte de Orsina da Fonseca como, por exemplo, em manchetes que anunciavam seu falecimento “A pesar de todas as esperanças, a distinta senhora veio a fallecer hoje ás 6 e 50 da manhã: é geral a consternação na cidade” (*A Notícia*, 30/11/1912 e 01/12/1912, p. 1).

Dessa forma, é possível observar que as imagens em torno da primeira-dama foram construídas enquanto a de uma mãe e esposa exemplar, uma mulher que “symbolisava com dignidade incomparavel a meiga e austera mãe de familia brasileira e era um desses admiraveis typos de mulheres que floresceram no velho Brasil” (*Careta*, 07/12/1912, p. 12), assim como reiterou o PRF em diferentes discursos proferidos em sua homenagem.¹⁵ Sobre tais narrativas,

¹³ Em uma das menções à primeira-dama encontra-se uma nota sobre a distribuição de “retratos da Sra. Hermes da Fonseca, impressos em seda” (*Jornal do Brasil*, 18/10/1910, p. 10) em uma das recepções oferecidas à Orsina da Fonseca e ao Marechal.

¹⁴ Publicado no Rio de Janeiro, o *Il Bersagliere* foi um jornal veiculado em italiano, sendo direcionado aos grupos italianos no Brasil.

¹⁵ Em nota da imprensa também é possível observar o posicionamento do PRF em relação ao ocorrido, destacando que “Até a hora d’ocorpo baixar ao tumulo o Partido Republicano Feminino não deixou D. Orsina da Fonseca...”

importa considerar quais foram as representações elaboradas pela imprensa sobre a personagem em relação ao cenário político, compreendendo criticamente as categorias de identidade, como destaca Butler, as quais “engendram, naturalizam e imobilizam” (Butler, 2003, p. 22) os diferentes sujeitos, principalmente as mulheres. Nessa perspectiva, a partir da veiculação de notícias sobre a morte de Orsina da Fonseca, assim como as demais menções a esta na imprensa, é possível perceber a personagem e sua proeminência e prestígios políticos sendo elaborados em diferentes contextos (Silva, Marques, 2021). Ou seja, é possível observar que as páginas da imprensa falaram sobre ela, de modo especialmente elogioso em inúmeros momentos, criando narrativas e representações sobre a primeira-dama, mas deixando de fora apenas uma destas narrativas: a da própria personagem.

Para além da narrativa em torno de sua morte, as descrições sobre Orsina da Fonseca também foram diversas ao longo da sua trajetória, desde homenagens recebidas por ela de grupos operários (*A Imprensa*, 22/10/1911, p. 2; *O Paiz*, 22/10/1911, p. 1) até a produção de um poema que a caracterizava enquanto uma santa, responsável por “tantos actos nobres que cumpriu” como o de “calar o choro das creancinhas que sentiam frio” (*Fon-Fon*, 14/12/1912, p. 52), associando novamente a figura e as atuações públicas de Orsina da Fonseca às ações de assistência social.

Além disso, Orsina da Fonseca recebeu saudações de intelectuais e políticos da época quando acompanhou o presidente em reuniões ou recepções, sendo a ela direcionado, por exemplo, o discurso proferido por Coelho Neto na comemoração realizada no Palácio Monroe, sendo este “um grande discurso apologético á Mulher e dedicado á Exma. esposa do Sr. presidente da Republica” (*Gazeta de Notícias*, 16/11/1911, p. 3). Da mesma forma, a elaboração de representações sobre a primeira-dama, além dos discursos e descrições sobre ela, passou pela divulgação de algumas imagens da personagem nas páginas da imprensa. Dentre essas evidenciam-se diferentes momentos em que a primeira-dama acompanhou o presidente em eventos protocolares, destacando a divulgação da imagem do casal quando da posse do Marechal na presidência do país (Imagem 9).

(*A Noite*, 30/11/1912, p. 3), demonstrando a devoção e o carinho por aquela que, além de primeira-dama, também era presidenta honorária do partido.

Imagem 9 - Em homenagem



Fonte: *O Malho*, 29/10/1910, p. 25

Apesar da imagem ter sido publicada em uma página inteira da revista, alguns aspectos são possíveis de serem apontados em sua análise. É possível perceber, por exemplo, por meio da escolha de vestimentas da personagem, o pequeno destaque dado a sua imagem, considerando a escolha de um vestido em tons escuros com detalhes apenas no busto, valorizando e iluminando seu rosto. Além disso, ao acomodar a primeira-dama sentada em uma cadeira, fazendo-a ficar mais baixa que o presidente (que já não era um homem tão alto) a fotografia também pode transmitir o reflexo de uma silenciosa hierarquia – bem como evitar a divulgação de uma imagem em que a primeira-dama seria mais alta que o próprio presidente, fugindo aos padrões estéticos masculinos historicamente elaborados. No entanto, a imagem da primeira-dama também circulou independente da figura do presidente em raros momentos, destacando-se aquelas em que Orsina da Fonseca aparece ao lado de outras figuras políticas, como o prefeito do Distrito Federal à época, Bento Ribeiro (Imagem 10).

Imagem 10 - Festa infantil no Campo de Sant'Anna



Fonte: *Careta*, 23/09/1911, p. 7.

Na imagem, Orsina da Fonseca está á direita de Bento Ribeiro, posicionada de maneira central junto a ele e outra mulher não identificada. Da mesma forma que na imagem anterior, a primeira-dama está vestida com trajes escuros, excetuando seu adereço em tons claros. Na ocasião, Orsina da Fonseca apresenta caminhos de sua trajetória com a assistência social, sendo promotora da festa em prol das crianças realizada no Campo de Sant'Anna. Em relação a presença deste aspecto na imprensa, Martins destacou que esta seria uma “fonte privilegiada para traçar esses itinerários do associativismo feminino filantrópico”, compreendendo sua análise a partir da “problematização da memória sobre o que é selecionado e o que é rejeitado” (Martins, 2023, p. 78), construindo, assim, representações sobre as personagens que protagonizaram essas iniciativas e sobre suas próprias ações. A autora aponta, da mesma forma, que a partir da publicidade dada a estes materiais também era destacada a “bondade despreziosa das senhoras da elite carioca, prontas para dar de si e a congregar outras pessoas a participar da obra assistencial” (Martins, 2023, p. 78). Tais aspectos fizeram parte da atuação pública de Orsina da Fonseca, considerando as diferentes instituições religiosas a que esteve vinculada ao longo de sua trajetória e as reuniões e festividades que por ela foram organizadas junto a estas. Na imprensa, portanto, sua imagem enquanto uma mulher que cuidava, que protegia e que possuía o olhar voltado aos mais pobres, foi amplamente reproduzida.

Contudo, para além destas associações, as construções em torno da figura de Orsina da Fonseca também fizeram com que a personagem fosse mencionada e sua imagem utilizada no meio político em períodos posteriores a sua morte. Um desses momentos diz respeito a um desentendimento envolvendo os políticos Mário Hermes, Raphael Jambeiro e Cunha Vasconcellos em relação ao cenário político do estado da Bahia. Em nota publicada pelo jornal *O Paiz* foram divulgadas algumas das questões entre Mário Hermes e Raphael Jambeiro, tendo este último encaminhado uma carta ao jornal *A Notícia* respondendo às declarações feitas a ele por Cunha Vasconcellos e publicadas no jornal *A Epoca*. Em meio a estas declarações, Cunha Vasconcellos havia dito que “o Sr. Raphael se ajoelhou aos pés da Exma. Sra. D. Orsina da Fonseca, pedindo á saudosa senhora interviesse junto do marechal para que elle Raphael fosse reconhecido deputado pela Bahia!...” (*O Paiz*, 12/01/1913, p. 2). As alegações foram desmentidas por Raphael que terminou sua carta “intimando a este a jurar por Deus, que elle Raphael, se ajoelhou aos pés de D. Orsina!...” (*O Paiz*, 12/01/1913, p. 2). Em meio a disputas políticas, portanto, a figura da primeira-dama ainda era lembrada.

Já outro caso em que Orsina da Fonseca foi mencionada após o seu falecimento diz respeito ao exercício político do senador Raymundo Miranda no estado de Alagoas. Em janeiro de 1915 o senador foi recebido pelo presidente da República, Wenceslau Brás, tendo sido publicada nota na revista *Careta* evidenciando que: “Na ocasião em que se discutiam no Senado as actas da sua eleição, o Sr. Raymundo inundou o Rio de medalhas contendo a figura da veneranda figura de D. Orsina da Fonseca” (*Careta*, 30/01/1915, p. 19). É possível apontar para a relação, a partir da nota, entre a eleição de Raymundo e a influência política da primeira-dama nesta. Publicado em janeiro de 1915, tal fato retorna a ser divulgado pela imprensa em setembro do mesmo ano. Em uma pequena nota sobre as atividades recentes do Senado, o jornal *A Rua* publicou: “O sr. Raymundo pede a palavra para rebater um tópico do ‘Correio da Manhã’ que dentre outras coisas publica hoje que o orador é senador graças a intervenção de saudosa senhora Orsina da Fonseca...” (*A Rua*, 27/09/1915, p. 3). Apesar das constantes respostas do senador desmentindo tal relação, a mesma apontava para uma provável intervenção da primeira-dama na política. Não restrita à imprensa, a discussão ocupou também os Anais do Senado Federal, levando o nome da primeira-dama Orsina da Fonseca, não pela primeira vez, ao âmbito das discussões sobre a política nacional. Assim, dentre as suas atuações, o protagonismo, por vezes marginalizado, da primeira-dama foi pauta entre os senadores e entrou para os Anais do Senado Federal.

3.3 Contrastes e semelhanças: elas nos Anais do Senado Federal

Lembrar ou referir-se à primeira-dama não foi prática apenas da imprensa para divulgar ações e comportamentos destas mulheres. Se na imprensa o decoro e o cuidado ao falar da ou sobre a primeira-dama já havia sido motivo de publicação,¹⁶ no âmbito das discussões do Senado Federal, estas eram recomendações ainda mais fortes. A análise foi realizada com base nos 39 livros dos Anais do Senado Federal que compreenderam as discussões correspondentes ao trabalho dos senadores ao longo dos anos de 1910 a 1914, sendo 6 livros do ano de 1910, 6 livros do ano de 1911, 9 livros de 1912, 9 livros de 1913 e, por fim, 9 livros de 1914.¹⁷ De modo geral, as menções – direta ou indiretamente – às primeiras-damas ocorreram a partir do ano de 1912 e, com maior recorrência, à figura de Nair de Teffé. No entanto, Orsina da Fonseca também foi lembrada e sua memória homenageada no discurso de diferentes personalidades políticas, envolvendo vínculos familiares para além do seu matrimônio.

A votação e a discussão sobre a legitimidade da nomeação de Raymundo de Miranda como senador do estado de Alagoas gerou diferentes debates nas sessões do Senado. Em um discurso do senador Francisco Glycerio na sessão de 20 de maio de 1912, o mesmo apontou que “Cada um dos senadores presentes sabe que o eleito não foi o Sr. Raymundo de Miranda” (*Anais do Senado Federal*, 1914a, p. 285), sendo orientados a assim votarem para que se efetivasse “a vontade soberana do chefe do Partido Republicano Conservador em aliança com o Presidente da Republica!” (*Anais do Senado Federal*, 1914a, p. 278). O senador Glycerio fazia referência, dessa maneira, às intervenções do senador Pinheiro Machado nas ações da presidência. Em nenhum momento ao longo dessas discussões a figura da primeira-dama foi mencionada.

No entanto, já na sessão do dia 12 de junho de 1912, no discurso do senador Raymundo Miranda, é possível observar ligações deste com a família de Orsina da Fonseca, em especial com a figura de seu pai e de seu irmão. Raymundo Miranda construiu seu discurso de modo a divulgar elogiosamente o programa político desenvolvido por Clodoaldo da Fonseca, filho do “benemerito coronel Pedro Paulino da Fonseca, pae do não menos illustre brasileiro que vem

¹⁶ Em meio aos despachos da Prefeitura publicados pelo *O Paiz*, o jornal *A Noite* publicou em nota a falta de “cerimonia” ao citar determinadas personalidades em meio a estes. Em um dos exemplos divulgados pelo jornal estava um requerimento onde lia-se: “Exma. Sra. D. Orsina Fonseca: Transfira-se” e, logo abaixo, a nota do editor comentando: “E fica-se a pensar que esse secco ‘transfira-se’ talvez não seja bastante. Para outra vez a burocracia prefetural deve exprimir-se desse modo: ‘Exma. Sra. D. Orsina Fonseca: Seja feita a vontade a V. Ex. e sempre, humildemente, ás suas ordens para tudo quanto a V. Ex. possa ser agradável.’” (*A Noite*, 13/04/1912, p. 2), demonstrando os modos de tratamento considerados mais adequados e que deveriam ser dispendidos à personagem.

¹⁷ A descrição da metodologia utilizada na análise desse conjunto de fontes foi descrita na introdução deste trabalho.

de assumir o Governo do Estado” (*Anais do Senado Federal*, 1914b, p. 158), aspecto que contrasta com os posicionamentos que, nos dois anos seguintes o senador teria em relação ao irmão da primeira-dama.¹⁸ Em nenhum momento ao longo de sua fala o senador mencionou ou referiu-se à então primeira-dama. Contudo, a vinculação entre este, a família Fonseca e o governo do estado de Alagoas fica bastante nítida a partir desta documentação, sendo possível apontar para as notas divulgadas pela imprensa enquanto prováveis influências da personagem em ações do seu marido ou, ainda, em ações políticas do seu irmão.

Para além dessas prováveis relações, o senador Raymundo Miranda também apresentou no âmbito das discussões do Senado Federal discursos em prol da Escola Orsina da Fonseca, buscando apoio financeiro e de manutenção para a instituição, a qual, como lembrou o senador na sessão de 28 de dezembro de 1912, “teve a honra de ser inaugurada pela sua illustre patrona, que assim pode reconhecer o progresso espantoso do ensino” (*Anais do Senado Federal*, 1916a, p. 556). Ao lado do senador Mendes de Almeida, Raymundo de Miranda buscou, ainda, como na sessão de 29 de dezembro de 1913, defender subvenções à escola, apontando em suas narrativas sempre ao seu caráter fundamental no âmbito da educação (*Anais do Senado*, 1917a). Mesmo que de maneira indireta, a partir destas reivindicações acerca da escola, a figura da primeira-dama era lembrada.

Além disso, o falecimento da primeira-dama Orsina da Fonseca gerou comoção no Senado. Na sessão de 30 de novembro de 1912, Nilo Peçanha destacou que:

Sr. Presidente, penso que o Senado não é insensível ao desgosto por que acaba de passar o Chefe da Nação e que por igual commove toda a sociedade do Rio de Janeiro, pela perda irreparavel de sua estremecida esposa, typo de virtude e de bondade. Dado o assentimento dos honrados Srs. Senadores, pediria a V. Ex., Sr. Presidente, a nomeação de uma comissão que testemunhasse ao Presidente da Republica os nossos sentimentos de pesar (*Anais do Senado Federal*, 1915, p. 360).

Aprovada com unanimidade pelos senadores, a comissão foi formada por Nilo Peçanha, Francisco Glycerio, Lauro Sodré, Luiz Vianna, Urbano Santos, Tavares de Lyra e Antônio de Azeredo. Após esta votação, o senador Francisco Glycerio propôs a finalização da sessão naquele dia e, novamente por unanimidade, esta foi encerrada. Da mesma forma, na sessão de 30 de novembro de 1912 na Câmara dos Deputados a primeira-dama foi alvo de homenagens através de diferentes discursos. Em meio a diferentes declarações, lembrou o deputado Mauricio

¹⁸ Em sessão do Senado realizada em 6 de agosto de 1913 o senador Raymundo Miranda apresentou em seu discurso seu posicionamento contrário às ações de Clodoaldo da Fonseca em relação ao estado de Alagoas enquanto deputado, retomando tais oposições novamente na sessão de 27 de outubro de 1913 (*Anais do Senado Federal*, 1916c, 1916e).

de Lacerda que “uma das mais expressivas homenagens á virtuosa senhora [é] o espetáculo que temos presenciado de se arrefecerem os debates das questões políticas durante estes dias [...]” (*Annaes da Camara*, 1914, p. 836). Lacerda destacou, ainda, a excepcionalidade do acontecimento, sendo “a primeira vez que se dá o caso do falecimento da esposa de um Presidente da Republica” (*Annaes da Camara*, 1914, p. 835), solidarizando-se com a dor da família.

Assim como discutido pelos senadores, o deputado Cunha Vasconcellos propôs a organização de uma comissão para prestar condolências à família do Marechal, sendo a criação desta aprovada com unanimidade. Em seu discurso, Vasconcellos demorou-se tecendo elogios à figura da primeira-dama, caracterizando-a como “o anjo tutelar, a estrella que guiava os passos do seu idolatrado marido” e apontando que “era ella o ser intermediário entre a sua familia, entre o seu esposo e a própria divindade” (*Annaes da Camara*, 1914, p. 833). O deputado evidenciou ainda as obras de caridade com as quais a primeira-dama esteve envolvida, apontando, a partir disso, para o sofrimento que a sua perda causava não apenas nos seus familiares, mas “no coração da propria patria” (*Annaes da Camara*, 1914, p. 833).

Tais discursos sobre Orsina da Fonseca após o seu falecimento colaboram na concepção e, posteriormente, na reprodução de uma memória sobre a personagem enquanto uma mulher santificada, exemplar e um modelo para a sociedade brasileira. Em consonância com a proposta de Cunha Vasconcellos, ao pedir a palavra o deputado Soares dos Santos também homenageou Orsina da Fonseca, narrando que:

Eu a conheci, Sr. Presidente, antes della ser levada áquellas alturas, em que se mostrou esposa amantíssima do Chefe da Nação e mãe estremecida, representando um conjunto de virtudes taes que sobre este tumulo, que se abriu, lagrimas bemitas, lagrimas sentidas hão de ser derramadas, porque ellas representam a angustia da orfandade e o pranto de um esposo digno, cujos actos na vida publica teem sido a continuação de sua vida particular (*Annaes da Camara*, 1914, p. 834).

Assim, para além das homenagens realizadas pela sociedade civil em solidariedade à memória de Orsina da Fonseca, a personagem também foi lembrada e eternizada através do discurso destes parlamentares nos anais do Senado e da Câmara enquanto uma mulher que seguia os padrões construídos e impostos pelos mesmos olhares masculinos que a caracterizaram enquanto mãe e esposa exemplar. Dessa forma, compreender as representações sobre Orsina da Fonseca a partir destes discursos é como inseri-la em uma concepção tradicional do exercício da função de primeira-dama, a qual “sugere o rechaço a uma projeção de agência no campo político, exaltando uma suposta sacralidade que corrobora discursos

essencialistas e morais” (Rivetti, Hey, 2023, p. 42). Com base na narrativa construída até o presente momento nesta pesquisa, contudo, demonstramos que este não foi um padrão na trajetória da personagem, tendo esta exercido diferentes atuações políticas, inclusive através da adequação a modelos pré-concebidos e impostos a estas mulheres para atuar em outras áreas. Da mesma forma, elaborando discussões a partir do campo da História das Mulheres, Martins (2024) também destacou enquanto fundamentais os questionamentos sobre as divisões entre as esferas pública e privada através do gênero, demonstrando “a complexidade e a diversidade dos protagonismos femininos” (Martins, 2024, p. 10).

Após o falecimento de Orsina da Fonseca, portanto, nos anos seguintes – 1913 e 1914 – o segundo matrimônio do presidente da República e sua noiva, Nair de Teffé, seriam objetos centrais em meio aos discursos dos políticos da época. É possível observar, através da elaboração de alianças políticas entre os próprios senadores, mudanças de orientação como a do senador Raymundo Miranda. Em seu discurso na sessão do dia 2 de julho de 1913, Miranda se posicionou a favor do reconhecimento do Barão de Teffé como senador pelo estado do Amazonas, defendendo-o em meio as discussões sobre divergências nas listas de votantes e a possível anulação da eleição. Na sessão do dia seguinte, em 3 de julho de 1913, o senador Ruy Barbosa também se posicionaria sobre a eleição e o reconhecimento do Barão enquanto senador, destacando seu voto contrário a este, apesar da deliberação já ter sido aprovada pelo reconhecimento deste enquanto membro da casa (*Anais do Senado Federal*, 1916b, p. 27). Tal votação, apesar de não mencionar diretamente a figura de Nair de Teffé, permite que sejam analisadas algumas das articulações prévias ao casamento que, quando anunciado, foram centrais nas críticas da oposição, como o provável favorecimento da figura do Barão de Teffé no cenário da política nacional.

Em sessão do dia 10 de julho de 1913, já enquanto senador, o Barão pediu a palavra e discursou brevemente a fim de justificar sua candidatura e “reduzir á expressão mais simples certos boatos que me são extremamente desagradáveis” (*Anais do Senado Federal*, 1916b, p. 53), referindo-se ao posicionamento de Ruy Barbosa e, em seguida, agradecendo ao Partido Republicano Conservador do Amazonas pelo apoio em sua eleição. As críticas de Ruy Barbosa não seriam restritas, no entanto, apenas ao pai de Nair de Teffé, mas também à própria personagem, sendo apenas a base para que os próximos capítulos da história política do país centralizassem a figura da primeira-dama nos discursos parlamentares. À época deste acontecimento, cabe lembrar, o anúncio do segundo casamento do Marechal Hermes da Fonseca ainda não havia sido feito, havendo na imprensa apenas algumas notas que indicavam

a circulação do presidente à Petrópolis e sua relação amigável com a família Teffé, já estabelecida desde antes do falecimento de Orsina da Fonseca.

Foi na sessão do dia 20 de setembro de 1913, porém, que Ruy Barbosa, ao retomar o tema de discussão sobre o governo do Amazonas, ocupou-se de maneira mais direta da realização do segundo casamento do presidente da República, narrando aos demais senadores “o protesto da minha consciência republicana contra os estylos presidenciaes agora estabelecidos no Cattete e no Itamaraty em homenagem ás nupcias do Chefe do Estado” (*Anais do Senado Federal*, 1916d, p. 544). Naquele momento, Ruy Barbosa se posicionava de maneira contrária e crítica ao que considerou exageros e extravagâncias no anúncio do noivado do presidente, já tendo sido realizadas, no momento do seu discurso, “duas apresentações officiaes [que] puzeram em contacto com o mundo administrativo, o judiciário, o parlamentar e o diplomático a eleita do Marechal Presidente” (*Anais do Senado Federal*, 1916d, p. 544). Considerando o contato que Nair de Teffé já possuía com estes meios sociais e políticos até aquele momento em sua trajetória, a partir dessas declarações Ruy Barbosa demonstrava o quanto a projeção dada à personagem lhe causava incômodos. No mesmo discurso, a figura de Orsina da Fonseca também foi mencionada pelo senador, lembrando que:

De taes solemnidades se não cercou o ingresso da sua primeira esposa á vida social como consorte do Presidente. O estylo discreto dos seus convites ás senhoras do corpo diplomático lhe abriu de um modo natural as portas dessa sociedade, sem lhe disvirtuar o papel, de character meramente privado, a que as normas deste regimen reduzem a mulher do Chefe do Estado (*Anais do Senado Federal*, 1916d, p. 544).

A memória sobre a imagem de Orsina da Fonseca a faz novamente aparecer neste e em discursos posteriores do senador enquanto uma mulher sem defeitos, pois recatada e dedicada ao ambiente familiar. Em sua narrativa, Ruy Barbosa seguiu discorrendo sobre as diferenças entre os regimes monárquicos e republicanos, destacando a oficialidade que, na República, não deveria ser conferida à realização do casamento do presidente. Segundo o senador, “o pacto federal dos nossos Estados Unidos [...] não lhe dota a consorte, não a condecora com uma dignidade, qualquer que seja” mas sim ignoraria, “de modo mais absoluto a condição domestica e a familia do Presidente” (*Anais do Senado Federal*, 1916d, p. 547). É possível observar, ainda, que em relação ao exercício da função de primeira-dama as atribuições conferidas e impostas às mulheres primeiras-damas seriam aquelas que a elas reservariam o ambiente privado, a discrição e uma postura apolítica. Em diálogo com esta compreensão, também se encontram no discurso do senador as caracterizações da esposa do presidente enquanto “o mais bello

ornamento da casa do Chefe da Nação” e a sua entrada no Catete enquanto “a mulher do seu marido [...] a providência de seu lar”, enquanto que “oficialmente, porém, não tem existencia reconhecida. Nos actos meramente protocollares não occupa logar nenhum” (*Anais do Senado Federal*, 1916d, p. 548). A caracterização da esposa do presidente, portanto, é associada a uma espécie de ornamento, um enfeite ou ainda, um adorno que se apresentaria enquanto uma extensão do seu marido.

No ano seguinte, em 1914, a oposição seguiu apontando críticas e atitudes consideradas inadequadas em relação a primeira-dama. Em meio ao seu discurso na sessão de 18 de junho de 1914, Ruy Barbosa criticou as condutas do governo, em especial as medidas adotadas quando da declaração do Estado de Sítio e da perseguição à imprensa, destacando estes enquanto abusos de poder. Da mesma forma, o senador retomou o tema do recente enlace matrimonial do presidente ao qual este, segundo Barbosa, buscou “dar proporções régias” (*Anais do Senado Federal*, 1917b, p. 226), considerando igualmente este ato do presidente enquanto um abuso de sua posição política. Neste discurso de Ruy Barbosa é possível observar, no entanto, a associação entre as perseguições à imprensa e a figura da primeira-dama, dada a comparação narrada pelo senador com a França, onde “as mulheres dos Presidentes, apesar de senhoras notáveis, todas pelas suas virtudes e respeitabilidades, não teem escapado á censura, á epigrammas, á ironia das canções, das operetas e das revistas” (*Anais do Senado Federal*, 1917b, p. 226). Em seu discurso Ruy Barbosa mencionaria, ainda, a prisão do jornalista Macedo Soares do jornal *O Imparcial* devido à declaração do Estado de Sítio e às violências que este estaria sofrendo, aspecto que, meses depois, quando da prisão de outro jornalista, seria associado diretamente à figura da primeira-dama.

Ainda em relação ao Estado de Sítio, a prisão e a perseguição de outros jornalistas considerados de oposição tornou-se pauta de discursos no Senado. Na sessão de 11 de novembro de 1914, após a realização da Noite do Corta Jaca – última recepção oficial do mandato do Marechal Hermes da Fonseca enquanto presidente, protagonizada por Nair de Teffé – novamente o senador Ruy Barbosa concentrou-se em, inicialmente defender-se das acusações de ataque à honra da esposa do presidente e, em seguida, apontar para distintas influências que ela estaria exercendo sobre as ações políticas do marido. Dentre essas acusações, estava aquela em que Nair de Teffé era apontada também enquanto responsável pela prisão do jornalista Edmundo Bittencourt, sendo esta atribuída “á vontade imperativa da mulher do presidente” (*Anais do Senado Federal*, 1917c, p. 110).

Da mesma forma, de maneira mais pessoal, o *Correio da Manhã* publicou inúmeras notas e matérias em tons críticos sobre a primeira-dama, sendo o principal foco a discussão sobre a prisão de Edmundo Bittencourt, diretor desta folha. Essa prisão, segundo o jornal, estaria associada apenas às vontades de Nair de Teffé e de seu pai, tendo a família Teffé interferido nas perseguições à imprensa de oposição, assim como afirmava Ruy Barbosa. Ainda em seu discurso naquela sessão, o senador fez referência à figura de Orsina da Fonseca descrevendo-a enquanto “imaculada companheira de sua vida”, “Santa Senhora” e “consorte fiel do seu marido, a desvelada mãe dos seus filhos, a regente modesta de sua casa”, a qual foi lembrada como “exemplo de primeira marechala, cuja discricção não assumiu jamais a menor parte na vida official do presidente” (*Anais do Senado Federal*, 1917c, p. 109-110). A construção da imagem de uma primeira-dama em contraposição a outra foi aspecto central na narrativa do senador. As atribuições consideradas adequadas e elogiáveis às mulheres eram diretamente associadas à Orsina da Fonseca, enquanto que Nair de Teffé aparecia enquanto “uma figura de relevo no protocollo, na côrte presidencial, no seu ascendente notório sobre o exercício da autoridade suprema” (*Anais do Senado Federal*, 1917c, p. 110).

Além destas acusações, no discurso de Ruy Barbosa outro aspecto também é endossado: a influência da família Teffé nos assuntos presidenciais a partir do casamento. Nessa perspectiva, destacou Ruy Barbosa uma opinião que, segundo o mesmo, era corroborada por muitos, de que “o ultimo estado de sitio constituiu uma victoria da nova familia do marechal sobre os conselheiros do seu partido” (*Anais do Senado Federal*, 1917c, p. 110), incluindo não apenas a primeira-dama mas sua família como um todo nas acusações proferidas. Indiretamente, no entanto, Ruy Barbosa acusou Nair de Teffé quando, ao referir-se a exemplos de mulheres que também estiveram ao lado de políticos de diferentes nações do mundo, narrou que:

Isso embora nenhuma dessas senhoras fizesse política, embora nenhuma entendesse em cousas do Governo, embora nenhuma actuasse para se decretarem estados de sitio, embora nenhuma influísse para a detenção arbitraria de jornalistas, embora nenhuma levasse para o Elyseu uma familia aquinhoada nos benefícios da administração e nas altas dignidades do Estado (*Anais do Senado Federal*, 1917c, p. 111).

Em seguida, Ruy Barbosa apontou para o ato do presidente que “conduziu por sua mão a esposa do proscenio da vida official, e sentou a eleita do seu coração ao seu lado na omnipotência da sua dictadura” (*Anais do Senado Federal*, 1917c, p. 111), criticando as orientações seguidas pelo Marechal Hermes da Fonseca e sua administração. Neste discurso ainda, o senador mencionou as “irregularidades e inconveniências” decorrentes das recepções oficiais, dentre elas a Noite do Corta Jaca, protagonizadas pelo governo. Sobre esse

acontecimento, em suas memórias Nair de Teffé lembrou que o senador havia aproveitado “[...] o lançamento do ‘Corta Jaca’ para inserir nos anais do Senado, a sua costumeira verborragia, na sessão de 11 de novembro de 1914, babando contra mim, a sua orgulhosa cantilínaria de insopitável ódio ao governo” (Fonseca, 1974, p. 45), dando mostras da rivalidade que, após o seu casamento com o presidente, também por ela foi apropriada com a figura de Ruy Barbosa.

Ainda na sessão de 11 de novembro de 1914, Ruy Barbosa finalizou seu discurso apontando que os ataques contra a honra das mulheres deveriam ser julgados, assim como se direcionados à esposa do presidente, destacando, em relação a esta, “comtanto que a injúria alegada não seja uma criação imaginária para autorizar crimes, dissimular atentados ou sobredoirar lisonjas” (*Anais do Senado Federal*, 1917c, p. 116). Em resposta ao longo discurso proferido por Ruy Barbosa, o senador Pinheiro Machado posicionou-se em defesa do governo, de modo geral, não direcionando sua narrativa em momento algum especificamente à primeira-dama e seus atos, deixando a resposta à própria caricaturista que, dias depois, produziria uma caricatura de Ruy Barbosa (Imagem 11) de modo a responder, satiricamente, as acusações a ela direcionadas.

Imagem 11 - Ruy Barbosa, por Rian



Fonte: Museu Histórico Nacional. Item NT09 (032.246)

Anteriormente na sessão do dia 9 de novembro de 1914, o senador Eptácio Pessoa ocupou-se de defender o governo e as distintas críticas que estavam sendo direcionadas ao presidente e sua esposa devido a realização da última recepção de seu mandato. Demonstrando sua indignação com o apoio de outros políticos às críticas direcionadas ao Marechal e Nair de Teffé, o senador proferiu: “Eu quizera saber, Sr. Presidente, si para esses defensores continuaria a ser um brinco de creança a difamação que, em versos pornográficos, se arrojasse a qualificar de prostitutas as suas esposas” (*Anais do Senado Federal*, 1917c, p. 88), apontando para a difamação reproduzida pela imprensa de oposição sobre o casal.

A inserção destas acusações nos Anais do Senado Federal possibilita a observação de atuações políticas efetivas e prováveis de Nair de Teffé enquanto primeira-dama. De maneira contrária à Orsina da Fonseca, a filha do Barão de Teffé foi alvo de acusações pela oposição, demonstrando o quanto suas ações, por mais simples que pudessem ser, geravam incômodos e descontentamentos. Nessa perspectiva, ainda que de maneiras distintas, ambas as personagens ocuparam lugares centrais nas discussões de políticos durante o período, evidenciando suas atuações políticas e as representações que estas tiveram na imprensa e nos discursos masculinos. Ou seja, de acordo com Rivetti e Hey (2023, p. 34), através do estudo de percursos individuais é possível “apreender o que políticas carregam de ordinário e geral, [e] permite avançar analiticamente em direção a entender a reconversão do gênero em atributo político”, ou seja, em como estas mulheres, enquanto primeiras-damas, adequando-se ou não aos padrões que lhes foram impostos nesta função, atuaram politicamente naquele período.

Além destes aspectos, em relação ao conjunto documental dos Anais do Senado Federal também foi possível observar os diferentes olhares masculinos sobre as ações e trajetórias destas mulheres. Ao criticar as apresentações em caráter oficial de Nair de Teffé ao mundo diplomático enquanto noiva e esposa do presidente da República, Ruy Barbosa expressava o desconforto causado pelo pertencimento desta mulher a estes meios, bem como sua circulação e contato com diferentes indivíduos que o compunham. Além disso, ao apontar para a honra das esposas dos presidentes constituídas através das virtudes naturais destas mulheres, o senador também reproduzia um discurso conservador que associava a elas o cuidado, o ambiente privado e a prática com ações assistenciais, por exemplo, reforçando a criação de um modelo tradicional de primeira-dama que seria perpetuado.

Ao romper com diferentes barreiras que compunham este ideal, Nair de Teffé surgiu de maneira mais recorrente nestes discursos tendo a si e suas ações associadas ao governo e sua administração, julgadas pelo espectro masculino e conservador. Por outro lado, um dos únicos

momentos, de maneira geral, em que a primeira-dama Orsina da Fonseca foi mencionada nestes discursos foi quando ocorreu o seu falecimento. Tal aspecto pode demonstrar o quanto, ainda que envolvida em diferentes ações políticas e sociais, às mulheres ainda era reservada a publicidade ou notoriedade maiores em momentos como o casamento ou a morte.

Nessa perspectiva, a partir da compreensão das representações elaboradas sobre Orsina da Fonseca e Nair de Teffé, bem como das simbologias em torno destas figuras, é possível rastrear marcas de suas atuações políticas individuais ou coletivas. Desse modo, compreendendo-as em suas singularidades, buscamos observar as igualdades e diferenças em suas trajetórias enquanto marcadores permeados por “uma tensão necessária [...] entre direitos individuais e identidades grupais”, possibilitando esta o encontro de “resultados melhores e mais democráticos” (Scott, 2005, p. 12). Ou seja, a partir de diferentes atuações políticas, das diversas percepções que causaram no mundo público e político, das diferentes redes e espaços pelos quais circularam, assim como a partir dos diversos modos pelos quais interagiram com a política, Orsina da Fonseca e Nair de Teffé foram primeiras-damas de seus tempos, tendo sido este, da mesma forma, apenas um pequeno recorte de suas trajetórias.

Considerações finais

Em uma sala, se ouve conversa das senhoras (digo senhoras), a preocupação não é outra senão saber se fulano será ministro, para dar tal ou qual comissão ao marido ou ao filho. Uma outra criticará tal ou qual pessoa poderosa porque não arranjou para o pai uma concessão qualquer. É assim.
(*Os Bruzundangas*, 1985, p. 75)

Em *Os Bruzundangas* (1985), Lima Barreto descreveu algumas das características da sociedade da Bruzundanga, destacando comportamentos, como no trecho acima, comuns a cada grupo social. No entanto, o diálogo entre as mulheres sobre as ações políticas protagonizadas por homens, não é um indicativo de que sejam elas apenas espectadoras passivas de cada contexto. Ocupar-se com a política no e do cotidiano, como a partir dos meandros das ações oficiais, permite observar que a construção de trajetórias políticas ultrapassa determinadas fronteiras à nível nacional, estadual ou municipal. Em outras palavras, é possível apontar que não apenas homens que exerceram algum cargo político oficialmente tiveram tal projeção. Considerando as interlocuções entre as esferas pública e privada e o fluxo de influências entre ambas, na conversa das senhoras as preocupações sobre os cargos políticos de seus pais, maridos ou filhos também indica a inserção destas mulheres na política e, da mesma forma, a construção de suas atuações e trajetórias neste meio.

De modo semelhante, no trecho citado acima Lima Barreto aponta para a existência de espaços reservados às mulheres, onde estas dialogavam e discutiam sobre distintos elementos e configurações políticas. A partir desta compreensão, podem ser observados dois traços que permearam as análises realizadas nesta pesquisa: a existência e as funções dos espaços de sociabilidade comuns entre as mulheres das elites e a formação de redes sociais entre os agentes destes espaços. Dessa maneira, em diálogo com a literatura da Primeira República, de maneira especial com as obras de Lima Barreto, foi possível perceber distintas funções, influências, atuações e posicionamentos associados às mulheres das elites no período. Conforme apresentado em cada um dos capítulos desta dissertação, elas ocuparam papéis importantes também no âmbito público e político, não sendo tais concepções restritas à literatura.

Esta pesquisa, por sua vez, foi estruturada e realizada buscando oferecer novas leituras sobre o cenário político da Primeira República. Como evidenciado no trecho acima, o olhar para o cotidiano e para as intersecções entre as esferas pública e privada orientaram os caminhos percorridos nesta investigação. Estes, por sua vez, favoreceram a análise das atuações políticas das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé e permitiram com que essas mulheres

tomassem a centralidade desta narrativa. Mesmo que sua escrita tenha sido permeada por desafios.

Desafios estes que, inerentes à escrita da história, foram minuciosamente acessados, observados e, com um esforço microscópico, supridos, dadas as dimensões deste trabalho. Com o objetivo de problematizar as atuações políticas de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé a partir do estudo de suas redes de relações, espaços de sociabilidade e trajetórias entre os anos de 1910 e 1924, foram complexos e múltiplos os resultados encontrados a partir da observação de cada uma destas esferas. Inicialmente, ao observar as redes de relações individuais e coletivas de ambas as personagens, foi possível percebê-las envolvidas ora em círculos sociais específicos, ora em círculos sociais em comum, os quais permitiram inclusive o contato entre estas duas mulheres tão distintas. O contato entre ambas as personagens, portanto, permitiu observar duas ocupações e posicionamentos contrastantes em relação ao cenário político, ainda que inseridas em ambientes semelhantes. Em meio às complexidades de análise destas conexões e das relações estabelecidas num recorte de tempo da trajetória de determinado personagem, emergem subjetividades, marcas da memória e, por vezes, incoerências.

Ao compreender Orsina da Fonseca e Nair de Teffé enquanto mulheres das elites da Primeira República, o mapeamento de suas redes de relações permitiu visualizá-las enquanto mulheres de seus tempos. Estabelecendo vínculos com indivíduos de diferentes esferas sociais e, por vezes, associando-se a estes, Orsina da Fonseca e Nair de Teffé apresentaram movimentações às mulheres das elites naquele período, construindo posicionamentos próprios. Da mesma forma, pudemos observar o quanto suas relações familiares influenciaram os deslocamentos, ações e parte dos caminhos que formaram a trajetória das personagens, aproximando-as do universo político para além da função de primeira-dama. Os vínculos familiares, no mesmo sentido, também influenciaram a formação de suas subjetividades e a adequação (ou não) aos modelos de comportamento impostos às mulheres durante o período. Em relação a estes modelos, através da colaboração com instituições e ações de assistência social, por exemplo, observamos que ambas as personagens se adequavam a ele, refletindo em suas trajetórias a ocupação de espaços públicos que eram considerados convenientes às mulheres, associando-as às ações de cuidado. No entanto, mesmo através destas aparentes sujeições, tanto Orsina da Fonseca quanto Nair de Teffé puderam se utilizar dessas funções para projetarem suas atuações políticas nesta e em outras áreas.

Além deste aspecto, como mencionado anteriormente, as duas personagens desta narrativa foram mulheres com comportamentos, ações e atuações bastante distintos entre si. Ao

observar as estruturas do mundo social em que estiveram inseridas, foi possível perceber distintos tensionamentos provocados pelo posicionamento ou ações destas primeiras-damas. Dentre estes, destacam-se elementos como a diferença de idade entre Orsina da Fonseca e Nair de Teffé, por exemplo, delineando um aspecto geracional presente em suas atuações. Devido a essa característica, ainda, ambas as mulheres apresentaram posturas particulares ao ocupar os mesmos espaços de sociabilidade, aspecto que colaborou na posterior construção de representações sobre si e sobre suas condutas.

De um lado, a imagem de uma mulher com uma postura austera, séria e mais conservadora a partir da figura de Orsina da Fonseca; de outro, uma mulher com uma postura mais dinâmica, inquieta e flexível, a partir de Nair de Teffé. Sendo venerada, homenageada e lembrada posteriormente enquanto modelo exemplar de ser humano e de mulher, Orsina da Fonseca teve as representações sobre si e suas atuações pautadas na exacerbação destas características, elevando-a a níveis próximos aos religiosos de adoração. Em contraposição, esteve a artista Nair de Teffé. Criticada veementemente por condutas consideradas inadequadas, como cantar e dançar ao som da música popular brasileira, mas também por questionar e, por vezes, reproduzir determinados padrões conservadores, as representações sobre Nair de Teffé criticavam suas ações por exercer um protagonismo que, à época, era pouco autorizado às mulheres.

Tais concepções, no entanto, não foram premissas constantes em suas atuações, demonstrando a fluidez presente nos estudos de trajetórias. Tais características e posicionamentos refletiram, nesse sentido, nas representações elaboradas sobre estas mulheres posteriormente. Em outras palavras, um saudosismo e um processo de santificação associado à figura de Orsina da Fonseca, especialmente após o seu falecimento, em contraposição e, quiçá, fortalecido, devido à ocupação da função de primeira-dama por uma mulher cerca de 25 anos mais nova e que apresentava posturas e condutas consideradas ousadas para o período.

O estabelecimento de redes de relações com homens e mulheres que também pertenciam às elites foi característico das redes de relações tanto de Orsina da Fonseca quanto de Nair de Teffé. No entanto, ao se aproximar das reivindicações pelos direitos das mulheres a partir do movimento feminista de primeira onda, Orsina da Fonseca deu tons singulares as suas redes, vinculando-as também a mulheres de outras classes sociais. De modo contrastante, as particularidades nas redes de relações de Nair de Teffé encontram-se no estabelecimento de vínculos especialmente com outras mulheres das elites, destacando figuras como Laurinda dos Santos Lobo e Anita Peçanha, por exemplo. Apesar de ter incluído em suas memórias

lembranças afetuosas sobre a figura de Chiquinha Gonzaga, maestrina da música popular brasileira, estas não ultrapassaram o caráter de menção em um episódio específico, assim como à figura de Catulo da Paixão Cearense. Já em relação às causas feministas à época, Nair de Teffé também não apresentou vinculações ou quaisquer posicionamentos, mencionando a temática dos direitos das mulheres apenas em entrevistas já na década de 1920, as quais possibilitam observar interseccionados os reflexos de sua mais avançada formação educacional, em relação às demais mulheres na Primeira República, e as marcas de uma espécie de conservadorismo em falas e posicionamentos da personagem.

Já em relação às semelhanças nas redes de relações e nos espaços de sociabilidade das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé, foi possível observar a associação destas a figuras do cenário político nacional, especialmente em reuniões e celebrações, prática percebida como comum às primeiras-damas pela função que ocupavam. Importa destacar, no entanto, que apesar do esforço de mapeamento destas redes e espaços, em poucos registros nas fontes foi possível encontrar o acionamento destas ou a efetiva percepção de seus funcionamentos em prol de interesses em comum ou individuais dos personagens envolvidos. Enquanto uma das limitações das fontes que compõem o *corpus documental* desta pesquisa, buscou-se apresentar ao longo dos capítulos variadas vinculações que, em diferentes momentos, estiveram presentes e foram acionadas nas trajetórias destas primeiras-damas.

Nessa perspectiva, a análise de trajetória de Orsina da Fonseca nos apresenta um interessante exemplo. A relação da primeira-dama com o Partido Republicano Feminino e sua amizade com Leolinda de Figueiredo Daltro possibilitaram, a partir da investigação sobre ações do partido e da escola fundada por este, a observação de funcionamento de algumas destas redes. Ao integrar um partido que estava alinhado com os movimentos feministas emergentes naquele período, tomando lugar de destaque dentro de sua estrutura de funcionamento, Orsina da Fonseca permite que sejam observadas algumas das articulações que possibilitaram suas movimentações e atuações políticas. Da mesma forma, ao estar em contato com mulheres de diferentes classes sociais, é plausível supor que tais reivindicações fizessem parte de um posicionamento pessoal e da agenda da personagem, a qual poderia discutir tais questões também com as mulheres de senadores, ministros e deputados, como nas salas em que ouviam-se as conversas das senhoras, descrita por Lima Barreto.

Já em relação à Nair de Teffé, destacam-se as figuras masculinas em suas produções artísticas e suas atuações políticas para além destas. Ao produzir leituras através da arte da caricatura sobre a política e os políticos da época, a personagem apresentava seu olhar sobre o

meio social, intelectual, cultural e econômico que também a formava. De maneira semelhante, ao privilegiar o retrato masculino em suas produções, Nair de Teffé permite que sejam realizadas leituras sobre a própria artista e os espaços pelos quais circulou e se formou, fazendo parte, no período, de um pequeno e privilegiado grupo das elites. A análise das redes de relações da personagem permite, por sua vez, a visualização tanto de suas escolhas individuais – como a dedicação à caricatura, por exemplo – quanto daquelas também impulsionadas por seu meio social – como o seu casamento com o presidente da República.

Da mesma forma, foi através da arte que Nair de Teffé delineou algumas de suas atuações políticas. Ao responder aos comentários e críticas direcionados a si e à figura de Hermes da Fonseca através de uma caricatura do senador Ruy Barbosa, por exemplo, a personagem demonstrava seu não silenciamento e seu envolvimento ativo com o âmbito político. Além disso, a vinculação da personagem com a religião católica é notória, estando essa associada a instituições voltadas para a assistência social. Nesse aspecto, outra aproximação é observada na análise das trajetórias das personagens desta narrativa.

Ao longo do estudo da trajetória de Orsina da Fonseca foi possível encontrar indícios de sua aproximação com a religião católica e com as instituições de assistência social, voltadas especialmente à questão da infância. Enquanto participante ativa de várias destas iniciativas, inclusive organizando festividades e celebrações para estes grupos sociais, Orsina da Fonseca também fez com que a maternidade e os ideais propagados sobre as mulheres no período, como a naturalização da função de mãe e esposa enquanto destinos femininos, fossem a ela associados diretamente. Estes ideais, por sua vez, foram reforçados ainda mais quando de seu falecimento.

Ao falecer enquanto ainda ocupava a função de primeira-dama, Orsina da Fonseca passou por um processo de construção de representações sobre si enquanto uma mulher santificada, exemplar e glorificada. Em sua morte, foi lembrada através de diferentes qualificações, todas carregadas positivamente e exaltando seu papel como esposa e mãe, não apenas de seus filhos, mas da nação. Esse processo, além de dar ampla visibilidade à personagem, também construiu em torno desta um ideal e um modelo. Como mencionado anteriormente, este modelo associava às mulheres e, especialmente às mulheres primeiras-damas, expectativas, determinadas funções e comportamentos. Ao seu modo, ao romper com tais padrões vigentes, Nair de Teffé também demarcou seu lugar no cenário político brasileiro.

Em meio a uma conjuntura cercada por práticas sociais estruturadas em relações de poder, algumas das ações de Nair de Teffé foram caracterizadas como ousadas e, até mesmo, inadequadas. Ela ousou interpretar uma canção ao som de um violão, ousou ao cantar e dançar,

ousou ao caricaturar políticos de oposição, ousou em não silenciar frente às críticas que lhe foram direcionadas... ousou, enquanto mulher, ao se posicionar. A análise de tais ações protagonizadas pela personagem revela o incômodo que seus comportamentos causaram, inserindo-a nos Anais do Senado Federal e fazendo-a ser assunto de inúmeros jornais da capital.

Nessa perspectiva, a partir da análise de trajetórias de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé, é possível observá-las enquanto trajetórias próprias de suas épocas e marcadas por escolhas que, ao longo destas, deram protagonismos às personagens. Seja através da vinculação às ações de assistência social, que se torna parte da agenda das primeiras-damas, ou através das artes e da vinculação a outras mulheres que lutavam pelos direitos femininos na Primeira República, Orsina da Fonseca e Nair de Teffé foram mulheres que, para além das atuações analisadas nesta dissertação, ocuparam e também construíram o cenário político de suas épocas, interagindo com este e com os demais agentes que o compunham. Através do estudo de suas trajetórias e atuações políticas, portanto, buscou-se apresentar outras leituras possíveis sobre os cenários político, social, artístico e cultural da Primeira República, desfocando o olhar da historiografia e dos leitores das tradicionais figuras masculinas do período.

O estado conjugal que as fez ocupar a função de primeira-dama, nesse sentido, não foi o único elemento responsável pela entrada e participação destas mulheres na política. Ao longo da análise aqui apresentada, a partir do olhar para o âmbito privado e para suas intersecções com o âmbito público, buscou-se centralizar a compreensão do exercício da política também no cotidiano. Nesse esforço, o olhar para a imprensa, para as memórias e para outros documentos fez emergir as agências e protagonismos exercidos por estas mulheres, rompendo com as proposições que apontam para lacunas em relação à história das primeiras-damas na Primeira República devido à ausência de fontes. Elas existem e estudá-las, ainda que exija reiterados esforços teóricos e metodológicos, é possível.

Em paralelo a isso, tal perspectiva aponta para alguns dos desafios inerentes à escrita de histórias das mulheres. Aqui, se me permite o leitor e a leitora deste texto, já em suas páginas finais, aponto para um recorte referente à escrita das histórias das mulheres das elites. Em diálogo com autoras como Martins (2024), em suas produções recentes, foram percebidos desafios como a busca e o acesso às fontes referentes a estas mulheres, muitas vezes escondidas atrás de figuras masculinas e de suas denominações, sejam pais, irmãos ou maridos. À exceção de casos como o de Nair de Teffé, que produziu e publicou suas memórias, encontrá-las enquanto autoras de textos, discursos ou com algum espaço de fala na imprensa, por exemplo, é tarefa difícil e reflete aspectos das sociedades em que estas mulheres estiveram inseridas.

Apesar disso, através desta pesquisa buscamos demonstrar que a realização dos estudos sobre as trajetórias e atuações políticas das primeiras-damas não se faz impossível.

Tal concepção busca elucidar os cuidados metodológicos adotados no âmbito desta investigação, os quais a tornaram possível. O olhar atento, minucioso e microscópico às fontes, às relações estabelecidas entre os agentes e aos não-ditos, permitiu encontrá-las, por vezes descritas apenas pelo nome de seu marido ou pai, posterior, respectivamente, ao adjetivo de senhora e madame ou senhorita e mademoiselle. Ou seja, a localização das personagens também partiu da necessidade de acompanhamento de rastros e vestígios deixados pelas figuras masculinas que faziam parte de seus cotidianos, sendo estes mais facilmente encontrados. A leitura de entrelinhas, portanto, também foi necessária. Da mesma forma, a análise das representações elaboradas sobre Orsina da Fonseca e Nair de Teffé permitiu com que fossem percebidas as realidades sociais em que se inseriam e que realidades foram estas que tornaram possíveis suas atuações, causando maior ou menor incômodo no âmbito dos debates públicos e políticos.

Dessa maneira, possibilitando a observação de suas atuações políticas, a análise das representações elaboradas sobre estas mulheres permite elucidar explicações sobre práticas e costumes da época. Ou seja, estas representações não apenas permitem que sejam vistas as formas como Orsina da Fonseca e Nair de Teffé, bem como suas ações, eram percebidas pelos meios de comunicação, mas também fornece noções gerais sobre os estereótipos e padrões femininos vigentes e impostos às mulheres durante o período. Ao confrontá-los com o estudo de trajetórias das personagens, portanto, percebemos mais sobre estas mulheres e suas singularidades frente a um padrão de modelo feminino rígido, sem direitos e afastado do meio político.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa buscou contribuir com os debates acerca da participação política das mulheres, especialmente as primeiras-damas, à nível da política nacional. Enquanto debates refletidos no tempo presente, o estudo sobre o papel destas mulheres, suas funções e atuações públicas, contribui para que sejam renovados os olhares sobre o político e sobre seu próprio exercício. Em relação à Primeira República, período ainda carente de investigações, buscamos colaborar lançando novas luzes e novos caminhos possíveis à historiografia.

Por fim, reforçamos o caráter dialógico entre distintas áreas da historiografia que fizeram parte da construção da presente investigação. Interseccionando a análise de diferentes elementos associados à política como o gênero e o cotidiano, por exemplo, emergiram as

próprias e singulares atuações de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé. Enquanto mulheres de uma época, não apenas a partir deste enquadramento foi possível percebê-las, mas também a partir de suas agências e subjetividades em seus protagonismos políticos.

Dessa maneira, Orsina da Fonseca e Nair de Teffé tiveram trajetórias fundamentais no desenvolvimento de distintos projetos políticos masculinos, projetos e ações políticas como aqueles sobre os quais “as senhoras”, mencionadas por Lima Barreto, conversavam, no trecho citado inicialmente nestas considerações. Apesar disso, ambas as personagens também construíram seus espaços de atuação a partir de posturas não totalmente submissas às premissas masculinas, apresentando projeções e trajetórias políticas próprias, seja por meio de suas redes de relações, pelo envolvimento com questões assistenciais, com a luta pelos direitos femininos no início do século XX ou com a expressão própria através da arte.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa buscou transformar as compreensões por vezes já cristalizadas sobre um período, após a apresentação e inserção de outras duas personagens nesta narrativa. Esperamos que suas trajetórias também sirvam de vetores para a leitura sobre o período da Primeira República, que colaborem nas explicações teóricas sobre o âmbito político e social da época, compreendendo-as enquanto agentes do mesmo e que, ainda mais, sirvam de inspiração para pesquisas futuras que incorporem novas protagonistas nas narrativas historiográficas. Que estas narrativas apontem, como descreveu Lima Barreto, para os incômodos, os desconfortos e as críticas causadas pela movimentação de mulheres. Que elas continuem em movimento e em diálogo umas com as outras pela história.

Fontes

FONSECA, Nair de Teffé Hermes da. **A verdade sobre a Revolução de 22**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Gráfica Portinho Cavalcanti LTDA, 1974.

Arquivo Nacional

Fundo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – FBPF

Anais da Câmara dos Deputados

NACIONAL, Congresso. Annaes da Camara dos Deputados. **Sessões de 20 a 30 de novembro de 1912**. Volume XIV. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1914.

Anais do Senado Federal

FEDERAL, Annaes do Senado. **Sessões de 10 de abril a 31 de maio de 1912**. Volume I. Congresso Nacional. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1914a.

FEDERAL, Annaes do Senado. **Sessões de 1 a 29 de junho de 1912**. Volume II. Congresso Nacional. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1914b.

FEDERAL, Annaes do Senado. **Sessões de 1 a 30 de novembro de 1912**. Volume VII. Congresso Nacional. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1915.

FEDERAL, Annaes do Senado. **Sessões de 24 a 31 de dezembro de 1912**. Volume IX. Congresso Nacional. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1916a.

FEDERAL, Annaes do Senado. **Sessões de 1 a 31 de julho de 1913**. Volume IV. Congresso Nacional. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1916b.

FEDERAL, Annaes do Senado. **Sessões de 1 a 30 de agosto de 1913**. Volume V. Congresso Nacional. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1916c.

FEDERAL, Annaes do Senado. **Sessões de 1 a 30 de setembro de 1913**. Volume VI. Congresso Nacional. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1916d.

FEDERAL, Annaes do Senado. **Sessões de 1 a 31 de outubro de 1913**. Volume VII. Congresso Nacional. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1916e.

FEDERAL, Annaes do Senado. **Sessões de 1 a 31 de dezembro de 1913**. Volume IX. Congresso Nacional. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1917a.

FEDERAL, Annaes do Senado. **Sessões de 1 a 19 de junho de 1914**. Volume II. Congresso Nacional. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1917b.

FEDERAL, Annaes do Senado. **Sessões de 1 a 30 de novembro de 1914**. Volume VII. Congresso Nacional. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1917c.

Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas

FONSECA, Pedro Paulino da. **Autobiografia de Pedro Paulino da Fonseca**. 75p. 1895.

Museu Histórico Nacional

Coleção NT – Nair de Teffé. Disponível em: <https://atom-mhn.museus.gov.br/index.php/nair-de-teffe> Acesso realizado em: 10/02/2025.

Item NT09 (032.246) – Caricatura de Rui Barbosa, por Rian. Disponível em: <https://atom-mhn.museus.gov.br/index.php/caricatura-de-rui-barbosa> Acesso realizado em: 10/02/2025.

Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional

- A Epoca*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1914, p. 3
A Epoca, Rio de Janeiro, 01 de novembro de 1913, p. 3
A Epoca, Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1912, p. 2
A Epoca, Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1914, p. 2
A Epoca, Rio de Janeiro, 08 de abril de 1914, p. 4
A Epoca, Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1912, p. 6
A Epoca, Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1912, p. 2
A Epoca, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1912, p. 3
A Epoca, Rio de Janeiro, 02 de setembro de 1913, p. 1
A Epoca, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1914, p. 1
A Epoca, Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1914, p. 3
A Faceira, Rio de Janeiro, dezembro de 1911, p. 13
A Faceira, Rio de Janeiro, outubro/novembro de 1913, p. 6
A Faceira, Rio de Janeiro, dezembro de 1911, p. 13
A Faceira, Rio de Janeiro, outubro de 1912, p. 8
A Imprensa, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1911, p. 4
A Imprensa, Rio de Janeiro, 27 de abril de 1911, p. 3.
A Imprensa, Rio de Janeiro, 01 de abril de 1911, p. 3
A Imprensa, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1914, p. 4.
A Imprensa, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1910, p. 1.
A Imprensa, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1912, p. 2.
A Imprensa, Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1912, p. 2
A Imprensa, Rio de Janeiro, 04 de junho de 1911, p. 1.
A Imprensa, Rio de Janeiro, 29 de maio de 1912, p. 2.
A Imprensa, Rio de Janeiro, 08 de junho de 1912, p. 2
A Imprensa, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1912, p. 6
A Imprensa, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1912, p. 3
A Imprensa, Rio de Janeiro, 07 de junho de 1912, p. 1
A Imprensa, Rio de Janeiro, 12 de junho de 1912, p. 4

- A Imprensa*, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1914, p. 4
- A Imprensa*, Rio de Janeiro, 09 de junho de 1911, p. 2
- A Imprensa*, Rio de Janeiro, 06 de fevereiro de 1912, p. 2
- A Imprensa*, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1911, p. 1-2
- A Imprensa*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1913, p. 1
- A Imprensa*, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1911, p. 5
- A Imprensa*, Rio de Janeiro, 08 de junho de 1914, p. 3
- A Imprensa*, Rio de Janeiro, 25 de abril de 1911, p. 3
- A Imprensa*, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1911, p. 2
- A Imprensa*, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1913, p. 1
- A Imprensa*, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1912, p. 1
- A Imprensa*, Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 1912, p. 1
- A Lanterna*, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1916, p. 1
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 24 e 25 de junho de 1914, p. 1
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 9 e 10 de julho de 1914, p. 1
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 7 e 8 de maio de 1914, p. 1
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 25 e 26 de novembro de 1912, p. 2
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 18 e 19 de setembro de 1913, p. 3
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 19 e 20 de outubro de 1912, p. 2
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 15 e 16 de setembro de 1911, p. 3
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 27 e 28 de novembro de 1912, p. 1 e 2
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 28 e 29 de novembro de 1912, p.1
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1912 e 01 de dezembro de 1912, p. 1
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 7 e 8 de junho de 1912, p. 1
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 25 e 26 de junho de 1909, p. 3
- A Notícia*, Rio de Janeiro 14 e 15 de agosto de 1911, p. 3
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 6 e 7 de dezembro de 1912, p. 2
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 6 e 7 de julho de 1914, p. 1
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 01 e 02 de junho de 1910, p. 1
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1912 e 01 de dezembro de 1912, p. 3
- A Notícia*, Rio de Janeiro, 10 e 11 de dezembro de 1912, p. 2
- A Noite*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1913, p. 1
- A Noite*, Rio de Janeiro, 14 outubro de 1913, p. 2
- A Noite*, Rio de Janeiro, 20 de junho de 1922, p. 1
- A Noite*, Rio de Janeiro, 27 de junho de 1916, p. 4;

- A Noite*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1913, p. 1.
A Noite, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1912, p. 2
A Noite, Rio de Janeiro, 07 de junho de 1912, p. 2
A Noite, Rio de Janeiro, 14 de junho de 1922, p. 6
A Noite, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1921, p. 5
A Noite, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1913, p. 4
A Noite, Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1921, p. 6
A Noite, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1912, p. 1 e 3
A Noite, Rio de Janeiro, 05 de janeiro de 1914, p. 2
A Noite, Rio de Janeiro, 08 de setembro de 1916, p. 1
A Noite, Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1923, p. 3
A Noite, Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1912, p. 1 e 3
A Noite, Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1916, p. 1
A Noite, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1928, p. 2
A Noite, Rio de Janeiro, 08 de dezembro de 1913, p. 1
A Noite, Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 1913, p. 3
A Noite, Rio de Janeiro, 09 de dezembro de 1913, p. 2
A Noite, Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1912, p. 3
A Razão, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1920, p. 3
A Razão, Rio de Janeiro, 01 de novembro de 1920, p. 2
A Rua, Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1916, p. 2
A Rua, Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1914, p. 1
A Rua, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1915, p. 3
A Tribuna, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1911, p. 2
A Tribuna, Rio de Janeiro, 08 de julho de 1911, p. 1
A Tribuna, Rio de Janeiro, 01 de agosto de 1911, p. 2
A Tribuna, Rio de Janeiro, 11 de julho de 1911, p. 1.
Boletim da Sociedade da Cruz Vermelha, Rio de Janeiro, 1916, p. 68
Careta, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1911, p. 9
Careta, Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 1912, p. 12
Careta, Rio de Janeiro, 03 de janeiro 1914, p. 26
Careta, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1911, p. 7
Careta, Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1915, p. 19
Careta, Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 1912, p. 12, 13, 16, 17 e 20.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1913, p. 3

- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1911, p. 4
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1912, p. 1
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1914, p. 3
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1913, p. 2
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1914, p. 1
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 07 de janeiro de 1919, p. 4
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1913, p. 6
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1911, p. 1
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1913, p. 3
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1921, p. 4
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1913, p. 2
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1913, p. 3
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1929, p. 5
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1925, p. 5
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1912, p. 2
- Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 1912, p. 3
- Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1913, p. 1
- Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 09 de dezembro de 1913, p. 1
- Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1913, p. 2
- Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1913, p. 1
- Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 11 de maio de 1914, p. 3
- Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1913, p. 2
- Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1913, p. 1
- Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1913, p. 3
- Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1913, p. 3
- Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1921, p. 1
- Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 01 de junho de 1912, p. 51
- Fon-Fon*, Rio de Janeiro 08 de junho de 1912, p. 25
- Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1912, p. 23
- Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1912, p. 25
- Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1909, p. 9
- Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1912, p. 33
- Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 1912, p. 24 e 25
- Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1912, p. 52
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1911, p. 1

- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1921, p. 1
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 de março de 1914, p. 1
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 de abril de 1914, p. 1
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1914, p. 2
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1914, p. 5
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 03 de junho de 1921, p. 1-2
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1919, p. 2
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1914, p. 1
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1911, p. 5
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1918, p. 1
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 01 de junho de 1928, p. 2
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1914, p. 2
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1914, p. 6
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1920, p. 3
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1911, p. 2
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 24 de julho de 1911, p. 2
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 02 de maio de 1912, p. 2
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 de maio de 1912, p. 3
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1914, p. 3
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1929, p. 1
- Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1911, p. 3
- Il Bersagliere*, Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 1912, p. 1
- Il Bersagliere*, Rio de Janeiro, 08 de dezembro de 1912, p. 2
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1914, p. 5
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 de março de 1912, p. 9
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 de maio de 1911, p. 7
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1912, p. 5
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1910, p. 10
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 de junho de 1914, p. 8
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1914, p. 10
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 1912, p. 15
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1912, p. 6
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04 de dezembro de 1920, p. 8
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1912, p. 8
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1921, p. 16

- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 de junho de 1914, p. 10
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 1921, p. 11
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 de maio de 1914, p. 9
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1921, p. 10
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 de abril de 1929, p. 15
- Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1912, p. 16
- Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 21 de julho de 1911, p. 3 e 5
- Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 01 de janeiro de 1913, p. 1
- Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1912, p. 5
- Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1913, p. 3
- Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 05 de março de 1926, p. 7
- Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 21 de março de 1928, p. 2
- Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 16 de julho de 1911, p. 6
- Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1913, p. 4
- Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1911, p. 1
- O Combate*, Rio de Janeiro, 27 de abril de 1922, p. 1
- O Fluminense*, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1910, p. 1
- O Fluminense*, Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 1912, p. 1
- O Fluminense*, Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 1912, p. 1
- O Gato*, Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 1912, p. 9
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1914, p. 3
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1913, p. 7
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1913, p. 9
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1913, p. 2
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1928, p. 2
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1925, p. 4
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 27 de julho de 1914, p. 12
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1913, p. 4
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1913, p. 8
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1914, p. 3
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 03 de junho de 1921, p. 12
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 04 de janeiro de 1923, p. 3
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1913, p. 3
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1923, p. 1
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1913, p. 3

- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1913, p. 2
- O Imparcial*, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1913, p. 2
- O Jornal*, Rio de Janeiro, 11 de março de 1922, p. 6
- O Jornal*, Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1921, p. 12
- O Malho*, Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1910, p. 25
- O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de novembro de 1910, p. 27
- O Malho*, Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 1912, p. 9 e 10
- O Malho*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1924, p. 30
- O Malho*, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1934, p. 14
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1913, p. 2
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 29 de maio de 1914, p. 6
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 29 de março de 1910, p. 5
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 1913, p. 19
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1914, p. 5
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1914, p. 5
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1922, p. 2
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 03 de fevereiro de 1922, p. 5
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1922, p. 5
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 06 de agosto de 1914, p. 4
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 02 de janeiro de 1914, p. 4
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1910, p. 5
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1910, p. 3
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 04 de junho de 1911, p. 3
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 04 de janeiro de 1911, p. 1
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 26 de maio de 1911, p. 7
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 01 de janeiro de 1913, p. 6
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1911, p. 1
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1911, p. 1
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 14 de junho de 1911, p. 4
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 19 de junho de 1911, p. 6
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 21 de maio de 1912, p. 5
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 07 de julho de 1912, p. 4
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 21 de maio de 1913, p. 2
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1911, p. 3
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1912, p. 1

- O Paiz*, Rio de Janeiro, 14 de abril de 1914, p. 3
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1911, p. 6
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 25 de março de 1914, p. 1
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 01 de agosto de 1912, p. 5
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1928, p. 2.
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 de abril de 1914, p. 5
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 12 de maio de 1914, p. 7
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1914, p. 4
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 29 de junho de 1914, p. 3
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 de maio de 1914, p. 3
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1921, p. 5
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1924, p. 5
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1911, p. 3
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 17 de junho de 1911, p. 3
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1912, p. 3
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1911, p. 2
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1914, p. 12
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1914, p. 7
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1921, p. 7
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 03 de agosto de 1911, p. 10
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1914, p. 4
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 07 de fevereiro de 1922, p. 5
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 16 de maio de 1913, p. 6
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1911, p. 3
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1911, p. 6
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1913, p. 6
- O Paiz*, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1913, p. 1
- O Seculo*, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1913, p. 1
- O Seculo*, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1913, p. 1
- O Seculo*, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1913, p. 1
- O Seculo*, Rio de Janeiro, 08 de dezembro de 1913, p. 1
- O Seculo*, Rio de Janeiro, 08 de dezembro de 1912, p. 1
- O Seculo*, Rio de Janeiro, 08 de julho de 1911, p. 2
- O Seculo*, Rio de Janeiro, 10 de julho de 1911, p. 1
- O Seculo*, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1911, p. 2

- Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 01 de junho de 1912, p. 9
- Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1911, p. 9
- Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1910, p. 15
- Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1911, p. 8
- Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 01 de julho de 1911, p. 6
- Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 1912, p. 1
- Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 09 de março de 1912, p. 9
- Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 10 de junho de 1922, p. 27
- Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 1925, p. 30

Referências

- ALVES, Teresa Vitória Fernandes. Os caminhos entrelaçados das docentes do Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca (IPFOF). **Revista Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 7, nº2, p. 777-790, 2021.
- ALVES, Teresa Vitória Fernandes. A escola como espelho: a trajetória das alunas do Instituto Profissional Orsina da Fonseca (1930-1945) através do arquivo permanente da instituição. **Anais do XVII Encontro de História da ANPUH-Rio**. Entre o local e o global. Instituto Multidisciplinar – UFRRJ, p. 1-13, 2016.
- ANGELI, Douglas Souza. Lendo os códigos do poder: uma introdução à História Política. In: DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. et. al (org.). **Capítulos de História Política: Dimensões conceituais e temáticas**. Passo Fundo: Acervus, 2023, p. 17-39.
- AZEVEDO, Mauro Lopes de. Coronelismo e neocoronelismo: uma revisão. **Khóra: Revista Transdisciplinar**. v.1, n. 1, p. 1-21, 2014.
- BARBOSA, Michele Tupich. **Legião Brasileira de Assistência (LBA): o protagonismo feminino nas políticas de assistência em tempos de guerra. (1942-1946)**. Tese (Doutorado). Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, LDA. [trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro]. Lisboa, Portugal, 1977.
- BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas: incluindo outras histórias dos Bruzundangas**. São Paulo: Ática, 1985.
- BARRETO, Lima. **Numa e a Ninfa**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (org.). **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BARROS, Reynaldo de. **Clodoaldo da Fonseca**. FGV – CPDOC. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FONSECA,%20Clodoaldo%20da.pdf> Acesso realizado em 23/01/2024.
- BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.
- BERTRAND, Michel. De la familia a la red de sociabilidad. **Revista digital de la Escuela de Historia**. Año 4, nº6, Rosario, p. 47-80, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, M. de M., AMADO, J. (Org.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 183-191.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. [trad. Fernando Tomaz]. Coleção Memória e Sociedade. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. [trad. Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira]. São Paulo: Edusp. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. [Trad. Maria Helena Kühner] 4ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. O campo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**. nº 5, Brasília: p. 193-216, jan./jul. 2011.

BRASIL, Bruno. **O Paiz**. [artigo]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-paiz/>
Acesso realizado em 19/09/2024.

BRASIL, Eric.; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 33, nº 69, p. 196-219, Janeiro-Abril 2020.

CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. **Nair de Teffé**: artista do lápis e do riso. Curitiba: Appris, 2016.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. [trad. Maria Letícia Ferreira] 1 ed, 7ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2021.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. **Dados**, Rio de Janeiro, nº2, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHAGAS, Mario. Nair de Teffé: Uma mulher entre a arte e a política. In: ASSIS, Maria Elisabete Arruda de. SANTOS, Taís Valente dos. (org.). **Memória feminina**: Mulheres na História/História das mulheres. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2016, p. 58-65.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, Dourados – MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, n. 11, vol. 5, p. 173-191, 1991.

CONNIFF, Michael L. A elite nacional. In: HEINZ, Flávio M. (org.). **Por outra história das elites**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 99-121.

CONNELL, Raewyn. PEARSE, Rebecca. A questão do gênero. In: CONNELL, R; PEARSE, R. (org.) **Gênero: uma perspectiva global**. Tradução de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015, p. 29-50.

CORADINI, Odaci Luiz. A formação da elite médica, a Academia Nacional de Medicina e a França como centro de importação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 35, p. 3-22, jan./jun. 2005.

COSTRUBA, Deivid Aparecido. **Para além do sufrágismo**: a contribuição de Júlia Lopes de Almeida à história do feminismo no Brasil (1892-1934). Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Assis. 2017.

COUTINHO, Amélia. **Euclides Hermes da Fonseca**. FGV – CPDOC. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FONSECA,%20Euclides%20Hermes%20da.pdf> Acesso realizado em 04/03/2024.

CULTURA, Ministério da. **Informações sobre o Museu Palácio Rio Negro**. Instituto Brasileiro de Museus. Rio de Janeiro, 2011.

DAL FORNO, Rodrigo Lavalhos. **“Como se em política fosse possível agir sem manha, sem o senso de oportunidade”**: o processo de formação e atuação do Partido Libertador e suas lideranças no Brasil Republicano (1922-1933). Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2020.

DAL FORNO, Rodrigo Lavalhos. Historiografia do sistema político partidário no Rio Grande do Sul da Primeira República Brasileira: notas e questionamentos. **Locus: Revista de História**, nº1, v. 28, Juiz de Fora, p. 271-295, 2022.

DIGITAL, Biblioteca Nacional. Personalidades: Laurinda Santos Lobo, a “marechala da elegância”. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/personalidades-laurinda-santos-lobo-a-marechala-da-elegancia/> Acesso realizado em 02/02/2024.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. [trad. Pedro Sússekind] Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FARIA, Alessandra Maia Terra de. RIVETTI, Jéssica Mayara de Melo. BUTTERBY, Carolina. Mulheres como o Outro na política brasileira: um balanço das candidatas vice-presidentas, vice-governadoras e vice-prefeitas (2014-2020). **Simbiótica: Revista Eletrônica**, v. 10, n. 2, p. 294-321, 2023.

FRACCARO, Gláucia Cristina Candian. **Morigerados e revoltados**: trabalho e organização de ferroviários da Central do Brasil e da Leopoldina (1889-1920). Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A Noite [verbetes]. **Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República**. CPDOC – FGV. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/NOITE,%20A.pdf> Acesso realizado em 14/05/2025.

G1. Primeira-dama, história e papel no Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2022/12/19/o-assunto-859-primeira-dama-historia-e-papel-no-brasil.ghtml> Acesso realizado em 04/08/2023.

GALETTI, Camila Hildebrand; SIMILI, Ivana Guilherme. Mulheres, casamento e política: a artista e primeira dama Nair de Teffé. **Cad. Pesq. Cdhis**, Uberlândia, v.26, n.1, p. 129-151, jan./jun. 2013.

GASPAR, Jorge Alexandre dos Santos; VILELA, Lúcia Maria Aversa. O Ensino De Desenho No Instituto Profissional Feminino Orsina Da Fonseca: Os Livros De Luiz Dumont. **REAMEC**. [S. l.], v. 2, n. 1, p. 60-76, 2014.

GASPARINI, Juan. **Mujeres de dictadores**. Buenos Aires, 2002.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7-24.

GOODWIN, Doris Kearns. **Tempos muito estranhos: Franklin e Eleanor Roosevelt**: o front da Casa Branca na Segunda Guerra Mundial. Trad. Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GUEDES, Ciça. MELO, Murilo Fiuza de. **Todas as mulheres dos presidentes** – a história das primeiras damas desde o início da República. Rio de Janeiro: Máquina dos Livros, 2019.

GRECCO, Gabriela de Lima. Levemos a mulher à Academia Brasileira de Letras! Tetrá de Teffé, a primeira romancista premiada pelos imortais. **Travessias**, Cascavel, v. 12, n. 1, p. 177-192, 2018.

GRENDI, Edoardo. Repensar a micro-história? In: In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 251-262.

GRIBAUDI, Maurizio. Escala, pertinência, configuração. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 121-149.

GRIJÓ, Luiz Alberto. **Origens sociais, estratégias de ascensão e recursos dos componentes da chamada “Geração de 1907”**. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

GRIJÓ, Luiz Alberto. Entre escombros: a Guerra de 1893 no Rio Grande do Sul pela prosa ficcional de Alcides Maya. In: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti (org.). **Revolução Federalista: as múltiplas armas do conflito (1893-1895)**. Passo Fundo: Acervus Editora, 2020, p. 11-46.

GRITTI, Jules. Uma narrativa de imprensa: os últimos dias de um Grande Homem. In: BARTHES, Roland. (et. al). **Análise Estrutural da Narrativa**. 4ª ed. Editora Vozes Limitada, 1976.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: (1850-1937)** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. (org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. 1ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018, p. 43-64.

HEINZ, Flávio M. (org.). **Por outra história das elites**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

KARAWEJCZYK, Mônica. Suffragettes nos trópicos? A primeira fase do movimento sufragista no Brasil. **Locus: Revista de História**. Juiz de Fora, v. 20, n.1, p. 327-346, 2014a.

KARAWEJCZYK, Mônica. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro. **Estudo Ibero-Americanos**. PUCRS, v. 40, n.1, p. 64-84, jan./jun. 2014.

KARAWEJCZYK, Mônica. O feminismo em boa marcha no Brasil! Bertha Lutz e a Conferência pelo Progresso Feminino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis. 26(2), p. 1-17, 2018.

KARAWEJCZYK, Mônica. **As filhas de Eva querem votar: uma história da conquista do sufrágio feminino no Brasil**. Série História. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

LEITE, Marjone Socorro Farias de Vasconcelos. **Dom Arcoverde: o Cardeal dos Sertões (1870-1922)**. Dissertação (Mestrado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2004.

LEMOS, Renato. Artur Lemos. [verbete] **Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República**. CPDOC – FGV. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LEMOS,%20Artur.pdf>
Acesso realizado em 06/01/2025.

LEVI, Giovani. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.) **Usos & abusos da História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 167-182.

LIMA, Andresa Taís Bortoloto de. **Laurinda Santos Lobo**: Roupas, estilo de vida e as memórias da *belle époque* tropical. Dissertação (Mestrado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2016.

LOPES, Raimundo Helio. **Leôncio Correia**. CPDOC – Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CORREIA,%20Le%C3%B4ncio.pdf> Acesso realizado em 05/11/2024.

LOVE, Joseph. **O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930**. [tradução: Adalberto Marson] Coleção Estudos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) **Fontes Históricas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 111-153.

MARTINEZ, Tomás Eloy. **Santa Evita**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARTINS, Luis Carlos dos Passos. KRILOW, Letícia Sabina Wermeier. Análise de discurso e imprensa: esboço para uma metodologia de análise do pensamento político/doutrinário dos jornais brasileiros. In: DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. [et.al] (org.). **Capítulos de História Política**: dimensões conceituais e temáticas. Passo Fundo: Acervus, 2023, p. 85-108.

MARTINS, Ana Paula Vosne. O associativismo feminino católico e a proteção às jovens trabalhadoras na cidade do Rio de Janeiro na década de 1920: a Associação das Senhoras Brasileiras e a liderança de Stella de Faro (1888- 1972). **Avances del Cesor**, vol. 19, num. 27, p. 1-19, jul./dez. 2022.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Faces femininas do conservadorismo**: filantropas e feministas brasileiras no começo do século XX. 1ª ed. Teresina, Cancioneiro, 2023.

MARTINS, Ana Paula Vosne. As mulheres sobre as quais não falamos: filantropia e práticas de esquecimento e de memória. **Tempo & Argumento**. Florianópolis, v. 1, n.41, p. 1-31, abr. 2024.

MELO, Hildete Pereira de. MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **Partido Republicano Feminino**. FGV – CPDOC. 2015. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PARTIDO%20REPUBLICANO%20FEMININO.pdf> Acesso realizado em 07/03/2024.

MENDES, Laíne Soares. **A Vida Elegante**: as Damas da Sociedade da Belle Époque Carioca (Rio de Janeiro – 1903 a 1914). Dissertação. (Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História. Seropédica, RJ, 2020.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)**. Corpo e Alma do Brasil. São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL: Difusão Editorial S.A, 1979.

MÜLLER, Dalila. **“Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza”**: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870). Tese [Doutorado]. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Programa de Pós-Graduação em História. São Leopoldo, RS, 2010.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. [trad. Celso Nogueira]. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Taiana de. ALVES, Ismael Gonçalves. Legião Brasileira de Assistência e políticas sociais: primeiro-damismo, gênero e assistência social. **Boletim Historiar**, vol. 07, n. 02, p. 16-32, mai./ago. 2020.

ORTIZ, Alicia Dujovne. **Eva Péron, a madona dos descamisados**. Trad. Clóvis Marques, 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

PAULA, Debora Clasen de. **Família, guerra, política, negócios e fronteira**: os Antunes Maciel desde o século XVIII aos inícios do século XX. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. [trad. Maria Júlia Goldwasser]. Série Temas (Sociologia e Política). São Paulo: Editora Ática, 1990.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, n.1, p. 77-98, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. [tradução Angela M. S. Côrrea] 2ª ed. 6ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2019.

PINÇON, Michel. PINÇON-CHARLOT, Monique. A teoria de Pierre Bourdieu aplicada às pesquisas sobre a grande burguesia: uma metodologia plural para uma abordagem pluridisciplinar. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, nº25, p. 11-20, abril/1999.

PINÇON, Michel. PINÇON-CHARLOT, Monique. Sociologia da alta burguesia. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, nº18, p. 22-37, jul./dez. 2007.

PINTO, Céli Regina Jardim. O poder e o político na teoria dos campos. **Veritas**, Porto Alegre: v. 41, nº 162, p. 221-227, jun. 1996.

PINTO, Céli Regina Jardim. Paradoxos da participação política da mulher no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, nº 49, p. 98-112, março/maio 2001.

PONS, Anaclet. De los detalles al todo: historia cultural y biografias globales. **História da Historiografia**. Ouro Preto, nº12, p. 156-175, ago. 2013.

RAJ, Kapil. Além do Pós-colonialismo... e Pós-positivismo. Circulação e a História Global da Ciência. **Revista Maracanan**, n. 13, p. 164-175, dez. 2015.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escala**: a experiência da microanálise. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 15-38.

RIBEIRO, Antônio Sérgio. **Mário Hermes da Fonseca**. FGV – CPDOC. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FONSECA,%20M%C3%A1rio%20Hermes%20da.pdf> Acesso realizado em 04/03/2024.

RIVETTI, Jéssica Mayara de Melo. HEY, Ana Paula. Mulheres políticas: Estratégias de legitimidade e recursos mobilizados por Cristina Kirchner. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP, v.35, n.3, p. 33-57, set./dez. 2023.

RODRIGO ALSINA, Miquel. El Acontecimiento. In.: RODRIGO ALSINA, Miquel. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1989, p. 81- 105.

- RODRIGO ALSINA, Miquel. Determinacion del acontecimiento por los mass media. In.: RODRIGO ALSINA, Miquel. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1989, p. 107 - 112.
- RODRIGO ALSINA, Miquel. Las Noticias. In.: RODRIGO ALSINA, Miquel. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1989, p. 181 - 190.
- RODRIGUES, Dayanny Deyse Leite. **Mulheres e política no estado da Paraíba**: a atuação de Lúcia Braga em meio às práticas políticas locais. 213 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- RODRIGUES, Dayanny Deyse Leite. Ser coadjuvante ou protagonista no cenário político: o impasse das primeiras-damas. **Sæculum – Revista de História**, v. 24, nº 41, p. 176-195, 2019.
- RODRIGUES, Dayanny Deyse Leite. **"Primeiro damismo" no Brasil**: uma história das mulheres na cultura política nacional (1889-2010). 385 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.
- RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. **Nair de Teffé**: vidas cruzadas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- ROSA, Rogério. Bombardeio de Salvador [verbetes]. **Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República**. CPDOC – FGV. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BOMBARDEIO%20DE%20SALVADOR.pdf> Acesso realizado em 13/12/2024.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In.: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 333-359.
- SALETTTO, Nara. ACHIAMÉ, Fernando. Marcondes Alves de Sousa [verbetes]. **Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República**. CPDOC – FGV. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SOUSA,%20Marcondes%20Alves%20de.pdf> Acesso realizado em 06/01/2025.
- SALGADO, Mercedes Pasalodos. Madame Paquin em Madrid. **Anales del Instituto de Estudios Madrileños**. LIV, Madrid, p. 237-253, 2014.
- SANGLARD, Gisele Porto. Filantropia e assistencialismo no Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, vol. 10(3), p. 1095-1098, set.-dez. 2003.
- SANGLARD, Gisele Porto. **Entre os salões e o laboratório**: filantropia, mecenato e práticas científicas – Rio de Janeiro, 1920-1940. Tese [Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em História da Ciência da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2005.
- SANGLARD, Gisele Porto. LOPES, Maria Antónia. Pobreza e assistência: debates historiográficos. **Tempo**. Niterói, vol. 24, n. 2, p. 280-284, maio/ago. 2018.
- SANGLARD, Gisele Porto. GIL, Caroline Amorim. Assistência à infância: filantropia e combate à mortalidade infantil no Rio de Janeiro (1889-1929). **Revista da ABPN**, v.6, n. 14, p. 63-90, jul./out. 2014.
- SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do conceito de representação. **Revista Teoria da História**, nº 6, ano 3, UFG – Goiás, p. 27-53, dez. 2011.

SANTOS, Paulete Maria Cunha dos. **Leolinda Daltro, a caminhante do futuro: uma análise de sua trajetória de catequista a feminista (Rio de Janeiro/Goiás – 1896-1920)**. Tese. (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2014.

SANTOS, Paulo César dos. **Nair de Teffé: símbolo de uma época**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Sermograf, 1999.

SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. **Anos 90**. Porto Alegre, nº6, p. 165-192, dez. 1996.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis: história & cultura**, v. 2, n.3, p. 57-72, jan./jun. 2003.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 71-99, 2017.

SCOTT, Joan Wallach. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**. São Paulo, nº45, p. 327-351, dez. 2012.

SCOTT, Joan Wallach. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 13(1): 216, p. 11-30, 2005.

SEPULVEDA, Denize Aguiar; ALVES, Teresa Vitória Fernandes. Três mulheres, três vidas em uma escola: a trajetória de docentes do instituto profissional feminino Orsina da Fonseca (IPFOF) **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 72038–72049, 2021.

SETEMY, Adrianna. **Partido Republicano Conservador**. FGV – CPDOC. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PARTIDO%20REPUBLICANO%20CONSERVADOR%20\(PRC\).pdf](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PARTIDO%20REPUBLICANO%20CONSERVADOR%20(PRC).pdf) Acesso realizado em 07/03/2024.

SILVA, Bruno Sanches Mariante. Gênero e assistência à saúde na trajetória da primeira-dama Sarah Kubitschek. **Diálogo**, Canoas, n.46, p. 01-15, abr. 2021.

SILVA, Bruno Sanches Mariante. MARQUES, Ivana Aparecida da Cunha. La razón de mi vida: Eva Péron e o protagonismo político por meio do discurso da coadjuvação. **Antíteses**. Londrina, v. 14, n. 27, p. 450-480, jan.-jun. 2021.

SILVA, Adriana Oliveira da. **Damas da Sociedade: caridade, política e lazer entre as mulheres de elite de Itabuna (1924-1962)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História – Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), 2012.

SILVA, Ivanete Paschoalotto. SIMILI, Ivana Guilherme. Nair de Teffé: uma narrativa biográfica para as mulheres dos séculos XIX e XX. **Diálogos & Saberes**. Mandaguari, v. 7, nº1, p. 121-134, 2011.

SIMILI, Ivana Guilherme. **Mulher e política: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945)**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

SIMILI, Ivana Guilherme. A primeira-dama Maria Thereza Goulart e o costureiro Dener: a valorização da moda nacional nos anos 1960. **Revista História e Cultura**. Franca, SP, v.3, n.1, p. 276-298, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O tenentismo**. Série Revisão 16. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SOIHET, Rachel. COSTA, Suely Gomes. Interdisciplinaridade: história das mulheres e estudos de gênero. **Gragoatá**, Niterói, n. 25, p. 29-49, 2º sem. 2008.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In.: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 218-237.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres e História de Gênero: um depoimento. **Cadernos Pagu**, UNICAMP, nº 11, p. 77-87, 1998.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. et al. O que há de novo no horizonte historiográfico sobre assistência? **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 7–12, dez. 2019.

TORRES, Iraildes Caldas. **As primeiras-damas e a assistência social**: relações de gênero e poder. São Paulo: Cortez, 2002.

TRAQUINA, Nelson. Ser ou não ser notícia. In: TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo II**. Florianópolis: Insular, 2ed. 2008, p. 61-101.

VALENCIA, Carolina Guerrero. ARAYA, Ignacio Arana. Las primeras damas como miembros de la élite política. **América Latina Hoy** – Revista de Ciencias Sociales. Ediciones Universidad de Salamanca. 81, p. 31-49, 2019.

VARGAS, Jonas Moreira. “Rastreamento indivíduos e redes de relações”: algumas contribuições teóricas e metodológicas para o estudo das elites e grupos dirigentes no Brasil. In: SOARES, F. A. A.; SILVA, R. O. da. (org.) **Diálogos: Estudos sobre teoria da história e historiografia**. Vol. IV, Criciúma, UNESC, 2017, p. 133-165.

VENÂNCIO, Renato Pinto. SOUSA, Maria José Ferro de. PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. O Compadre Governador: redes de compadrio em Vila Rica de fins do século XVIII. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.26, nº 52, p. 273-294, 2006.

VENDRAME, Maíra Ines. **O poder na aldeia**: Redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italianos (Brasil-Itália). São Leopoldo: Oikos. Porto Alegre: ANPUH/RS, 2016.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **O Teatro das Oligarquias**: uma revisão da “política do café com leite”. 2ª ed. Coleção História. Belo Horizonte, Editora Fino Traço, 2012.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Pobreza e assistência no Rio de Janeiro na Primeira República. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 18, spl. 1, p. 179-197, dez. 2011.

YALOM, Marilyn. **A história da esposa: da virgem Maria a Madona**. O papel da mulher casada nos tempos bíblicos até hoje. Trad. Priscila Coutinho. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

WERNER, Bethânia Luisa Lessa. **“Eu serei uma senhora importante. Vou ser muito importante”**: a trajetória política de Nair de Teffé na Primeira República (1910- 1922). Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, 2022.

Anexos

Anexo I: Lista com os títulos de revistas, almanaques e jornais encontrados nas buscas nominais realizadas na plataforma da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.

Revistas e almanaques

- *A Educação: revista mensal dedicada à defesa da instrução no Brasil*
- *A Faceira*
- *A Revista*
- *Almanak do Correio da Manhã*
- *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial*
- *Auto Sport: Revista Quinzenal de Automobilismo, Sport, Modas, Artes e Informações*
- *Brasil Industrial: Revista de Economia, finanças e política*
- *Brasil Social: Revista quinzenal ilustrada*
- *Careta*
- *Casa dos Artistas*
- *Excelsior: Revista Mensal Ilustrada*
- *Fon-Fon: Semanario Alegre, Político, Critico e Espusiante*
- *Futuro das Moças*
- *Gazeta Suburbana: Semanario Critico, Literario, Noticioso, Dedicado aos interesses da zona suburbana*
- *Ilustração Fluminense*
- *Ilustração Moderna*
- *Jornal das Moças: Revista Quinzenal Ilustrada*
- *O Beija-Flor: Revista infantil ilustrada*
- *O Gato: Album de Caricaturas*
- *O Malho*
- *O Social: Semanario Ilustrado*
- *Revista de Petrópolis*
- *Revista da Semana*
- *Revista Postal Brasileira*
- *Revue Commerciale Financière et Maritime*
- *Revue Franco-Brésilienne*
- *Selecta*
- *Vida Domestica: Revista do Lar e da Mulher*

Jornais

- *A Epoca*
- *A Imprensa*
- *A Lanterna: Jornal da Noite*
- *A Manhã*
- *A Noite*
- *A Notícia*

- *A Razão*
- *A Rua: Semanario Ilustrado*
- *A Tribuna*
- *A União*
- *ABC: Política, actualidades, questões sociaes, lettras e artes*
- *AL-ADL: A Justiça*
- *Arealense*
- *Boletim da Sociedade da Cruz Vermelha*
- *Brasil Industrial*
- *Correio da Manhã*
- *Correio da Noite: Jornal Independente*
- *Correio de Petrópolis*
- *D. Quixote*
- *Diário Carioca*
- *Gazeta de Notícias*
- *Il Bersaglière*
- *Jornal do Brasil*
- *Jornal do Commercio*
- *Jornal do Commercio Edição da Tarde*
- *Jornal Ilustrado (Suplemento do Jornal do Commercio)*
- *Lanterna: Diario Vespertino*
- *Leitura Para Todos*
- *O Agrário*
- *O Brasil*
- *O Combate*
- *O Fluminense*
- *O Imparcial: Diario Ilustrado do Rio de Janeiro*
- *O Jornal*
- *O Paiz*
- *O Pharol*
- *O Seculo*
- *O Tico-Tico: Jornal das Crianças*
- *Para Todos*
- *The Brazilian Review*